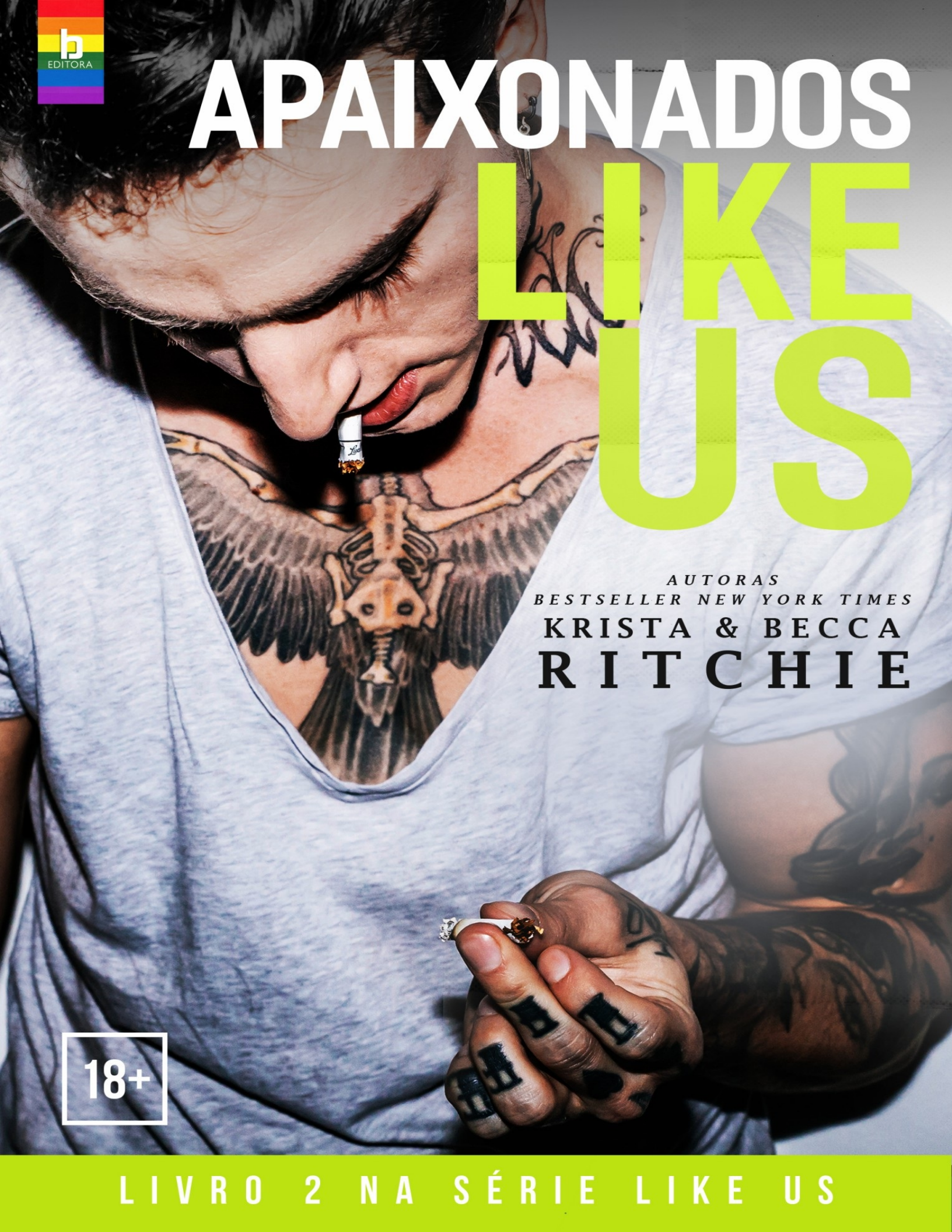

EDITORA
APAIXONADOS
LIKE US
AUTORAS
BESTSELLER NEW YORK TIMES
KRISTA & BECCA
RITCHIE
18+
LIVRO 2 NA SÉRIE LIKE US

APAIXONADOS LIKE US

AUTORAS
BESTSELLER NEW YORK TIMES
KRISTA & BECCA
RITCHIE

LIVRO 2 NA SÉRIE LIKE US

EDITORA

Copyright © 2017 K&B Ritchie

Copyright © 2023 Editora Bezz

Título original: Lovers Like us

Tradução: Luiza Silva

Preparação de Texto/Revisão: Vânia Nunes

Capa Original: Twin Cove Designs

Capa adaptada: Denis Lenzzi

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas.

Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora.

Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R492a

Ritchie, Krista
Apaixonados [recurso eletrônico] / Krista Ritchie, Becca Ritchie ; tradução Luiza Silva. - 1. ed. - Arujá [SP] : Bezz, 2023.
recurso digital (Like us : bilionários & guarda-costas ; 2)

Tradução de: Lovers
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-54288-59-4 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Literatura homoerótica. 3. Livros eletrônicos. I. Ritchie, Becca. II. Silva, Luiza. III. Título. IV. Série.

23-86438 CDD: 813
CDU: 82-31.82-993(73)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

29/09/2023 05/10/2023

Sobre *trademark*™ : a autora reconhece aos legítimos donos das empresas e marcas citadas nesta ficção o

devido crédito, agradecendo o privilégio de citá-los nesta obra pelo grau elevado de importância e credibilidade no mercado

CONTEÚDO ADULTO

Leitura indicada para Maiores de 18 anos

Romance Homoafetivo



Sumário

LISTA DE PERSONAGENS
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33

Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
AGRADECIMENTOS
SOBRE AS AUTORAS
Notas

AVISO DA EDITORA

Está é uma obra de ficção, apenas com o intuito de entreter o leitor. Falas, ações e pensamentos de alguns personagens não condizem com os das autoras e da editora. O livro *contém descrições eróticas explícitas, cenas gráficas de violência física e cyberbullying, e linguajar indevido*. **NÃO** recomendado para pessoas sensíveis a esses temas.

Indicado para maiores de 18 anos.

Romance Homoafetivo.

Esta é uma SAGA FAMILIAR.

NÃO É PRECISO ler outras séries das autoras para entender esta história, no entanto, precisa ler o(s) livro(s) anterior(es) da própria série, pois a história dá continuidade.

DANIFICADOS (livro 1)

APAIXONADOS (livro 2)

LISTA DE PERSONAGENS

Nem todos os personagens desta lista aparecerão no livro, mas a maioria será mencionada. Idades representam as do personagem no início do livro. Alguns personagens serão mais velhos quando forem apresentados, dependendo de seus aniversários.

OS HALES

Lily Calloway & Loren Hale (pais)

Maximoff – 22

Luna – 18

Xander – 14

Kinney – 13

OS COBALTS

Richard Connor Cobalt & Rose Calloway (pais)

Jane – 22

Charlie – 20

Beckett – 20

Eliot – 18

Tom – 17

Ben – 15

Audrey – 12

OS MEADOWS

Ryke Meadows & Daisy Calloway (pais)

Sullivan – 19

Winona – 13

A EQUIPE DE SEGURANÇA

Estes são os guarda-costas que protegem os Hales, Cobalts, e Meadows.

Equipe Segurança Ômega (ESO)

Akara Kitsuwon – 25

Farrow Keene – 27

Quinn Oliveira – 20

Oscar Oliveira – 30

Paul Donnelly – 26

Thatcher Moretti – 27

Equipe Segurança Épsilon (ESE)

Banks Moretti – 27

J.P. – 30s

Ian Wreath – 30s

…mais

Equipe Segurança Alfa (ESA)

Price Kepler – 40s (líder)

…mais por vir

Prólogo

3 anos e meio atrás

Maximoff Hale

O OCEANO BATE contra o iate atracado. Eu estou no convés lotado e ignoro a turbulenta festança de fim de verão atrás de mim. Todos em trajes de banho, pessoas mais altas esbarram em flâmulas de abacaxi baixas a caminho do bar.

Tochas iluminam a noite.

Eu aperto a amurada do iate. E apenas olho para o horizonte escuro. Meus olhos se estreitam, sem piscar.

Cometi um erro *colossal* há apenas vinte minutos. Toca repetidamente no meu cérebro. Como uma estação de rádio fodida que não consigo desligar.

Desci as escadas do barco até as cabines. Eu pretendia usar o banheiro, mas parei com uma voz familiar. Vindo de uma porta entreaberta da cabine principal.

— Tenho que te contar uma coisa enquanto Moffy está fora — disse Jason Motlic, um veterano da equipe de natação do colégio. Quatro de nós nos formamos recentemente e a faculdade começa em uma semana. Então, eu os convidei para a festa da minha família. Divertindo-me uma última vez.

Eu até *dirigi* até aqui, me ofereci para ser o motorista sóbrio porque não

bebo. E eles queriam exagerar.

Então eu fiquei lá, com a mão congelada na porta do banheiro. Parado. Sem entrar. Apenas ouvindo as vozes na cabine próxima e esperando que um inevitável tiro metafórico perfurasse meu peito.

— Estive na casa de Moffy ontem...

— Besteira — disse Ray, também formado, da equipe de natação. — Moffy nunca leva ninguém na casa dele.

Mas eu fiz. Uma vez. Ontem.

Deixei Jason entrar na casa da minha família e ele esperou na sala enquanto eu procurava as chaves do carro na cozinha. Só por dez *malditos* minutos.

— Somos amigos — Jason rebateu e depois baixou a voz. — A mãe dele estava lá. Estou te dizendo, ela tinha aqueles olhos de *me fode*. Então me aproximei um pouco mais.

Eu forcei meus ouvidos.

— Ela veio até mim, com tesão pra caralho. Ela me deu um boquete bem perto do micro-ondas. — *Vai se foder, Jason.*

Vai se foder.

Eu não conseguia me mover. Mal respirava.

— De jeito nenhum.

— Eu não estou mentindo. — Todos eles riram juntos, chamaram Jason de “o cara” e suas mãos bateram juntas em um aperto de parabéns.

Minha pele arrepiou, o sangue ferveu – e só para esclarecer, acredito *zero* por cento na sua história. Viciada em sexo e tudo mais, minha mãe é como qualquer outra mãe normal.

Ela nunca faria isso.

Ignore-os. Use o banheiro. Esqueça-os. Eu fiquei parado, minha mão em punho na maçaneta do banheiro.

— Você acha que a mãe dele vai me chupar também? — Ray perguntou.

— Aposto que ela faria mais do que isso...

Eu bati e *invadi* a cabine principal.

Todos os três caras da equipe de natação estavam lá. Congelados e com os olhos arregalados ao ver a mim e minha raiva em brasa.

Eu não quero odiar as pessoas. *Não* quero ser insensível, amargo e zangado. Mas esses momentos tornam isso muito difícil.

— Moffy? — Jason disse. — Eu só estava brincando.

Uma maldita piada. Eu esperava essa merda de trolls e idiotas. Não de pessoas que considerei erroneamente “amigos” – e desejei uma máquina do tempo.

Leve-me de volta para ontem. Não o convide para entrar em minha casa.

Leve-me de volta vinte minutos atrás. Não o ouça na cabine do iate.

Então, talvez eu pudesse manter a farsa fantástica de acreditar que posso ter amigos de escola *reais* e honestos. Eu mal confio nas pessoas, para começar, e o pouco que eu dei a Jason, ele cagou.

— Você está apenas brincando? — Eu disse, minha voz oca. — Você está falando sério?

Jason olhou para Ray. Então de volta para mim, seus sorrisos gravados. Como se eu fosse o alvo de uma piada. Como se eu fosse o famoso garoto de dezenove anos que deveria levar a surra.

Como se todas aquelas vezes em que estivemos em viagens de ônibus de

duas horas para nadar, conversar e rir fosse uma maldita mentira.

Eu deveria ter saído da cabine. Ali. *Eu deveria ter ido embora.*

Em vez disso, dei o primeiro soco. Ray e Clark pularam em mim por trás. Três contra um, e eu teria lutado contra eles até não conseguir mais respirar. Até que eles me tirassem a vida.

Talvez eles tenham visto que eu não pararia e, depois de um tempo, simplesmente saíram da cabine do barco. Um a um. Levantei-me do chão, firme como uma estátua. Com um lábio ardendo, mandíbula dolorida e raiva purulenta.

E agora aqui estou. No convés, segurando o corrimão. Os nós dos dedos ficaram vermelhos.

Incapaz de parar de *pensar* ou lembrar.

Eu respiro, minhas costelas latejam, os músculos queimam. Eu pisco e pisco para superar o momento.

Mas parte de mim quer sacudir esta grade do iate. Em seguida, subir e pular no oceano inquieto abaixo. Só para *gritar* debaixo da água salgada.

Mas não. Eu permaneço estoico.

Fiz dezenove anos em julho. Sou o cara mais velho de muitos primos que me admiram, de irmãos que precisam de mim. Como se eu fosse o Capitão América. O super-herói deles.

Querido mundo, quantas vezes você já viu o Capitão América pular em um oceano e dar uma festa de um só, cheio de pena? Estou pedindo um amigo. Atenciosamente, apenas um humano. Portanto, não posso ter um colapso público. Eu não posso chorar amargamente e com raiva.

Eu não posso gritar.

Apenas siga em frente.

Eu engulo meus sentimentos.

— Moffy.

Eu me viro quando o Dr. Edward Keene se aproxima de mim, um mojito de limão na mão. Ele tem cinquenta e poucos anos, cabelo castanho-acinzentado preso em um pequeno rabo, mandíbula e nariz fortes. Sempre achei que ele se parecia com Viggo Mortensen, do *Senhor dos Anéis*.

Não estou surpreso que o médico concierge da minha família esteja na festa de verão. Os Hales, Meadows e Cobalts convidaram colegas, funcionários, equipe de segurança, os amigos dos amigos deles – praticamente qualquer pessoa com quem apertamos a mão e dizemos *olá*.

Estou mais surpreso que ele esteja se aproximando de mim. E se demorando. Dr. Keene toma um gole de seu mojito e olha para meus dedos, abdômen e peito.

Eu libero meu aperto forte do corrimão. — Ei.

— Se você se machucou lutando, eu deveria dar uma olhada — diz ele, curto e grosso. — Eu não vou contar a seus pais.

Confidencialidade médico-paciente. Além disso, sou um adulto legal. Tudo isso, eu compreendo. Ainda assim, não quero ajuda. Não assim.

Eu olho para uma fileira de espreguiçadeiras azul-bebê ao longo do convés do iate. Cerca de seis metros de distância. Adultos, adolescentes e crianças se reúnem ao redor delas e comem minúsculos pratos de carnes e queijos.

O infame *Loren Hale* está sentado na ponta de uma espreguiçadeira. Mão na nuca. Mandíbula afiada como gelo. Às vezes ele tenta não ser um pai superprotetor, mas seu olhar âmbar voa para mim. Excessivamente preocupado.

Tio Ryke e tio Connor sentam-se um de cada lado dele.

Não serei eu quem sobrecarregará meu pai ou minha mãe. Adicione a mídia e mais três crianças com menos de quatorze anos, eles têm merda suficiente para lidar.

Eu fico mais ereto. Mais alto. Ombros para trás.

Encaro o Dr. Keene. — Estou bem. Acho que fraturei uma ou duas costelas, mas não quero analgésicos. Posso apenas tomar *Advil*.

Dr. Keene assente, não pressionando mais. — Você está animado para Harvard? — Ele bebe seu mojito novamente.

Eu penso sobre esta noite. Penso em Jason e quanta confiança dei e perdi. Tenho certeza de que não poderei confiar em ninguém no campus. Exceto meu primo. Isso tem que ser o suficiente.

Eu assinto para mim mesmo.

— Muito animado — digo honestamente. — Charlie e eu vamos morar juntos, então vai ser legal. — Eu gostaria que Janie escolhesse Harvard também, mas ela sonhava em frequentar a mesma alma mater que sua mãe. *Princeton*.

Dr. Keene descansa um cotovelo no corrimão. — Vocês dois já escolheram uma especialização?

— Filosofia para mim, e Charlie escolheu História da Arte e Arquitetura... — Uma bola de praia multicolorida voa alto em nossa direção.

— Moffy! Pegue! — Eliot Cobalt chama, correndo, mas não rápido o suficiente.

Estendo meu corpo até a metade do corrimão e pego a bola inflável para meu primo de quinze anos.

Quando meus pés descalços batem no convés, o Dr. Keene me dá um

sorriso aberto.

— Cuide-se. — Ele sai em direção à proa do iate.

Eliot desacelera até parar, e eu entrego a bola para ele.

Ele está prestes a correr de volta para seu irmão Tom, mas faz uma pausa. E ele se vira, dá um tapinha no meu ombro e me diz: — Obrigado por isso e por mais cedo...

— Mais cedo? — Charlie aparece magicamente.

Eu estremeço. — Jesus Cristo.

Ele está *bem* ao meu lado. Eu agarro o corrimão, a um pequeno passo de um ataque cardíaco. *Não entre em parada cardíaca neste barco*. Eu não estou tão preparado para o boca a boca do Dr. Keene.

Charlie ri e relaxa no corrimão. Ele abaixa seu *Ray Ban* dos olhos. Vestido com calça preta, uma camisa branca desabotoada pela metade – ele parece estar pronto para se descontrair no fundo de uma sala de aula da faculdade.

Na verdade, ele tem quase dezessete anos e é um gênio que vive a vida de uma maneira diferente de qualquer pessoa que já conheci.

Talvez porque eu não tenha ideia do que ele faz metade do tempo.

Em alguns momentos, ele simplesmente desaparece. E então ele se aproxima de mim.

Literalmente.

Sua risada morre quando Eliot explica: — *Mais cedo,* Ben estava chorando no deck de natação.

— Ben? — Charlie franze a testa com a menção de seu irmão de dez anos.

— Sim — Eliot começa a se afastar de nós quando alguém chama seu nome. — Não se preocupe, irmão. Moffy resolveu! — Ele sai correndo.

— Você estava no lugar certo na hora certa? — Charlie pergunta, sua voz anormalmente contida.

Eu passo a mão pelo meu cabelo grosso. — Não. Eliot me encontrou na cozinha e pediu ajuda. O que aconteceu, não foi tão grave — Acrescento para que ele não fique preocupado. — Algum idiota jogou a camisa de Ben na água. Eu apenas pulei e pesquei. Ele deve estar bem. Conversei um pouco com ele.

— Que heroico — Charlie retruca... quase com desdém.

Eu estremeço. — O quê?

Seus olhos amarelo-esverdeados me perfuram.

— Fiz o que seu irmão me pediu para fazer. — Eu lambo meus lábios. Entendo que nem sempre me dei bem com Charlie. Houve momentos, quando eu tinha onze, talvez doze anos, e nós brigamos.

Ele sumia muito, ficava na dele, e eu não entendia.

Muitas vezes, ainda não entendo. Mas no Ensino Médio, ele estava lá. Todos os dias, nos últimos quatro anos, ele estava ao meu lado. Ao lado de Janie. Nós três combatemos juntos qualquer assédio na Dalton Academy. E acabamos de nos formar *juntos*.

Ele poderia ter sido educado em casa como seu irmão gêmeo Beckett e nossa prima Sullivan. Ele poderia ter abandonado Jane e eu e fazer suas próprias coisas. Mas ele não o fez. Ele escolheu ficar por perto.

Então, na verdade, estou muito confuso com ele agora.

Charlie bagunça seu já bagunçado cabelo castanho-dourado. — Nós deveríamos conversar.

— OK, sim, vamos conversar.

Deixamos o iate lotado para um pouco de privacidade. Quando chegamos ao segundo andar, passamos por uma banheira de hidromassagem lotada, onde Jane conversa alto com sua irmã mais nova.

Eu compartilho um rápido olhar com Janie. E eu aceno enquanto ando. Ela acena de volta no estilo *nos veremos mais tarde.*

Assim que Charlie e eu saímos do iate, paramos no cais de madeira. O barco se eleva ao nosso lado, aparecendo e constantemente me lembrando de nossa riqueza familiar.

Eu nunca esqueço como e de onde viemos.

Os paparazzi não estão à vista, graças à marina privada. Eu estalo meus dedos. E eu apenas observo Charlie enfiar os punhos nos bolsos da calça, o óculos de sol pendurado na camisa.

— Você está planejando voar para algum planeta? — Eu brinco. — Quer que eu vá junto? — Lanço um sorriso fraco, meus lábios se afastando rapidamente de seu olhar frio como pedra.

— Nem todo mundo quer você ao lado deles.

Ai.

Minha carranca piora. — Eu nunca disse *todos*. Eu só quis dizer você.

Charlie solta uma risada curta e irritada, seu sorriso quase dolorido.

— Pare de supor que eu quero você ao meu lado.

Jesus... eu balanço minha cabeça mais e mais. Eu continuo lambendo meus lábios como se estivesse à beira das palavras certas. Não tenho certeza de quais diabos elas são, mas alguém, dê-as para mim. — O que eu fiz? Isso é sobre Ben...

— Você está por sua conta.

Eu me sinto chicoteado, não entendendo. — O que...

— Você está por sua conta. Em Harvard.

— Espera...

— Não há espera, não há como me convencer a desistir disso — diz Charlie com tanta certeza, com tanta confiança. — Eu não vou para Harvard. Eu não vou ser seu colega de quarto. Encontre outro.

Descanso a mão na cabeça, contraindo os músculos. — A faculdade é em uma semana.

— E todo o campus adoraria morar com Maximoff Hale.

Qual é a porra do problema dele? — Foi você quem quis ir para Harvard. — Minha voz começa a subir, mas ainda não estou gritando. — Eu teria ficado bem em estudar em algum lugar mais perto da Filadélfia, para ficar perto de nossa família, mas você disse *vamos para Harvard juntos*. Agora, você está apenas desistindo?

— Sim. — Charlie deixa essa palavra se estender.

Cerca de um metro e meio separam nossos corpos. Mas pela primeira vez em quatro anos, um oceano se forma entre nós. Empurrando-o cada vez mais para longe de mim.

Eu dou um passo em direção a ele. — Por quê?

— Se eu te disser o *porquê*, você vai querer resolver como sempre faz, e você já pensou, já pensou, que nem tudo precisa ser resolvido? — Seus olhos verde-amarelados furiosos me queimam. — Muito menos por você.

Abro a boca, mas as palavras ficam presas no fundo da minha garganta.

— Por que você está tão chateado? Você é *Maximoff Hale* — Ele

praticamente cospe meu nome. — Você pode fazer qualquer coisa sozinho e muito mais.

Eu penso em Jason novamente. Eu penso em como eu estava me apoiando em Charlie em Harvard como uma tábua de salvação familiar. Se ele quiser desistir da faculdade... tudo bem. Não posso prendê-lo, mas simplesmente não entendo *por que* ele está fazendo isso de repente.

E sim, eu quero uma resposta.

Isso é tão ruim da minha parte? — Apenas me diga por que...

Ele se aproxima, superando a distância, mas não de um jeito bom. — Eu não suporto olhar para você. Estar perto de você, e prefiro tomar banho de água oxigenada a sofrer quatro anos de faculdade com você. — Charlie observa meu rosto se contorcer. — Não consegue lidar com o fato de que alguém não gosta de você?

— Oooh — diz uma plateia, olhando para nós do iate. Eles se empurram contra a grade e olham para o cais de madeira onde discuto com meu primo.

— *Vai se foder.* — Eu olho. Charlie sabe que os colegas me odiavam. Só não a família. Eu aponto para ele. — Você é apenas um *garoto* imaturo de dezesseis anos que gosta de fingir que é um adulto, mas você é um dos mais irresponsáveis, egocêntricos... — Vejo seu gancho de direita e deslizo para a esquerda, desviando do golpe.

Estou no piloto automático, um reflexo, e me viro para cima dele. Meu punho cai com um golpe contra sua mandíbula.

Merda.

Eu levanto minha mão, não querendo machucá-lo seriamente. Estou mais musculoso, mais forte. Mesmo que ele seja um centímetro mais alto. —

Charlie...

Seus olhos estreitados perfuram meu crânio. E ele dá outro soco. Seus dedos esmagam minha bochecha.

— Ohhhh! — O público urra.

Eu estremeço e o empurro para trás com força. Ele tenta acertar minhas costelas. Eu o empurro novamente.

— Não é nisso que você é bom?! — Ele brada. — Bata em mim!

Estou nervoso, prestes a explodir, e quando ele vem para cima de mim pela terceira vez, agarro seu ombro. Eu bato um punho em seu abdômen, e ele joga seu peso em mim. Até chegarmos ao cais. Lutando um com o outro. Cuspe voando, punhos cavando e pulsos acelerados.

Eu arrebento a pele em sua bochecha.

Ele esmurra minhas costelas já maltratadas. Algum tipo de ódio fermenta como ácido entre nós, e não consigo parar. Não sei como.

Estou deitado de costas. E assim que eu viro minha cabeça para ele, ele lança um golpe de baixo para cima. Seus dedos batem no meu queixo e pegam meu nariz – *caramba*.

O sangue simplesmente sai das minhas narinas. Charlie se afasta de mim e eu me sento, colocando as mãos em concha no rosto. Respirando profundamente.

Eu tento ignorar a cacofonia do maldito iate, os “oh, merda” e “caralho”.

Eu me levanto sobre um joelho, meus músculos em chamas.

Quero *gritar*.

Mas eu olho para cima. Charlie toca a ferida em sua bochecha, todo o seu corpo tão espancado quanto o meu, e ele inala uma respiração forte e aguda.

— Não faça isso, Charlie — digo, a voz abafada pelo meu nariz sangrando. Não quero que fiquemos distantes. Não quero voltar a ser o que éramos quando mais jovens.

Charlie cambaleia, mas recupera o equilíbrio e se aproxima. Elevando-se. — Você quer a verdade fria? — Sua voz é um sussurro profundo e doloroso, então só eu ouço. — Eu estaria melhor se você nunca tivesse existido.

Meus olhos queimam. Uma dor que nunca senti antes me atravessa como vinte facadas em meus pulmões. Pior do que qualquer soco ou chute.

Charlie se vira e sai para o restaurante da marina.

O sangue escorre pelos vãos dos meus dedos, escorrendo pelo meu peito nu. Meu pulso está alojado na minha garganta. Mas tento me distrair focando no sangue. Não em Charlie, que desaparece de vista.

Eu tento estancar meu nariz com meu bíceps, e então uma camisa preta amassada de repente cai no meu joelho. Eu olho para o iate, procurando a pessoa que a jogou em mim.

O público já começa a se dispersar. Rostos muito difíceis de reconhecer daqui de baixo. Agradecido, enrolo a camisa e pressiono o tecido no nariz. E eu me levanto.

De volta ao iate, consigo contornar a maioria das pessoas. Eu faço meu caminho para a proa vazia, escurecida já que todas as tochas foram apagadas, exceto uma. Almofadas bege formam um grande local de banho de sol, mas não me sento.

Eu me agacho, ligeiramente estremecendo, e vasculho um cooler azul. Gelo todo derretido, latas de cerveja e refrigerante boiam na água morna.

Eu olho para longe. As palavras de Charlie ecoam em meus ouvidos. *Eu*

estaria melhor se você nunca tivesse existido.

Você pode fazer qualquer coisa sozinho e mais.

Você já sentiu que precisa de algo ou alguém? Só por um momento.

Só por um maldito segundo.

Raramente estou sozinho, mas não estou falando de Jane ou de meus pais ou de qualquer um de meus irmãos ou família. Você já sentiu que está perdendo alguma coisa? Como se existisse um vazio e você não tivesse certeza de como preenchê-lo?

Talvez não deva ser preenchido. Talvez seja isso, e eu tenha que me contentar com esse pedaço esculpido, esse vazio.

Eu estaria melhor se você nunca tivesse existido.

Sim.

— Mexa-se, lobinho.

Minha cabeça se volta abruptamente para o único cara que me chama assim.

O filho de 24 anos do médico concierge.

Farrow Redford Keene.

O calção de banho preto cai baixo em sua cintura tanquinho. Eu quase bebo em seu corpo. Ele é magro e esculpido, mas em vez de um nadador, como o meu, sua estatura grita *lutador de MMA*.

Além do mais, seu cabelo branco pintado está puxado para trás, nariz perfurado e as tatuagens mais *sexies* sobem por seu pescoço e descem pelo peito. Piratas, caveiras, navios, punhais, pardais e andorinhas.

Estou tentando ao máximo não dar uma olhada óbvia em Farrow. Mas ele paira perto. Tipo, na verdade, bem ao meu lado enquanto estou congelado em

um agachamento.

Há quanto tempo ele está lá?

Farrow levanta suas sobrancelhas escuras para mim. Como se eu não estivesse entendendo rápido o suficiente, mas ele mastiga um chiclete com uma sensação de calma. Então ele revira os olhos e apenas se agacha ao meu lado.

Eu o observo vasculhar o cooler.

Caralho, ele queria que eu *saísse* do maldito caminho.

Eu passo a mão pelo meu cabelo, acordando de um estupor sombrio. — O que você precisa? — Eu pergunto, lambendo meu lábio algumas vezes, sentindo gosto de ferro no sangue. Eu mantenho a camisa preta amassada na minha mão.

— Não se preocupe com isso. — Farrow pega algumas cervejas e depois olha para mim por um instante. — Você parece um merda. — Ele se levanta.

Eu levanto. — Obrigado — digo, o sarcasmo direto. — Por um segundo, pensei que o *sangue* era um acessório atraente. Você sabe, como um chapéu, um cachecol, um maldito sabre de luz.

Seus lábios se erguem. — Você acharia os sabres de luz atraentes.

Eu quase gemo, tentando não esboçar um sorriso. Ele é irritante quatro quintos do tempo. O quinto me faz *quase* abrir um sorriso estranho. Eu dou a ele um olhar. — Eu disse que os sabres de luz eram atraentes?

— Com tantas palavras. — Farrow empilha suas latas de cerveja em uma das mãos, como se estivesse prestes a sair. Mas ele se concentra no meu peito ensanguentado pelo meu sangramento nasal.

Eu lambo meus lábios novamente, inalando uma respiração mais profunda. Algo poderoso surgindo em mim. *Fique*.

— Farrow! — Um cara chama da cozinha. Farrow mantém seu olhar em mim.

Eu mantenho o meu sobre ele.

Então ele caminha de costas para a porta do iate, em direção àquela voz.

— Precisa de alguma coisa, lobinho?

Sim.

Eu balanço minha cabeça. — Não.

Seu olhar cai para a camisa preta na minha mão, e seu sorriso se abre. — Fique com ela.

— O quê?

— Minha camisa. Eu não preciso dela de volta.

Santa... merda. Não tenho tempo para protestar ou oferecer a devolução da camisa – ele já sai para a cozinha.

Você nunca vai acreditar nisso, mas estou sorrindo. Eu rio para mim mesmo, meu peito inchando com uma sensação melhor e mais leve. Olho para a porta fechada, depois para o horizonte escuro. Ondas do oceano abaixo, me chamando, para me libertar.

Caralho.

Eu corro. Sobre as almofadas de banho de sol, salto e mergulho da proa. A água me envolve como um abraço e boas-vindas ao lar.

Capítulo 1

Maximoff Hale

APRESSADO, COLOCO UMA camisa verde lisa no quarto da casa no lago. Meu cotovelo atinge uma lâmpada em forma de urso – eu estendo a mão tarde demais. *Caralho*.

O vidro bate na madeira e se estilhaça.

Rapidamente me agacho, descalço, e pego os cacos maiores. Considerando todas as coisas com meus problemas familiares, uma lâmpada quebrada não é grande coisa.

Eu posso lidar com isso.

Enquanto reúno as peças, Farrow se agacha e ajuda a recolher o vidro pontiagudo – também enquanto ajusta seu fone de ouvido. Um rádio já está preso em sua calça preta.

Abro a boca para protestar. Para dizer: *já peguei*.

Mas eu paro e apenas o observo. Meu crush-de-infância-tatuado que virou namorado. Estávamos assistindo *Velozes e Furiosos* no meu laptop. Pausei o filme apenas quinze minutos.

Porque nossos telefones tocaram sem cerimônia. Eu já deveria estar na metade do andar de baixo. Mas prefiro lidar com uma lâmpada quebrada com Farrow.

Ele cata as pequenas lascas na palma da mão, seu foco nos fragmentos perto dos meus pés. E quanto mais o observo, mais penso, *sorte minha*.

Sério, eu tenho muita sorte.

Algumas horas atrás, escalamos o topo de uma montanha.

Eu disse a ele que o amava. Ele disse que me amava.

A adrenalina ainda bombeia quente em minhas veias a partir do momento, mas a precipitação atual da mídia se apega a mim como uma mochila de cimento. Ele é o único para quem eu *consideraria* desafivelar a mochila e passar metade do peso.

Quando olho seus dedos com anéis de prata, ele me pega olhando. Eu levo meu olhar mais alto para as espadas tatuadas em sua garganta, então, sua mandíbula forte e lábios divertidos.

Suas sobrancelhas se erguem.

Eu me mantenho quieto. Meu pulso bate forte. Mas minha mente acelera em direções desconhecidas – não consigo parar de *pensar* em tudo e qualquer coisa, passado e presente – e nem tenho certeza de como começar a falar.

Farrow espera que eu diga alguma coisa. Nada.

Quando não o faço, ele se levanta. — Cuidado com os pés, lobinho. — Ele vasculha minha constituição tensa. Lendo-me bem.

— Eu sei. — Eu me levanto e jogamos o vidro quebrado em uma pequena lata de lixo.

Farrow limpa as palmas das mãos antes de passar as mãos pelo cabelo tingido de preto. — Vai me dizer no que você está obcecado? — Ele se inclina casualmente sobre a cômoda de madeira.

Eu sou uma estátua rígida em comparação. Não estou acostumado a descarregar nas pessoas, mas por algum motivo, quero descarregar nele. Eu sei que ele pode carregar.

Respiro fundo e deixo escapar: — E você? Como vai?

Jesus. Cristo.

Não era isso que eu queria dizer a ele.

— No momento — Farrow diz com naturalidade —, estou observando meu namorado desviar do assunto me perguntando como estou.

Eu assinto, braços cruzados. — Ele soa como alguém para se manter.

— Ele é incrível — Farrow brinca e verifica a hora em seu telefone. Ele se afasta da cômoda e caminha de costas até a porta. Longe de mim.

Tive um sério déjà vu do iate há quatro anos.

— Última chance. — Sua voz é profunda, áspera, mas paradoxalmente suave.

Última chance de falar sobre o que está em minha mente. Telefonemas convocam nós dois para o andar de baixo. Eu, por Jane. Ele, por Akara.

Farrow olha diretamente para mim. Seu olhar forte me agarra com força enquanto me acaricia. Incitando-me silenciosamente a falar, mas lembrando-me suavemente que ele sempre protegeu meus pensamentos e sentimentos.

— Espere — digo.

Ele para e apoia o ombro na porta.

— Estou pensando em como Jane acabou de ligar e disse *desça para a cozinha. Precisamos conversar, Moffy*. — Faço um gesto para Farrow. — Entendo que não sou especialista em relacionamentos, mas sei que amizades e *a gente precisa conversar* nunca são a porra de uma coisa boa.

Sua boca começa a se erguer em um sorriso *de cair de joelhos*. — Ou ela pode apenas querer conversar.

Eu me concentro em seus piercings: a argola em volta do lábio, o

piercing no nariz e o brinco pendurado – estou namorando um doze de dez. Mais do que apenas sua aparência. Ele está aqui, entretendo meus problemas, e sei que ele só vai me dar honestidade em troca.

— Ou Jane quer se mudar.

— Você está pensando demais.

— Estou me preparando para o pior — Retruco e aponto para a porta. — Desde aquele maldito artigo estúpido, ela tem passado a maior parte do tempo com seus irmãos. Não tenho ideia de onde está a cabeça dela. Pela primeira vez em... talvez nunca, Jane e eu não estamos na mesma sintonia.

— Você está prestes a descobrir — Farrow me lembra e verifica a hora em seu telefone novamente. — E você vai se atrasar.

— Daí — digo sem pensar. Um gênio. Eu esfrego minha mandíbula afiada.

— *Daí* — Ele estende a palavra e se aproxima de mim, seu olhar conhecedor de mim da cabeça aos pés.

Meus músculos se contraem e queimam, excitados pra caralho. Tudo nele se tornou excitante. Estou feliz por ele estar a apenas meio metro de distância agora, mas um pouco irritado por não ter iniciado esse movimento primeiro.

— Você está protelando, Maximoff. *Daí*, ou você está muito nervoso para ouvir Jane — Farrow diz em um sussurro profundo e grave — ou você está obcecado por mim.

Pelo amor de Deus. Suas palavras agarram meu pau.

Seu sorriso satisfeito se estende de orelha a orelha. Em algum lugar de algum universo alternativo, sou um filósofo escrevendo dissertações sobre aquele maldito sorriso. E seu efeito absoluto sobre mim.

Farrow diz: — Estou lisonjeado.

Eu gemo minha agitação. O sangue bombeia para o sul, meu pau ainda sem entender. — Estou levemente atraído por você — digo a ele. — Isso está tão longe de ser uma *obsessão* que nem consigo alcançar a palavra em cinco milênios.

— Levemente — Ele repete suavemente, seu olhar passeando por minhas feições. Ele passa a língua sobre o lábio inferior e o piercing de prata.

O ar está mais inebriante.

Meu peito sobe em uma respiração mais profunda, e eu diminuo a distância de meio metro.

Farrow agarra minha mandíbula afiada, sua grande palma quente. Eu aperto sua nuca, minha mão subindo para seu cabelo preto. Nossas bocas se aproximam provocativamente, mas não se tocam.

Eu o empurro para trás. Até que seus ombros musculosos batem na porta novamente e nossas pernas se entrelaçam. Ele me deixa assumir a liderança por enquanto.

Eu respiro — Você ouviu a parte em que eu disse que não sou obcecado por você?

Seus olhos castanhos voam para minha boca, então de volta.

Beije-me, cara.

— Você ouviu a parte em que eu disse que você está nervoso? — Sua voz rouca me envolve como algo seguro.

Eu concordo. — Sim. — *Estou meio ansioso*. De muitas maneiras, eu quero esse cara ao meu lado, mas a realidade bate forte.

E eu recuo. Nossas mãos caem.

Nós dois parecemos desapontados, mas eu apenas digo a verdade: — Você não deveria se atrasar para a reunião da ESO.

Ele revira os olhos. — Não é uma reunião formal. Se precisar de mim, posso ficar com você enquanto fala com Jane...

— Não — Eu o interrompo e dou outro passo para trás, uma faca em minhas costelas. — Você não deveria abandonar Akara depois que ele arriscou o pescoço por nós. Não por minha causa. — Rapidamente acrescento: — Estou bem sozinho. Eu sempre estou. — Eu me encolho com a minha escolha de palavras, aquelas que me lembram de *Charlie* naquele iate.

Caralho.

Farrow percebe. — Seu rosto diz que você não está bem.

Eu tento controlar minhas feições. — Então pare de olhar para a porra da minha cara.

Farrow inclina a cabeça para frente e para trás. — Não.

Eu balanço com a firmeza desse *não*. — O quê?

— Você me ouviu. — Farrow bate na maçaneta com o anel do polegar, o *click click* preenchendo nosso breve silêncio. — Você está sorrindo.

Caralho. Eu esfrego minha boca algumas vezes. Sim, eu estava sorrindo como um idiota. — Não sei do que você está falando.

— Claro que não.

Eu juro que ele está a um segundo de empurrar sua língua contra o interior de sua bochecha. Eu respiro um hálito quente pelo nariz e meus músculos quase inconscientemente se flexionam.

Eu gostaria de dizer que meu corpo não está ouvindo meu cérebro, mas ambos compraram e fizeram camisetas do *Time Farrow* contra a porra do melhor

julgamento. Há algum lugar em mim – um mindinho... uma microscópica terminação nervosa em meu lobo frontal – que tenta resistir.

Eu volto atrás na conversa. — Eu prometo a você, estou bem. Posso sobreviver *duzentas* décadas sem você.

Seu sorriso está fora de controle. — Com ou sem mim, você não vai sobreviver até os dois mil e vinte e dois anos.

— Eu não sabia que você podia ver o futuro.

Farrow ri uma vez. — Que espertinho. — Ele balança a cabeça em pensamento. — *Precisar* não era a palavra certa então. — Ele segura meu olhar. — Você me quer com você?

Sim.

Algo brota dentro de mim. Eu deixo de lado toda e qualquer barreira emocional, e ele vê essa afirmação mil vezes em meu rosto.

Farrow sai pela porta. E em um movimento rápido e contínuo, ele agarra a parte de trás da minha cabeça e me beija. *Porra*.

Eu abro sua boca, a fome dirigindo minha língua contra a dele, e nossos corpos instintivamente empurram juntos. Como se estivéssemos nos provocando por um maldito século. Cada beijo explosivo detona meu corpo. Meu cérebro.

Eu agarro seu cabelo em um punho apertado; seus gemidos baixos contra a minha boca.

— Caralho — Ele respira e morde meu lábio.

Cristo, sim. Calor sufocante, crescente, escaldante – ele para primeiro, recuando.

Farrow encaixa seu fone de ouvido que deve ter caído. — Você me quer, você me tem. Vamos, lobinho.

Ainda estou sem fôlego, minha cabeça girando. Eu lambo meus lábios doloridos. Eu sinto que ele acabou de me foder em várias posições.

Ele passa as mãos pelos cabelos despenteados, a boca se curvando para cima. — Você precisa de um minuto para recuperar o fôlego?

— Não, se você não precisar — Retruco e paro de respirar pesadamente. — Siga-me.

Eu posso sentir seus olhos revirando e sorrindo nas minhas costas, e eu esfrego minha boca novamente e percebo que estou sorrindo. Mesmo diante do que poderia ser um dia do juízo final sério e *real*.

Capítulo 2

Maximoff Hale

SURPRESA, NÃO SOU a pessoa atrasada aqui. Jane manda uma mensagem dizendo que estará na cozinha em um segundo.

Esperar proativamente não é minha praia. Admito isso. Então, quando Farrow desembrulha um chiclete e abre a geladeira, pergunto: — Precisa de ajuda? — Ele masca seu chiclete devagar e olha para mim de um jeito que me lembra que ele tem vinte e sete anos. Tenho vinte e dois anos e ele é mais do que capaz de fazer merda sozinho.

Farrow começa a sorrir. — É fofo você achar que preciso de ajuda para pegar ovos.— Ele pega uma caixa e fecha a geladeira com um chute.

— Você poderia ter deixado cair a porra dos ovos. — Estou travando uma batalha estúpida. E eu faço uma careta-sorriso que me dá vontade de arrancar meus próprios olhos.

Farrow estoura seu chiclete. — Você quer dizer que *você* teria deixado cair os ovos.

— Eu deixaria? Tenho certeza de que quis dizer você.

Farrow coloca a caixa perto da pia. — Eu tenho mãos mais firmes do que você. — Ele se inclina e sussurra com voz rouca: — Você não vai me vencer nisso.

Balanço a cabeça por instinto. Quando se trata de Farrow, namorado ou não, não quero ceder tão rápido. — Ainda não está provado.

Ele revira os olhos em um sorriso. — Estenda sua mão.

Eu estendo minha mão, palma para baixo. Querendo saber como ele pode discernir qualquer tremor apenas de vista.

Farrow gira meu pulso. — Assim. — E então ele quebra um ovo bem na palma da minha mão.

Não sorria para ele. Não sorria para ele. — Obrigado por isso — digo sarcasticamente, a mão pingando da casca de ovo quebrada e na gema.

— De nada — Ele ri, e eu ajo rapidamente e limpo o ovo escorrendo em seu decote em V preto, sentindo os cumes de seu tanquinho por baixo.

Farrow apoia os cotovelos na pia e me deixa usar a camisa dele como toalha, mesmo quando ele está usando aquela coisa. *Cristo.*

Ele é um idiota sexy de grau máximo.

— Desculpe por estar atrasada. — Jane chega à porta ofegante, e nossas cabeças se voltam. Ela está vestida com um pijama da vovó com estampa de café. Um fichário enfiado sob a axila.

Ela vê Farrow. — Oh, vocês dois estão aqui... — Seus chinelos de gato deslizam na madeira lisa e ela quase cai de cara no chão.

O fichário cai no chão.

Corro para alcançar minha melhor amiga, mas quando pego seu cotovelo, ela já se firma com os braços estendidos.

Meus lábios quase se erguem. — Bonsoir, ma moitié — Sussurro. *Boa noite, minha outra metade.*

Seus grandes olhos azuis sorriem fracamente para mim. Espero que ela diga que *somos só você e eu, velho camarada* – ou qualquer tipo de variação dessa frase. Só para eu saber que estamos bem.

Somos os mesmos de sempre.

Nada mudou.

Ela ainda é Janie. Eu ainda sou Moffy. E nós somos melhores amigos até a porra do amargo fim.

— Estou feliz que você esteja aqui — diz ela e esfrega o nariz escorrendo. Sufocando suas emoções. Ela pega o fichário. — Isto é para você. Preciso falar com você sobre algo importante. Algo que já discuti com meus irmãos.

Sempre fui a primeira pessoa a quem ela recorre e vice-versa. Com segredos, lutas pessoais, *algo importante*, qualquer coisa – Jane Eleanor Cobalt é a minha número um.

Minha parceira.

Mas ela falou com Beckett antes de mim. E até Charlie. No entanto, estou ciente de que alguém está no meu canto e atualmente nesta cozinha. Farrow passa a camisa suja pela cabeça e depois lava as mãos. Seu brinco balança enquanto ele anda pela cozinha para cozinhar ovos.

E seu olhar protetor encontra o meu em uma fortaleza.

Ele está aqui por mim. Se eu precisar dele. É mais do que bom.

Sei que não somos mais apenas eu e Jane, mas também não quero que as melhores partes de nossa amizade mudem por causa de nossos outros relacionamentos.

Pego o fichário e Jane demora. Eu demoro. Antes da explosão da mídia, nós nos abraçaríamos em saudação ou eu beijaria suas duas bochechas. Agora, ela se abraça, e eu fico desconfortavelmente rígido.

Deus, eu odeio isso.

— Diga-me o que você quer fazer — Sussurro.

— Eu vou. — Ela assente com segurança e tira uma mecha de cabelo ondulado de sua bochecha sardenta. — É por isso que precisamos conversar.

— Tudo bem. — Estico o braço e vou até a geladeira. — Precisa de alguma coisa?

— Não, vou fazer café. — Ela já está na metade do pote.

Abro a geladeira e pego uma bebida esportiva Ziff. O rótulo é um Z com as palavras *Ascend* abaixo, um sabor de limonada e um produto Fizzle. A casa do lago está abastecida com refrigerantes Fizz, Lightning Bolt! bebidas energéticas e muito Ziff.

Eu abro o fichário no balcão da ilha e encontro folhas de papel em branco. — Está tudo em branco?

Jane enche uma caneca. — Como minha caligrafia é terrivelmente difícil de ler, pensei que você gostaria de fazer algumas anotações.

Encontro uma caneta no bolso do fichário. — Sem problemas. — *Que porra estou prestes a escrever?* Ser mantido no escuro – não é minha sensação favorita.

Mas você sabe disso.

Eu descanso meus cotovelos no balcão. — Estamos planejando um funeral, uma viagem a Júpiter ou a reinvenção da Capa da Invisibilidade?

— Ela disse ‘coisas importantes’ — diz Farrow e coloca a frigideira na pia.

Eu dou a ele um olhar. — Então os funerais não são importantes para você? Excelente. Nunca planeje o meu.

— Já passamos por isso. Você não vai morrer antes de mim — diz

Farrow com naturalidade. Ele pega sua tigela de ovos mexidos e se aproxima de mim. — Desista desse sonho.

— Não — digo, a voz firme.

Um sorriso bordeia sua boca, mas nós dois nos fixamos em Jane.

Ela segura uma caneca entre as duas mãos. — Eu disse aos meus irmãos e a Sulli que você e eu não queremos que nossa amizade mude, mas inerentemente, a mídia e os paparazzi vão nos pressionar para nos separarmos. E como continuamos os mesmos, Moffy?

Aponto para a porta como se os paparazzi estivessem do outro lado. Eles não estão. Mas em algum lugar da Filadélfia, eles esperam como abutres desesperados. Com fome de nossas carcaças. — Nós os ignoramos, Janie.

— Nós podemos? — Ela dá um gole no café. — Toda vez que estivermos juntos, eles estarão na nossa cara. Eu não me importo com o que eles pensam, mas eles são mosquitos e nós dois desejamos esmagá-los. Para fazer isso, tudo o que temos a fazer é aumentar a distância, parar de ser vistos juntos, não olhar um para o outro...

— *Não,* foda-se, não. — Eu balanço minha cabeça. Janie começa a sorrir. A compreensão afunda. — Você tem um plano?

***

— Isso é insano — Sussurro, ainda olhando para o fichário. Agora repleto de notas, algumas das quais são letras de uma música do *Semisonic*. Farrow aparentemente arquiva notas com regras na categoria *foda-se*.

Ele se inclina contra a ilha. Comendo seus ovos lentamente. — Você

concordou com esse plano insano.

— Levei trinta malditos minutos. — Eu olho para a porta, mas Jane saiu para dizer a Charlie, Beckett e Sulli que eu concordei. — Nós cinco vamos sair em turnê — digo em voz alta. Deixando esta realidade afundar.

Não, ainda é cem milhões por cento bizarro. Nós cinco juntos. Dormindo em um ônibus de turismo com nossos seis guarda-costas. Um total de onze pessoas em um ônibus. Dirigindo pela América.

Como eu concordei com essa porra de confusão? Eu folheio minhas anotações.

O plano: agendar eventos do tipo *meet-and-greet* em várias cidades. As pessoas vão pagar para tirar fotos conosco e conseguir autógrafos. Atores de televisão fazem circuitos de convenções o tempo todo. Até anotei *pequenos painéis de perguntas e respostas*. Todo o FanCon será executado por H.M.C. Filantropias. Todos os rendimentos vão para caridade.

Estarei trabalhando, mas não foi exatamente por isso que concordei.

Farrow bebe um copo d'água. — Você vai ficar fora da Filadélfia por um tempo. — Eu concordo. Eu nunca planejei me isolar na casa do lago para sempre. Eventualmente, teríamos que lidar com paparazzi na Filadélfia, mas seria mais fácil lidar com cinegrafistas na estrada. Nem todos eles vão querer nos seguir.

Nossos pais ainda moram na Filadélfia.

Nossos pais ainda são mais famosos do que nós. Muitos cinegrafistas optarão por ficar na cidade com eles.

As pessoas sempre dizem: *apenas saia se você odeia tanto a mídia*. Eu sempre respondo: *minha família e meu trabalho estão aqui, e não odeio os*

paparazzi. Nós coexistimos.

Desde que nasci, lidei com sua presença às vezes amigável e às vezes frustrante. Eu nem sei o que é cinegrafistas não me seguirem.

Eu tomo uma respiração maior. *Ainda* está afundando.

Viro uma página do fichário e olho para Farrow. — Do ponto de vista de quem está de fora, você acha que a turnê ajudará com os rumores?

Farrow considera isso por um segundo. — Vocês cinco não têm estado publicamente juntos há anos. Essa turnê vai ser notícia de primeira página e enterrar qualquer outra merda. — Ele pega uma colherada de ovos. — Eu arriscaria, mas meus cadarços não têm nós triplos como os seus.

Eu pisco. — Obrigado por essa adição desnecessária de último segundo.

Ele sorri em sua mordida de ovos. — De nada.

Eu viro outra página. Sua presença é como um ímã que diz *olhe para mim* e então eu saio do caminho. Vou relaxar demais, e preciso *pensar*.

— Não posso deixá-lo fazer isso — digo em voz alta, lendo uma frase que sublinhei cinco vezes: *Beckett tirou uma licença temporária da companhia de balé*. Como dançarino principal, isso é uma coisa séria.

Farrow mal folheia a página. — Você esqueceu de escrever *a turnê é ideia dele.* — Sim, ainda não consigo acreditar que Beckett Cobalt elaborou esse plano. Para ajudar Janie, sua irmã, acima de tudo. É por isso que seu irmão gêmeo Charlie concordou. O Céu e a Terra e cada partícula de ar sabem que Charlie não se inscreveria para uma turnê de quatro meses só por mim.

Ele pode estar na casa do lago sem apoio, mas as sementes do nosso relacionamento ainda estão podres. Elas estão desde aquela noite no iate. Nada de bom pode crescer durante a noite.

E Jane disse que Sulli falou sobre os momentos em que estive lá por ela. Como na vez em que ela pensou ter quebrado o pé em uma caminhada no deserto. Eu a carreguei nas costas por doze quilômetros e continuei tentando acalmá-la. Dizendo que ela era um ser humano incrível e forte. Eu dei a ela meu cantil logo no início, e suas lágrimas encharcaram minha camisa. Ela ficava me dizendo que sua carreira de nadadora havia acabado e, para Sulli, *nadar* era sinônimo de *vida*.

Mesmo aos doze.

Eu tinha quinze anos e me lembro de como, quando chegamos ao fim da trilha primitiva, os pais dela nos encontraram. Tio Ryke e tia Daisy imediatamente levaram a filha para o pronto-socorro e me senti responsável por Sulli ter se machucado.

Por doze quilômetros, desejei que fosse meu pé.

Continuo balançando a cabeça e agarro o balcão. — Tudo o que já fiz — digo a Farrow — não foi para juntar favores mais tarde. Nunca pensei que estaria em uma posição em que meus primos *mais novos* se sentissem obrigados a colocar suas carreiras e vidas em espera. — Por Jane.

Por mim.

Caralho. — Somos nós que os protegemos — Explico a ele. — Até pegávamos seus telefones e bloqueávamos números de produtores pornôs que nos ligavam. Só para que eles não pudessem alcançá-los.

Farrow fecha o fichário. — Olhe para mim.

Mal consigo girar meus ombros tensos. Quero abrir a porra do fichário e reler tudo. Novamente.

— Maximoff...

— Já sei. Estou pensando demais. — Aperto as mãos no balcão e, finalmente, olho para o meu namorado.

Seus olhos carregam compreensão completa. E de alguma forma ele ainda parece que *adoraria* desfazer meus cadarços. — Eu também ficaria irritado se meus primos mais novos decidissem pagar adiantado quando eu não quisesse ser pago. Mas está acontecendo e você tem que lidar.

Eu assinto, meu pescoço rígido. Eu quero ser o tipo de cara que pode agradecê-los, mas ainda não cheguei lá. Reconheço o poder da família, nessa disposição e sacrifício, mas apenas tendo essa conversa, sinto que falhei com Sulli e Beckett, e até mesmo com Charlie.

Eu reabro o fichário. Circulei a data *14 de dezembro* um bilhão de vezes.

A data de início. É em breve.

— O que você está pensando? — Farrow pergunta.

— Nenhum de nós estará aqui no Natal. — Minha família normalmente fica na casa do lago no Natal – um lugar bastante seguro – e nossos guarda-costas pessoais podem sair e passar o feriado com suas famílias. — Estou pensando em como você e o resto da ESO vão se sentir...

— Nós não nos importamos — Farrow me interrompe.

Eu franzo a testa. — Tem certeza?

Ele sorri. — Cara, a maioria de nós tem vinte e tantos anos. Sem filhos, sem cônjuges, sem outras obrigações. Estamos bem em passar as férias onde nosso trabalho nos leva. — Ele leva a colher à boca. — Sabemos no que nos inscrevemos.

Eu assinto novamente. Meu irmãozinho faz quinze anos no dia de Natal. Vou perder seu aniversário, e eu não quero machucá-lo. E acho que pode.

Eu estar em um relacionamento sério – é novo para minha família. Primos e irmãos têm explodido minhas conversas em grupo desde que descobriram que estou namorando um guarda-costas.

Kinney mandou uma mensagem dizendo que não sou convidado para o funeral dela até que eu tenha um encontro duplo com ela e sua futura namorada. Luna continua me mandando confetes e emojis de polegar para cima. Mas Xander...

Ele não disse absolutamente nada.

Talvez meu irmãozinho esteja pensando no chupão no meu pescoço. E como eu poderia ter confessado a verdade então. Talvez ele pense que não somos tão próximos quanto ele acreditava que éramos. Talvez ele esteja questionando tudo. Eu tentei ligar para ele várias vezes hoje, e ele nunca atendeu. Prefiro comer uma tigela de pregos do que ficar sem contato com meu irmão. Então eu estou esperando que eu possa alcançá-lo em breve.

Todos os pensamentos sobre meu relacionamento me desviam. Eu estalo uma junta.

— Como isso vai ser... para nós? — Pergunto a Farrow.

Ele inclina a cabeça ligeiramente. — O que você quer dizer?

— Tenho pensado muito...

— Não me diga.

Eu quase sorrio. E ele percebe. *Caralho.*

Farrow olha para mim como se eu o tivesse chupado. Satisfeito demais.

Eu puxo meu rosto, sobrancelhas franzidas. Carrancudo. — Como eu estava dizendo — digo a ele —, como vou sobreviver estando em um ônibus com *você* por quatro meses. Mais minha família, mais a ESO e, novamente,

você. Parece um inferno.

Sua boca se levanta. — Parece divertido.

— Meu inferno é a sua diversão — Percebo.

— Uau. — Farrow sorri. — Quando você coloca dessa forma, eu amo mais.

Dou-lhe dois dedos do meio, mas sua mão desliza em volta da minha cintura. Nós nos aproximamos. Seu peito contra o meu, meu bíceps instintivamente se curva em torno de seus ombros. Estamos quase no nível dos olhos, quase exatamente da mesma altura.

Nos últimos trinta minutos, pensei em cada pequeno momento. As horas privadas que passo com Farrow. Cada acontecimento na Filadélfia. Noites em que estamos sozinhos no meu quarto. O despertar da manhã onde nós sussurramos sobre merdas comuns estúpidas.

Tudo vai mudar um pouco, e ele pode gostar de *mudanças* – mas não sei como será nosso relacionamento quando começarmos a mover as peças. E eu estaria mentindo se dissesse que o desconhecido não me assusta nem um pouco.

Farrow sussurra: — Nós vamos... — Sua voz falha, seus dedos tocando seu fone de ouvido. — Aqueles filhos da puta.

Nós nos separamos e, antes que eu pergunte, ele me diz: — A ESO soube sobre a turnê antes de mim. Vamos. — Ele segue para o corredor com sua tigela de ovos.

Eu o sigo, meu passo mais longo que o dele. Facilmente, eu alcanço seu lado.

Estamos passo a passo.

Ele não está correndo. Ele não está alarmado. Farrow come e caminha,

parecendo mais despreocupado do que preocupado, e seus dedos tatuados penteiam o cabelo.

— Você ainda está em apuros com a ESO? — Questiono.

— Estou sempre em apuros. — Farrow come uma colherada. — É onde eu faço o meu melhor trabalho.— O sorriso mais sexy surge em sua boca.

Caralho.

Viramos uma esquina e, assim que abro a porta do escritório, vejo três guarda-costas. Descansando em móveis de couro escuro. Estantes altas até o teto ajardinam as paredes verde-floresta.

Suas cabeças balançam automaticamente em nossa direção.

E Thatcher, Oscar e Donnelly estão apenas olhando para *mim*. Avaliando-me como se eu tivesse invadido um *clube exclusivo para guarda-costas* e não tivesse permissão para entrar.

Capítulo 3

Maximoff Hale

ATÉ AGORA VOCÊ sabe que a equipe de segurança é estranhamente esquiva comigo e próxima como uma família. Graças a Farrow, tenho vislumbres de como a segurança funciona e como eles realmente nos veem: Hales, Cobalts e Meadows.

Como sou uma celebridade e um cliente, provavelmente teria me desculpado e deixado que eles resolvessem o que precisassem sozinhos. Mas agora eles sabem que sou o namorado de Farrow, e estes não são apenas seus colegas de trabalho.

Eles são os caras mais próximos em sua vida. *Amigos dele*. E se ele está embrenhado no meu mundo, acho que devo estar embrenhado no dele.

Então eu vou ficar.

Aproximo-me de Thatcher Moretti. — Quando você chegou aqui? — Eu pergunto.

Pela minha diagonal, Farrow se aproxima de Donnelly no sofá e chuta levemente seu tornozelo, ambos falando baixinho. Donnelly gesticula com a cabeça para mim. Então eles estão falando de mim.

Se ao menos eu tivesse audição biônica.

Thatcher está de pé, 15 centímetros mais alto do que eu. — Cheguei cerca de quatro horas atrás.

Apertamos as mãos. Tenho certeza de que, para a maioria das pessoas,

um homem ítalo-americano de dois metros com a barba por fazer e um olhar perpetuamente severo seria intimidador.

Para mim, não chega nem perto.

Thatcher costumava proteger meu irmãozinho, e conversando com ele no passado, os assuntos nunca divergiram de segurança. Ele é o mais profissional possível e, também, o maior espinho para o lado de Farrow.

Agora, ele é um guarda-costas secundário para Jane e acompanhante não oficial para mim e Farrow. Um pequeno preço a pagar para manter Farrow como meu guarda-costas 24/7. Se o público descobrir que estou namorando um guarda-costas, isso pode fazer com que toda a ESO se torne famosa por associação.

Isso não pode acontecer, e Thatcher disse que garantiria que isso não acontecesse.

— Obrigado por votar para manter Farrow como meu guarda-costas — digo a Thatcher. — Significou muito.

Ele concorda. — Eu estava votando no que você gostaria. Queixas pessoais à parte, estou aqui para você e sua família.

Isso me lembra que ele não foi o único voto. — Onde está Akara?

— Fora numa corrida com Sulli. — Thatcher gira um botão em seu rádio. — Ontem à noite, Akara e eu concordamos em dividir a posição de liderança na Ômega. Se você precisar informar a segurança sobre qualquer coisa, ainda é Akara, Price e eu que você deve entrar em contato.

A Tri-Force ainda está intacta.

Aposto que é a mesma coisa para Farrow, já que ele não segue as regras, de qualquer maneira. — Ei, Moffy... — Donnelly é interrompido pela mão de

Farrow sobre sua boca.

— Desculpe Donnelly — Farrow diz para mim, realmente à vontade. Ele se senta no braço do sofá. E sua tigela de ovos se equilibra habilmente em sua coxa. — Ele tem uma condição não diagnosticada chamada *verbo-emese.*

Minhas sobrancelhas franzem.

Oscar bebe um Lightning Bolt! e traduz: — Vômito verbal.

Huh. Não tenho ideia do que “Ei, Moffy” estava prestes a se transformar, mas com o surgimento do meu apelido de infância, *infelizmente* estou mais ciente da minha diferença de idade entre todos eles e eu.

— A segurança só deve me chamar de Maximoff — Afirmo aqui e agora.

Farrow tira a mão da boca de Donnelly e alguns dos guarda-costas trocam olhares furtivos. E Farrow tenta conter uma risada divertida, mas quando olha para mim, seus olhos quase acariciam os meus com afeição.

Tudo bem, devo ter soado como um idiota. Ou um idiota vaidoso.

Um idiota autoritário.

Todas as opções acima? Provavelmente.

Thatcher me diz: — Vou avisar toda a equipe.

Concordo com a cabeça e tento relaxar meus ombros. Só para parecer um pouco menos dominador.

Os limites aqui estão mais estranhos do que o normal, e não quero ser apenas o cliente aos olhos deles. Mas, dois milissegundos atrás, fiz uma declaração que soava mais como uma celebridade idiota pedindo um menu especial do que um cara normal pedindo para ser tratado com justiça.

Eu tento descobrir um plano de ação melhor. Aquele que não inclui eu saindo desse maldito escritório. Recuar – isso não é uma opção.

De repente, Farrow se levanta. Aproxima-se de mim, mas fala com Thatcher.

— Você me colocou em condicional temporária das reuniões de segurança?

— Não.

— Então por que diabos eu não ouvi sobre aquela em que Ômega discutiu a turnê? — Farrow para ao meu lado e me oferece sua tigela de ovos.

Eu balanço minha cabeça. — Estou bem.

Ele apenas tira os olhos de mim quando Thatcher responde.

— Você estava no quarto com Maximoff. — Ele termina aí. Assim explica tudo.

Farrow olha para Thatcher.

Thatcher retribui o olhar, sem ceder. Isso é o equivalente a uma competição de distância de mijo silenciosa.

Eu aponto para o co-líder da Ômega. — Bater na porta não está no manual do guarda-costas?

Nenhum dos dois se move.

Oscar desembrulha um pão de mel. — Você ainda é um cliente que prefere privacidade.

— E você estava com seu namorado, Mof... *Maximoff*. Caralho — Donnelly murmura.

Eles deixaram Farrow no escuro por minha causa. *Isso não vai acontecer de novo.*

— Thatcher — digo, e ele desvia o olhar para me encarar. — O trabalho de Farrow vem em primeiro lugar.

— O trabalho dele é *você* — Enfatiza Thatcher. — Isso é complicado...

— Então vamos descomplicar — digo simplesmente. — Qualquer coisa relacionada à segurança, você pode me atrapalhar e pegá-lo. Eu prefiro isso. E se houver qualquer outra confusão, é só perguntar.

Juro que ouço Farrow murmurar um "*Droga*", impressionado, baixinho.

Toda a conversa é interrompida quando a porta range. Jane e Beckett entram. Carregando bandejas de café para todos. Jane me entrega uma caneca de chá quente e todos nós nos espalhamos pelo escritório.

Farrow e eu somos os únicos dois de pé. Enquanto ele se apoia em uma estante de livros – distraidamente brincando com um quebra-cabeça de madeira portátil que ele já resolveu duas vezes – eu pego minha caneca de chá. E ouço a conversa desviar-se para o território da logística FanCon.

Como diabos tudo isso vai funcionar.

Thatcher acena para Jane em uma cadeira de balanço e para Beckett no sofá ao lado de Donnelly, e ele diz: — Se você tiver algum conhecido ou amigo ou... — Thatcher faz uma pausa para a palavra.

— ASC — Esclarece Oscar.

— O quê? — Beckett olha para Donnelly, seu guarda-costas 24/7.

— Alguém sem compromisso — digo ao meu primo.

— Um amigo de foda — Explica Donnelly.

Thatcher se encolhe um pouco, obviamente esperando evitar essa palavra. — Se você os quiser no ônibus — Ele fala mais para Jane do que para Beckett. —, preciso de uma lista. Nomes. Temos que checá-los antes que eles possam ser admitidos na turnê.

Uma corrente de ar frio entra no escritório, a neve caindo mais forte do

lado de fora. Becket fecha sua jaqueta de couro sobre uma camiseta preta da banda *The Carraways*, meio enfiada em jeans rasgado. Seu cabelo castanho encaracolado tem um estilo artístico, e ele é magro e alto, construído perfeitamente para dançar. Um sorriso caloroso brinca em seus lábios rosados. Ele parece mais velho do que quando o vi pela última vez.

Como se ele conhecesse mais partes do mundo e voltasse melhor.

Mais durão.

Você conhece Beckett Joyce Cobalt como dançarino principal de uma companhia de balé de elite da cidade de Nova York. Suas tatuagens e atividades extracurriculares causam alvoroço nos tabloides. Mas elas também lotam lugares para shows. Você o chama de *bad boy do balé* e ele não se incomoda em provar que você está errado. Eu o conheço como meu primo de vinte anos, trabalhador e extraordinariamente talentoso, o mais calmo e o menos dramático do Império Cobalt. Ele não dá espaço para besteiras e será o primeiro a dizer se você estiver cheio delas. Se ele não fosse o irmão gêmeo fraterno de Charlie, talvez encontrássemos um terreno comum. Mas se realmente houver lados na minha família, Beckett nunca vai estar no meu.

Aviso justo: *se você foder com Beckett, não hesitarei em me juntar a Charlie e te rasgar membro por membro.*

Beckett estende um braço. — Sem amigos de foda para mim.

Donnelly retorna. — Tem certeza?

Você definitivamente já viu Beckett pegar garotas aleatórias em boates de Nova York. Você não sabe que às vezes ele vai a festas de sexo privadas – a única razão pela qual *eu* sei é porque uma vez ele contou a Eliot, que então deixou escapar para Tom. Que disse a Jane. Que, então, me disse.

Tem que amar a família.

— Positivo — diz Beckett. — Se eu transar, será com alguém que eu encontrar na estrada.

Tomo um gole maior de chá e percebo como todos estão concentrados em Jane.

Ela está quieta e enrola um cobertor rosa em volta do corpo. Talvez ela esteja pensando em suas opções. Estou prestes a perguntar, mas Thatcher chega antes de mim.

— Você quer trazer Nate? — Ele pergunta.

Seus olhos azuis me encontram. — Não sei.

Farrow mexe com o quebra-cabeça. — Você não pode contrabandeá-lo no ônibus, Cobalt. Se você o quer, todos nós o encontraremos.

— O que você acha, Moffy? — Ela pergunta.

— Acho que a escolha é sua. — Mergulho o saquinho de chá algumas vezes. — Mas se eu tiver que dividir espaço com seu Babaca Com Benefícios, não há chance de eu conseguir segurar minha língua.

Ela poderia ter alguém anos-luz melhor do que aquele maldito babaca. Ele se preocupa mais com coisas caras do que com ela. Juro que ele reclamou um milhão de vezes que nossa casa carece de piscina, banheira de hidromassagem, garagem para seis carros, casa de hóspedes particular etc. – e disse a Jane que ela deveria se mudar o mais rápido possível.

Beckett me olha. — Ele é tão ruim assim?

Eu balanço minha mão tipo *mais ou menos*. — O BCB[1] #2 foi definitivamente pior.

Jane me lança um olhar forte. — Je pesarte d'avoir demandé ton avis. *Me*

arrependo de pedir sua opinião.

Eu toco meu peito. — Tu connais mes sentiments à propos de Nate. *Você conhece meus sentimentos sobre Nate.*

Beckett se vira para sua irmã. — Est-ce qu'il t'a frappé? *Ele bateu em você?*

Oscar sussurra no ouvido de Donnelly. Eu rapidamente percebo que não tenho ideia de quais guarda-costas são fluentes em francês. Farrow definitivamente não é.

Jane balança a cabeça com firmeza. — Não. Nunca.

— Ele é apenas um babaca. — Eu termino meu chá em um gole. Literalmente, todo guarda-costas lança olhos estreitos e precisos em mim como se eu estivesse *escondendo* informações de segurança. — É isso.

Farrow inclina a cabeça de um lado para o outro, considerando minhas palavras.

— OK, mas há uma variedade de babacas, e a maioria de nós quer saber onde Nate se enquadra.

Oscar estende as duas mãos para demonstrar os tipos. — Aqui está o babaca simpático. — Ele acena com a mão esquerda antes de levantar a direita. — Depois, há o filho da puta abusivo que merece comer merda de vaca.

— E morrer — Acrescenta Donnelly.

— Dolorosamente — Farrow termina.

— Engraçado — Murmuro e noto Jane e seu rosto irritado: sobrancelhas juntas, lábios franzidos, não tão aterrorizante quanto ela gostaria de ser. — Janie pode te dizer em qual faixa de babaca ele se enquadra . Ela o conhece melhor do que eu.

— Ele é um babaca simpático — Jane anuncia sem parar, ferozes olhos azuis apontando para todos. — Ele só me tratou com respeito. Pelo bem dos meus futuros orgasmos, deixe-o em paz.

Donnelly sorri. — Farrow sabe um pouco sobre proteger e *servir* orgas...

— Não. — Thatcher interrompe.

Cristo, meu pescoço está queimando. Eu não estou envergonhado. Não, isso não é um sentimento que sinto com frequência, e não vou deixar isso se infiltrar em mim.

Farrow estuda minha reação e tento me recuperar com um gole de chá inexistente.

Sim, minha caneca está vazia. Ele está quase rindo.

Eu o combateria, mas Thatcher fala. — Voltando às questões principais. — Ele se concentra em Jane. — Sobre seus gatos...

— Já cuidei deles — Jane começa com urgência. Nenhuma emoção anexada. Como se ela estivesse discutindo a quilometragem do ônibus e a rota da viagem. — Minha irmã já concordou em cuidar de todos os seis enquanto eu estiver fora. Meus gatos mais velhos e meus gatinhos mais novos amam Audrey, e ela os ama ferozmente. Tudo funciona bem.

Minhas sobrancelhas franzem. — São *quatro* meses, Janie. — Ela nunca ficou longe de seus gatos por tanto tempo.

— Eles estão em boas mãos.

Thatcher digita em seu telefone. Tomando notas. — Como está Licorice?

Jane quase cora. — Hum — diz ela, esgotada pela pergunta. — Ainda nervoso por estar preso no espaço de rastreamento, mas estou feliz que você o encontrou.

— Eu também. — Thatcher verifica anotações em seu telefone. — A turnê deve ajudar com o boato de incesto.

Jane limpa a garganta. — Proponho a proibição dessa palavra. — Ela quer dizer *incesto*.

Eu faço uma careta. — Concordo.

Um silêncio pesado cai, e Thatcher coloca o telefone no bolso antes de olhar para Jane, depois para mim. — Não sei se isso vai significar alguma coisa para vocês dois — Ele nos diz —, mas entendo o que vocês estão passando. Anos atrás, quando eu estava no Ensino Médio, Banks e eu recebemos uma série de perguntas sobre gêmeos. A maioria era inofensiva, mas outras... — Ele para, e podemos facilmente preencher os espaços em branco.

Banks Moretti é seu gêmeo idêntico e também o guarda-costas 24/7 de Xander.

Beckett acena com a cabeça fortemente, também um gêmeo. Também compreensivo.

Jane e eu não precisamos pedir exemplos ou detalhes. Eu olho para fora por um segundo – pelo amor de Deus, eu deveria ter percebido antes por que Charlie estaria na casa do lago em apoio.

Por que ele entenderia como Thatcher e Banks. Como Beckett.

Com nenhuma evidência, a mídia tentou distorcer minha amizade com Jane em algo perverso. Mas Charlie lidou com isso o tempo todo também.

Eu estava lá no Ensino Médio. Eu ouvi caras fazerem perguntas inofensivas a Charlie, *como: você pode ler a mente de seu irmão gêmeo* e então eles desviavam para coisas de merda como: *você dorme com seu irmão gêmeo?* Eles riam enquanto perguntavam: *quantas tentativas de três você teve com*

Beckett? E coisas estranhas como: *se você está nu, você fica confuso sobre quem é quem? Vocês tocaram um no outro...?*

Charlie mostraria seu aborrecimento. Eu me lembro disso e como ele simplesmente iria embora. Seguir em frente. Isso é tudo o que ele poderia fazer.

E eu sei que isso é tudo o que podemos fazer agora.

— Merci — Jane diz para Thatcher.

Eu aceno, grato pelo apoio. O boato morrerá mais cedo ou mais tarde. Não tem mérito ou validade, então, acho que vamos ficar bem.

Jane apoia o queixo nos punhos. — Eu não poderia me importar menos com o que a mídia ou o público pensa de mim, de qualquer maneira. — Seu olhar abaixa, no entanto. Claramente se preocupando com alguma coisa.

Eu sei que ela ainda está chateada porque nossos pais duvidaram de nós por uma fração de segundo. Tenho tentado entender a perspectiva deles para que faça mais sentido, mas não é tão fácil. Para qualquer um de nós.

— Mamãe estava chorando — Beckett diz à irmã —, e você conhece mamãe. Ela diz que só derrama lágrimas por aqueles que ama. Ela realmente se sentiu um merda por não acreditar em você.

— Ótimo — Jane solta.

Beckett continua: — Ela também disse ao papai que eles precisavam cortar seus corações pela traição e presentear cada um para você em uma jarra de vidro.

Jane tenta não sorrir. — Encore mieux. *Melhor ainda.*

Farrow olha para mim. — Seus pais disseram alguma coisa?

— Sim. — Eu concordo. — Só que eles estarão aqui amanhã.

Capítulo 4

Farrow Keene

— *RELATÓRIOS DO CLIMA de nevasca sem visibilidade às zero e nove horas.* — A voz de Thatcher ressoa nas comunicações.

Pego meu fone de ouvido enquanto subo as escadas de madeira para o segundo andar. São quase cinco da manhã depois de uma reunião interminável da Ômega, onde todos nós planejamos a segurança para a turnê. Achei que tinha deixado Thatcher na porra da cozinha.

Agora ele está no meu tímpano. Com o volume alto, ainda o ouço.

— *Fique alerta se estiver dirigindo para a casa do lago.…*

Giro o botão do meu rádio e sua voz é cortada. A segurança concordou em passar a noite na casa principal e não na cabine da segurança a mais de um quilômetro de distância. Há muitos quartos vagos, mas escolho aquele com Maximoff.

Silenciosamente, entro no quarto e espero encontrá-lo dormindo profundamente.

Ele está acordado, encostado na cabeceira de toras. Maximoff digita incansavelmente em seu laptop. Luas crescentes escuras sombreiam seus olhos.

Ele parece exausto, mas ainda está se forçando a ficar acordado.

Franzo a testa e fecho a porta atrás de mim.

— Ei — Ele cumprimenta, sem hesitar. Não olhando para cima. Ele coloca o telefone embaixo da orelha. Ouve uma mensagem de voz ou algo equivalente,

já que ele não fala.

Eu me aproximo da cama e solto meu rádio da cintura. Enrolo o fio do fone e o coloco na mesinha de cabeceira.

— Uma ligação ou notificação te acordou? — Eu pergunto e apoio um joelho na colcha com estampa de urso.

Maximoff abaixa o telefone e volta para o laptop. — Nunca fui dormir. — Ele tenta segurar um bocejo e falha.

— OK, chega. — Eu empurro seu computador, fechando-o. Ele esfrega os olhos e não tenta reabrir o laptop.

Dou um passo para trás, mantendo um olho nele, e encontro uma calça preta com cordão na minha mochila.

Quando abro o zíper da calça, Maximoff se concentra em meus dedos tatuados.

Especialmente quando seguro o botão. *Ele gosta disso.*

Meus lábios se erguem.

Ele desvia o olhar de mim, o pescoço levemente avermelhado, e gira os deltoides tensos, o computador ainda no colo. — Você está acordado há tanto tempo quanto — diz ele.

— Mas não sou eu que pareço um merda.

Maximoff morde para conter um pequeno sorriso, que aguça sua mandíbula.

Eu analiso suas características marcantes de longe, meu sangue quente, e então eu tiro minha calça e coloco a de cordão.

— Nós não somos iguais — Eu o lembro, levantando o elástico na minha cintura. —Estou acostumado a noites de vigília. Às vezes até me excitam. —

Chuto minha mochila para o lado. — Mas claramente, insônia não é o seu forte. Deixe pra lá e apenas durma.

Maximoff passa a mão áspera por seu cabelo castanho-escuro e grosso.

— Se vou ficar fora do escritório por quatro meses, tenho um milhão e uma coisas que preciso cuidar e agendar.

Sua ética de trabalho é admirável e insana. Sento-me na cama. — Planeje amanhã. Não vai a lugar nenhum. E seus pais estão tentando vencer uma nevasca agora mesmo. Eles chegarão mais cedo do que você pensa.

Seus músculos flexionam, preparando-se para aquela tempestade de merda.

Eu coloco seu laptop em uma mesa de cabeceira e me aproximo de Maximoff.

Quando me inclino para trás contra a cabeceira, nossos ombros se encostam. Perto. Nós dois em cima da colcha e sem camisa. Sua cueca boxer cinza carvão se agarra à sua constituição tonificada.

Maximoff arruma seu cabelo bagunçado. Uma tensão sexual de nocaute toma conta de nós dois, seus músculos se flexionam. Minha mandíbula aperta, hálito quente fermentando a trinta e dois graus dentro de mim.

Ele provavelmente quer dar o primeiro passo. Mas eu estendo a mão e massageio seu ombro tenso.

Sua respiração pesada, e nossos olhares duros perfuram um ao outro.

Maximoff se inclina para frente, permitindo que eu desça. Para um cara que não confia facilmente, sua permissão para “ir mais baixo” não tem preço.

Eu quero dar a ele mais.

E mais.

Eu massageio seus músculos, usando todo o meu corpo para massagear mais profundamente.

Eu corro a palma da minha mão ao longo de suas costas.

— Caralho — Ele murmura, piscando repetidamente para manter os olhos bem abertos.

Se ele não estivesse cansado, ele me viraria agora. Eu gosto de como ele geralmente fica faminto, mas há algo extremamente sexy em como ele está tentando lutar contra sua exaustão.

Puxo-o entre minhas pernas para massagear suas costas com as duas mãos. Eu apoio mais meu peso contra ele, e meus polegares massageiam a base de seu pescoço.

Ele engole um gemido de lobo, o barulho quase agarrando meu pau. Eu ranjo os dentes e me movo ligeiramente.

Maximoff olha de volta para mim, seu *me fode*, *me beija* no olhar em pleno efeito de sangue fervendo. Antes mesmo de eu fazer um movimento, ele gira seu corpo para assumir o comando. E puxa minha perna, me puxando para baixo – minha cabeça bate no travesseiro.

Droga.

Meu pulso martela na minha garganta enquanto me deito embaixo dele.

Eu agarro seu pescoço e trago sua boca para a minha. O beijo faminto torna-se profundo e inebriante quando sua língua separa meus lábios. *Porra, Maximoff.*

A maneira como ele usa a boca está me matando.

Ele cai nos cotovelos. Abaixando a pélvis contra a minha, um tecido fino nos separa, mas ele está se esfregando enquanto aprofunda o beijo.

A fricção quente endurece a ele e a mim. As veias pulsam em meu pau, e seu pau pulsa contra o meu. *Caralho*. Um ruído áspero enjaula dentro dos meus pulmões.

Maximoff move a cabeça e me examina em uma onda lenta e trovejante.

Uma que claramente se lê *eu quero te foder*.

Sua voz está mais vazia quando ele diz: — Eu não quero dormir, porra. Ainda não.

Com ele em cima de mim, passo a palma da mão por seu peito duro e pelos vales de seu abdômen. Nossos lábios ardentes roçando, eu sussurro fortemente: — Você quer me foder?

Sua boca esmaga contra a minha boca, e seus quadris empurram contra a minha cintura antes que ele cresça mais contra a minha coxa. Porra, eu *adoro* sentir um cara endurecer.

Nossas pernas musculosas se entrelaçam; meu tornozelo esfrega sua panturrilha e eu agarro seu cabelo com uma mão, nossas línguas lutando. Eu poderia virá-lo de costas, mas, em vez disso, minha outra mão vai até o cós de sua cueca boxer.

Mergulhando sob ela, seguro sua bunda nua perfeita.

Ele resmunga uma maldição contra a minha boca.

Com a voz rouca, eu pergunto: — Você gostou disso?

Seu olhar se estreita em desejo.

Eu testo algo e aproximo meus dedos – ele fica tenso. Seriamente. O suficiente para que eu puxe minha mão de volta para seu ombro, e ele fica rígido e recupera o fôlego.

Eu tenho que perguntar. — Você ainda quer tentar ficar por baixo?

Maximoff ergue um pouco mais o corpo de cima de mim. A palma da mão na colcha ao lado do meu ombro. Seus olhos traçam a tatuagem de um pirata de caveira na minha caixa torácica.

— Sim — diz ele com uma respiração pesada. — Sim, mas continuo pensando no ônibus da turnê e como isso vai funcionar.

— Nós vamos descobrir — digo, confiante sobre isso.

Ele espera que eu acrescente mais alguma coisa. Uma estratégia ou um plano. Maximoff gosta de ter tudo planejado, e basicamente estou dizendo, *apenas confie em mim com o que temos em nossas costas.*

Ele faz uma careta. — Então, descobriremos isso em um milhão de anos-luz.

Reviro os olhos em uma risada curta. — Eu quis dizer que vamos descobrir isso no momento, não quando nós dois estivermos enterrados a dois metros de profundidade.

Seu telefone toca e vibra em algum lugar na cama. Ele se senta. — Eu poderia ser imortal.

Eu me sento também. — Você definitivamente não é humilde. — Eu acho o telefone dele embaixo do travesseiro e jogo para ele. — Aqui está, lindo.

Maximoff pega seu celular e parece completamente irritado comigo. Trabalho bem feito.

— Obrigado — diz ele. —Agora sou eternamente estéril.

— Não é assim que funciona — digo. — Parece que você precisa de biologia elementar. — Suas próximas palavras são distorcidas em um longo bocejo. — E dormir — Acrescento enquanto ele aperta os olhos cansados – ele abaixa a mão, carrancudo. Seus olhos verdes como folhas voam para minha

protuberância dura como pedra, depois para a sua.

— Eu posso te dizer quem é o maior. E não é você.

Ele se esforça para não abrir um sorriso. — Engraçado.

— Não foi uma piada.

Ele olha. — Agora eu estou mole pra caralho. Obrigado.

Eu inclino minha cabeça. — Eu realmente preciso apontar a mentira aqui?

Ele me ignora puxando a colcha sobre nossas pernas. Em seguida, ele desbloqueia o telefone. — Provavelmente é Dari. — *Sua assistente.* — Eu mandei um e-mail para ela sobre a turnê. — Uma carranca surge em seu rosto. — Perdi uma ligação. Talvez uma discagem de bunda, já que não tocou tantas vezes... e uma mensagem da mesma pessoa. — Ele se endireita.

Descanso o cotovelo no joelho dobrado. — Não é Dari — Eu suponho. Ele pisca seu celular, um texto na tela.

Dr. Keene: *Podemos conversar quando tiver tempo?*

Porra do inferno. Meu pai está mandando uma mensagem para ele. Sobre um assunto não relacionado à saúde dele.

Alguém entre os Hales, Cobalts ou Meadows deve ter contado ao meu pai que estou namorando Maximoff. Faz mais sentido.

E em vez de entrar em contato comigo, seu filho, ele está entrando em contato com Maximoff. Sinto a tensão entre mim e meu pai o tempo todo, mas parece aumentar ainda mais.

Maximoff estala uma junta. — O que você quer que eu faça?

— Eu não me importo. — Prefiro que ele apenas se deite e tente dormir do

que lidar com essa merda.

— Você se importa, porra — Ele rebate —, ou então você não pareceria pronto a esmurrar um saco de pancadas agora.

— Se isso fosse verdade, então significaria que meu pai me irrita. — Estou prestes a balançar minhas pernas para fora da cama. — E quando se trata dele, não sinto nada.

Maximoff pega meu bíceps antes que eu me afaste. — Você realmente não sente nada?

— É irritante que ele mande mensagens para você e não para mim, mas é isso. Eu não comecei a guerra fria. Foi ele. — Meu pai quer que eu me junte ao legado da família e seja um médico. Eu tenho a faculdade, mas nunca vou terminar minha residência. Só não é o que eu quero, e ele não aceita.

Maximoff assente. — Eu ligo para ele mais tarde.

Eu tento deslizar para fora da cama novamente.

Maximoff me puxa para trás pela segunda vez. — Aonde diabos você vai? — Ele pergunta.

Meu lábio se curva. Ele realmente não quer que eu o deixe, e eu luto olhar para qualquer outro lugar, menos para ele. *Consumido*. — Precisa da minha mão?

— Não — diz ele com firmeza. — Eu só quero você.

Isso me atinge com força. Eu quase rastejo de volta. *Faça a porra do seu trabalho, Farrow.* Eu ranjo os dentes e digo a ele: — Preciso pegar meu telefone. Não verifiquei ameaças das redes sociais hoje à noite.

A equipe técnica de segurança passa mais tempo fazendo essa merda tediosa para nós. Mas os guarda-costas pessoais ainda devem “manter-se

atualizados” e “cientes” do discurso sobre nosso cliente nas redes sociais.

Com as consequências da mídia, é mais importante para mim avaliar o clima ao redor de Maximoff.

— Você pode fazer isso no meu telefone — Ele me diz, entregando-me seu celular.

Confiando em mim com isso.

Posso imaginar a inveja de garotas e garotos em todos os lugares. E ele me escolheu.

Ele me ama.

Droga.

Meu peito incha por um segundo.

Maximoff se deita, soca um travesseiro e coloca a cabeça baixa. Ele boceja. — Eu acho que vou... — Ele boceja novamente.

Ele vai desmaiar. A exaustão começa a fechar os olhos.

Ótimo.

Ele precisa disso.

Eu dormi na mesma cama com ele o suficiente para saber que ele normalmente não é de abraços até algumas horas depois de dormir. É um fato particular e pessoal que os tabloides desejam e reimprimem centenas de vezes.

E é tudo meu por segurança.

Eu empilho alguns travesseiros e recosto. Não vou clicar em suas mensagens. Privacidade já é difícil para ele, e eu nunca fui um filho da puta intrometido.

Eu baixo um programa no telefone dele. Ele filtra certas palavras em todas as mídias sociais e eu seleciono um intervalo de tempo. Basicamente desde a

última vez que fiz isso ontem até agora. Em seguida, digito variações de frases que preciso pesquisar, como:

Matar Maximoff Hale

Morte a Moffy

Assassinar o filho de Lily e Lo.

Os resultados aparecem, 99% apenas besteiras hiperbólicas ou gírias. Eu rolo e rolo por duas horas. Tempo suficiente para Maximoff virar de lado para mim e nossas pernas se entrelaçarem.

Ele descansa a cabeça no meu ombro, o braço sobre meu abdômen.

Um pequeno sorriso surge na minha boca, e eu esfrego suas costas antes de segurá-lo contra mim.

Com a outra mão, eu ainda rolo. Eu tenho que chegar ao final da lista. Quase terminado, passo o dedo sobre um resultado de pesquisa: @maximoffmortohale

Nomes de usuário como esse são raros. Clico em @maximoffmortohale para encontrar a origem. Uma conta do *Instagram*: 3 posts, 0 seguindo, 1 seguidor.

Fico imóvel e meu olhar se concentra na foto mais antiga.

Postada há 8 horas, o usuário fez *Photoshop* de Maximoff lendo uma história em quadrinhos no Superheroes & Scones em uma cena de morte sangrenta. Olhos cruzados, as espadas empalam o peito de Maximoff e o sangue jorra. Nos comentários, o usuário postou apenas uma coisa: #MereceMorrer

Filho da puta. Eu cerro os dentes, minhas narinas se alargam. A aversão corre para o fundo da minha garganta. Abro uma segunda foto, postada 7 horas

atrás.

Uma foto alterada de Maximoff em seu *Audi*. Onde ele está meio fora do para-brisa.

Sangue encharcando o vidro. Meu estômago revira. Engulo uma pedra e me lembro de ver esse relato horrível como seu guarda-costas.

Não o namorado dele.

Agora, eu tenho que separar os dois. A descrição do meu trabalho diz: *examine as mortes visuais de seu cliente com pensamento racional e cuidado*. Mas estou examinando as mortes visuais do cara que amo. Posso também dar um tapa na minha cara com um ferro quente. Doloroso – e isso está me irritando.

Ranjo os dentes algumas vezes.

Seja seu guarda-costas. Não posso atacar na seção de comentários de um usuário anônimo da internet. Não posso ser excessivamente sensível a filhos da puta idiotas.

Eu sou o escudo que protege Maximoff Hale, e nunca vou quebrar e deixá-lo indefeso.

Veja, eu tenho que praticar muita contenção. Especialmente agora. Examino a foto mais de perto. *Ameaça real ou falsa?*

Pode ser uma conta de troll. Ainda não tenho informações suficientes.

Terceira e mais recente foto, postada há 5 horas, mostra Maximoff fora da boate Tidal Wave. E ele está *decapitado*.

Porra.

Meu peito se contrai, e Maximoff move sua mandíbula mais na curva do meu pescoço e ombro. Ele só fica vulnerável assim comigo e, geralmente, acontece quando estamos sozinhos. Merda, eu só quero protegê-lo.

Permanecendo imóvel, tento o meu melhor para não acordar Maximoff.

E me forço a analisar a terceira foto. Procurando por qualquer coisa para ajudar a determinar se é uma ameaça real ou falsa.

Parece falsa. Mas minha frequência cardíaca aumenta. Porque reconheço que não está 100% confirmado. Com a menor chance, alguém pode realmente querer que Maximoff Hale morra.

O suficiente para que isso aconteça.

— Farrow? — Maximoff levanta a cabeça, grogue.

— Volte a dormir — Sussurro e clico na tela do telefone para escurecer.

Ele aperta os olhos e esfrega-os com força. — Todo o seu corpo está rígido… — Seu olhar pousa no telefone com tela preta e ele se prepara como um soldado para o combate. Imediatamente sentado, alerta e acordado.

— Maximoff…

Ele rouba o telefone da minha mão. Basicamente, eu o deixei fazer isso. Não estou aqui para cultivar segredos e mentiras entre nós. Eu gostaria que ele não visse essa conta? Sim. Vou voluntariamente mantê-lo no escuro? Nunca.

Maximoff desliza a tela de bloqueio e a conta do *Instagram* @maximoffmortohale já está aberta. Quase instantaneamente, sua cabeça se vira para mim. — É a porra de uma conta de troll. — Ele joga o telefone no meu colo. — Não é grande coisa.

Eu inclino minha cabeça, observando-o socar o travesseiro novamente para se deitar. — Você acabou de ver representações visuais de sua morte, criadas por alguém, e você se sente bem?

Ele boceja em seu bíceps e, em seguida, me encara. — Eu recebo ameaças de morte todas as malditas semanas. Elas nunca foram sérias.

— Alguém se deu ao trabalho de fazer *Photoshop* em sua cabeça, e isso não parece sério? — Eu honestamente me pergunto se ele ouve a si mesmo.

Quando eu era o guarda-costas da mãe dele, via muitos gráficos fodidos.

Como gráficos de pizza estimando mal os parceiros sexuais de Lily, sua cabeça manipulada em coelhos, 'vagabunda' digitada centenas de vezes em seu rosto – mas não ela sendo assassinada.

Assim não.

Maximoff passa a mão pelo cabelo desgrenhado. — Parece um domingo normal num sábado para mim.

Eu assinto algumas vezes. — Pelo menos agora sabemos que você está insensível à sua própria morte.

Maximoff esfrega o queixo. — Talvez eu esteja, mas você não precisa se preocupar com contas de trolls e minha morte plausível sem dormir a qualquer hora da manhã.

— É o meu trabalho — Eu o lembro. Eu lido com isso para que ele não precise. — Estou sinalizando essa porra de conta para ser deletada. — E será o fim disso. Meu instinto diz o contrário, mas deixo para lá por enquanto.

Assim que denuncio a conta, uma batida agressiva soa na porta.

Maximoff desliza para fora da cama exatamente ao mesmo tempo que eu. A batida praticamente o eletrocutou em ação. Trocamos um olhar que diz *estou atendendo a porta. Fique atrás*.

Ele é muito teimoso para ouvir, e eu adoro muito vê-lo tentando alcançar para deixá-lo ir em frente.

Corremos para a porta e para ser os primeiros. Eu já estou na frente. — Eu pensei que você planejava dormir — digo, prestes a agarrar a maçaneta.

Seu braço bate no meu, mas eu aperto a maçaneta primeiro, o sorriso se alargando. Maximoff mal dá um passo para trás, apertando seu corpo contra o meu.

— Pensei ter dito a você que abro minhas próprias portas.

— Número 52 na sua lista de regras. Eu lembro. — Eu abaixo minha voz para um sussurro. — Eu me lembro de tudo... mas veja, esta é a *nossa* porta.

Seus olhos verdes caem na minha boca e meu piercing no lábio. Ele também lança um olhar indiferente. — Tenho certeza de que para *minhas* coisas se tornarem *suas* coisas, precisaríamos de um acordo legal vinculativo.

Choque aumenta minhas sobrancelhas. — Casamento?

— *Não* — Ele diz definitivamente, encerrando o assunto.

Reviro os olhos. Sei que ele está exagerando, mas está mais na defensiva do que o normal. — Tecnicamente, você não é o dono da casa do lago — digo a ele. — Então, nem é a sua porta.

Maximoff geme e lança um olhar penetrante para o teto. — Essa olhada foi para mim ou para as luminárias?

— Às luzes — diz ele. — Isto é para você. — Ele me mostra o dedo do meio.

Eu dou uma risada curta, e assim que ele tenta alcançar a maçaneta, eu a viro e abro a porta.

Oscar Oliveira está do outro lado, cabelo castanho cacheado e úmido como se tivesse acabado de tomar banho. Ele segura um *bagel* de *cream cheese* perto da boca.

Braços cruzados, olhos estreitados, Maximoff parece pronto para ir ao inferno e voltar. Sua determinação é sexy pra caralho.

Digo ao Oscar: — Não me inscrevi para o Alarme de Oscar Oliveira.

Eu me apoio no batente da porta.

Os olhos de Oscar se desviam de mim para Maximoff, que está rígido a apenas um pé de distância, em cueca boxer. Seus músculos são dignos de primeira página, sua linha em V definida desaparecendo sob a cintura. Seus lábios estão um pouco avermelhados de antes, e seu cabelo geralmente penteado está selvagem e despenteado.

O meu não está muito diferente. Eu aliso meu cabelo para trás com as duas mãos.

Oscar fixa o olhar em mim, sem conseguir conter um sorriso. — Tô começando a gostar. Vocês dois... juntos. — Ele morde seu *bagel*. — Embora eu não soubesse que você gostava deles mais novinhos, Redford...

— Você não sabe muitas coisas, Oliveira — Eu o interrompo —, ainda assim, a gente tenta não usar isso contra você.

Ele ri em outra mordida.

Maximoff permanece firme, assumindo autoridade como se estivesse comandando uma sala de reuniões. — Eu não sou novinho ou ingênuo — Ele diz, seu tom firme instantaneamente acalmando Oscar. — E se você está aqui apenas para atirar alguma merda, diga logo. Porque eu poderia estar dormindo.

OK, isso foi sexy.

Oscar limpa o *cream cheese* do canto da boca com o polegar. — Estou aqui por cortesia.

— O que você quer dizer? — Eu pergunto.

Oscar lambe o polegar, mas sua expressão é mais séria. — Lily e Lo acabaram de chegar. — Ele olha para Maximoff. — Seus pais disseram que

esperariam até você acordar para conversar, mas achei que você gostaria de um aviso extra.

— Obrigado — diz ele, pegando sua calça jeans do chão.

— Sem problemas. — Oscar faz uma careta para mim. — Os pais do namorado já estão putos com você, Redford. Não invejo sua posição.

Eu diria que *os pais me amam*, mas não sou mentiroso ou puxa-saco. E estou dolorosamente certo de que caí na lista de merda permanente de Loren Hale.

Capítulo 5

Maximoff Hale

O QUE QUER que eu planeje dizer, o que quer que eu tenha pensado que sentiria, tudo simplesmente desaparece quando vejo meu pai. Ele anda da lareira da sala até a janela. Para. Suas mãos fechadas em punho. Ele olha para a cozinha.

Olhando. E *ansiando* por algo.

Não alguém.

Eu já vi esse desejo antes. Um olhar que grita: *apenas um gole.*

Desde que estou vivo, ele nunca alimentou aquele demônio. Nunca bebeu álcool.

Nunca quebrou a sobriedade.

Mas ele está procurando novamente.

Eu estou no balcão do segundo andar que dá para ver a sala de estar com tetos abobadados e janelas arranha-céus. A luz do sol penetra nos móveis de couro e nos pisos de madeira e, do lado de fora, a neve cai forte na manhã fria.

Não posso deixar de pensar em *tudo* o que descarreguei sobre ele no Charity Camp-Away, o acampamento de caridade. Quando ele não acreditou em mim sobre o boato, eu gritei com ele de uma forma que nunca faço. Mostrei minha decepção. Eu dei gelo nele.

As feridas ainda estão abertas. Corte fresco. E se eu forçasse a barra? E se eu o machucasse tão profundamente que ele quisesse se entorpecer com

whiskey?

Meu peito está pegando fogo.

Eu agarro meu telefone com força e seguro a barra ao ver um robusto e taciturno Ryke Meadows. O meio-irmão do meu pai, um ano mais velho.

Qualquer raiva que eu tivesse com a reação de Ryke em relação ao meu namorado, agora está em segundo plano. Fico feliz que meu tio esteja aqui caso meu pai precise dele.

Connor Cobalt passa com confiança pelo sofá de couro para alcançar meu pai e Ryke.

Achei que meus tios não se juntariam a meus pais na casa do lago, mas quando eles colocam a mão no ombro de meu pai e falam de forma dura, mas calma, percebo que estão aqui para ajudá-lo.

Eles são o suporte dele. E meu pai não está bem.

— Moffy — diz Connor e inclina seu corpo em direção ao balcão. Todos os olhos deles encontram os meus.

Encontrado.

Meu pai esfrega a nuca. Suas maçãs do rosto tão afiadas quanto gelo e sobrancelhas franzidas em uma multidão de emoções emaranhadas. — Podemos conversar? — Ele pergunta.

Eu concordo. — Sim.

Todos concordamos em fazer uma curta caminhada até a cabana do ofurô. Aparentemente, a nevasca está se movendo para o leste, então só temos que lidar com doze centímetros de neve, para começar.

Depois de vestir o equipamento de inverno, nós quatro subimos uma cordilheira nevada. Ziguezagueando através de árvores de bordo esqueléticas.

Ryke e eu ganhamos uma boa distância de meu pai e Connor. Ambos fora do alcance da voz.

Então eu pergunto a ele: — Ele teve uma recaída? — Eu deveria ter mantido meu telefone ligado. Eu deveria ter falado com meu pai. Deveria ter ligado para ele e não agido como um maldito mimado.

— Não — Ryke diz, nossos olhares fixos por um doloroso segundo.

— Ele quase fez isso — Deduzo, minha respiração fumando o ar. A culpa esmaga minhas costelas.

— Não é sua maldita culpa — Ele me diz. — Seu pai nunca colocaria isso em você. — Eu sinto seu olhar estreitado, mas eu apenas encaro diretamente à frente.

Eu lambo meus lábios rachados. — Fico pensando no que aconteceria se eu acidentalmente quebrasse meu pai. Fico pensando em como isso vai acabar com minha mãe, minhas irmãs... Deus, Xander...

— Pare. — Ryke agarra meu braço. E ele fala para literalmente parar. Abetos flanqueiam uma cabana de toras, visível no ponto alto do cume. A cabana abriga uma banheira de hidromassagem para oito pessoas.

Meu pai e Connor chegam ao nosso ponto na trilha.

— Tudo certo? — Connor nos pergunta.

— Vão em frente. — Ryke aponta para a cabana. — Nós vamos alcançá-los em um maldito segundo.

Não consigo nem olhar para meu pai, mas sinto que eles concordam com a cabeça.

Quando eles saem, Ryke me encara.

Puxo o capuz da minha jaqueta verde *Patagonia*. Ele usa um estilo

semelhante, mas um tom mais escuro de verde. Agora, eu não dou a mínima. A mídia não está por perto para escrever artigos sobre nossas semelhanças, mas mesmo que estivessem, não me importo mais. Comparado com o que mais estou enfrentando, é insignificante.

Eu não me importo se você sabe o quanto eu o amo.

O quanto ele significa para mim.

O quanto ele me influenciou e moldou.

Eu sou quem eu sou, e não vou mudar. Eu não posso mudar por ninguém.

Nem mesmo pelo meu próprio pai.

— Olha — Ryke diz —, você tem que ser honesto com ele, mesmo que o machuque.

— Não…

— Moffy. — Ryke agarra meus ombros até que eu o encaro nos olhos. — Você não pode ter medo de machucá-lo. Isso vai acontecer, porra.

Já aconteceu.

Estou rígido e gelado. — Você sabe o que eu penso? — Eu respiro fundo, meu olhar endurecendo. — Acho que os Hales são uma fileira de dominós e, quando minha mãe ou meu pai cai, meus irmãos tombam com eles.

Ryke não refuta.

Eu assinto algumas vezes. — E eu já os empurrei. Eu *nunca* vou fazer isso de novo.

— Essa é a porra da sua escolha, mas estou lhe dizendo que vou manter o seu pai e sua mãe em pé. Se você precisa ficar chateado...

— Não vou. — Eu traço um plano. Serei honesto com meu pai, mas não com raiva ou excessivamente emocional. Eu não estou vindo para ele com armas

em punho.

Ryke solta meus ombros. — Eles podem lidar com muita coisa.

— Mas você sabe que ainda tenho o poder de atingi-los onde dói mais. E eles terão uma recaída.

Ryke tira a neve de seu cabelo escuro. — Mas aí é que está, Mof. Você nunca vai atingir esse lugar.

— Como você sabe?

— Porque você é a coisa mais distante de insensível e vingativa. — Ele aponta com a cabeça para a cabana. — Meu irmão criou um bom homem.

Eu inspiro mais forte, e em uma batida silenciosa, muito não é dito em nossos olhos. Menos sobre meus pais. Mais sobre ele e eu. E sua agressão contra mim, namorando um guarda-costas.

— Mais tarde? — Ryke pergunta.

— Sim. — Uma coisa de cada vez.

Nós nos juntamos a Connor e meu pai no ofurô. O vapor sobe da água e meus tios decidem dar um passeio e fazer alguns telefonemas.

Deixando meu pai e eu sozinhos.

Sem falar muito, mudamos para os trajes de banho e, em seguida, mergulhamos rapidamente na água quente e calmante. A neve tremula no horizonte e observo o bolo de pó branco nas encostas das montanhas e o lago congelado.

Ouço um barulho e viro a cabeça.

Na minha frente, meu pai ajeita o cabelo para trás com as mãos molhadas.

Quando ele tinha vinte e poucos anos, ele foi modelo por um único dia e depois desistiu. Mas ele provavelmente ainda poderia modelar se quisesse.

Por que diabos estou me agarrando a isso – dentre todas as coisas – eu tento não analisar demais. *Viva, eu.*

— Eu estava errado — diz ele. — Essa é a primeira coisa que você precisa saber.

Eu já sabia disso. Minhas palavras não estão nem perto de vir à tona. Eu apenas olho para o homem que significa mais para mim na minha vida. Eu balanço entre a preocupação e a dor. Tenho medo de dizer a coisa errada, mas ando nessa dor turva da nossa explosão.

Meu pai esfrega a nuca novamente. — No seu evento de caridade, eu cometi um erro. — Seus olhos cor de âmbar se erguem para os meus verde-floresta.

Eu embalo todas as minhas palavras antes de soltá-las. Falo com dez bilhões de vezes menos emoção do que realmente sinto. — Este não é um erro normal, pai. — Eu descanso meu braço na borda da banheira. — Isso não é esquecer de assinar um comprovante de viagem de campo ou perder um aniversário. Você ficou do lado... — Faço uma pausa para evitar um palavrão. — Você ficou do lado da mídia em vez do meu.

Suas sobrancelhas se contraem. — Eu não fiquei do lado de ninguém. Eu não sabia no que acreditar.

Meus músculos queimam. *Não fique com raiva. Não fique com a porra da raiva. Ouça-o.*

Eu seguro seu olhar. — Mas você não consegue acreditar em mim.

Estou começando a me perguntar se ele me trouxe para a banheira de hidromassagem porque seria duas vezes mais difícil para qualquer um de nós simplesmente ir embora.

Meu pai semicerra os olhos quando o sol brilha. — O que você lembra sobre seu avô? — *O pai dele*. Ele morreu de insuficiência hepática quando eu era criança.

A maioria das minhas memórias é boa. Ele sempre me comprava um brinquedo novo quando o via e tentava me dar lições de vida*: ouça seus pais* e *seja grato*.

Mas também sabia que meu pai nunca me deixaria sozinho com ele.

— Lembro que ele tinha uma voz alta e distinta. Bastante forte, mas nunca tive medo dele. — Meus ombros enrijecem. — Acho que ele era legal comigo.

Eu conheço a história. Sei que meu avô abusou verbalmente de meu pai.

Uma rápida pesquisa no *Google* diz isso, e eu vi alguns clipes de *Somos Calloway*, onde meu pai e Ryke falam sobre o pai deles.

— Legal... — Meu pai pondera sobre essa palavra, e então ele balança a cabeça. —Ele não era tão legal. Eu ainda o amava, mas ele era um pai terrível. Apenas... malditamente horrível. E demorei *anos* para aceitar isso.

Ele inclina o pescoço para trás, olhando para as vigas de madeira da cabana enquanto diz: — Viver com alguém que te derruba todos os malditos dias é como viver com um monstro constante. Você começa a acreditar nas palavras dele. Que você é um merda. *Você* é o problema. Até que você simplesmente... se torna um.

Ele inclina a cabeça para mim, força em seus olhos âmbar.

— Por muito tempo — Continua ele —, eu pensei que era tão horrível quanto meu pai. Algumas partes de mim eram. E eu acreditava que essas partes fariam de mim um pai igualmente terrível... é por isso que eu *nunca* quis filhos.

— Eu não sabia disso.

Eu esfrego meus lábios, a mão quente da água. — O que mudou?

— Você — diz ele. — Você não foi planejado. Como você sabe.

— Sim. — A mídia adora divulgar esse fato engraçado sobre a gravidez surpresa e meu nascimento subsequente. Não é grande coisa para mim.

Meu pai olha para a montanha coberta de neve. — Quando Lily disse que estava grávida, eu disse a mim mesmo que se eu estragasse tudo, eu arruinaria tudo de bom e puro na minha vida. Fiz uma promessa de ficar sóbrio. Para fazer melhor. Eu me apeguei a algo que me fez sentir como se pudesse.

Hesito em perguntar: — O quê?

— Eu esperava uma menina.

Mantenho firme minha emoção. Qual é a sensação que eu sinto? Não sei. Não deixo sair, mas se acumula dentro de mim como um bloco de cimento.

— Eu tinha medo de criar um menino — Explica ele. — Tive medo de descobrir, décadas depois, que criei alguém igual a mim. — Ele solta uma risada seca. — Não sei por que pensei que conseguiria o que queria. Eu era uma pessoa tão ruim naquela época; eu não merecia nenhum tipo de atalho ou saída fácil.

Eu encaro a água e me forço a não defender seu caráter. Eu não conhecia meu pai quando ele tinha vinte e poucos anos, e preciso parar de proteger alguém que se foi. Meu pai não é mais aquele cara, e ele sabe disso também.

— Talvez três meses depois do seu nascimento — Ele me diz —, comecei a acreditar que poderia ser um pai meio decente. Mas esse medo nunca foi embora. Ainda está lá. Tenho medo de que você cometa os mesmos erros que eu. Os mesmos erros do meu pai.

É aqui que divergimos.

— Você me conhece — Refuto. — Você sabe que eu *nunca*...

— Você não mora na minha casa há quatro anos, Moffy — Ele interrompe com palavras rápidas. Olhos nos meus novamente. A intensidade de sua voz que me silencia. — Nós conversamos, mas você não está por perto o tempo todo. Tenho me preocupado mais com Luna, Xander e Kinney. E eu sei quem você é. Você é gentil e compassivo, e estou tão *orgulhoso* do homem que você se tornou.

Meus olhos queimam. Eu sei que há um *mas* vindo.

— Mas eu pensei que em algum momento desses quatro anos você poderia ter se tornado alguém diferente, e eu perdi algo. Pessoas mudam. — Ele gesticula para mim. — Você pode mudar.

Eu balanço minha cabeça. — Eu não sinto que posso.

Meu pai parece querer estender a mão, mas seu rosto se contorce enquanto ele se mantém calado. Ele balança a cabeça uma vez. — Você é teimoso como Ryke. Ele também pensava assim, mas não é o mesmo que era aos vinte e dois anos. Você tem *anos* para crescer e ser alguém diferente. Alguém de quem você gosta mais ou menos, e isso é assustador. Eu sei que é. Porque aos vinte e dois anos, eu estava me cagando pensando nisso.

Eu não pisco enquanto percebo.

— Eu sei que você é muito parecido com meu irmão. Mas você ainda é meu filho. Você tem todas as melhores partes de Lily – graças a Deus por isso. Mas há uma chance de você ter as piores partes de mim.

Eu abro minha boca, mas tudo que eu diria para apaziguá-lo seria uma mentira.

— Você também sabe — Ele diz. — Se você não achasse que havia uma chance, não seria tão cuidadoso com o álcool.

Um calafrio pinica minha pele exposta, talvez pelo clima ou por suas palavras.

Eu deixo cair meus ombros sob a água quente e ouço atentamente enquanto ele continua.

— O problema do vício é que ele muda você — Ele me diz. — Você não se importa com as pessoas que ama. Toda compaixão e bondade se dissolvem diante de seus próprios desejos e *necessidades.* — Ele estende um braço no ar gelado para apontar para onde Ryke desapareceu. — Eu era aquela pessoa mentindo para o meu irmão. Para a minha família. Para sua mãe, uma mulher que tem metade da minha *alma*. Isso é o quão ruim fica. E quando confrontamos você no acampamento de verão, tudo o que pude ver foi a mim mesmo.

Meu estômago dá um nó.

— Eu gostaria de ter lidado com isso de forma diferente — diz ele. — Em retrospecto, eu deveria ter lhe dado mais tempo para falar, mas se eu nunca tivesse questionado você, eu teria me odiado todos os dias. Porque fui criado por um pai que não dava a mínima para onde eu estava. E sua mãe foi criada por pais que não poderiam se importar menos com ela.

Ele se senta para a frente. Perto de mim. — No momento em que segurei você em meus braços, jurei sempre me importar. No meu mundo, isso significa questionar você quando sinto que algo está errado. Mesmo se eu acabar sendo o idiota no final.

Eu fico completamente imóvel.

Meu pai sempre foi sincero comigo, mas isso é diferente. Como ele está falando – parece que está alcançando um lugar que raramente toca e está se abrindo.

Ele é falível. Imperfeito. Ele me diz isso desde que eu era pequeno, mas meu pai sempre foi um super-herói aos meus olhos. Ele é tão humano. Isso dói.

— Eu e sua mãe, seus tios e tias – em quase todas as circunstâncias, não confiaríamos na mídia acima da sua palavra. Mas as informações da segurança sobre seus ANDs e a ‘garota misteriosa’ que não aprovaríamos – alinhadas com a mídia. Algo não estava encaixando. Achamos que poderia ser qualquer coisa, não apenas o boato. Você poderia ter bebido ou... — Ele respira fundo.

Eu estava mentindo sobre Farrow.

Eu assumo a culpa por isso.

— Interrogando uns aos outros — Ele me diz — é como lidamos com mentiras. Seus tios e tias fizeram isso comigo, e eu fiz isso com eles. — Ele faz uma pausa. — Estávamos todos preocupados que você e Jane estivessem com problemas... e eu só precisava... — Ele vira a cabeça, mas vejo seu rosto dolorido. — Eu sinto muito.

— Está tudo bem. — Um nó se aloja em minha garganta e uma pergunta me atormenta. Pergunto com o máximo de cuidado possível: — O que seu pai teria feito se estivesse no seu lugar?

Ele abaixa a cabeça.

— Você não precisa responder...

— Eu posso. Facilmente. — Sua mandíbula fica afiada. — O manual de controle de danos de Jonathan Hale. Primeiro, ele tira seu fundo fiduciário. Em seguida, ele realiza uma reunião em que lista todos os passos que você deve seguir para reconstruir sua imagem. Principalmente por causa das empresas familiares. O fundo fiduciário é uma garantia.

— Caralho.

— Ainda não acabou — Meu pai diz. — Você está quebrado agora. Isto é, até que você conclua as etapas necessárias. Uma delas, você vai se casar. No prazo dele. E definitivamente *não* com seu guarda-costas. Mas pelo menos no manual de Jonathan, ele fala com você cara a cara. Se pegar o manual dos Calloway, os pais de Lily, eles simplesmente mandam os advogados cuidarem de vocês.

Eu olho assombrado. — Algo assim aconteceu com você e mamãe?

Seu rosto diz que *sim*. — Eu te amo mais do que você imagina, e espero que um dia você possa ver que nossas reações no acampamento foram de medo e amor. Nada mais.

Estou começando a ver agora.

Antes, eu não conseguia compreender por que e como meus pais podiam duvidar de mim, mas ele apenas me deu o ponto de vista deles. Eu queria lealdade automática, mas meu pai se importava o suficiente para me questionar. Todos eles se importavam pra caralho.

Eles arriscaram estar errados e lidar com as consequências porque se eles estivessem certos e não fizessem nada... Eu poderia estar me afogando em álcool. Eu poderia me machucar e me debater sozinho. Eu poderia estar gritando silenciosamente por apoio e ninguém estar lá para atender a chamada.

Então, eu entendo.

Eu gostaria que o dia do juízo final pudesse ter sido totalmente evitado, mas se tivesse que acontecer, pelo menos tenho pais que me amam o suficiente para estarem lá para mim.

Eu assinto rigidamente. — Sobre Hale Co... — Não falamos sobre a empresa de produtos para bebês de um bilhão de dólares, construída por meu

bisavô. O boato sobre mim e Jane não ajuda exatamente a vender mamadeiras e fraldas.

As ações da Hale Co. caíram e tenho certeza de que tornou o trabalho de meu pai como CEO ainda mais difícil.

Ele franze a testa. — Você acha que eu me importo com a empresa? Você poderia acabar com meu negócio, amigo, e enquanto você estiver respirando, vivo e feliz, eu não me importaria.

Eu assinto novamente. Pensando em tudo o que ele disse. O *perdão* não é tão difícil para mim – talvez até seja muito fácil – mas quando me deparo com o amor ou com um rancor sem sentido, vou aceitar o amor.

Assim que encontro as palavras, digo a ele: — Não trocaria você por nenhum outro pai. Sem palhaçada. — Acho que ele vai pensar que estou pisando em ovos perto dele porque ele está em uma situação ruim. Eu meio que estou, mas ainda falo sério.

Ele geralmente tem uma resposta para tudo, mas faz uma careta, pensativo. Talvez ele perceba que o estou elogiando demais.

Eu corro minha mão no jato da banheira quente. — Como está a mamãe? — Ainda me arrependo de ter brigado com minha mãe no acampamento. Nunca gritei com ela antes, e pode parecer uma comparação estúpida, mas sinto que a chutei.

— Ela está triste — diz meu pai —, mas já a vi mais triste.

Excelente.

Ele me dá esse olhar estranho que vem se formando há algum tempo. Como se eu flutuasse no espaço sideral no meio da nossa conversa.

— O quê?

— Você está preocupado conosco, e nós somos as pessoas que te machucaram. Jesus Cristo, é estranho.

— Vocês são meus pais...

— E nós fodemos com tudo. — Ele estremece e então mostra seu icônico meio-sorriso. — Onde está a condenação e a birra e o *eu te odeio tanto, mamãe e papai*, hein?

Ele queria que eu lutasse e o derrubasse pelo menos uma vez.

Na verdade, acho que há uma parte dele que sentiu que merecia – e foda-se.

— Acho que prefiro te amar a te odiar. Desculpe — digo com um tom que combina com o dele.

Seu rosto se contrai. — Quando foi a última vez que você chorou?

Quase balanço a cabeça. — Por que está perguntando isso?

— *Preocupação*. Eu disse que está tudo bem chorar enquanto cresce, não disse?

— Sim, você disse. O tempo todo.

Ele diria: *você pode chorar, amigão*. Mas eu devia ter treze anos a última vez que chorei de verdade. Alguém ficava enfiando notas no meu armário, como: *sua mãe chupa muito pau*, com rabiscos de pênis. Lá estava eu, chorando em meu travesseiro, e meu irmãozinho bateu na porta do meu quarto. Querendo que eu lesse um livro de fantasia para ele.

Ele era super jovem, e eu me lembro de esfregar meu rosto até todas as lágrimas secaram. Eu não queria que Xander tivesse medo de valentões. Eu percebi então, se eu mostrasse a meus primos e irmãos que não poderia lidar com o mundo – crianças pequenas que me viam como um modelo, seu líder –,

eles nunca acreditariam que poderiam.

— Eu tinha treze anos — digo ao meu pai. — Simplesmente não houve muito o que chorar desde então.

Galhos farfalham em meu periférico. Eu estico minha cabeça sobre meu ombro.

Duas figuras se escondem mal atrás de bordos sem folhas. Apenas cerca de seis metros de distância. 85% de chance de espionagem.

Meu pai fica boquiaberto, fingindo surpresa. — Cristo Todo-Poderoso, eu me pergunto quem poderia ser.

Connor e Ryke surgem e se encaram, evitando a culpa por terem sido descobertos.

Meu pai toca seu coração. — Eu não fazia ideia.

Eu quase sorrio. Enquanto eles entram na cabana, Ryke tira as luvas e bate a neve de suas solas de borracha. — Cobalt não moveria sua bunda mais alto na porra do cume.

Connor abre o zíper de sua jaqueta azul-marinho. — Perdi o sinal do celular. Claro, você não entenderia a importância de precisar estar acessível porque muitas pessoas não precisam alcançá-lo.

— Foda-se. — Ryke joga uma luva no rosto de Connor, mas sem sequer olhar, Connor desvia da luva e ela cai na água.

Pego a luva encharcada e a jogo de volta para Ryke. — Se bem me lembro, vocês dois também estavam em Camp-Calloway *duvidando de mim e de Jane*.

Ryke fica de sunga. — Também estávamos lá tentando te proteger pra caralho…

— Dizer ‘sinto muito’ é tão difícil assim? — Pergunto.

Sua carranca escurece e ele entra na água. — Sinto muito a porra toda. — Parece sincero, e ele envolve o braço em volta do meu ombro. Dando-me um abraço de lado.

Connor coloca sua jaqueta em uma mesa de madeira. — Peço desculpas por te machucar.

— Eu aceito — digo —, mas Janie vai precisar de mais do que isso.

Connor assente. — Estou ciente. Ela já pediu à mãe e a mim que escrevêssemos uma redação de três mil palavras sobre por que a amamos. — Seus lábios puxam para cima, admiração por sua filha clara em seus olhos.

Meu pai dá um sorriso seco. — Isso é o que acontece quando você cria um bando de gênios e faz do lema da sua família: *lealdade até a morte*.

Connor abre um sorriso de um bilhão de dólares.

Eu me recosto, mas meus ombros não relaxam. — Não é o lema do Cobalt *deixe-me bancar o leão também: eu rugirei* e tudo o mais que Eliot disser?

Meu primo mais novo sempre recitou aquela citação de Shakespeare de *Sonho de uma Noite de Verão*, e estranhamente se tornou o grito de guerra não oficial dos Cobalt.

— Temos muitos lemas — diz Connor e termina de se despir para sua sunga azul. Ele se junta a nós na água, sentando-se mais perto do meu pai enquanto Ryke fica ao meu lado.

Connor coloca seu telefone em um porta-copos, e eu me lembro do que queria dizer aos três.

— Eu tenho trabalhado com uma empresa de tecnologia e segurança. —

Eu capturo a atenção deles. — Os engenheiros estão atualizando todos os nossos eletrônicos e os da equipe de segurança para garantir que não haja invasão de fontes externas. Telefones, computadores – tudo será mais seguro de usar. Era para ser meu presente de Natal para todos, mas vou lançá-lo antes do início da turnê.

Connor parece ligeiramente impressionado. O que é mais do que ele dá à maioria das pessoas.

Ele acena com a cabeça repetidamente. — Isso permitirá que você envie uma mensagem de texto para Farrow sem medo de alguém *hackear*.

A menção repentina de meu namorado/guarda-costas pesa no ar.

— Sim. É um benefício adicional. — Começo a sorrir inconscientemente quando imagino nós trocando mensagens de texto como se estivéssemos juntos, de verdade.

Eu nunca tive isso antes.

Connor lê minhas feições. — Você gosta dele.

— Eu o amo — corrijo.

Ryke coça a barba por fazer.

— Diga — digo a ele.

— Olha, nós contratamos esses malditos guarda-costas. Todos os nossos filhos confiam neles. Você baixa a guarda perto deles, e parece *errado* pra caralho a segurança tirar vantagem da sua vulnerabilidade…

— Eu sou adulto — Eu o lembro pela milionésima vez. — Foi minha escolha, e não foi fácil pra caralho para mim. — Não posso mentir para meu tio e dizer que a confiança não foi um fator.

Inerentemente, preciso confiar em alguém antes de poder ser

completamente eu mesmo com eles, e confiei em Farrow. Mas também o conhecia antes de ser guarda-costas.

Ryke digere isso. Silencioso.

— Se você está preocupado com suas filhas ou crianças pequenas com a segurança — digo —, não precisa estar. A equipe é profissional e tudo o que eles querem é manter todos seguros. Todos vocês sabem disso.

— Sim — diz Connor como se o tio Ryke estivesse sendo burro. Ryke revira os olhos.

Meu pai me observa, mas fica quieto. Eu não posso dizer onde está a cabeça dele em relação a Farrow, e talvez ele nem tenha certeza.

Sinto a necessidade de defender meu relacionamento. — Sei que você quer que eu tenha um relacionamento descomplicado — digo a meu pai. — Algum cara ou garota que conheci em um Café ou em alguma maldita convenção de quadrinhos, mas isso nunca iria acontecer.

Meu pai torce sua aliança de casamento.

Eu congelo.

Então, tento me endireitar, a água batendo na borda da banheira.

Eu sigo seu olhar que desce o cume. Alguém envolto em pele sintética cinza caminha em direção à cabana e, à medida que meu pai relaxa cada vez mais, sei que só pode ser uma pessoa.

Eu saio da água. O frio morde cada centímetro de carne exposta. Eu tremo e rapidamente coloco minha calça, camisa, jaqueta – à ação. Aposto que eles sabem o que estou prestes a fazer. Ninguém protesta quando saio e desço a encosta, a neve passando pelas minhas panturrilhas.

Deslizo no gelo, mas mantenho o equilíbrio. O vento bate em meu rosto, e

assim que viro uma esquina, assusto a figura desengonçada e vestida de pele.

— Oh, meu Deus! — Ela grita, com os olhos arregalados, e então recupera o fôlego quando percebe que sou só eu.

— Ei, mãe. — Eu me inclino e envolvo meus braços em torno de seus ombros ossudos, abraçando-a com força. — Eu sinto muito.

— Não, não — Ela diz rapidamente e empurra meu peito.

Eu recuo, os pulmões sufocando minha garganta.

Lágrimas simplesmente escorrem por suas bochechas roliças. — Por que você está se desculpando? — Sua voz falha.

Eu gritei com você. Eu te magoei. — Mamãe…

— Eu tinha todo um discurso de *me perdoa* planejado. — Seu queixo treme. — *Eu* errei com *você*. — Ela aponta um dedo para o meu coração, mas quanto mais eu olho em seus olhos verdes vidrados, mais frágil ela parece, mais meu ressentimento se esgota.

— Eu perdoo você…

— Você não pode — Ela chora, mas rapidamente enxuga as lágrimas.

— Eu já perdoei. — Meu peito está pegando fogo novamente.

— Bem, você não deveria. — Ela soluça e abaixa o capuz de pele para proteger de mim o rosto manchado e avermelhado. — Eu tenho que ir — Ela murmura.

— Mamãe. — Eu pego a mão dela. — Eu te amo, você sabe disso. — Com cada palavra, faço mais mal do que bem. Estou lutando pela coisa certa a dizer e fazer.

Ela esfrega o rosto com o antebraço. — Eu também te amo... sinto muito. Estou fazendo tudo errado de novo. — Ela solta seu aperto, então sobe a colina e

abraça meu pai.

Eu viro minha cabeça.

Ontem à noite, a turnê parecia uma ideia OK – complicada, arriscada pra caralho – mas neste momento, eu amo todo o conceito.

Porque sinto que deveria estar em qualquer lugar, menos aqui.

Capítulo 6

Farrow Keene

— *PRICE PARA A equipe de segurança, fiquem todos fora do escritório* — O líder da Alfa ordena através dos comunicadores, a casa do lago abruptamente lotada com todas as três famílias famosas. Enquanto Maximoff está do lado de fora com seu pais e tios, fui para a academia no porão.

Quatro guarda-costas da Equipe de Segurança Alfa estão malhando, e eu ignoro todos. Porque eu odeio olhares de lado tanto quanto odeio panelinhas.

E eles estão me olhando desde que eu quebrei sua regra de ouro sobre dormir com um cliente.

Akara é o único da Ômega aqui, e enquanto eu faço minha vigésima barra, o suor encharcando minha camisa preta até meu abdômen, ele soca um saco de boxe em golpes rápidos.

— *O que está acontecendo no escritório?* — Donnelly pergunta através do comunicador.

A voz de Price ressoa em meu fone de ouvido. — *Jane e sua mãe estão conversando.*

No banco de peso, um guarda-costas mais velho diz: — Eu as ouvi *chorando* — E então ele me olha de soslaio novamente.

Eu faço contato visual, e ele desvia o olhar e resmunga algo baixinho. *Foi o que eu pensei*. Eu me abaixo e levanto meu queixo acima da barra, tornozelos cruzados.

Akara chuta o saco com força. — Eu olhei a conta do *Instagram* que você me enviou.

Eu desço e tiro minhas bandagens de mão. Veja, normalmente eu nem levaria isso para uma liderança de qualquer Equipe, mas a conta @maximoffmortohale ainda está ativa, e o usuário postou outra foto com *Photoshop* cerca de meia hora atrás.

Desta vez, Maximoff está caindo de uma montanha.

Akara enxuga o suor da testa com o bíceps. — É uma conta de troll.

— Isso foi o que eu pensei. — Abro a tampa da minha garrafa d'água. — Mas nenhum tabloide publicou uma história sobre os Hales indo para sua casa no lago na montanha, então por que o usuário postaria uma foto onde ele está caindo do lado de uma?

Akara estala o dedo na palma da mão. — Coincidência.

— Há uma chance de o usuário conhecer Maximoff pessoalmente.

Eu bebo minha água e meu olhar se estreita quando Akara me dá um olhar de pena.

— Não tem nada a ver com ele ser meu namorado. Eu ainda sou seu guarda-costas e, como seu guarda-costas, essa merda não é aceitável.

Akara pega sua toalha. — Vou enviar uma solicitação para nossa equipe técnica rastrear o endereço IP. Até então, não verifique essa conta. — Sua voz é rígida. — Esse não é um conselho amigável; isso é uma ordem.

Reviro os olhos. — Sim, sim, capitão. — Meu telefone toca no bolso da minha calça.

Identificador de chamadas: *Kinney Hale*. A irmã de Maximoff tem treze e quase nunca me liga.

Eu respondo: — Ei?

— *Precisamos de você agora. Não conte a ninguém. Banheiro do corredor perto da cozinha. Seja rápido ou morra.* — Ela desliga.

***

Fecho a porta do banheiro com um chute, e Kinney me bombardeia, olhos verdes sombreados por um delineador preto pesado, usando meias até os joelhos, saia e top pretos e um colar gargantilha. Ela estufa o peito, mas sua constituição ossuda a faz parecer comicamente pequena.

— Nós temos problemas — Ela solta.

Eu levanto minhas sobrancelhas. — Não brinca.

— Problemas de *verdade*, seu merda. — Ela cruza os braços esguios. — Você precisa nos levar a um lugar.

— Não — digo e abro um chiclete. Passando por Kinney, eu descubro o "nós" aqui.

Ao lado do banheiro, Luna corre no mesmo lugar e depois balança os braços e os quadris. Tenho certeza de que ela está dançando sem música, e se eu deveria questionar a estranheza desse ato, não o faço.

Kinney me confronta de frente. — Somos irmãos do seu namorado.

Eu estouro meu chiclete e noto Xander descansando em uma banheira com pés de garra. Ele puxa seus volumosos fones de ouvido vermelhos para a gola de sua camisa *O Inverno está Chegando*. — Economize seu fôlego, Kinney. Ele não dá a mínima...

— Uau. — Eu mastigo lentamente. — Você realmente acredita que não me

importo quando estou aqui, ao receber um telefonema fragmentado que não diz absolutamente nada.

Ele afunda ainda mais na banheira e levanta os fones de ouvido de volta. — Acho que você prefere foder meu irmão.

Meus músculos da mandíbula se contraem, mas eu me inclino casualmente no balcão de granito. Eu não imaginava que namorar Maximoff afetaria seu relacionamento com o irmão, e não estou nem um pouco feliz com isso.

— Ele não quis dizer isso — Luna diz, ofegante enquanto ela corre no lugar.

Xander baixa os fones de ouvido novamente. — Sim, eu quis.

Desembolso meu telefone para enviar uma mensagem de texto para Maximoff. — Seu irmão está tentando entrar em contato com você.

Xander se senta, com os cotovelos apoiados na borda da banheira. — Ele poderia ter convencido alguém a manter Thatcher na minha equipe de segurança, mas não, ele queria foder seu guarda-costas, e agora eu *perdi* o meu para que vocês dois pudessem ter um estúpido acompanhante.

Ele tem quatorze anos, quase quinze. Ele está chateado. Eu não estou prestes a atacar o garoto, mas estou irritado pra caralho que ele continue se referindo a mim como a foda-da-vez de seu irmão.

Eu frouxamente cruzo meus braços. — Se você acha que seu irmão arriscaria tudo só para ‘foder o guarda-costas dele’ — Eu uso aspas no ar —, então, você não o conhece tão bem.

Seu olhar atinge o chão.

— Cara, se Maximoff ou eu tivesse o poder de devolver Thatcher Moretti para você, nós o faríamos em um piscar de olhos. Eu o quero perto de mim como

quero gangrena e tratamento de canal.

Reconheço que Thatcher votou em mim para continuar como guarda-costas de Maximoff, mas não consigo nem fingir obediência. Também não estou acostumado a ficar em dívida com ninguém. Prefiro comprar uma garrafa de bebida para ele e quitar tudo, mas conhecendo Thatcher, ele vai querer meu primogênito e minha artéria coronária.

Xander murmura: — Moffy poderia ter feito isso acontecer, se quisesse. Ele pode fazer qualquer coisa.

Estou feliz pra caralho por Maximoff não estar aqui. Se ele ouvisse isso, a culpa e a pressão esmagariam seus ombros. Então, ele ficaria doente tentando consertar isso para seu irmão mais novo, mas ele não tem poder sobre o Tri-Force.

Mudanças na segurança acontecem e Xander tem que aceitar que Thatcher não é mais seu guarda-costas.

— Ele não pode fazer tudo — digo a Xander. — No momento, ele nem tem carteira de motorista.

Xander me dá um olhar estranho. — Você não deveria ser o defensor dele? Você está o namorando.

Ele não disse “fodendo”. *Estamos melhorando*. — E eu não estou superestimando suas habilidades e colocando-o em uma situação difícil. Eu chamo isso de... — Eu começo a enviar uma mensagem de texto para Maximoff. — amar.

Kinney avança para roubar meu telefone. Reflexos rápidos, levanto meu celular no ar e coloco a mão em sua testa. Eu uso força mínima para mantê-la afastada.

— Você não pode contar a ninguém que estamos aqui — Ela zomba e se debate para pegar o telefone.

— Estou mandando uma mensagem para o seu irmão.

Sua tentativa termina e ela de repente age blasé e indiferente, sentada na borda da banheira. — Certo. Ele pode se juntar. Contanto que partamos logo.

Ela revira os olhos para mim. — Deus, pare de olhar para mim como se eu fosse uma idiota. Eu sei das coisas.

Eu estouro meu chiclete e sorrio antes de enviar uma mensagem de texto: Venha para o banheiro do corredor perto da cozinha quando puder. Xander está aqui com suas irmãs. Enfio o telefone no bolso de trás da calça e ajusto o volume do rádio.

— Onde quer que você precise que eu leve vocês três — digo —, vou precisar chamar seus guarda-costas para se juntarem...

— Uh-uh, *não* — Luna ofega, balançando os braços para a esquerda e para a direita em um estilo retrô. Um movimento de dança. — Só nós, Farrow.

Descanso um cotovelo na pia. — Eu não posso, Luna.

— Desculpe. — Kinney fica boquiaberta. — Você é um quebrador de regras. Quebre as regras.

Não sou fã da Épsilon, mas os caras da ESE vão querer minha cabeça em uma bandeja se eu levar três de seus clientes em um passeio alegre para sabe-se lá onde, sem eles.

Eu balanço minha cabeça. — Eu quebro regras para o benefício do meu cliente e sua privacidade. Vocês três não são meus clientes...

— Mas meu guarda-costas é um dedo-duro — diz Kinney. — O guarda-costas de Luna é um dedo-duro maior, e o guarda-costas de Xander...

— É legal — Xander intervém —, mas Banks vai contar a Thatcher, que vai contar…

— Eu vou parar você aí — digo, minhas sobrancelhas erguidas. — Essa é a definição de um dedo-duro.

— Banks e Thatcher ainda são mais legais do que você.

Meu sorriso se estende. — Deve ser por isso que você os chamou aqui em vez de mim.

— Se ferrou — Kinney fala inexpressiva.

Xander mostra o dedo do meio para a irmã antes de colocar os fones de ouvido de volta.

Luna gira em um círculo. — Você não pode roubar alguns confiáveis guarda-costas da ESO, então?

— Não é assim que a equipe de segurança trabalha. — Se eu pedisse para trazer Oscar comigo em vez do guarda-costas de Luna, JP agiria como se eu tivesse pregado seus pés no chão. — Vejo Luna girar mais seis vezes, e minha preocupação eleva. — Quão sério é?

Ela solta um suspiro. — Ainda a ser determinado, mas não parece promissor…

É sobre Luna, deduzo. — OK. Se você precisar de algo, eu posso ir sozinho…

Uma batida na porta.

Deixei Maximoff entrar. Ele ainda está vestindo sua jaqueta molhada da *Patagonia*. Nossos olhares travam por um segundo forte, e então eu tranco a porta enquanto ele olha seus irmãos.

— O que está acontecendo? — Ele se aproxima do irmão. Xander coloca

os fones de ouvido no pescoço novamente. — Ei. — Maximoff tem essa expressão empática que grita *eu me importo. Eu me importo. Eu te amo*. — Eu tenho tentado encontrar...

— Eu sei. — Xander sai da banheira e segura a mão do irmão mais velho. Maximoff traz Xander para o peito e eles se abraçam.

Pelo canto do olho, Xander me lança um olhar suplicante. Como se dissesse *não diga a ele que eu estava chateado*.

A menos que Maximoff pergunte, não vou tocar no assunto. Eles se separam e Maximoff diz ao irmão: — Ouvi dizer que você recuperou a porta em casa.

Xander dá de ombros. — Eu só a perdi por um dia.

Maximoff me disse que Xander tem uma regra de *não trancar as portas*. Sempre que ele a quebra, o pai deles tira a porta das dobradiças.

Apoio a parte de trás da minha bota no armário, com o joelho dobrado, e observo Luna correr sem sair do lugar pela terceira vez. Não pergunto porque tenho cerca de 99,9% de certeza de que Maximoff o fará.

Ele quebra o foco de seu irmão mais novo e se concentra em Luna com um olhar endurecido. — Que diabos está fazendo?

Ela ofega. — Eu li no *Celebrity Crush* que se você dançar muito, você pode, talvez, fazer sua menstruação aparecer.

Merda.

O silêncio pesa.

— Você atrasou sua menstruação? — Ele pergunta, a voz firme. Ele entra no modo irmão mais velho com facilidade, seu corpo rígido, e me lança um olhar furioso. Como se eu não o tivesse informado sobre o cenário que sua irmã de

dezoito anos pode estar grávida.

— Eu não sabia — digo, e então olho para Luna. — Você não pode fazer sua menstruação aparecer, dançando, mas boa tentativa.

Kinney zomba. — Você é um cara. Você não sabe nada sobre menstruação ou a anatomia feminina. Você nem tocou em uma vagina.

— *Kinney* — Maximoff rosna.

Minha boca se curva para cima. Porque é fofo quando ele me defende, mas eu aguento essa merda. — Eu me formei na faculdade de Medicina — digo a ela —, mas não preciso de um diploma de médico ou do Ensino Médio para saber que os conselhos médicos do *Celebrity Crush* não são precisos ou mesmo bons. É apenas besteira.

— Foi o que eu disse — diz Xander, sentando-se na borda da banheira ao lado de Kinney. — Quero dizer, é o mesmo tabloide que disse que Jane e Moffy são...

— Muito cedo — Maximoff o interrompe e então se concentra em Luna novamente. —Como? Quando? Onde? Por quê?

Luna cai no chão e puxa as mangas de seu suéter largo com estampa de estrela.

— Sexo. Último dia de aula antes das férias de inverno. Na parte de trás do carro dele. Porque eu estava gostando dele. — Seus olhos âmbar vão de mim para seu irmão mais velho. — Estou apenas algumas semanas atrasada e sei que já estraguei tudo por causa da escola. Mamãe e papai não podem saber disso. Não até eu descobrir se é real.

Antes mesmo de Maximoff saber, ouvi da equipe de segurança que a Dalton Academy disse que Luna tinha que estudar em casa pelo restante do ano

letivo – ou, então, ela não se formaria a tempo.

Luna coloca as mãos na cabeça. —Talvez eu possa sair em turnê com você.

— Eu também. — Kinney se levanta.

Maximoff empurra Kinney de volta para baixo até que ela se sente. — Não e não. — Seus músculos se contraem e ele gesticula para Luna. — Ele não usou uma preservativo?

— Não pensei nisso. — Ela enrola uma mecha de cabelo castanho-claro no dedo. —Foi a minha primeira vez e pensei que a probabilidade era baixa.

Eu esfrego minha têmpora, quase me encolhendo.

— Jesus Cristo — Murmura Maximoff. — Nossa mãe é viciada em *sexo*, Luna. Você deveria saber melhor.

Ela olha para mim em busca de uma saída, mas esquece que também sou durão.

— Você deveria ter ouvido em Educação Sexual.

— Deem um tempo a ela, seus merdas — diz Kinney.

— Pare, Kinney — Maximoff diz asperamente.

Luna balança a cabeça para Xander. — Eu disse a você que deveria ter pedido ajuda a Tom e Eliot.

Xander se levanta. — Eles podem ser seus melhores amigos, mas teriam contado a todos os Cobalts, Luna. Moffy e Farrow vão consertar isso. Certo? — Em uníssono, todos os três giram e fixam seus olhares em mim e Maximoff.

Eu ainda estou casualmente encostado na pia. Maximoff está de pé como se estivesse levando o mundo em seus ombros.

E eu já entendo por que eles me chamaram aqui, em primeiro lugar.

Digo a Maximoff: — Luna precisa de um teste de gravidez.

Kinney dá um passo à frente. — Farrow vai nos levar à loja de conveniência.

— Não, eu vou sozinho — digo.

— Vou com você — Rebate Maximoff.

Sempre teimoso. — Você vai ficar no carro. — Se alguém o pegar comprando um teste de gravidez, alimentará o boato que está tentando extinguir.

— Conversaremos sobre isso no caminho para lá.

Reviro os olhos, mas esta não é uma discussão que preciso vencer agora.

Especialmente na frente de seus três irmãos. — Vamos, lobinho.

Capítulo 7

Farrow Keene

BEAR CLAW ONE-Stop Shop é a loja de conveniência mais próxima, uma viagem de mais de cento e trinta quilômetros em estradas ventosas e geladas. Acorrentamos os pneus do *Range Rover* da Ômega antes de deixar a casa do lago e chegamos em segurança no Bear Claw. Apenas um jipe no estacionamento. Provavelmente do dono da loja.

Tomo uma decisão rápida e concordo em deixar Maximoff entrar comigo.

A pequena e desatualizada loja não tem câmeras de segurança e metade das prateleiras está vazia. Teremos sorte se eles tiverem um teste de gravidez. Nós dois notamos o velho de cabelos grisalhos dormindo na caixa registradora.

Enquanto examinamos os corredores, os ombros de Maximoff ficam tensos e o pescoço, rígido. Sempre um cavaleiro preparado para uma guerra iminente.

Ele verifica uma prateleira inferior, encontrando garrafas d’água. — Aposto que você não achou que estaria fazendo isso hoje.

— Tecnicamente, nunca pensei que faria isso um dia. — Pego um óculos de sol aviador em uma prateleira e coloco-o, com a etiqueta de preço pendurada no aro.

Maximoff olha de volta para mim e quase se permite me examinar, *quase*. Seu olhar para no meu peito, e então ele abre o zíper de sua jaqueta *Patagonia*, quente, e dobra a esquina comigo.

O corredor número dois tem, principalmente, *junk food*: carne seca, *Pringles* e pipoca. Então frutas aleatórias. Laranjas, bananas – eu pego uma maçã vermelha. E coloco a mão em seu peito. Parando-o no meio do corredor porque ele está muito quieto. Mesmo na viagem para cá. Eu levanto o óculos na minha cabeça, empurrando meu cabelo para trás.

— A conversa com seu pai foi tão ruim assim? — Eu finalmente pergunto.

— Meu pai ficava torcendo a aliança de casamento — Ele enterra propositadamente sua emoção, seu rosto em branco. — Que significa…

— Eu sei o que isso significa — digo, mesmo que o fato não seja de conhecimento público. Passei três anos com Lily e Lo, e sempre que Lo estava em uma situação ruim com seu vício, ele torcia a aliança.

Maximoff pisca algumas vezes, baixando a guarda, deixando algum tipo de emoção irromper.

Minha mão sobe para a nuca dele, e de repente ele aperta meus ombros, seus braços musculosos envolvendo-os. Ao mesmo tempo, nós dois damos um abraço. Peito contra peito. Eu acaricio sua nuca e ele nos mantém juntos em um forte abraço.

Sinto seu coração bater forte e rápido.

Em seu ouvido, eu sussurro: — Sinto muito. — Sei o quanto ele ama seus pais, e não ser capaz de consertar isso deve estar matando-o.

Seu peito desmorona em uma respiração mais profunda, e nós inclinamos nossas cabeças para trás, nossos olhos se cruzando. Eu diria que me inclino primeiro, mas ele diria exatamente o contrário.

Eu o beijo com ternura como se eu fosse o santo, e vai entender, ele beija entregando-se inteiro como se fosse o pecador. Ou seja, ele aproxima ainda mais

nossos corpos enquanto nossas bocas se fundem mais profundamente.

Droga.

Eu o conduzo para o fundo da loja, e ele luta pela liderança e me joga em uma prateleira – *merda*. Minhas omoplatas batem em uma torre de *Moon Pies* e começam a cair no chão de linóleo.

Nós nos separamos e empurro a caixa de *Moon Pie* de volta para a prateleira enquanto Maximoff pega os pacotes caídos.

Eu olho para o velho na caixa registradora. Ele solta um longo ronco, não acordando. Mesmo que tivesse, duvido que ele esteja em contato com notícias de celebridades.

Descasco o adesivo da maçã vermelha e Maximoff ajeita seu cabelo desgrenhado.

Ele também continua lambendo os lábios, como se ainda me sentisse neles.

Nossos olhos se encontram e ele pergunta: — Minha mãe falou com você?

Eu não esperava essa troca de assunto. — Acabei de te beijar pra caramba, e agora você está pensando em sua mãe?

Ele finge confusão. — Deixe-me entrar na minha máquina do tempo. Olhe para isso, acabei de dar em *você* a porra de um beijo. Não o contrário.

Reviro os olhos e então sorrio. — E eu tenho cem por cento de certeza que você sonhou com minha língua em sua boca aos dezesseis anos. — Jogo minha maçã na mão. — Isso é um fato.

Bem na hora, ele me mostra dois dedos do meio, e seus olhos se desviam para a minha boca.

Eu assobio. — E ele quer que eu o beije de novo. — Maximoff olha para o lojista. Dormindo como um morto. Então, para mim.

— Sério, Farrow, minha mãe falou com você?

— Não — digo facilmente. — Eu não esperava que ela o fizesse.

Ele franze a testa. — Por que não?

Faço uma pausa, maçã perto da minha boca. — Tem mais a ver comigo do que com você. Quando eu estava na equipe de segurança dela, construí muita confiança entre mim e seus pais. Ao mentir para eles sobre você, basicamente apaguei tudo isso. Eles vão consertar as coisas com você porque você é filho deles, mas espero ser ignorado por pelo menos quatro meses.

Ele balança a cabeça, tenso novamente.

— Não se preocupe com isso. É a minha merda para lidar. — Mordo a maçã e ele olha para mim como se eu tivesse acabado de roubar metade da loja – que, para ser honesto, não contém nada valioso para roubar.

— O que você está fazendo? — Ele pergunta e verifica o velho adormecido novamente.

Maximoff. — Comendo. — Eu estendo a maçã para ele. Só para irritá-lo. — Quer uma mordida? — Eu me aproximo e ele faz questão de cruzar os braços, bíceps salientes.

— Você está roubando.

— E você é tão puritano. — Eu dou uma mordida maior.

Ele rosna sua irritação, mas seus lábios começam a subir lentamente. — *Farrow*.

— Eu vou pagar por isso. Relaxe. *Relaxe*. — Eu arregalo meus olhos e abaixo meu óculos.

Ele exala uma respiração maior, e examinamos o próximo corredor. Alguns medicamentos de venda livre estocados.

Eu me agacho e mudo as caixas de remédio para resfriado. Eu dou a ele minha maçã meio mordida para que eu possa alcançar mais atrás. Eu o sinto se fixando no movimento das minhas mãos. Eu sorrio e encontro apenas um kit de gravidez.

Mostro a caixa para ele. — Vou pagar e rasgar o recibo. — Ele parece surpreso por eu ter um plano. E concluo: — Eu ainda sou seu guarda-costas, lobinho. E eu ainda sou mais alto também.

Ele ri baixinho e se afasta de mim. — Por poucos centímetros. — Ele deixa seu olhar descer por todo o meu corpo.

Capítulo 8

Maximoff Hale

ESTAMOS PARTINDO.

Está na hora, e este não é um universo alternativo. Na verdade, isso está acontecendo na vida real. Quinze centímetros de neve cobrem um estacionamento deserto. Bem fora de um *Food Lion*. Enfio a décima mala no compartimento de carga do nosso ônibus de turismo estacionado.

A Equipe de Segurança Ômega circula e coordena através de seus microfones, carregando caixas de água, cerveja, refrigerante e outros suprimentos.

Meus quatro primos entram e saem do ônibus preto, trazendo lanches e travesseiros.

E paparazzi – eles se foram. Desapareceram. Eles seguiram nossas famílias até Filadélfia e provavelmente acreditam que estamos com eles. Mas eu, Jane, Sullivan, Beckett, Charlie e seis guarda-costas ainda estamos nas Montanhas Smoky.

É estranho – não ter um cinegrafista na minha cara.

Continuo pensando nisso. E como estou mais acostumado com a presença invasiva deles do que com a paz não adulterada sem eles.

Minha família também decidiu estender o hiato de *Somos Calloway.*

Liguei para Jack Highland, um produtor executivo da série documental, e

ele concordou em adiar as datas das filmagens para depois da turnê. Portanto, essas câmeras não estarão por aí por pelo menos quatro meses.

— Moffy? — Jane sai do ônibus na neve.

Eu lanço outra mochila na baia inferior. — Bonjour, ma moitié.

Minha voz está tensa. Porque não conversamos sem uma plateia – os irmãos dela, meu namorado ou qualquer um da equipe de segurança – há milênios.

E por *milênios*, quero dizer *dias*.

Para nós, isso é praticamente um século.

Ela se aproxima. — Regarde-moi s'il te plaît. *Olhe para mim, por favor*.

Eu fico mais ereto e levanto meu olhar. O vento chicoteia seu cabelo castanho emaranhado, e sua roupa é a clássica de Janie: botas cor-de-rosa peludas, luvas de gato (dadas de presente por mim anos atrás), um suéter volumoso de zebra e um tutu verde-menta sobre *leggings* de tricô.

Só de ver minha melhor amiga, minha boca dói para subir.

Jane toca suas luvas em suas bochechas rosadas. — É só você e eu, meu velho, e um ônibus de turismo cheio de gente bonita. Amigos e família.

Eu começo a sorrir. Eu posso sentir que estamos encontrando a base de nossa amizade novamente.

E acho que vamos pousar na posição vertical. — Tem certeza de que eles são lindos?

— Você está certo. Eles são *terrivelmente* lindos. — Um sorriso alegre toma conta de seu rosto, e notamos Quinn e Donnelly parados nas rodas traseiras. Observando nosso papo.

Então, Jane e eu caminhamos até um meio-fio que cerca uma árvore

esquelética.

Grama provavelmente escondida sob a neve. Estamos fora do alcance da voz, mas ainda à vista.

Jane amarra o cabelo em um rabo bagunçado. — Meus irmãos mais novos continuam chamando isso de Turnê de Controle de Danos, mas para mim é algo totalmente diferente. É a Turnê de Preservação da Amizade de Jane e Moffy, e eu sinto sua falta... terrivelmente.

Eu puxo Jane para um abraço, e ela imediatamente envolve seus braços ao redor da minha cintura. Isso é lar. Isso é segurança e amor.

Ela é a droga da minha *melhor* amiga, e eu não quero que nada se interponha entre nós novamente. Beijo sua bochecha e sussurro: — Eu também senti sua falta, Janie, e nós vamos superar isso.

— Ensemble — Ela sussurra uma declaração do Cobalt em francês. Isso significa *juntos*.

Juntos.

Nós nos separamos e ela apoia o queixo nos nós dos dedos. — O que eu perdi?

Um bocado, mas começo com a primeira coisa que me vem à mente. — Eu disse a Farrow que o amo.

Suas mãos tocam sua boca, e seus brilhantes olhos azuis só ficam mais brilhantes.

— Mesmo? E o que ele respondeu?

Meu sorriso me oprime por um segundo, apenas sentindo sua felicidade por mim.

— Ele disse que também me ama.

Janie balançou meus braços, eufórica, e então nos alcançamos.

Aparentemente, as meninas mais novas – Audrey Cobalt, Winona Meadows e minha irmã Kinney – protestaram por não poderem participar da turnê. Elas fizeram uma apresentação em *PowerPoint* e, quando nossos pais disseram *não,* elas se trancaram no quarto da casa no lago.

— Foi dramático e apaixonado — Finaliza Jane —, mas elas perderam.

— Bom. Não precisamos das crianças mais novas na turnê conosco.

— Je suis d'accord. *Concordo*. — Os *meet-and-greets* já são muito espontâneos — Ela diz — e Beckett e Sulli não estão tão acostumados com os holofotes quanto nós. Ter os adolescentes aqui seria duas vezes mais caótico.

Minha assistente acabou de me enviar um e-mail com a programação da primeira etapa do passeio e organizei uma equipe para seguir nosso ônibus. Eles marcarão os *meet-and-greets* em cada centro de convenções. Vão cuidar dos aspectos técnicos.

A equipe de caridade do HMC e eu decidimos fazer uma turnê *não estruturada*. Anunciaremos cada cidade no FanCon apenas um dia antes do *meet-and-greet*. Isso criará mais burburinho e interação nas mídias sociais. Os fãs tentarão adivinhar em qual cidade estaremos em seguida e continuarão verificando se estaremos perto deles.

Também ajuda a manter nossa localização mais anônima na estrada. E espero que mais paparazzi nos percam de vista.

Já sei o que mais preciso dizer a Jane. — Minha irmã achou que estava grávida — Solto a bomba.

Os olhos de Janie se arregalaram. — Merde.

— Merda mesmo. — Eu escovo a neve do meu cabelo. — Ela não está.

Graças a Deus. — O teste deu negativo e Luna começou a chorar de alívio. — Pensei no que você teria feito se estivesse lá.

— Você fez? — Jane agarra os cotovelos, com frio.

Eu abro o zíper da minha jaqueta. — Coloquei *O Quinto Elemento*...

— Um dos filmes favoritos de Luna — Jane diz, já sabendo. Eu concordo. — E eu fiz uma *Pop-Tart* para ela.

Jane sorri. — Ela tem sorte de ter você como irmão.

— Não, ela tem sorte de eu ter tirado proveito do *Guia do Melhor Irmão* de Jane Eleanor Cobalt.

Tiro minha jaqueta *Patagonia* e a entrego a ela.

Ela enfia os braços nas mangas e fecha o zíper. — Merci.

Olho para o ônibus-leito de doze beliches. Mais de Ômega permanece do lado de fora de propósito. Talvez eles estejam apostando no status de nossa amizade. Estranhamente, fico feliz por eles se importarem.

Pergunto a Jane: — Como vão você e seus pais?

— Nós não estamos falando realmente. Preciso de tempo — diz ela. — Os seus?

Penso na conversa com meu pai e minha mãe. — Honestamente, eu não sei. Eles não estão prontos para perdoar a si mesmos e não há muito que eu possa fazer.

Ela pergunta sobre os sentimentos deles em relação a Farrow, mas meus pais nem tocaram nesse assunto. Talvez seja o que Farrow disse. Tem menos a ver com ele como meu namorado e mais com ele quebrando a confiança deles como guarda-costas. Essas ervas daninhas são muito altas para eu rastejar, então eu nem tento.

— E a sua paixão? — Eu pergunto, percebendo que eu nem mencionei isso. Nenhuma vez. — Você deveria estar encontrando o que você quer fazer.

— Eu vou. Só... não agora.

— Janie.

— Eu trouxe tricô. — Ela torce o nariz porque tentou tricotar e não é boa. — Já é alguma coisa, mas acho que não vou ter tempo... não me olhe assim. Nossa amizade vem em primeiro lugar.

— Você vem primeiro.

Jane aperta os olhos. — Não me faça chorar. Meus dutos lacrimais estão doendo. Eles não são usados assim há anos.

Eu a abraço de novo e conversamos por mais dez minutos, depois voltamos para o ônibus. *Caralho.* — Preciso fazer uma ligação — digo a ela, nossos guarda-costas vigorosamente empurrando o último dos suprimentos nas baias acessíveis do lado de fora. — Eu te falo sobre isso mais tarde.

Um sorriso puxa suas bochechas sardentas. — Nunca mais vamos brigar.

— De acordo.

Eu me afasto do ônibus e volto para o meio-fio. Procurando um número em meus contatos.

O frio atravessa meu moletom cinza e meus braços tremem um pouco.

Farrow contorna o ônibus, botas pretas triturando a neve, e nossos olhos travam. Ele passa a mão pelo cabelo *branco descolorido*. Ele tingiu os fios cedo, esta manhã.

Suas feições se destacam um bilhão de vezes mais. Um piercing barra perfura sua sobrancelha marrom novamente, e ele fica como se nenhum estresse no planeta Terra pudesse sobrecarregá-lo.

Deus, eu estou colossal, incontrolavelmente atraído por ele. Aponto para Farrow vir até mim, 100% subconsciente. Meu cérebro se concentra nele e apenas calcula uma palavra: *mais perto.*

Farrow se aproxima, seu passo masculino tão casual e sem pressa.

Meus músculos se contraem, o sangue pulsa em minhas veias e desce rapidamente.

Em um piscar de olhos, imagino nós dois entrelaçados. Pernas, braços, corpos unidos – eu o quero em cima de mim. Suas mãos, seus olhos, sua emoção, sua mente.

Eu me solidifico com um pensamento dissonante.

Eu quero ser sufocado pelo meu namorado.

Ca-ra-lho.

— Maximoff. — Farrow acena com a mão para o meu rosto, puxando-me da fantasia. Seu sorriso se expande para o território James Franco.

Jesus. — Eu estou bem. Obrigado por perguntar.

— Eu não perguntei. — Seu piercing sobe com as sobrancelhas e meu pescoço esquenta. — Onde você estava?

— Neverland — Brinco.

Ele revira os olhos, mas seu olhar conhecedor escorre por todos os seus quase dois metros de altura. — Da próxima vez, leve-me com você.

Você já estava lá.

Eu engulo as palavras e minha paixão. Porque sou muito transparente.

Parece que ele está prestes a catalogar este momento, enquadrá-lo e presenteá-lo para mim. — Eu estava pensando no clima e na rota da viagem. — Explico.

— Claro que estava. — Seu sorriso provocante acaricia meu pau. *Me fode*. Ele percebe meu telefone. — Fazendo uma chamada?

— Sim. — *Foco*. — Vou colocar no viva-voz. — Reviro meus contatos e uma grande rajada sopra pelo estacionamento. Sem minha jaqueta, tremo muito mais do que gostaria.

Farrow de repente se move atrás de mim.

Eu lambo meus lábios, o pulso aumentando em antecipação ao desconhecido.

Ele passa o braço por cima do meu ombro, então ele agarra minhas clavículas. E ele puxa minhas costas fortes para seu peito duro.

Seu calor me envolve, o abraço mais íntimo do que eu *permitiria* a qualquer outra pessoa. Com Farrow, quase recuo, deixando-me afundar contra ele.

— *Separem-se!*

— *Caralho* — Eu xingo e me separo de Farrow. Passo a língua pelos dentes. O fodido do Thatcher está nos observando do maldito ônibus da turnê.

Eu fico mais rígido no meio-fio e tento me concentrar novamente no meu telefone.

Farrow está lançando o olhar mais frio em Thatcher, e então ele clica seu microfone. — Nós nem estávamos nos beijando.

De longe, percebo Thatcher clicando em seu microfone e falando.

Farrow tira o fone do gancho, deixando o fio pendurado no ombro, e aumenta o volume do rádio.

A voz de Thatcher passa pelo alto-falante do fone de ouvido. — *Vocês pareciam um casal. Se querem fazer isso, façam no ônibus. As janelas são*

escuras.

Farrow está prestes a clicar em seu microfone.

Eu levanto uma mão. — Apenas deixe para lá — digo. — Estamos em público agora e não podemos ser pegos. — Thatcher achou que seríamos menos cautelosos agora que a família e a segurança sabem que estamos juntos – e estou começando a perceber que ele estava certo. Eu nem pensei duas vezes, e eu deveria.

A mandíbula de Farrow aperta. — Estamos no meio do nada às oito da manhã. O risco é inexistente.

— Não para ele. — Faço um gesto para Thatcher. — E eu não quero queimar essa ponte. Não depois que ele nos ajudou.

Farrow passa as duas mãos pelo cabelo branco descolorido. Seu nariz se dilata, e então ele assente sem entusiasmo. — Certo. — Ele me observa percorrendo meus contatos. — Para quem você está ligando?

— Seu pai. — Encontro o número do Dr. Keene. — Ele continua me mandando mensagens de texto para ligar para ele. — *Agora é a hora*. Aperto o botão verde e Farrow apoia o ombro na árvore esquelética. Ele parece despreocupado, mas curioso como eu.

— *Moffy*. — Dr. Keene atende no primeiro toque. — *Tenho tentado entrar em contato com você.*

— Desculpe. — Levo o telefone à minha boca. — Tenho estado ocupado.

Farrow murmura: *não peça desculpas*. Como se eu estivesse sendo legal demais.

Eu dou a ele um dedo do meio.

Farrow quase sorri, mas olha para o telefone quando seu pai diz: — *Sem*

problema. Ouvi dizer que você está ocupado planejando uma turnê.

— Sim. — Viro minhas costas para o vento rugindo. — E entendo por que você está ligando, mas Farrow e eu estamos felizes, somos adultos e espero que você respeite nossa decisão de ficarmos juntos. Mesmo que envolva alguns riscos.

A linha fica muda.

Farrow se afasta da árvore, franzindo as sobrancelhas, e vem para o meu lado.

Minha voz é firme. — Dr. Keene?

— *Vocês estão juntos?* — Ele questiona. — *Como em... um relacionamento?*

Puta. Merda.

Estou em um acidente de carro em câmera lenta. Eu me agacho, meu rosto enterrado em uma mão. Por que diabos eu achei que ele sabia?

Querido mundo, é possível morrer de vergonha? Atenciosamente, um humano moribundo ou possivelmente já morto.

— O que aconteceu?! — Donnelly grita do ônibus.

Eu rapidamente coloco minha mão sobre o telefone.

Farrow fala baixinho em seu microfone. — Cale a boca, Donnelly. — Depois ele se agacha na minha frente.

— Acho que estou morto. — Eu faço uma careta.

—Você está respirando. Você está vivo. — Farrow descansa uma mão na curva entre meu ombro e pescoço. — Continue.

Eu tenho que deixar esse acidente de carro acontecer. Eu estalo um dedo, então o alto-falantes. — Dr. Keene?

— *Eu não sabia que você e meu filho estavam juntos* — Ele diz, sua voz ilegível.

Levanto-me ao mesmo tempo que Farrow. Meus músculos estão prontos para assar.

— Achei que meus pais tivessem contado a você — digo, meu tom de voz equilibrado, apesar do meu corpo *derretendo* por causa da minha merda. Raramente cometo esse tipo de erro. — E eu presumi que era por isso que você estava ligando. — Estupidamente. Eu olho para Farrow e meu olhar duro carrega um milhão e um de desculpas.

Ele murmura: *está tudo bem.*

— *Estou ligando* — diz o Dr. Keene — *porque você não faz exames de DST há meses. Isso não parecia com algo que você faria*. — Ele limpa uma bola apertada de sua garganta. —*Agora eu sei por quê.*

Estou fodendo o filho dele.

Droga. Eu não sei o que dizer. Esta é a primeira vez que lido com o pai de uma pessoa importante. Também não sou um ser humano normal.

Sou uma celebridade desde o nascimento, realeza americana, então, não tenho ideia do protocolo correto para nada disso.

A primeira coisa que me vem à cabeça é dizer ao Dr. Keene: — Estamos seguros.

Farrow se engasga com o ar quebradiço e balança a cabeça vigorosamente para mim e murmura *não*. Como se ele não quisesse que seu pai se metesse em sua vida sexual.

Eu entendo isso agora.

Ele tem vinte e sete anos. Tenho certeza de que ele parou de falar com seu

pai sobre essa merda eras atrás. Isto é, se ele já falou com ele sobre isso.

— *Farrow ainda é seu guarda-costas?* — Perguntas do Dr. Keene. — *Como?*

— Nosso relacionamento está sendo mantido em segredo do público — digo a ele, e Farrow se concentra no telefone em pensamentos profundos.

— *Certo. Fiquem seguros na turnê. Tenha um bom resto de dia.* — Depois de me despedir, desligamos.

Farrow balança a cabeça algumas vezes. — Isso não é bom. — Ele aponta para o meu telefone. — Esse filho da puta tem o motivo mais forte para vazar nosso relacionamento para o público.

Eu esfrego minha mandíbula tensa. — Você realmente acha que ele tentaria fazer com que você fosse expulso da segurança?

— Para me forçar a voltar para uma carreira médica, sim. Eu acho.

Começo a pensar nos caminhos que podemos tomar. — Eu resolvo isso. — *Posso dar um telefonema…*

Farrow rouba meu telefone.

— *Farrow…*

— Lobinho, você não pode consertar buracos de bala antes que o gatilho seja puxado. Siga seu próprio conselho e simplesmente deixe de lado.

Eu estalo um torcicolo no meu pescoço. — Essa coisa de *não fazer nada*, não sou bom nisso.

— Não mesmo. — Ele ri quando eu o encaro.

Eu luto contra um sorriso. — Cala a boca.

Ele se inclina para mim e abaixa a voz para um sussurro sexy: — Veja, toda vez que você tentar consertar coisas incorrigíveis, imagine-me metendo em

você com tanta força que você chora quando goza.

Me fode. Meu pau se agita, e eu olho para sua boca. *Me beija, cara.* — Parece uma ficção.

Farrow me observa bebendo dele, e seu sorriso se alarga. — Confie em mim, pode facilmente ser realidade. — De alguma forma, nos aproximamos. Mais perto. Mãos nos ombros um do outro, deslizando para a parte de trás do pescoço dele, meu corpo implorando por mais contato.

Bocas a centímetros de distância, eu respiro — Que se dane.

Ele me beija com força e então morde meu lábio, *porra, sim.…*

— *Separem-se*!

Nós o fazemos, e Farrow ajusta seu fone de ouvido balançando a cabeça. — Se ele fizer isso durante toda a viagem, vou estrangulá-lo.

Capítulo 9

Farrow Keene

CINCO HORAS E vinte e três minutos de carro – o ônibus da turnê percorre a interestadual em direção à primeira parada da convenção – e alguém já está sangrando.

Instantaneamente, eu me levanto e guio meu namorado para o pequeno banheiro, com as mãos em concha sob o nariz. O ônibus de turismo de luxo é dividido em quatro seções, da frente para trás: banco do condutor e banco do passageiro.

Primeiro salão: dois sofás cinza, cadeira e cabine, televisão, balcão de granito com cafeteira, pia e micro-ondas; caixa de gelo e geladeira e, em seguida, uma porta leva ao banheiro/chuveiro.

Beliches para dormir: em ambos os lados de um corredor estreito inclui duas fileiras de beliches, empilhadas em três alturas. Doze no total.

Segunda salão: sofá em forma de U, mesa, televisão e console de jogos.

Quase todos nós estávamos jogando pôquer no segundo salão e, realmente, quando você coloca tantas pessoas em um espaço confinado, merda está prestes a acontecer. Mas de onze pessoas, a única que eu escolheria para não sangrar está jorrando sangue agora.

— Aperte seu nariz — Eu instruo e mastigo meu chiclete.

— Caralho — Ele amaldiçoa, as palmas das mãos vermelhas do

sangramento nasal constante.

Ele começa a inclinar a cabeça para trás por instinto. *Vamos, lobinho*.

— Maximoff. — Minha mão sobe de seu ombro até o pescoço. — Fique curvado para frente. Vire para mim. — Preciso ver se o osso está fraturado.

Antes que ele o faça, uma voz o distrai.

— O que... caralho — Sulli amaldiçoa na porta, a mandíbula tremendo. — Eu sinto muito. Eu fico tão competitiva e... *caralho*.

Ela ganhou a última mão de pôquer, pulou de empolgação e acidentalmente deu uma cotovelada no rosto de Maximoff.

Ele mantém a mão em concha sob o nariz. — Estou bem, Sul.

Ela avança lentamente enquanto Donnelly e Beckett enchem o corredor estreito para assistir. Apenas três corpos no máximo cabem neste banheiro apertado.

Jane estaria aqui, mas ela está dormindo em um beliche com protetores de ouvido.

Felizmente inconsciente.

Mas quanto mais curiosos, mais Maximoff vira as costas para eles, apenas para diminuir sua preocupação.

Merda, preciso que ele se incline para a frente, aperte o nariz e me encare.

Ele meio que se encurrala perto da torneira e finge que tem tudo sob controle.

Em um movimento, eu subo no balcão. Sentado, mas ainda estou alguns centímetros mais alto. E eu agarro sua cintura e o puxo para mim. — Aperte seu nariz ou eu farei isso por você…

Eu sorrio com sua reação imediata, seus dedos apertando

automaticamente seu nariz e olhos verde-floresta se estreitando automaticamente.

O cara não gosta de ser mimado mais do que eu gosto.

Eu seguro sua mandíbula e guio sua cabeça para frente e um pouco para baixo. Eu posso senti-lo me observando enquanto examino a ponte de seu nariz.

Só de vista, a ruptura não é clara. Seu nariz não está torto em seu rosto, mas incha. A pele no canto dos olhos também fica vermelha, o início de hematomas.

Sua voz está abafada quando ele me diz: — Não está tão ruim assim.

Eu estouro meu chiclete. — Que fofo você achar que não sei dizer se é sério ou não. — Olho para os três espectadores. — Tragam-me gelo.

Sulli sai correndo. — Kits, onde está o gelo?

Beckett desliza ainda mais para dentro do banheiro, agarrando a parte estreita da garrafa de cerveja e examina os filetes de sangue ao longo do ladrilho de pedra.

Maximoff se afasta. — Vou limpá-lo mais tarde. Atenção, Beckett.

— Já vi pior. — Beckett leva sua cerveja aos lábios. — Você esqueceu que eu morei sozinho em Nova York nos últimos três anos. Eu cresci. Independente e livre. — Ele estende os braços antes de me olhar da cabeça aos pés. Me avaliando pela quarta vez, e isso contando apenas hoje.

Veja, o que eu sei de Beckett Cobalt é principalmente baseado em conversas de guarda-costas, e Donnelly me disse que Beckett é antirrelacionamento por questões de confiança por ser uma celebridade.

Ele é cauteloso comigo. Ou ele acredita que vou foder e descartar Maximoff ou brincar com suas emoções. Ambos os quais, eu não estou me

candidatando.

Mas não pretendo convencer um jovem de vinte anos de que estou “aqui pelos motivos certos” e prefiro relacionamentos de longo prazo.

Eu levanto minhas sobrancelhas para ele. — Pergunta?

Beckett lambe a cerveja de seus lábios. — Não no momento. — Então ele balança a cabeça para Maximoff. — Ela estava a um cotovelo de mim e você foi atingido. Você tem a pior sorte.

— É a Maldição dos Hale — diz Donnelly, apoiando o braço tatuado no batente da porta e bebendo uma cerveja.

Reviro os olhos e gesticulo para que Maximoff se aproxime.

— O quê? — Maximoff pergunta, com as sobrancelhas franzidas, mas ele se aproxima e fica entre minhas pernas. Eu agarro sua mandíbula novamente e inspeciono o nariz dele.

— Não pergunte a ele — digo a Maximoff. — Donnelly tatuou *Cobalts Nunca Morrem* no joelho.

Ele criaria maldições imaginárias para qualquer família, menos aquela.

Beckett sorri em seu gole de cerveja. — Isso é verdade. — Donnelly ignora seu cliente e aponta sua garrafa para Maximoff.

— A Maldição dos Hale. Se houver um Hale na sala: o que pode dar errado, vai dar errado para o Hale. Comprovado estatisticamente.

A equipe de segurança basicamente perde a cabeça sempre que Beckett faz a cara que está fazendo agora. Ele torce a boca, tipo, é uma cara de *você é um merda*.

— Estatisticamente comprovado — diz Beckett — Zero por cento das vezes.

Maximoff começa a sorrir, mesmo coberto de sangue.

Mal olho para Donnelly. — Parece que seu cliente é mais esperto do que você.

Donnelly dá um tapinha nas costas de Beckett. — Aprenda com os melhores. Eu. — *Grande guarda-costas.*

Oscar se espreme pelo corredor. — Isso é uma coisa negativa, Donnelly. — Ele derrapa até parar na porta e estremece para Maximoff. — *Ai*.

Quinn espreita a cabeça dele. — Deus, eu sei como é isso. — Ele aponta para a cicatriz ao longo de seu nariz torto. — Dois anos atrás, gancho de direita no ringue.

— De onde é essa cicatriz? — Sulli se aproxima e aponta para a pequena cicatriz abaixo de seu olho, e ela joga o saquinho de gelo embrulhado em uma toalha para Beckett. Ele pega.

Eu realmente adoraria que esse público desnecessário evacuasse o banheiro e o corredor e parasse de distrair Maximoff. Que neste momento girou completamente a cabeça para longe deles e olha para a parede.

— A pele se separou, de outra luta de boxe — diz Quinn. —Eu nocauteei o outro cara.

Oscar e Donnelly começam a bater palmas em tom de brincadeira e, normalmente, eu teria me juntado aos aplausos fingidos, mas preciso que esses filhos da puta saiam do banheiro. — OK. — Eu mastigo meu chiclete. — Não posso fazer meu melhor trabalho com vocês, bastardos, fazendo sombra. — Não estou prestes a dizer: *ei, pessoal, Maximoff tem problemas em estar vulnerável na frente das pessoas, então, por favor, saiam.* Não. Faço um gesto para os guarda-costas Ômega. — Deem o fora.

Quando Donnelly sai, ele me joga um beijo de dedo do meio, e Oscar faz algum comentário sobre eu ser territorial. Quinn pergunta se preciso de alguma coisa, e Oscar enfia a cabeça para trás, só para dizer, *meu irmão ama você*. Ele bate os cílios.

Eu estouro meu chiclete e apenas digo a Quinn: — *Ibuprofeno* para Maximoff. — Assim que eles se dispersam, Beckett fica no banheiro com Sulli na porta.

Eu treino meu foco em Maximoff. — Preciso tocar seu nariz e procurar uma fratura.

Suas juntas travam.

Eu não vou machucar você. Eu expresso isso através dos meus olhos, e então ele assente. Deslizo levemente meu polegar pela ponte inchada antes de apertar um pouco.

Ele fecha os olhos por um momento, o único sinal de dor. — Estou bem — Ele tenta me assegurar.

Eu me concentro em um centímetro de osso, adicionando quase nenhuma força enquanto corro meu dedo para frente e para trás. *Merda*. Eu solto minha mão quando estou 100% certo.

— Ele é propenso a hemorragias nasais — Beckett me diz. — Isso aconteceu há anos naquela festa do iate, e o osso não quebrou.

Maximoff mantém o olhar firme, ambos nos lembrando daquele momento. Eu estava lá. Eu estava no convés do iate e o vi lutar contra Charlie no cais abaixo.

Ele tinha dezenove anos.

Eu tinha vinte e quatro anos, estava muito, *muito* prestes a mudar de

carreira, da medicina para a segurança. Mesmo naquela época, eu me vi investindo meu interesse em Maximoff Hale.

Eu queria intervir em seu nome. Porra, eu adoraria tirá-lo daquela luta. Mas uma declaração silenciosa de Hale-Cobalt-Meadows sempre paira no ar: *não interfira em discussões familiares.*

Mesmo eu, o dissidente da equipe de segurança, não quebrei essa regra, mas para ajudá-lo, eu quis.

Muitas vezes.

Maximoff quebra o contato visual e fixa um olhar estreito em seu primo. — Obrigado, Beckett — Ele diz secamente.

— Eu não contei isso para ser um idiota — Beckett esclarece. — Farrow deve conhecer seu histórico médico.

Maximoff rosna de frustração e tenta virar a cabeça para trás.

Eu aperto sua mandíbula, mantendo-o inclinado para frente. — Não se mova.

— Apenas me diga o diagnóstico — diz Maximoff, ainda apertando o nariz. — Eu preciso de cirurgia reconstrutiva facial, certo? Um transplante de cérebro amanhã? Provavelmente um gesso de corpo inteiro e um ajuste de caixão?

Eu sorrio enquanto mastigo meu chiclete. *Esse cara, nossa*. — Você pode continuar.

Ele brilha. — Terminei.

— Isso é muito ruim — digo seriamente e deslizo para fora do balcão, meu peito roçando contra o peito dele. Eu continuo segurando sua mandíbula. — Adoro assistir a um Desertor de Harvard autodiagnosticar uma hemorragia nasal

como uma lesão de corpo inteiro.

Ele me mostraria o dedo do meio se pudesse.

Minha mão desce e esfrego sua nuca. Meus outros dedos pairam em seu pulso. — O sangramento parece ter diminuído. — Eu puxo sua mão para baixo para que ele pare de apertar o nariz. Sem sangue pingando. Isso é bom.

— E? — Ele pergunta.

— Sem cirurgia, sem raios-X. Você só precisa de gelo e analgésicos. Só quebrou um pouquinho. — Já vi várias pequenas fraturas no nariz no pronto-socorro como a dele. Eu pego o gelo de Beckett. — Mantenha o gelo na ponta do nariz e seja gentil. Vai ajudar com o inchaço.

Seus ombros relaxam, satisfeito com a notícia. Eu sei o que o preocupa – e não é a dor – é ligar para o médico concierge, agendar uma data para a cirurgia e atrapalhar a turnê *meet-and-greet* onde fãs, equipe e todos no ônibus contam com ele.

Maximoff espalha o saquinho de gelo sobre o osso, e eu lavo as mãos na pia.

— Eu sinto muito — Sulli diz novamente. — Se você quiser desistir da ultramaratona, eu entendo totalmente.

Maximoff fala por três minutos completos, garantindo a Sulli que ele ainda pode correr facilmente. A corrida também não está próxima e, independentemente disso, eles não têm tanto tempo para treinar em turnê.

Beckett bebe sua cerveja e me observa enxugar minhas mãos em uma toalha. Pulseiras de “amizade” trançadas azuis e amarelas estão amarradas soltas em seu pulsos. Idênticas as dos tornozelos de Sulli.

Ele tem uma pergunta para mim. Eu consigo notar.

— Desembucha — digo e jogo a toalha no balcão.

— Maximoff é o seu primeiro relacionamento?

— Não.

Maximoff estende a mão. — Beckett, não vamos por aí, certo?

Beckett se volta contra ele. — Você perguntou a Farrow por que seus outros relacionamentos terminaram? Ele terminou com eles ou foi o contrário? Por quantos caras ele já se apaixonou...

— Cara — Eu o corto —, sem ofensa, mas eu não estou em um relacionamento com você. Se Maximoff quiser essas respostas, direi a ele, mas não vou realizar um fórum público.

Beckett desliza o olhar ao longo de mim pela quinta vez agora. — Por que não? Você tem algo a esconder?

— Pare, Beck — Adverte Maximoff.

Sulli hesita inquieta, não gostando de confronto.

— Eu só estou cuidando de você, Moffy — Beckett diz enquanto se concentra em mim. Como se eu fosse uma presa, mas seria preciso mais do que o ceticismo desse garoto para arquear as costas e pegar uma arma figurativa.

Eu levanto minhas sobrancelhas e mastigo meu chiclete casualmente. Ele olha com mais atenção. Minha indiferença está irritando-o.

— Agradeço a preocupação — diz Maximoff —, mas sou *altamente* capaz de lidar com meu relacionamento sozinho — Sua voz é firme e inflexível. Todo alfa.

Meu sorriso se estende, seguro por um segundo, mas quando me viro, percebo rapidamente que Beckett confunde minha reação com arrogância. Como se eu estivesse carregando uma vitória sobre a cabeça dele e sorrindo, *Maximoff*

ficou do meu lado, não do seu.

Não é o caso. Não a verdade.

— Não sou de subterfúgios — Beckett me diz —, então estou colocando isso em aberto. — Ele me imita, erguendo as sobrancelhas. — Eu não confio em você…

— Você não confia em mim porque não me conhece...

— Seja qual for o caso — diz Beckett.

E vejo Akara na minha periferia, olhando. Ele sussurra para Sulli, e ela acena com a cabeça antes de sair.

Beckett continua: — Se você trair meu primo, todos os sete Cobalts irão destruí-lo muito pior do que você jamais poderia machucá-lo.

— É justo — digo, ainda mais reconhecendo Akara, que me leva para fora do banheiro.

Quando saio para a primeira sala, Maximoff fecha a porta e começa a conversar em particular com Beckett.

A maior parte da ESO está espalhada nos sofás cinza, escutando.

Oscar se levanta e sussurra para mim: — Eles não lidaram com irmãos ou primos em relacionamentos sérios. Você é o primeiro.

— Já percebi. — Eu passo a mão pelo meu cabelo descolorido. — Você sabe que Kinney Hale teria te esfaqueado no olho por chamar a ex-namorada dela de nada sério.

Oscar move de seu peito para o meu. — Você e eu sabemos que o amor infantil não é sério. Quantos anos ela tem, nove?

— Treze. — Eu corro minha mão sobre meu queixo. — Ela vai 'revogar' seu lugar de membro daquela merda de Brigada Arco-íris se você não for

cuidadoso.

Oscar quase ri e volta a amarrar uma bandana enrolada em volta da testa. — Não é real até que ela faça os *broches*.

— Diga isso a ela. — Eu olho para Akara que termina de conversar com alguém em um beliche. Ele me mostra a segui-lo mais longe no corredor, para o segundo salão.

Antes de eu seguir, Oscar abaixa a voz mais uma oitava. — Sério, eu sei que Maximoff é uma das celebridades mais gostosas, e posso imaginar como é o sexo...

— Não, você não pode — digo facilmente.

Sua boca se abre. — Agora vou precisar de detalhes.

Solto uma risada curta e olho para Akara, que está esperando. — Oscar…

— Você tem que se perguntar — Ele sussurra — se lidar com essas famílias em um nível pessoal, não profissional, realmente vale a pena. Porque eu te conheço, você vai entrar nas trincheiras e lutar até morrer. Mas agora é a hora de sair enquanto você ainda pode.

Eu mastigo meu chiclete lentamente e balanço minha cabeça. — Eu nunca me comprometeria, transaria com um cara e depois terminaria. E não estou prestes a esmagá-lo porque estou com medo de sua família quando não estou nem um pouco com medo.

— E sua falta de medo me deixa inquieto — diz Oscar sem rodeios —, mas faça o que quiser, Redford. Quando isso quebrar e queimar, será minha vez de levá-lo para beber.

Reviro os olhos.

Ele terminou com o namorado de longa data na faculdade e eu o levei a

um bar para que ele parasse de mandar mensagens para Darrien.

E talvez eu tenha comprado uma *Corona* para ele.

Sem dizer mais nada, finalmente sigo para a segunda sala.

Só Akara aqui.

Ele descansa contra a mesa e estala os dedos na palma da mão. — Então, em primeiro lugar, você leu o e-mail da ESO?

— Sim.

Thatcher enviou o e-mail para todos nós ao raiar do dia. Eu mal li as palavras, mas posso recitar todo o "memorando" de cor.

Regras da ESO na turnê (não devem ser negociadas ou contestadas):

1. A ESO fará turnos dirigindo o ônibus da turnê. Como Paul Donnelly e Quinn Oliveira foram reprovados no teste de motorista para operar o ônibus, apenas Akara Kitsuwon, Farrow Keene, Oscar Oliveira e Thatcher Moretti irão dirigir.

Thatcher está ao volante há uma hora.

2. O ônibus de turismo funciona como uma "casa sobre rodas" e, por isso, você é considerado "de folga" no ônibus. Você não é obrigado a usar rádio no ônibus, mas deve usá-lo imediatamente assim que sair. Mantenha seu telefone carregado caso Alfa ou Épsilon precisem entrar em contato com você.

3. As portas dos ônibus devem estar sempre trancadas.

4. Avise o motorista se o seu cliente sair do ônibus. Junte-se sempre ao seu cliente. Não saia do lado deles.

5. Quaisquer convidados devem ser examinados antes de entrar no ônibus. ANDs são necessários.

6. Dirigiremos durante a noite, portanto, respeite aqueles que dormem.

Não bata portas.

7. Algumas convenções incluirão pernoites em hotéis. Os guarda-costas devem ficar no quarto do hotel com seu cliente. É provável que alguns clientes queiram ficar juntos (ou seja, Sulli e Jane) – fiquem cientes disso.

8. Há nove homens para duas mulheres. Por favor, respeitem o espaço delas.

9. Reconheça que a equipe de turismo não é permitida no ônibus. Você é. Entenda essa honra, e garanta a proteção do seu cliente.

10. Por fim, lembre-se da hierarquia. Você tem alguma preocupação, traga-as para Akara ou Thatcher.

— Ótimo — diz Akara. — Thatcher queria ter certeza de que você não apenas deletou.

— Claro que sim. — Percebo a severidade no rosto de Akara. — O que há de errado?

Ele verifica por cima do meu ombro, mas ninguém está escutando. Então ele sussurra: — A equipe de tecnologia rastreou o endereço IP da conta do *Instagram*. O usuário é da Filadélfia.

Eu não pisco. — A probabilidade de que conheça Maximoff...

— É muito mais alta — Finaliza Akara. — O usuário bloqueou a equipe de tecnologia e agora há um *firewall* nos bloqueando.

— Merda.

— Os possíveis motivos para alguém fazer uma conta pessoal de 'ameaça de morte' seria vingança. — Akara faz uma pausa quando a porta do banheiro se

abre, e nós dois mudamos de posição. De costas para o corredor. — Ômega vai trabalhar discretamente para desmascarar o usuário anônimo e, enquanto reunimos informações, não fique obcecado com a conta.

Eu franzo a testa. — Como a conta ainda está ativa? Nós a sinalizamos.

— Precisamos que continue ativa agora — Explica Akara. — Se o usuário realmente está planejando prejudicar Maximoff, essa conta é a única evidência que podemos rastrear.

Eu assinto, meu olhar queimando. Tudo dentro de mim anseia e implora para resolver isso agora e libertar Maximoff de uma ameaça. Para mantê-lo seguro.

Proteja-o.

Mas estou em um ônibus.

Rumo a uma cidade insone, e a vida agitada dele não para por ninguém.

Capítulo 10

Maximoff Hale

FARROW DIRIGE NO turno da noite. A caminho de Cleveland. Eu acampo no banco do passageiro e faço companhia a ele.

Prefiro Farrow dirigindo a praticamente todo mundo. Eu posso admitir que estou no limite. Eu faria qualquer coisa para sentar ao volante, exceto infringir a lei.

O que me deixa com praticamente nada. Infelizmente.

As luzes diminuíram, o ônibus zumbe. Quieto. Guarda-costas e minha família dormem em seus beliches. A porta de privacidade está fechada, então, estamos isolados da primeira sala. E apenas uma van de paparazzi está nos seguindo.

Com vidros escurecidos, não há muito que os cinegrafistas possam captar.

Farrow mantém uma mão tatuada no volante, postura toda calma e confiante. Seu pé esquerdo está empoleirado no assento, o braço relaxado sobre o joelho dobrado. Ele constantemente olha para mim com um sorriso cada vez maior de sabe-tudo.

Meu sangue ferve. Estalo um ou dois dedos e me mexo no assento.

Nunca pensei muito sobre *química* ou como sua energia imperturbável seria compatível com a minha agitada, mas algo sobre Farrow me deixa maluco. Meu pulso bate mais forte do que meu nariz quebrado palpita.

Toda maldita vez que estou com ele, parece a primeira vez que estamos

juntos. Ele está avançando sob a minha pele, na minha corrente sanguínea, definitivamente no meu cérebro – me tornei um caso perdido desde que eu tinha dezesseis anos. E ainda não aceitei totalmente esse fato.

Que alguém na minha vida está aqui para mim. Porque eles me amam. Um amor romântico. Não família, não apenas amizade. Ainda parece inacreditável.

Eu não sei por quê.

— O que você está pensando? — Ele pergunta.

Eu inconscientemente olho para o zíper. Foda-se meu cérebro sexualmente frustrado.

Ele inclina a cabeça e então olha para a estrada com um sorriso satisfeito. — Você está sonhando em me foder?

Eu dou a ele um olhar estranho enquanto coloco meu pé no painel. Tentando relaxar. Parece estranho. — Por que eu sonharia com isso quando posso apenas foder você?

— Porque você não vai me foder aqui, lobinho.

Ele sabe que geralmente consigo o que quero como celebridade. E ele me dizendo *não* – isso apenas incendeia meu corpo. Eu deixo cair meu pé, meus músculos flexionados e abdominais rígidos. — Espere, deixe-me fazer um pedido a uma estrela — digo, com sarcasmo.

Ele olha para mim, a estrada, então a protuberância no meu jeans. É uma protuberância normal. Não fique animado. — Quão reprimido você está?

— Não o suficiente para enfiar meu pau na sua bunda e matar todo mundo lá atrás.

Ele revira os olhos e depois sorri. — Sempre um espertinho precioso. — Ele desembrulha um pedaço de chiclete e dirige apoiando o joelho no volante.

— Já vi muitos filmes em que um casal morre porque alguém chupa o motorista. Morte por boquete – *não* como vou morrer.

— OK, não foi isso que eu perguntei. — Ele amassa o papel alumínio e joga na bandeja de moeda. — O tempo realmente não está do nosso lado ultimamente, e se você precisar se masturbar sem mim, não vou ficar chateado. — Ele se concentra na estrada enquanto o GPS o direciona para fora da saída. — Isso não é um passe de autorização, a propósito.

— Espere um minuto. — Sento-me mais reto. — Você está me dizendo que as pessoas param de se masturbar quando estão em um relacionamento?

Ele verifica seu espelho lateral. — Nunca esperei isso, mas já estive com alguém que parou.

Eu faço uma careta. — Foda-se esse cara.

Farrow começa a sorrir. — E você sabe o que é um passe de autorização, certo?

Eu pisco. — Não.

— Sarcasmo?

— Sim. Jesus Cristo. — Eu rosno minha irritação.

— Apenas checando. Você parece um pouco…

— Não diga isso. — Eu literalmente cobriria sua boca se ele não estivesse dirigindo agora.

— Puro.

Eu o desvio, e no próximo breve olhar, ele estuda os cantos dos meus olhos, a pele por baixo manchada de preto e azul. Eu verifiquei em um espelho. Vou precisar esconder os hematomas com maquiagem antes do encontro.

Observo a palma da mão e os dedos esfregando o joelho antes de ele

agarrar o volante novamente. Falar sobre sexo só me manda para a toca do coelho. Um abismo anormal e realmente estranho que ninguém esperaria, mas ele pode dizer que estou flutuando em algum lugar. Mentalmente.

— No que você está realmente pensando? — Ele pergunta.

Eu tento me inclinar para trás. — Minha mãe.

O peso afunda no ar com essas duas palavras, mas ele espera que eu continue.

Eu inalo uma respiração forte. — Eu estava pensando em como uma viagem como esta teria sido difícil para ela, se ela estivesse aqui, na minha idade, ainda lutando contra seu vício em sexo. — Eu lambo meus lábios. — Não sei. São as coisas pequenas. Tipo, ela iria querer parar o ônibus e transar com meu pai? Ela estaria inquieta ou chateada? Ou eles apenas foderiam no sofá? Então, eu começo a pensar em como é estranho pra caralho estar *pensando* casualmente na vida sexual dos meus pais.

Ele abre a tampa de um Lightning Bolt!, bebida energética. — É o seu normal — Ele me diz. — Não precisa ser de todo mundo. — Ele dá um gole na bebida e me oferece a lata fina.

Tomo um gole e devolvo, lembrando de como Farrow não julga e tem a mente aberta – e sim, eu gosto. Não posso ter alguém em minha vida particular me menosprezando por não ser perfeito. Eu recebo muito isso *online*.

Farrow entra em outra rodovia. — O que você teria feito se não fosse rico e famoso? — Ele me pergunta. — Qual seria a sua carreira?

Aquele universo alternativo. — Você não sabe?

— Por que eu deveria?

— É de conhecimento público. Toda vez que a imprensa me entrevista,

eles fazem essa pergunta. — Isso me lembra algo que Beckett disse no banheiro. Algo que tentei não deixar invadir meu cérebro como uma insegurança parasitária.

Beckett me disse: — *Para cada 200 fatos que Farrow sabe sobre você, você só conhece 2 fatos sobre ele. Então, o que você realmente sabe sobre Farrow? Não estou tentando ser um babaca. Seja cuidadoso. Você não é o tipo de pessoa que deixa qualquer um entrar, e ele passou por toda a sua cautela, não foi?*

Ele passou, e talvez eu não tenha questionado Farrow o suficiente ou questionado ele tanto quanto Beckett faria. Mas odeio ser indeciso ou mesmo duvidoso sobre minhas próprias ações. Gosto de me mover e falar com segurança, e mesmo esse pedaço de incerteza me faz estremecer.

Farrow está quieto tentando se lembrar de algo. — Você não brincou nessas entrevistas? — Ele muda de faixa. — A menos que você estivesse falando sério quando disse que queria ser um caçador de recompensas intergaláctico.

— Eu estava falando sério, e eu tinha quatro anos — digo.

Ele estoura o chiclete, prestes a rir. — Quando eu perguntei, eu estava perguntando ao jovem de vinte e dois anos no banco do passageiro. Não à criança de quatro anos.

— Certo. — Eu lambo meus lábios, contendo um sorriso. — Sinceramente, tento não pensar naquele universo alternativo, mas às vezes... sei onde estaria.

Farrow mantém meu olhar por um longo momento, compreensão em seus olhos castanhos. — Os militares — diz ele com um aceno de cabeça, antes de mim na resposta.

— Sim, os militares — digo. *Ele me conhece.* Muito bem. Eu passo a mão pelo meu cabelo, minha pulseira de corda cinza ainda amarrada no meu pulso. Não tiro com tanta frequência. — Então, seus relacionamentos anteriores…

Ele verifica as direções no GPS de seu telefone. — Eu estava me perguntando quando você perguntaria.

Então ele sabia que as palavras de Beckett se infiltrariam em meu cérebro de alguma forma.

De alguma forma.

Farrow desliga o telefone. — O que quer que você queira saber, eu vou responder. — Ele sempre disse isso.

Eu instintivamente balanço minha cabeça. — Não é grande coisa. Uma parte enorme e colossal de mim não queria detalhes sobre seus ex-namorados, e é por isso que não perguntei antes.

Imaginá-lo com outros caras quando tenho fortes sentimentos por ele – começo a fazer uma careta, depois estremeço. Quase como se eu tivesse borrifado *Pam* ou *Lysol* em meus olhos. Não, na verdade, prefiro borrifar meus olhos com produtos domésticos a ouvir em detalhes graves como Farrow se apaixonou por outro homem.

Minhas sobrancelhas franzem com outro pensamento. — Não sei o que as pessoas normalmente fazem em relacionamentos sérios. — Meus ombros ficam tensos. — Eu não sei... devo perguntar a você e me intrometer? Isso é a coisa *certa*?

Seu sorriso rompe. — Lobinho, apenas faça o que quiser. Não há certo ou errado aqui. E não há nenhum distintivo de mérito de 'melhor namorado' em jogo ou mesmo 'pior namorado'. Eu prometo, você está seguro.

Minha coragem sobe em uma respiração mais profunda, a confiança surgindo de volta. Eu giro um pouco, apenas para encará-lo. — Eu não preciso saber o nome de nenhum dos seus ‘ex’ ou qualquer coisa assim. Mas estou apenas curioso... você terminou ou eles?

— Um foi um rompimento mútuo. — Ele toma um gole maior de bebida energética. —Os outros três, terminei as coisas primeiro. — Ele olha para mim e eu escuto atentamente, interessado em seu passado. — A pessoa tinha que sair do país para trabalhar e eu não queria um relacionamento à distância. Os outros dois, eu não estava sentindo o mesmo depois de um tempo.

— Você ficou entediado ou algo assim? — Eu pergunto.

Farrow joga a cabeça de um lado para o outro, considerando isso. — Ou algo assim. — Ele coloca a bebida de volta no painel. — Nunca procurei ativamente por um cara *para sempre*, mas em algum momento eu acordava e pensava: *posso fazer isso por mais um ano, dois anos, três?* E se a resposta fosse constantemente *não*, então, eu terminava.

Huh.

Eu olho para longe por um longo momento. — Mesmo se você amasse o cara? — Nossos olhos captam.

Então ele se concentra na estrada novamente, mas seu corpo ainda está completamente relaxado. — Acho que não os amei tanto quanto poderia, ou então eu ainda estaria com eles e não falando no passado.

Eu recuo. Não preciso de garantia extra ou que ele prometa que serei o cara *para sempre*. Porque isso é totalmente novo para mim, e eu também não posso prever o futuro. Mas agora, ele é meu. Eu sou dele, e não há sentimento melhor do que esse.

— É isso? — Ele pergunta, parecendo surpreso.

— Você geralmente gosta de atletas ou eu sou o diferente?

Seu sorriso se estende mais e mais. *Me fode*. Eu quero a boca dele em volta do meu pau como ontem.

— Você, diferente? — Ele repete minhas palavras com uma voz rouca, e seu hábito de mascar chiclete de alguma forma reforça sua confiança casual ao enésimo grau. Em um olhar fervente, seu olhar apenas queima meu corpo. — Já fui atrás de atletas antes, mas muitos não se parecem com você. — Ele aponta para o meu rosto. — Supermodelo. — Em seguida, aponta para o meu abdômen. — Atléticos.

— Então você está dizendo que eu sou mais bonito do que você.

Seu sorriso se alarga. — Eu ainda sou mais bonito do que você, lobinho.

Eu acredito nisso, mas também quero contestá-lo. Só para prolongar essa porra de momento. — Quem disse?

— Seu pau.

Meus músculos se contraem. Nós dois olhamos para a *boca* um do outro. Eu quero beijar a porra da dele. Até que seu corpo se una ao meu e a separação levaria um século.

Eu agarro sua mão que descansa em seu joelho, e ele deve sentir minha próxima ação porque ele assume o controle e coloca a palma da mão na minha coxa, jeans entre sua pele e minha pele.

Ele desliza a mão para dentro, mais perto do meu pau pulsante – ele está provocando, mas não é capaz de fazer nada real enquanto está ao volante.

Nós dois estamos acostumados a *não nos tocarmos* enquanto dirigimos na Filadélfia, mas neste ônibus escuro é mais seguro. Então, Farrow me tocando –

de qualquer jeito – eu aceitarei avidamente.

Ele me dá outra longa olhada antes de observar a estrada. — Que tipo de cara você costuma escolher? — Ele pergunta.

— Eu só estava procurando por sexo, um caso de uma noite — Eu o lembro. — Mas eu gravitava em torno de homens do mesmo tamanho que eu ou maiores. Praticamente qualquer cara que parecesse querer me pegar com força.

Farrow mastiga seu chiclete lentamente, pensativo. — Mas você não os deixava assumirem o controle na cama. — Ele sabe como sou agressivo.

— Certo.

Ele suga uma respiração. — Droga.

Eu ouço algo mais em sua voz. — O quê?

— Essa é uma linha tênue, especialmente porque você é famoso. — Seus olhos voam para mim. — Eles poderiam ter te machucado facilmente.

— Eles não machucaram — Eu asseguro a ele.

Ele balança a cabeça, e sua mão desliza para o meu joelho. Ele esfrega minha perna, quase confortavelmente. De uma forma que me relaxa contra o meu assento. *Ele se importa comigo.* Eu poderia me acostumar demais com isso.

Começamos a falar sobre as bandas dos anos noventa quando ele aumenta o volume do estéreo. Não alto o suficiente para acordar os outros. No meio do caminho, ele menciona *Thatcher* como um idiota obstinado.

— Qual é o seu problema com Thatcher, afinal? — Eu pergunto e tomo um gole de uma garrafa de Ziff.

— O filho da puta me deu um choque.

Eu engasgo com minha bebida esportiva. — O quê? — Eu limpo minha boca com as costas do meu braço. — Você está brincando.

— Não estou — diz ele. — Trabalhamos juntos em um evento alguns anos atrás em Nova York...

— Que evento? — Tinha que estar relacionado com a minha família.

— Você não estava lá — Ele começa. — Foi uma sessão de fotos para a capa da revista *Forbes*, e os paparazzi vazaram nossa localização.

Lembro que meus pais, tia Rose e tio Connor, e tia Daisy e tio Ryke estavam todos juntos naquela capa. — Por que Thatcher estava lá se ele foi designado para Xander?

— Nós levamos segurança extra naquele dia. — Farrow olha para mim, depois para a estrada. — Assim que saímos do prédio, o inferno começou. Paparazzi invadiram o carro de Lily antes de levá-la até a porta. Uns intrometidos apareceram e um deles tentou pegar a bolsa de sua tia Rose. — Ele balança a cabeça. — Naquele momento, eu já havia trancado Lily em segurança em seu carro sem mim. Eu podia ver esse idiota atrás de mim, mexendo com Rose. Eu me virei, acertei-o e, assim que coloquei a mão nas costas de Rose, fui eletrocutado.

— Por que ele faria isso?

— Thatcher disse que me 'confundiu' com o idiota que soquei. Mas acontece que o único erro que ele já cometeu enviou volts elétricos pelo meu corpo. *Certo*. — Ele revira os olhos. — Não devemos sacar nossas armas em áreas lotadas. Causa medo, pânico – e somos contratados para controlar essas situações. Thatcher sabia disso.

Minha boca se abre em choque. — Caralho... eu não posso acreditar que ele te deu um choque.

Farrow solta uma risada curta. — No meu primeiro dia de trabalho, ele me

fez correr 19 km nas montanhas de Poconos. Sozinho. No escuro. O primeiro dia para Donnelly, um café da manhã com panquecas. Sem mentira nenhuma. — Ele liga o pisca-pisca e muda de faixa. Deixa um carro em alta velocidade passar.

Como Thatcher é o líder, ele tem poder sobre Farrow. Só de imaginá-lo usando sua posição contra meu namorado, meu maxilar fica tenso. — E agora, eu quero chutar o traseiro dele.

Seus lábios se curvam. — É fofo que você acha que eu preciso de proteção.

— Talvez você precise. — Farrow muda de estação de rádio, seu sorriso extraordinariamente grande.

Antes que ele diga, *você é o famoso* ou *não pode ser o cavaleiro em todas as situações*, eu pergunto a ele: — Por que Thatcher escolheu você?

— Antes de ser contratado para a equipe de sua mãe, o irmão gêmeo de Thatcher deveria ocupar o cargo. Mas Lily descobriu que terminei o treinamento de segurança e pediu a mim.

A compreensão me alcança.

Farrow Keene costumava ser apenas o filho de nosso médico concierge, e meus pais sempre gostaram muito dele. Então, eu definitivamente poderia ver minha mãe solicitando Farrow como seu guarda-costas 24/7.

Farrow observa minha reação por um segundo, sua mão tatuada de volta na minha coxa.

Eu coloco minha palma em cima de sua mão e torço um de seus anéis de prata.

— Eu não sabia de nada disso.

— Você não deveria. Esse tipo de informação fica em segurança. — Ele

faz uma pausa. — Faça- me um favor? Pegue o USB do…

Já me inclino para a frente e abro o porta-luvas. Em um segundo rápido, eu conecto seu telefone ao aparelho de som e coloco sua lista de reprodução dos anos noventa.

Ele balança a cabeça algumas vezes, com um sorriso nos olhos. E me pergunto se ele está pensando: *Maximoff me conhece. Muito bem.*

Eu lambo meus lábios. — Então você pegou o emprego de Banks e isso o colocou na lista de merda de Thatcher?

— Parcialmente. — Ele usa a mão esquerda para dirigir. — Eu não era apenas o cara que tirou o emprego do irmão. Eu era filho do médico da família, um cara com pouca experiência em segurança, que odiava regras e que agora era o guarda-costas de Lily Calloway. Aos olhos de Thatcher, recebi o cargo sem merecê-lo. — Farrow masca seu chiclete com um sorriso. — Mal sabia ele que sou o melhor em tudo que faço.

Minhas sobrancelhas franzem. — É como se em um minuto você fizesse sentido e no próximo, fosse Klingon.

Farrow me encara o máximo que pode, depois se concentra na estrada.

— Não tenho vergonha de dizer que não sei o que diabos isso significa.

— Deixe isso acontecer em todos os registros que já existiram: eu sei algo que você não sabe.

Farrow olha de volta. — Aproveite enquanto dura porque não vai durar muito.

— Eu sempre durei mais do que você — Retruco.

Farrow assobia. — A última vez que fiz você gozar deve ter realmente ferrado com a sua memória.

— Você me fez gozar? — Eu finjo confusão e me mexo no meu assento. — Não tenho certeza se você fez isso.

Ele sorri para a estrada. — Não se preocupe, vou lembrá-lo como é sentir isso.

Porra. Cristo. Meu cérebro, meu corpo – todas as peças do Time Farrow em mim *desejam* e imploram para lucrar com isso agora.

Então meu telefone vibra no meu bolso de trás. É tarde para a maioria da minha família enviar mensagens de texto. Enquanto tiro meu telefone do bolso, penso em como Farrow já provou seu valor para a equipe de segurança, mantendo minha mãe segura.

Alfa pode reclamar dele, mas eu vi o Tri-Force chamar Farrow pelo rádio em situações de alto estresse. Como durante o incidente da Hallow Friends Eve, Akara se voltou para ele primeiro. Quando o empurrão chega, toda a equipe de segurança confia e conta com Farrow. Sabendo que ele estará lá e estará pronto.

Se isso não fosse verdade, ele já teria sido demitido há algum tempo. E Thatcher nunca teria votado para mantê-lo por perto.

Pergunto a Farrow: — Thatcher sabe que você é bom no que faz, então, por que ele ainda te odeia?

— Porque eu não me provei de acordo com os padrões dele. — Farrow gira o volante, fazendo uma saída fechada para uma rampa.

Talvez tenha a ver com a criação de Thatcher. — O pai dele era um SEAL da Marinha, certo?

Farrow franze a testa. — Como você sabe disso?

— Xander mencionou isso uma vez. — Eu clico em minhas mensagens recentes.

Tom: *EU SOU UM PERDEDOR!!!*

Eu me endireito porque isso não soa como Tom Cobalt. Antes de eu responder, outro texto aparece.

Tom: *Eu vou morrer agora*

Farrow me olha com olhos de águia enquanto eu paro de enviar mensagens de texto e apenas ligo para meu primo de dezessete anos. Eu coloco meu celular no meu ouvido e desconecto o telefone de Farrow do USB. — Ligue para o guarda-costas de Tom. Alguma coisa não está certa.

Capítulo 11

Farrow Keene

ESTOU DE OLHO na estrada escura e uso uma das mãos para falar ao telefone.

— *Ligue para Ian Wreath.*

Estou fora do alcance do rádio de Épsilon e Alfa enquanto nos afastamos de Filadélfia e NYC. E não acompanhei as famílias nos registros diários da equipe.

Eu coloco meu telefone no meu ouvido com meu ombro. As ruas começam a se estreitar agora que estou fora da rodovia.

Estamos a pouco menos de cinco minutos do hotel para pernoitarmos. Fica a cerca de um quilômetro de onde a convenção vai acontecer. Maximoff não reservou quartos no mesmo hotel do *meet-and-greet* de Cleveland. Porque isso seria um pesadelo de segurança.

— Tom? — Maximoff abaixa o telefone, seu olhar endurecido. — Ele desligou na minha cara.

Minha linha toca:

— Ian? —Aperto o viva-voz para que Maximoff possa ouvir. — Vocês estão em algum lugar com Tom? — A bateria toca alto ao fundo.

— *Por que você quer saber?!* — Ele grita sobre a cacofonia.

Não gosto da ESE e a ESE não gosta de mim. Está escrito em pedra.

— Cara, estou perguntando pelo meu cliente. Eu não ligaria para você para

cagar e rir.

— *O que Maximoff quer?!*

Maximoff assume instantaneamente.

— Onde está Tom?

Baixo e guitarra dedilham pelo alto-falante.

— *Estamos na casa de seu colega de banda.*

— Deixe-me falar com ele — diz Maximoff, sem brincadeira.

— *TOM!* — Ian grita, e depois de sons abafados, a batida de um tambor, queda de um objeto, risos e mais conversas, Tom fala.

— *Moffy! E aí, cara?*

Maximoff segura meu celular. — Você me mandou mensagens? Onde está seu telefone?

Imagino Tom apalpando os bolsos e sua voz desaparece. — *Qual de vocês idiotas pegou meu telefone?* — Mais risadas.

Juntei dois mais dois: um garoto roubou o telefone de Tom e mandou uma mensagem para Maximoff como uma brincadeira. Eu cuspo meu chiclete velho. Estou irritado pra caralho com Ian.

Maximoff continua balançando a cabeça e tenta esticar o braço flexionando-o sobre o peito.

Veja, o erro está no guarda-costas. Ian não deveria ter deixado ninguém roubar o telefone de seu cliente. Se Tom o largou, seu guarda-costas deveria tê-lo recolhido. Simples assim.

— *Desculpe, Moffy* — Tom diz com a voz mais alta. — *Meu colega de banda tem um péssimo senso de humor. O telefone está de volta.*

— Você vai ficar aí a noite toda? — Pergunta Maximoff.

Entro no estacionamento do hotel, o relógio marcando 4h32, e assim que paro no estacionamento de ônibus, desligo o motor.

— *Sim, vou ficar aqui* — diz Tom. — *Espere um segundo*. — Eu ouço passos, como se ele estivesse andando em algum lugar mais privado. O barulho de fundo diminui.

Maximoff desafivela o cinto de segurança ao mesmo tempo que eu. Abro o zíper da minha jaqueta de couro, e ele estende a mão ao redor do assento e encontra sua jaqueta verde lisa com suéter.

Tom continua: — *Tem um cara aqui chamado Freddie, amigo de um amigo do meu colega de banda, e ele fica falando sem parar sobre como você e ele ficaram uma noite.*

Fico imóvel, com as chaves do ônibus na mão. Se eles ficaram no passado, o filho da puta está quebrando seu AND falando sobre isso.

E como o usuário @maximoffmortohale se tornou uma ameaça real, todos que conhecem pessoalmente Maximoff estão no meu radar. Estou começando a perceber que qualquer um de seus casos de uma noite pode ser culpado.

Não sei quantas pessoas podem ser. Eu nunca pedi um número. Eu nunca vasculhei seus antigos ANDs. Eu não precisava ou queria, mas se eu precisar agora...

Meu nariz queima, emoções misturadas batem em mim. Maximoff protege suas feições. Eu não posso lê-lo. Ele diz a Tom:

— Não me lembro de nenhum Freddie.

— *Ele disse que você foi a melhor transa que ele já teve. Achei que você deveria saber caso ele esteja violando um contrato de privacidade, mas se ele estiver apenas mentindo...*

— Ignore-o — diz Maximoff ao pegar seu *Ray Ban* escuro. — Dê o telefone para o seu guarda-costas.

Aperto uma das minhas botas e calço as luvas pretas. Então eu me levanto do meu assento e coloco minha *Glock* no meu cóccix. A preparação mais tediosa para a turnê foi solicitar as licenças de armas de cada estado.

— *Mais uma coisa* — diz Tom. — *Eu fiquei muito sóbrio, mas eu, uh, tomei shots de Fireball, e durante esses minutos ou horas, eu disse algumas coisas que não deveria, mas acho que eles pensam que estou falando merda. Então, estamos todos bem.*

Porra do inferno.

Pego meu rádio, distorço os fios do fone de ouvido e desço alguns degraus até a porta do ônibus.

— O que você disse? — Maximoff pergunta, levantando o capuz sobre a cabeça.

Ele também se levanta e embainha uma faca de caça no tornozelo. Ele também guarda um canivete tático.

Ele não vai precisar disso, mas sei que ele se sente mais seguro armado.

— *Eu estava tentando defender minha irmã* — Explica Tom, referindo-se a Jane. — *e para defendê-la, mencionei que você está namorando alguém.*

Maximoff franze a testa.

Fico relativamente à vontade e prendo meu rádio na faixa preta. Se Tom não disse meu nome, estamos bem. Maximoff também sabe disso, então ele pergunta:

— Você disse quem?

— *Eu disse a eles Zac Efron, daí por que eles pensam que eu sou um*

monte de merda. Se isso acabar no Celebrity Crush amanhã, eu também sei que eles são todos uns babacas.

Maximoff me segue escada abaixo.

— Obrigado por me contar. Pega leve no *Fireball*.

— *Eu irei, aqui está meu guarda-costas.* — Ele deve passar o telefone para Ian. Penduro meu fone de ouvido no ombro e começo a destrancar a porta do ônibus.

Maximoff está um passo atrás de mim. Se ele pensa que vai sair do ônibus comigo, está enganado.

— *Ei?* — diz Ian.

— Ele tem dezessete anos. — Maximoff rosna. — Ele é a porra de um adolescente que está em uma banda, que não está prestando atenção em todos ao seu redor. Esse é o seu trabalho, e se você não fizer isso, vou deixar Thatcher, Akara e Price saberem.

— *Eu entendo.* — diz Ian rapidamente. — *Peço desculpas, isso não vai acontecer novamente. Você não precisa dizer ao Tri-Force. Por favor.* — Ele está choramingando.

— Cuide de Tom. — Maximoff desliga nessa breve nota final.

Minhas sobrancelhas arqueiam com meu piercing barra.

— Você fez Ian Wreath mijar nas calças.

— Akara teria feito ele cagar nas calças.

— Ele tem sorte de você ser legal. — Eu destranco a porta. — Você não vem comigo, aliás. — Estendo meu braço na escada, bloqueando-o.

Contusões arroxeadas sombreiam seus olhos. Eu o examino um pouco mais e um buraco tenta se formar em meu estômago. Merda, eu não gosto de vê-

lo ferido. De modo algum.

— Por que não? — Maximoff combate.

Começando com o polegar, conto os motivos. — Parece que você estava em uma briga. — Dedo indicador. — Você é uma celebridade severamente reconhecível. — Dedo do meio. — Consulte as razões um e dois.

Em qualquer dia normal, Maximoff não se importaria se as pessoas soubessem de sua localização ou se os fãs bombardeassem o hotel. Ele está acostumado com essa merda caótica. Mas todos concordamos em manter os locais o mais seguro possível para Beckett e Sullivan. Esses dois nunca estiveram na série documental *Somos Calloway* e, portanto, foram capazes de promover vidas privadas com muito mais facilidade do que Maximoff e Jane. Eles não estão acostumados a acumular multidões rapidamente. Akara quer acalmá-los, se pudermos.

Por mais que Maximoff ame seus primos, ele sempre arriscou sua segurança pessoal para se sentir livre. Postar sua localização, em tempo real, é sua norma.

Agora, ele está à mercê dessas restrições confinantes e, infelizmente para ele, só *eu* posso soltá-las.

— Estou escondendo os hematomas. — diz Maximoff, prestes a vestir o *Ray Ban*.

Eu seguro seu pulso. Parando-o. Nossos olhos nunca se separam.

— Isso vai doer. — Aviso. O óculos dele vai ficar perto da fratura. — Eu posso lidar com isso. — Ele tenta respirar, mas seu peito desmorona.

— Farrow, não vou ficar para trás neste ônibus. Eu preciso sair. Na chance de alguém me reconhecer, são quatro e pouco da manhã e não deve haver tantos

funcionários acordados. — Ele acena com a cabeça algumas vezes. — Podemos lidar com uma ou duas pessoas percebendo.

Minha escolha afeta diretamente a vida dele e as vidas naquele ônibus. Eu peso os riscos, lutando por um meio-termo onde ele se sinta seguro e livre.

Quando solto sua mão, ele gentilmente coloca seu *Ray Ban*. Escondendo as marcas pretas e azuis.

Examino seu moletom, capuz escondendo seu cabelo castanho-escuro. — Você faria melhor usando uma fantasia de verdade.

Seus ombros se mexem.

— Clark Kent só usa óculos e uma porra de um terno.

Minhas sobrancelhas se erguem.

— Você acabou de se comparar ao Super-Homem?

— Vai se foder. — Ele quase começa a sorrir, mas em vez disso suspira rudemente. — Sério, Farrow…

Bloqueio Thatcher, o resto da Ômega e qualquer outra pessoa que diga ou aja de maneira diferente – e estou morrendo de vontade de dar ao meu cliente o que ele precisa e, no momento, ele precisa de ar.

Decisão tomada.

Capítulo 12

Farrow Keene

— EM NOME DE quem está sua reserva? — Uma recepcionista baixinha de hotel me pergunta. Óculos redondo cai de seu nariz aquilino e cabelos ruivos e ralos se enrolam em torno de suas orelhas. Ela é a única no saguão de mármore, com os elevadores à vista.

— Farrow Keene. — Passo um cartão de crédito para a garota de vinte e poucos anos.

Ao meu lado, Maximoff alonga seus quadríceps e estala um torcicolo no pescoço. Eu sei o que ele precisa.

— A piscina do hotel está aberta 24 horas? — Eu pergunto a ela.

Maximoff tenta se controlar para não olhar na minha direção, mas mesmo com óculos de sol, sua expressão é fácil de ler. Boca levantada, pescoço um pouco avermelhado, desejo flexionando seus músculos – é pura atração.

Em minha direção.

Droga.

Engulo em seco. Sua falta de contenção está me matando. Passo a mão pelo cabelo.

— A piscina do hotel — Repete a garota enquanto digita no computador e passa o cartão de crédito. — Oh, hum… — Ela levanta o óculos. — Esvaziamos a piscina ontem para consertar o forro. Sinto muito, mas temos café da manhã de cortesia e internet grátis.

— Isso é perfeito. — diz Maximoff, parecendo sincero. Se ele fica decepcionado por causa da piscina, ele não deixa transparecer.

A garota se ocupa com cartões-chave, sem saber que uma celebridade acabou de falar com ela. — Ótimo, ótimo. — Ela desliza um envelope pelo balcão. — Seu bloco de quartos está pronto. Você precisa de ajuda com suas malas?

— Estamos bem. — Pego o envelope e o cartão de crédito.

— Obrigado por sua ajuda. — Maximoff diz à garota.

— Oh, espere, hum. — Ela levanta um dedo em pensamento. Maximoff congela.

Eu me inclino contra o balcão e desembrulho um pedaço de chiclete. Há uma probabilidade muito, *muito* boa de que ela o reconheça nos próximos cinco minutos. Eu já aceitei isso.

— Você está aqui a negócios ou a lazer? Temos um excelente guia de Cleveland se você estiver passeando. Deixe-me apenas… — Ela se agacha para encontrar um folheto no armário.

Maximoff põe o braço no balcão. — Estamos aqui apenas para amanhã.

— Izzy! — Uma garota sai correndo do cômodo *exclusivo dos funcionários*, vestida no mesmo *blazer* azul, e ela balança o celular. Gritando. — Izzy, Izzy, você tem que ver isso!

Maximoff gira, de costas para elas.

Izzy limpa a garganta e sussurra: — Temos hóspedes, Sana.

Sana balança a cabeça para mim. — Oh, meu Deus, eu sinto muito... — Sua voz falha, e ela olha minhas tatuagens no pescoço e meu lábio, nariz e piercing na testa, além do meu brinco. Ela aperta os lábios para não sorrir. —

Desculpe, é que o HMC FanCon anunciou sua primeira cidade. — Ela se vira para Izzy. — E eles estão vindo para cá. — Ela pula com um sorriso.

Eu sorrio e coloco meu chiclete na boca. Eu me afasto um pouco do balcão. Só para que eu possa ver Maximoff.

Seus lábios se erguem e ele murmura, *devo dizer a elas?* Ele percebe que é apenas uma questão de tempo também.

Balanço a cabeça e a boca, *ainda não.*

— O FanCon é neste hotel? — Izzy pergunta.

— Não aqui, *aqui*! — Sana esclarece e fala comigo. — Fica no Hotel Regala, bem maior e com mais espaço para convenções. É a um quilômetro e meio daqui. Posso lhe dar instruções, se precisar.

Prendo a respiração e decido irritar Maximoff um pouco. — Nunca ouvi falar de um HMC FanCon.

Ele me lança um olhar.

Meu sorriso se estende.

Sana fica boquiaberta.

— Você não esteve *online* nas últimas vinte e quatro horas?

— Eu tenho trabalhado — digo facilmente. — É sobre quadrinhos ou algo assim?

— Não, é a maior turnê *meet-and-greet* da última década. — Sana balança nas pontas dos pés. — Maximoff Hale, Sullivan Meadows, Jane, Charlie e Beckett Cobalt estarão todos *juntos* na mesma sala. Nós nunca vimos isso... *nunca*.

— Em anos. — Izzy corrige. — Eles provavelmente já estiveram juntos pelo menos uma vez. — Ela desliza um folheto. — Aqui está o guia turístico que

eu mencionei antes…

— Izzy, este é todo o passeio que ele precisa. — Sana diz e então se vira para mim. — Você deveria dar uma olhada no FanCon. Os ingressos vão se esgotar em breve.

Izzy assente. — Ouvi dizer que eles vão embora depois de uma hora.

Maximoff dá um sorriso mais sincero. Ele dedicou a maior parte de seu tempo para arrecadar dinheiro para caridade, e saber que esta turnê ajuda outras pessoas significa tudo para ele.

Eu esfrego meu polegar sobre meu piercing no lábio.

— O que você faria se visse um deles?

— Os *cinco*? — Sana pergunta, levando a mão ao coração. — Eu vivo para qualquer foto deles juntos. Você pode imaginar a camaradagem? A amizade? A lealdade?

Eu posso fazer melhor do que imaginar. Eu vi a amizade e lealdade com todos eles, menos dois. Charlie e Maximoff criaram uma fissura dentro dos "cinco". Isso é palpável. Eles nem trocaram uma palavra desde que começamos a dirigir.

Eu mastigo meu chiclete mais devagar e me inclino para o balcão. — Não é uma foto. Se você os conhecesse na vida real.

— Como no FanCon? — Sana pergunta.

Estou preocupado que ela possa desmaiar se Maximoff se virar. Não seria a primeira vez. O mais memorável foi na Filadélfia, no Lucky's Diner.

Um menino desmaiou em um prato de panquecas quando Maximoff acenou para ele. Alguém gritou por um médico e ninguém se levantou, então avaliei o garoto. Sofreu apenas de constrangimento.

— Quem é seu favorito? — Izzy de repente me pergunta.

Eu inclino minha cabeça. — Favorito…?

— Favorito Hale, Meadows ou Cobalt. — Ela levanta o óculos. — A minha é Lily Calloway. Ela é... — Izzy apenas sorri.

Eu *sei*. Lily é cativante. Sinto falta de como ela me mandava mensagens aleatórias sobre cobertores em forma de tortilla e memes de super-heróis. Mas ela não me mandou mensagens desde que quebrei sua confiança.

— O meu é Ryke Meadows — Sana entra na conversa. — Ele é um *DILF*.[2]

Maximoff mal se encolhe, acostumado com pessoas bajulando seus pais e tios e tias.

Contenho uma risada.

— Isso é ótimo…

— E eu amo todos os Cobalts — Acrescenta Sana. —, exceto Jane Cobalt…

Isso deu uma guinada ruim. Eu bato no balcão, hesitante, e estou prestes a intervir. Mas ela fala rápido.

— Ela sempre pareceu pretensiosa e desmotivada. Todos em sua família fizeram algo extraordinário, e ela é apenas... *blá*. Se eu fosse um Cobalt, não estaria desperdiçando meu potencial como ela.

Merda.

Maximoff balbucia *não posso*.

Ele não pode se revelar agora. Ele esmagaria essa garota.

Eu seguro os cartões-chave. Não posso deixá-lo ir para um quarto sem mim.

Aqui está uma história não dita catalogada apenas pela segurança (não

pública): dois homens tentaram atacar Maximoff no corredor de um hotel quando ele tinha quinze anos. Não provocado. Seu antigo guarda-costas o escoltou para um local seguro, mas essa merda é o motivo pelo qual ele está preso comigo 24/7.

Izzy me pergunta novamente: — Então, quem é o seu favorito?

— Maximoff Hale. — digo sem pausa.

Seu peito levanta em uma respiração excitada.

Meu sorriso está me matando. Eu esfrego minha boca algumas vezes.

— Eu *o amo*. — Sana deixa escapar.

Eu *também*.

— Bem, eu costumava amar. — Ela suspira. — Não sei. Aquele artigo sobre ele e Jane Cobalt me fez sentir... estranha.

Izzy cutuca o braço de Sana.

— É falso. O *Celebrity Crush* já emitiu um pedido de desculpas, assim como outros três tabloides que publicaram a história falsa. Acho que um deles está sendo processado. Esse é o trabalho dos advogados de Hale e Cobalt.

— Tem sido divertido — digo casualmente. —, mas precisamos pegar nossas malas...

— *Thatcher para Farrow.* — Uma voz severa soa através do meu fone de ouvido que está pendurado no meu ombro. Audível para Maximoff e ambas as meninas.

— *Farrow, você está no hotel com Maximoff...* — Rapidamente diminuo o volume do rádio, mas não rápido o suficiente.

Merda.

— Oh, meu Deus. — Sana leva as mãos à boca. As duas garotas olham

fixamente para as costas de Maximoff. — Aquele é…? — Lágrimas inundam seus olhos grandes, chateados.

Porque ela sabe que ele ouviu cada coisa negativa que ela disse. — Eu não... eu...

Eu fico para trás, já sabendo o que ele vai fazer.

Maximoff rapidamente se vira, deixa cair o capuz e levanta um mão.

— Ei, está tudo bem, não chore, não chore.

Sana começa a soluçar.

— Eu não quis dizer... — Seus joelhos dobram enquanto ela chora e Izzy pega os cotovelos de sua colega de trabalho. Maximoff corre ao redor do balcão e eu o sigo logo atrás.

Eu coloco meu fone de ouvido, mas não me preocupo com o volume ainda. Em vez disso, pego meu telefone e digito um contrato eletrônico.

Maximoff se agacha para Sana.

— Eu sei que você não quis dizer isso. — Ela murmura algo sobre machucar Maximoff Hale e como Jane Cobalt é sua melhor amiga.

Ele balança a cabeça.

— Não, você não me machucou. Estou bem. Estou bem. Você não precisa chorar. —Ela ainda está chorando, e isso o está afetando.

Ele olha brevemente para mim, seu peito contraído.

Eu me agacho ao lado dele.

— Sana, ele está sorrindo. Ele não está chateado. — Izzy enxuga as lágrimas da amiga com a manga do *blazer*. — Ele não parece chateado, Sana.

Ela funga, mas olha para o tapete.

— Me desculpe... eu não quis dizer…

— Eu sei. Eu entendo. Está tudo bem. — diz Maximoff, e pergunta se ele pode tocá-la. Quando ela concorda, ele acaricia seu braço confortavelmente.

Enquanto Sana reúne suas emoções, todos nós nos levantamos.

Ele abraça a garota, depois Izzy. E descrevo o AND em detalhes que cada uma precisa assinar. Nenhuma foto postada *online*. Nada de alertar a mídia de que Maximoff e sua família estão aqui. Depois de assinarem os contratos eletrônicos, Thatcher entra pela porta giratória.

Focado em mim.

Nós nos afastamos do balcão e o paramos no meio do caminho. eu abro minha boca, mas ele já me interrompe:

— Aumente o volume do rádio.

Minha mandíbula enrijece. — Isso não era uma prioridade...

— É. — Ele rebate e então levanta a mão nivelada para Maximoff. — Desculpe, mas preciso falar com Farrow em particular. É sobre segurança…

— Ele pode ouvir — Interrompo Thatcher. — Eu não dou a mínima. — Nós três nos dirigimos para as portas giratórias, as duas garotas incapazes de nos ouvir.

Thatcher se eleva sobre mim e eu descanso minhas omoplatas na parede, sem me importar com toda a tática dominadora. Ele começa a me repreender por não acordá-lo antes de sairmos do ônibus. Aparentemente, essa era uma regra, já que ele também está de olho em Maximoff.

— Thatcher — Maximoff chama sua atenção. — Eu disse a Farrow para não te acordar.

— Não, ele não disse — digo a Thatcher e lanço um olhar frio para Maximoff. Ele nunca vai *mentir* para me cobrir. Não posso ser a razão pela qual

as melhores partes de Maximoff mudam. Desde que nos beijamos na frente de seus pais, prometi a mim mesmo proteger o que há de bom nele.

Sua honestidade não vai morrer por minha causa.

O olhar estrito de Thatcher oscila entre mim e meu namorado antes de pousar em mim.

— Tente com mais afinco ou haverá repercussões para cada infração.

Eu me forço a não revirar os olhos.

— Certo.

Ele sai e ficamos sozinhos no saguão, as meninas desapareceram na sala dos fundos. Maximoff ajusta seu óculos escuro. *Está machucando seu nariz.*

— Estou bem. — Ele abaixa a voz. — Acho bom saber que as pessoas ainda estão falando sobre o boato. — Seu sarcasmo, é claro.

— Foram necessários dez outros comentários dela, incluindo chamar seu tio de DILF antes mesmo de ela mencionar isso — Sussurro. — Eu diria que é um sucesso.

— Sim. — Ele assente, mais seguro. — Acho que a turnê vai ajudar.

— Eu também. — Analiso sua constituição tensa, o estresse pesando mais em seus ombros. Meus músculos queimam porque quero me aproximar e envolver meus braços em volta do meu namorado. E segurá-lo por um segundo.

Maximoff dá um passo à frente, mas se detém. Desejando a mesma coisa.

Capítulo 13

Maximoff Hale

FINALMENTE NO MEU quarto de hotel com Farrow, me preparo no banheiro para algo que não experimento desde os dezoito anos.

Eu sou um profissional em sexo. Mas ficar por baixo é novo para mim, e há uma boa chance de eu ser uma péssima transa.

Tento tirar qualquer dúvida e focar apenas na fantasia. De Farrow Redford Keene – um cara sensual de vinte e sete anos com tatuagens – guiando seu pau dentro de mim.

Eu lambo meus lábios. Caralho, eu desejo isso. Eu saio do banheiro.

Um edredom cor de champanhe cobre uma cama *king-size*. Nada mais no modesto quarto de hotel além de uma escrivaninha, cadeira, cômoda e televisão.

Farrow enrola o fio no rádio e o joga na cadeira.

Assim que ele se vira, nossos olhares se prendem como ímãs. Nós inalamos a tensão, construída a partir de provocações constantes e ininterruptas no ônibus. O ar pode estalar.

Meu corpo diz: *vá, vá, pegue-o.*

Em um segundo, nós dois caminhamos para a frente e reduzimos a distância – nossos corpos colidem, nossas bocas se esmagam. Instintivo e faminto.

Puta merda. Tenho fome de seu toque, seu amor.

Eu respiro profundamente em um beijo. Segurando seu cabelo branco

descolorido em um punho apertado.

Farrow segura meu queixo, seu aperto masculino me levando para mais perto. Mais perto. *Caralho*. Somos empurrados um contra o outro. Músculo a músculo. Coração martelando contra coração.

O canto de sua boca se curva para cima com *conhecimento de causa.*

Novidade: Estou mais agressivo. Em um beijo poderoso, eu ando de costas para a cômoda do hotel.

— Caralho. — Ele amaldiçoa, seu olhar varre meu corpo como brasas.

Mais perto, meu corpo exige. *A porra de mais perto*. Eu me movo para frente. Nossos paus confinados atrás do tecido de sua calça e meu jeans – eles se esfregam. A fricção sensual nos endurece.

Eu tiro sua jaqueta de couro e arranco sua camisa preta sobre sua cabeça enquanto ele tira meu moletom e camiseta. Nossas bocas retornam como uma tempestade de fogo. Selvagem, louca. Nunca cessando.

Quando minha cintura balança contra ele, ele pragueja com voz rouca. Sua mão grande cai na minha garganta, *caralho*. Seus dedos adicionam força e ele me sufoca com cuidado. Seus olhos dançam por todo o meu rosto. — Você gosta disso? — Ele sussurra em um beijo.

Porra, sim. As veias pulsam em meu pau e meus olhos quase lacrimejam de desejo. Mais.

Caralho. Mais.

Eu agarro a cômoda de cada lado dele, suas costas afundando na madeira. Tão perto que nossas testas quase se encostam.

— Mais forte. — Ordeno, sem fôlego.

Farrow aumenta um pouco o aperto. O ar sai da minha cabeça, me

deixando tonto – *simsimsim*.

Minha boca se abre e ele sussurra em meu ouvido: — Você quer duro e áspero?

Eu poderia ouvir sua voz, dia e noite.

Ele belisca minha orelha.

Desejo e necessidade esticam todo o meu corpo. — Caralho! — Eu xingo e agarro sua mandíbula. Eu latejo por uma pressão maior e mais forte.

Seus dedos com anéis de prata mergulham nos cumes do meu abdômen. Ele chupa minha nuca, morde meu ombro, meu bíceps – eu rosno um ruído gutural.

Para além de excitado.

Engancho meus dedos em seu cóccix, o puxo para fora da cômoda. Observo seus dedos desabotoarem meu jeans, movendo-se sem esforço e com precisão.

Nós rapidamente nos despimos para nossas cuecas boxer e começamos a lutar pela liderança. Mãos em todos os lugares, nossos movimentos vigorosos iluminam meus nervos e me fervem vivo.

Farrow ganha uma vantagem. Com a mão no meu peito, ele me empurra na cama *king-size.* Eu pego seu pulso e o trago para perto de mim.

Eu suspiro – ele me vira.

Com facilidade. *Caralho*.

Agora ele está por cima, e Farrow me coloca em algum tipo de chave de MMA. Seu antebraço em minhas clavículas, o joelho abrindo minhas pernas. E ele aprisiona minhas mãos nas minhas costas. Nossas bocas literalmente a um milímetro de distância, seu sorriso se eleva. — Nunca se esqueça — Ele

sussurra —, eu sou mais forte que você.

Eu tento combater isso. E uso minha força e tento me livrar de seu aperto. Ele carrega seu corpo em cima de mim, e eu praticamente *derreto* sob seu peso.

Oh, *caralho*, Cristo. Isso é melhor do que bom.

Meu queixo se inclina para cima. E meus olhos quase reviram, mas respiro pelo nariz. Pulso batendo. *Recomponha-se, Maximoff.* Combata-o. Lute com ele. Não derreta já.

— Caralho! — Eu rosno em um maldito gemido. *Foda-se.*

Ele me beija, meu gemido perdido em sua boca. Mesmo sem minhas mãos, deslizo minha língua ao longo da dele, sempre aprofundando o beijo, e Farrow amaldiçoa: — *Caralho*, Maximoff.

Seus lábios descem para minha mandíbula, meu pescoço. Chupando de novo, e eu murmuro em francês e espanhol em seu ouvido. Extremamente sujo. NC-17[3].

E Farrow não entende uma única maldita palavra. Ainda assim, seus músculos contraem e um ruído baixo rompe de sua boca.

Nós nos agarramos nessa mesma posição por um longo tempo. Estou praticamente estourando a porra da minha cueca boxer. Eu tento mover minhas mãos, mas ele ainda as prende nas minhas costas.

Estou muito preso para soltar e virá-lo. Deixei escapar um suspiro inebriante.

— Eu estava pensando em masturbar você, e agora...

Farrow passa a língua pelo piercing no lábio inferior, sorrindo. — *E agora*, estou tomando você na minha boca. — Ele solta minha mão e eu me apoio nos cotovelos. Edredom macio sob minhas costas.

Meu peito sobe e desce em respirações rasas enquanto o vejo chupar e morder minha carne. Até o elástico na minha cintura.

Seus pés estão no chão e ele me puxa ainda mais para baixo no colchão, minhas pernas penduradas para fora da cama. Minha bunda perto da borda. Deus. *Caralho*.

Sua boca roça o contorno da minha ereção. Cueca boxer molhada de pré-sêmen.

— *Farrow!* — Solto um gemido, chateado por ele estar brincando. Não consigo lidar com isso e quase caio dos cotovelos.

Ele quase ri. Então, ele puxa minha cueca boxer – muito lentamente. Meu pau salta para fora e eu tento sentar para arrancar sua cueca boxer preta. Mas ele empurra meu peito para trás.

— Relaxe… — diz ele com aquela voz rouca.

Eu olho. — E você me chama de mandão? — Eu alcanço uma mochila próxima no chão e abro o zíper para encontrar lubrificante.

— Você é mandão. — Farrow está de pé e tira sua cueca boxer.

Seu pau endurecido fica à vista, e eu paro. Imerso em seus músculos esculpidos e tatuagem em cascata, para não mencionar a ereção de dar água na boca que deveria estar dentro de mim.

Não fique nervoso agora.

— Nunca disse que não era. — Eu lambo meus lábios ardendo pela milionésima vez. — Mas talvez você também esteja.

— Pode ser? — Ele repete, seu piercing barra levanta com a testa. — Eu sou mandão. Deite-se.

Jogo o frasco de lubrificante nele. Ele o pega com uma mão. Jesus.

— Vamos fazer isso rápido. — digo — porque estou na porra do limite, cara. — Farrow acaricia seu comprimento enquanto se ajoelha. Então, ele agarra o meu, lambe a ponta e me chupa – *puta merda*. Eu agarro minha coxa com uma mão e aperto seu cabelo com a outra. Ele devora minha reação, e eu mordo, um ruído mutilado na minha garganta.

Eu presto atenção em como seus lábios me envolvem, e a pressão, *Cristo*, a pressão. Ele diminui a velocidade e lubrifica os dedos. *É isso*.

Ele tira a boca do meu pau. — Recoste-se, Maximoff. — Ele levanta meu pé na beirada do colchão. Já fiz isso o suficiente com outras pessoas, então estou muito ciente de que preciso colocar meu outro pé na cama para deixá-lo entrar.

Mas eu estou congelado pra caralho.

Ele tenta me distrair, esfregando a mão em mim. Ele se levanta e se inclina, beijando-me fortemente. Minha frequência cardíaca está elevada. Eu deslizo de volta para o meio da cama e o derrubo. Não gosto quando ele está de pé e eu não.

Farrow aperta meu queixo. — Eu não vou te machucar. Confie em mim.

Eu respiro fundo. E eu tento não ficar tenso, mas meus músculos cortam afiados.

Enquanto ele está por cima, cara a cara, nós nos beijamos; ele me acaricia, eu o acaricio e ele sussurra: — Relaxe — Sua voz calmante.

E sua outra mão desce.

Seus dedos roçam meu buraco. Eu faço o meu melhor para me concentrar na minha excitação reprimida, e um dedo desliza para dentro de mim, mais profundo, encontrando minha próstata.

Ele massageia, e eu aperto, os nervos desconfortáveis. Quase sensível

demais.

— Espera, espera. — Eu coloco a mão em seu peito, e ele está fora de mim em um milissegundo.

Estou tremendo de verdade. E eu não sei dizer se é por estar muito nervoso, provocando *sobrecarga* ou ansiedade.

Farrow estuda minha linguagem corporal, sua mão segurando minha cintura de forma protetora. — Fale comigo, Maximoff.

Eu esfrego meu rosto algumas vezes. Frustrado comigo mesmo. — Sem mais provocação; eu só preciso gozar.

Seu sorriso se estende demais. — Foi bom então.

— Bom demais.

— Esse é o ponto, lobinho. — Ele se inclina para frente e paira sobre mim, seu brinco pendurado. Agarro a nuca dele e estou prestes a dizer o que sinto, mas perco as palavras de vista.

Ele me lê. — Acho que você está com medo.

Eu acho que você está certo. Estou quieto, não lutando contra ele como de costume.

Sexo é simples para mim. É uma sensação boa e eu vou com força total. Isso parece bom, mas é um nível de intimidade que eu não poderia dar a estranhos. Eu tentei.

Eu falhei.

E agora, enquanto tento chegar a este lugar com um cara que amo e confio, o último muro que levantei vai cair. Estar nu com alguém é aterrorizante e emocionante – e eu quero isso, mas posso me deixar chegar lá?

Farrow dá um beijo no meu ombro e pergunta: — Você já usou algum

brinquedo sexual antes?

— Sim, uso o tempo todo.

Suas sobrancelhas se erguem. — O tempo todo?

— Às vezes. — Eu corrijo.

Ele me olha. — Você vai ter que explicar.

Eu dou a ele um olhar como se ele tivesse voado para o espaço sideral. — Eu gosto de sexo.

— Não me diga.

Eu o encaro, bem fracamente. — Então, eu usei consolos e massageadores de próstata antes de nos encontrarmos, talvez algumas vezes por semana.

Um sorriso satisfeito surge em sua boca. — Esta é uma boa notícia.

— Não estou entendendo.

— Você vai me deixar colocar um vibrador em você — diz ele casualmente, mas eu sinto calor da cabeça aos pés de desejo. — É algo com o qual você já está acostumado, então não terá medo.

— Eu não estou tão assustado. — Refuto agora.

— Claro — diz ele, olhando meus lábios. — Assim como eu atualmente não tenho uma ereção por você.

— O que te deu tesão então, o teto ou o chão? Não, espere, acho que os travesseiros.

Ele revira os olhos. — Você é tão espertinho. — Ele me encara por um longo momento, quase me perguntando se eu concordo com o plano.

Eu concordo. — Mas não hoje. — Terá que acontecer durante outra parada no hotel. Eu já disse a ele que não vou tentar ficar por baixo no ônibus. Quero mais privacidade para me preparar. Ele concordou.

Agora, estou impaciente demais para ser provocado por mais uma ou duas horas. Eu o empurro para o lado dele e me viro para encará-lo.

Nossas bocas se encontram de novo e de novo, nossos corpos rangendo. Mãos se agarrando, intensificando uma fricção intensa.

Então eu mudo para cima, e suas pernas musculosas se separam de cada lado do meu quadril. Eu uso lubrificante e abro seu buraco com um dedo.

Ele resmunga uma maldição prazerosa, e depois de outro beijo profundo, eu sussurro: — Eu vou te foder.

Ele agarra minha nuca, seu olhar quente se estreita em mim. — Bom, *me fode*.

Encontro uma camisinha e abro. Ele agarra minha bunda nua enquanto eu embainho meu comprimento e lubrifico. Eu gosto da maioria das posições, mas principalmente do estilo ‘cachorrinho’. Ele também, mas de vez em quando, fazemos ‘missionário’. Como agora.

Principalmente porque é mais fácil olhar para o outro.

Dolorosamente lento, eu empurro minha ereção nele.

— Caralho — Ele respira. Sua mão aperta meu pescoço, lábios entreabertos, e ele acaricia seu comprimento uma vez, duas vezes.

Eu balanço para frente, a pressão e o aperto para além deste maldito mundo.

Eu empurro em um ritmo hipnótico, dentro, fora. Dentro, fora. Mais fundo.

Mais fundo.

Nossas bocas se encontram, se beijando de forma grosseira e agressiva. As sensações inebriantes agitam meus nervos. O suor cobre nossa pele.

Ele quebra um beijo e se abaixa. Contendo um gemido que ressoa em sua

garganta: — *Caralho* — Mal sai.

Eu latejo dentro dele, caralho, sim, e arqueio mais fundo, nossos peitos juntos.

— *Caralho*, Maximoff. — Ele xinga, boca completamente aberta. Ele passa os dedos pelas minhas costas e agarra minha bunda com força e empurra os quadris. Isso leva meu pau mais fundo nele. Praticamente *me* fodendo.

Deus.

Meus olhos quase rolam. Aproximando-se de um pico.

Pele quente contra pele quente, acelero o passo. Mais forte, mais rápido – eu seguro seu rosto. Minha bunda flexiona sob sua palma. Ele me segura com a mesma força. Como se ele estivesse a dois segundos de me montar e terminar o trabalho.

Jesus Cristo. Eu esfrego sua ereção, cronometrando minhas estocadas com a mão. Mais um beijo faminto depois, eu guio tão rápido e fundo que estamos brancos nos agarrando um ao outro.

Estou explodindo em fragmentos, e ele goza na minha palma. Respirando pesadamente, ordenho meu clímax. Lentamente, lentamente descendo com ele.

Capítulo 14

Maximoff Hale

— EI, PESSOAL, É manhã aqui em Cleveland. — Pego meu telefone, a câmera apontada para o meu rosto para um vídeo ao vivo no *Instagram*.

Janie filma duas vezes mais vídeos ao vivo do que eu, mas achei que deveria fazer um antes do evento. Eu esmago alguns travesseiros contra a cabeceira da cama.

Estou completamente nu, mas fico embaixo do edredom champanhe.

Além disso, meu abdômen mal está enquadrado.

Eu relaxo no monte de travesseiros. Mais confortável. — Meus primos e eu estamos ansiosos para conhecer alguns fãs hoje no *meet-and-greet* — digo aos telespectadores —, e não temos como agradecer a todos vocês por comprarem os ingressos. Vendemos o FanCon de hoje em trinta minutos. Vocês todos são incríveis. Sério, isso vai ajudar muita gente.

Eu estava ao telefone com o conselho da HMC Filantropia esta manhã e todos concordamos em alocar o dinheiro arrecadado para nossos programas de mérito universitário e iniciativas LGBTQ +.

Eu bocejo em meu bíceps. — Alguém tem chá quente? — Eu sorrio cansadamente para os telespectadores. Então olho para a porta do hotel, mas Farrow não voltou. Ele saiu há cerca de uma hora.

Os corações aparecem sem parar no lado direito do vídeo do *Instagram Live*. Os comentários rolam rápido, os novos empurrando os antigos para fora de

vista. 94,4 mil espectadores e contando. Percebo alguns comentários:

Vou te dar chá na cama!!!

Espere por mim, boo <3

Que tipo de chá??????

VOCÊ ENTROU NUMA BRIGA?!

Eu propositalmente não coloquei óculos escuro. Os hematomas estão totalmente pretos em glória azul sob meus olhos.

— Chá *Earl Grey* — digo e passo a mão pelo meu cabelo desgrenhado. — Ou chá verde. Não sou tão exigente.

O QUE ACONTECEU?!

Você está bem? OMD, Maximoff!!

— Então, alguns de vocês já notaram meu rosto. Eu não entrei em uma briga. Chocante. — Eu lambo meus lábios secos. — Foi totalmente um acidente. Levei uma cotovelada no nariz no ônibus da turnê.

Melhore logo!!

Fique em segurança

Te amo, Maximoff

Eu queria tanto ser aqueles lençóis

— Também amo vocês! — digo com outro sorriso sonolento. Eu prefiro ser aberto. E embora eu goste de privacidade em meu relacionamento e vida sexual – estou mais acostumado a ser público em todas as outras áreas. Manter algumas charadas não vale a dor de cabeça e os problemas. E dizer a verdade em uma *live* no *Instagram* é melhor do que um tabloide criando uma elaborada história falsa a partir de uma foto de paparazzi.

Onde é a próxima parada da turnê?!

— Não revelamos onde estaremos em seguida, mas continue verificando o *site* do FanCon para atualizações. Poderemos estar em sua cidade em breve... — Eu desapareço quando a porta do hotel se fecha e Farrow entra valsando. Carregando uma sacola da *Wendy's* em uma das mãos e uma bandeja de papelão com duas bebidas na outra.

Sim, ele saiu para nos trazer o café da manhã. Meus alarmes internos disparam em alerta.

Eu tenho regras. Medidas de segurança. Protocolos.

Não pareça apaixonado.

Não aja como se eu estivesse meio obcecado por alguém fora da tela.

Não pareça interessado no dissidente de um metro e noventa que está prestes a me trazer o café da manhã na cama.

Vocês não podem saber sobre Farrow Redford Keene.

— Então, de qualquer maneira — digo para os telespectadores e me sento mais.

Farrow se aproxima da cama e me entrega um copo de papel para viagem. A troca fora da tela.

Bebo o líquido quente. *Earl Grey*. — Eu tenho meu chá. — Ele joga a sacola da *Wendy's* no meu colo depois de pegar uma tigela e uma colher e seu café. Eu absorvo sua marcha segura, a maneira como suas mãos se movem. Eu poderia observá-lo se mover em silêncio por uma sala por horas. Isso é estranho?

Isso é estranho, certo?

Jesus, eu sou tão estranho.

Farrow sobe na cama ao meu lado. Ainda fora do quadro e completamente ciente de que ele não pode falar. Ele arqueia as sobrancelhas para mim e inclina a cabeça.

Droga. Estou literalmente cobiçando-o.

Eu olho para os comentários.

Quem você está olhando???

Meu Deus, alguém trouxe comida para ele!

O que está comendo?

Eu não posso pegar o resto. Muitos comentários. Estou com 99,1 mil espectadores.

— O plano é tomar café da manhã — digo a eles —, tomar um banho, e eu estarei conhecendo alguns de vocês em breve. Fiquem seguros, pessoal. —

Termino o *Instagram Live* com isso e vasculho a sacola da *Wendy's*.

Ele sorri para o café.

— O quê? — Pergunto, desembrulhando um biscoito de frango. Nós inconscientemente aproximamo-nos, lado a lado, uma das minhas pernas enganchando a dele.

— Você estava com olhar *me fode*. — diz ele com naturalidade.

Eu faço uma careta e faço o meu melhor para sufocar um sorriso. Eu quero ser um idiota com ele pela primeira vez, mas estou lutando. — Obrigado por afirmar o impossível.

— É possível. — Ele põe de lado o café e mexe o mingau de aveia. — Eu vi.

Sem chance. — Eu não estava pensando em foder você, então eu não poderia ter olhos *me fode*.

O canto de sua boca se levanta. — Estou fodendo com você, Maximoff.

Eu pisco e pisco. — É como se você quisesse ser chutado para fora da cama. — Eu mordo meu biscoito de frango. — Você ganha um passe para me trazer o café da manhã. De nada.

— Eu não disse *obrigado*. — Ele me diz.

Eu balanço minha cabeça. — Eu juro que você gosta de mijar no meu sarcasmo.

Ele ergue as sobrancelhas em um aceno, mas seu sorriso lenta e seguramente se transforma em uma carranca real. Percebo que ele está mexendo o mingau de aveia. Não comendo.

Farrow quase sempre come apressadamente, caso a ESO precise dele.

Eu endireito ainda mais. Então tomo um gole maior de chá quente. — E aí?

— Nós precisamos conversar.

Meu estômago afunda e minhas sobrancelhas se fecham. — Sobre o quê? — Eu pulo para a pior conclusão. Este é o fim do meu relacionamento de curta duração.

Ele acordou esta manhã e percebeu que não suportaria passar mais um dia comigo.

Eu penso na noite passada. Eu penso no sexo. Eu o machuquei? Eu fui de alguma forma egoísta? É isso? Não... *não*, não pode ser isso.

Mesmo seguro disso, algo cru e frio empala meu peito.

Como um punho de ferro batendo contra minhas costelas. Eu me solidifico em pedra.

Querido mundo, ele acabou de me trazer um café da manhã de rompimento? Isso existe? Atenciosamente, um humano de coração partido.

Meus muros sobem a jato.

Mudo minhas feições para inócuas. Empurrando para fora a dor. Me preparando para tudo e qualquer coisa. Ossos rígidos, ombros alinhados.

Consigo lidar com isso.

Farrow se vira para me encarar, os joelhos dobrados casualmente. Ele mantém a mão na minha perna. Não sei dizer se é por pena ou conforto.

— Geralmente — digo em voz monótona —, quando alguém diz que precisa conversar, elas *falam*.

— Estou chegando lá. — Ele não está ansioso para esta conversa.

Isso é certo.

Apetite perdido, embrulho o biscoito de frango e enfio na sacola da *Wendy's*. Eu não posso me sentar em silêncio tenso. — Se você quer terminar, apenas faça isso…

— Uau. — Ele levanta a mão, os olhos estreitados. — Nunca pensei em terminar com você. Não é o que eu quero. — Farrow olha meu rosto inexpressivo. — *Você* quer isso?

— Não, *não*. De jeito nenhum. — Estou confuso pra caralho. — Ainda estamos bem juntos.

— Muito bem. — diz ele, sua confiança fortalecendo essas palavras.

— Então, o quê?

Farrow se estica para colocar seu mingau de aveia em uma mesinha. — Aquela conta do *Instagram* que mostrei para você na casa do lago. — Ele segura meu olhar. — Acabou sendo uma ameaça real.

Eu balanço minha cabeça. — Não, não tem como.

— Nós rastreamos o endereço IP para Filadélfia. Toda a equipe de segurança está tratando o usuário como um alto risco para *sua* segurança.

Eu encaro, processando esse fato com pouca ou nenhuma emoção. — Quem é? — Abro o *Instagram* no meu celular.

Farrow pendura o braço no joelho dobrado. — Ainda estamos tentando identificá-los. — Ele está quieto. — Não devo compartilhar nada disso com você, mas sei que você prefere estar ciente.

Eu assinto algumas vezes. Mesmo antes de ficarmos juntos, ele sempre me mantinha informado. Mesmo ao custo de desobedecer a equipe de segurança. — Obrigado — digo. — Você sabe que não vou compartilhar com ninguém além de Janie. — Não vou assustar meus primos mais novos.

Clico na conta @maximoffmortohale.

Farrow me observa, nosso silêncio mais inquieto. Eu pensei que a tensão iria desaparecer.

— Você não precisa se preocupar. — digo a ele. — Não tenho medo de *stalkers*.

— Eu não pensei que você tivesse. — Ele passa a mão pelo cabelo branco.

— Tem mais.

Eu franzo a testa para ele antes de olhar para a conta. Cinquenta e duas fotos. A mais recente me mostra deitado ensanguentado em um letreiro neon de Cleveland, suas habilidades no *Photoshop* são excelentes.

Meu primeiro e único pensamento: *estou feliz por ser eu e não Farrow, nem Jane, nem meus irmãos, nem minha família, nem ninguém que eu amo.*

E eu penso sobre isso. Como estou olhando para dezenas de fotos onde estou morrendo ou já morto e a única coisa que sinto é *gratidão*. Feliz porque o usuário não escolheu matar outra pessoa de forma simulada.

Farrow ajusta seu fone de ouvido, o olhar vagando como se outro guarda-costas estivesse falando. Quando sua atenção volta para mim, ele diz: — É provável que a conta pertença a alguém que você conhece pessoalmente. Alguém que te odeia. Alguém que você intencionalmente ou não irritou e, como sou o mais próximo de você, preciso restringir uma lista.

Eu penso de volta. A quem eu irritei? A maioria das minhas brigas com desordeiros virou notícia, então esses nomes estão em algum lugar *online*. Isso deve ajudar. Eu olho para longe.

— Não consigo pensar em mais ninguém que me queira morto além de trolls anônimos.

Farrow avança lentamente para a próxima pergunta. — E quanto a qualquer um dos seus encontros?

O sangue simplesmente escorre da minha cabeça. Eu não sou um idiota. Eu rapidamente conecto todas as peças e compreendo totalmente suas reservas.

Ele precisa pesquisar meus antigos ANDs em busca de possíveis suspeitos.

E por *pesquisa*, quero dizer *descobrir os nomes e o número de pessoas*

com quem dormi.

Eu começo a desligar. Tijolo sobre tijolo sobre tijolo. Desço da cama e pego uma cueca boxer.

Ele se levanta. — Maximoff…

— Vou olhar meus ANDs. — digo com confiança, puxando minha cueca até a cintura. — Vou te dar os nomes de qualquer pessoa que eu acho que poderia ser capaz de criar uma conta como essa.

Sua mandíbula enrijece. — Não é assim que funciona. *Eu sou* seu guarda-costas. Eu protejo *você*, Maximoff. Você não pode fazer isso sozinho…

— Por que não? — Balanço a cabeça, meu pescoço rígido e quente. — Eu conheci essas pessoas. Você não. Posso filtrar aqueles que nunca...

— Como diabos você sabe que eles nunca machucariam você? — Ele solta, não recuando. — Você só esteve com essas pessoas por uma noite. Quanto você sabe sobre elas?

Eu lanço um olhar para a parede. *Não muito*.

— Ômega quer pesquisar todos os seus ANDs, e eu concordo…

— Não — digo por impulso e me afasto dele. Dois passos. Três e quatro. Mãos ao ar. — Você não precisa conhecer os rostos de todas as pessoas com quem já dormi.

Farrow dá um sorriso dolorido.

— Cara, você acha que isso é fácil para mim? Eu não quero fuçar no seu passado quando sei que te machuca por eu estar lá.

— Então não faça isso. — Eu aponto para o peito dele. — Dê o trabalho para mim, ou se não for eu, então Akara…

— *Eu sou* a porra do seu guarda-costas! — Seu olhar estreito dirige mais

fundo em mim. — Não Akara. Ninguém mais. E como seu guarda-costas e *namorado*, quero protegê-lo. É meu trabalho cuidar de seus ANDs, de sua segurança e, se você não me deixar ajudá-lo, estarei prejudicando você por ser um guarda-costas pior do que você precisa.

Eu coloco minhas mãos na minha cabeça, quase sem fôlego. Como se eu tivesse nadado 400 metros sem conseguir respirar. Eu apenas paro. Respiro e tento o meu melhor para entendê-lo. Porque eu não quero ferrar com o trabalho dele.

Minha mente gira, e eu apenas digo o que me atinge. — Eu quero não me importar com a porra dos ANDs, os rostos, os nomes — digo a ele. — Entendo. Se nossas posições fossem invertidas, eu esperaria que você valorizasse sua vida sobre algo trivial. E que você me deixaria vasculhar os papéis sobre seus casos de uma noite e me deixaria ajudar... — Eu estremeço ao pensar em alguém entrando em uma vida sexual que eu mantive privada do mundo.

De você.

Como faço para abrir uma porta que tranquei, acorrentei e tranquei? — Caralho — Eu respiro, olhando para o teto.

— Não é trivial — diz Farrow, girando o botão do rádio.

— O que você quer dizer?

— O que você sente, o que é importante para você – não é trivial — Ele esclarece e se senta meio na mesa, casualmente enfiando as mãos nos bolsos da calça preta.

Não consigo desgrudar os pés do meio da sala. — Não tenho vergonha do meu número, mas se você souber de tudo isso, não quero que isso afete nosso relacionamento.

— Não vai. — diz ele fortemente. — Eu prometo a você, Maximoff. Eu não dou a mínima para o seu número ou com quem você fodeu. Nunca julguei ninguém por ser promíscuo. — Ele dá de ombros. — É uma escolha pessoal, e isso é problema seu, não meu.

— Exatamente.

Ele revira os olhos e se levanta da mesa. — A menos que esse babaca psicótico seja alguém que você enfureceu depois de fodê-lo, isso se torna problema meu.

— Eu não sou um idiota — digo, meu peito apertado. — Eu gostaria de acreditar que tratei todas as minhas aventuras de uma noite com respeito.

— Eu sei. — Sua voz é quase um sussurro.

Eu estalo meus dedos. — Eu sempre pensei em como cada ficante tinha que assinar ANDs e fazer de tudo para dormir comigo. Para *me proteger*. — Eu olho para Farrow. — E eu sempre pensei: *quem os está protegendo?* E eu sabia, eu sabia, que era meu trabalho proteger as pessoas com quem fiz sexo. Eu tinha que me importar ou então parecia que minha vida significava mais do que a deles porque eu sou famoso. E isso é besteira.

Farrow olha profundamente. — E agora eu só quero proteger você dez vezes mais, porra.

Eu lambo meus lábios, sabendo que preciso abrir mão do controle. Preciso de ajuda, e preciso dele. Se eu criar um bloqueio, perderei Farrow como meu guarda-costas. Ele provavelmente largaria o emprego antes de falhar comigo – e talvez esteja lutando com essa ideia.

Talvez ele ainda o faça. Mas eu tenho que tornar isso mais fácil para ele.

Então eu digo: — Estou bem com isso.

Farrow diminui a distância entre nós antes que eu descongele. Eu seguro a nuca dele, e ele aperta minha mandíbula, sua mão afetuosa e forte. Eu ouço nossas respirações pesadas.

Seus olhos castanhos se fundem com os meus verde-floresta, e ele diz: — Estou muito, *muito* apaixonado por você, e aconteça o que acontecer, mantê-lo seguro é minha prioridade.

— Também.

Ele começa a sorrir. — Você vai me manter seguro?

— Sim. — Eu assinto com entusiasmo. — Ninguém vai foder com você.

— Eles não estão fodendo comigo porque eu não sou o famoso. — diz ele. — E, infelizmente para você, é meu trabalho pular na frente de uma bala apontada para sua cabeça.

Eu faço uma careta.

— Obrigado por me lembrar. — Olhamos os lábios um do outro, a meio segundo do beijo, e então meu telefone toca. Eu me afasto. — Desculpa.

— Está bem. — Farrow sai do meu lado para pegar seu mingau de aveia, finalmente comendo.

Eu atendo.

— Ei?

— *Moffy, você pode vir na loja de presentes lá embaixo?* — Sulli sussurra. — *Por favor? Caralho, isso é tão difícil.*

Já começo a pegar uma calça jeans limpa e uma camisa de gola redonda.

— Já vou.

Capítulo 15

Farrow Keene

Eu descanso minha bunda parcialmente em uma mesa de camisas dobradas dos *Cavaliers*. — Por que o telefonema? — Pergunto a Akara e Donnelly. Ficamos na entrada da loja de presentes.

Nossos clientes conversam virados para os fundos. Perto de um porta-chaves e canecas de lembrança. E na minha diagonal, vejo claramente Beckett comendo as batatas fritas de *Wendy's*, Maximoff desembrulhando seu biscoito de frango e Sulli falando baixo demais para ouvir.

Akara usa um boné de *baseball* virado para trás e quica uma bola de borracha.

— Ela disse que está tendo dificuldade em escolher uma lembrança para sua irmãzinha.

Minhas sobrancelhas se erguem. Porque essa não é uma razão para ela ligar para Maximoff. Como uma colher de mingau de aveia e Donnelly escuta enquanto ele experimenta gorros de inverno.

— O que ela está realmente fazendo? — Eu pergunto a Akara.

— Procurando um presente de aniversário para mim e fingindo que eu não sei o que está acontecendo. — Ele os observa com o canto do olho.

— Ela abriu as cortinas do quarto esta manhã e viu alguém do lado de fora

carregando uma placa de *Sullivan, o Pé Grande*. Provavelmente indo para a convenção.

Deixei escapar um longo assobio. Idiotas pensando que são espertos são os menos espertos.

— Ela está surtando — Donnelly canta, puxando um gorro *Mohawk* sobre seu cabelo castanho.

— Ela não está surtando. — Akara pega a bola. — Ela está apenas avaliando o terreno e está acostumada a ter Maximoff ao seu lado em novas situações. E foi por isso que ela ligou para ele.

Isso soa mais preciso. Ele é o suporte moral de 99% de sua família. Menos de Charlie.

Eu diria que Sulli se saiu bem no evento Camp-Away, mas o FanCon não é tão comparável. Apenas trezentos fãs compareceram ao Camp-Away e ela fez pausas em sua cabine para ficar sozinha.

A Filantropia vendeu *milhares* de ingressos para o Cleveland FanCon, e essa é apenas uma parada da turnê dentre muitas. Aqui, todos os famosos são obrigados a apertar as mãos, abraçar estranhos e tirar fotos por horas com pouco ou nenhum descanso.

Não é a minha praia, mas é por isso que ninguém está pagando pelas minhas selfies.

Donnelly sutilmente os olha enquanto nos encara também. — Essas canecas estão incomodando Beckett. — Não consigo detectar a irritação de Beckett. Mas nem um segundo depois, ele realinha as canecas em uma fileira organizada.

Maximoff gesticula de seu peito para Sulli, falando com muita empatia para

sua prima.

Dou uma olhada nele, com um sorriso brincando em meus lábios, e tomo um gole de café. — Ele está prestes a abraçá-la. — Na hora, Maximoff envolve seus braços em torno de sua prima, e ela o abraça de volta.

Akara quica sua bola. — Ela vai comprar algo de Sagitário para mim. Espere só... —Nós observamos Sulli examinar as prateleiras e, em seguida, virar para uma exibição de joias do zodíaco. Ela pega um chaveiro prateado de Sagitário de um gancho.

Passar 24 horas por dia com uma pessoa tem esse efeito. — Poderes de guarda-costas no capricho — Donnelly diz e muda seu gorro para uma tiara de chifre de demônio.

Sulli verifica por cima do ombro para garantir que Akara não está olhando. Ela não pode dizer que ele percebe tudo o que ela está fazendo. Ela tenta astutamente ir até o caixa.

Eu quase rio.

Akara aponta para mim com a bola saltitante. — Ela não é a única que faz isso.

Verdade. Eu me levanto da mesa e realmente rio de um pensamento. — Eu adoro quando nossos clientes pensam que estamos alheios ao que está acontecendo.

A descrição do nosso trabalho: *vigiá-los*.

Donnelly se olha em um espelho de corpo inteiro. — Eles devem pensar que estamos planejando chás e escovando o cabelo um do outro. — Enquanto jogo minha tigela vazia em uma lata de lixo próxima, ele acrescenta: — Maximoff está olhando para cá pela terceira vez.

— Quinta — Eu corrijo e arrumo meu brinco. — É *como* se ele gostasse de mim, ele realmente gosta de mim. — Eu me viro e propositalmente pego meu namorado olhando. Eu levanto minhas sobrancelhas para ele.

Ele tenta manter uma carranca.

Estou tentado a fazer mímica de algo sujo. Especialmente porque a loja está vazia e o caixa não está à vista. Mas, em vez disso, eu chamo: — Precisa de alguma coisa, lobinho?

Maximoff me observa levar meu café à boca e me diz: — Já consegui o que queria ontem à noite — Seus olhos verdes-floresta fazem um show ao descer pelo meu corpo. — Obrigado, de qualquer maneira.

Droga. O calor aperta meus músculos.

Donnelly sorri. — Ele gosta que Farrow…

Eu cubro sua boca. Provocar Maximoff é o *meu* trabalho. Eu estudo meu namorado enquanto seus olhos se movem entre mim e Donnelly, então o caixa aparece e ele vira as costas para nós.

Donnelly lambe minha palma, e eu limpo minha mão no lado de seu rosto.

— Seu filho da puta.

Ele agarra o porta-chapéus. — Verdade. Já comi umas mães antes. — Seus olhos azuis se voltam para Akara. — O chefe não gostou disso.

Percebo que Akara *me* lança um olhar de desaprovação.

Por que ele está chateado: estamos em público e fizemos comentários improvisados sobre Maximoff e eu estarmos juntos. — Isso não foi nada — Eu asseguro a ele. — Não seja Thatcher e exagere aqui.

— Farrow. — Akara ajusta o fio para seu rádio, o abdômen aparecendo em uma camiseta vermelha. — Nem todos nós relaxamos em furacões. — Ele está

dizendo que eu nunca “exagerei” quando deveria. — E manter seu relacionamento em segredo é sério.

Eu descanso contra a mesa novamente, braços frouxamente cruzados. — Então, confie em mim que vou manter isso em segredo. Porque prefiro que toda a Ômega esteja mais preocupada com a ameaça do *Instagram* do que com essa merda. — Continuo: — Fui eu que tive que sugerir e coordenar detectores de metais e segurança extra nas entradas. Se fosse Sulli em uma foto sendo massacrada em uma placa de Cleveland, teria sido uma prioridade.

Akara respira fundo e tenta moderar sua reação.

— Olha…— Ele devolve a bola saltitante para um aquário cheio de bolas de borracha. — Não consigo imaginar como é ver essas fotos, mas ainda não temos informações suficientes. — Ele desvia o olhar, pensando.

— E se fosse Sulli — digo a ele —, toda a turnê já estaria encerrada.

Já que é Maximoff Hale – o responsável, o líder de três famílias, um cara que pode convencer a Tri-Force de que é capaz de qualquer coisa – estamos deixando que ele se coloque em mais perigo do que *qualquer outra pessoa*.

Akara assente. — Vou aumentar a segurança quando ele sair do local. — Ele pega o telefone.

— Obrigado — digo, mas todos nós olhamos uma horda de garotas pré-adolescentes. Rindo e gritando com o avistamento de celebridades.

Donnelly joga fora sua bandana. — Até mais. — Ele abaixa o dedo médio e o anelar em um gesto de mão que significa *amor*. E ele vai direto para Beckett na caixa registradora com Sulli e Maximoff.

Akara e eu os alcançamos antes que as meninas estejam na metade do caminho para a loja de presentes. Sulli pega o recibo e a bolsa, hesitante. —

Vamos embora? — Ela olha para Akara.

Veja, Beckett e Sulli apenas cumprimentam os fãs em ambientes controlados e pré-seguros. Não é todo dia. — Depende de você — diz Akara.

Beckett enfia uma batata frita na boca. — Eu não vou ficar, Sul. — Ele espera para sua prima tomar uma decisão.

Maximoff definitivamente vai ficar. É o que ele sempre escolhe, e é mais perigoso com a ameaça do *Instagram*. Mas é por isso que estou aqui.

Ele já acena para as doze garotas, e elas gritam em uníssono.

Tirando selfies com Maximoff elevando-se ao fundo. — VOCÊ O VÊ!?!?

Eu sorrio.

Eu o *vejo*.

Maximoff me olha, tipo, *você gritaria assim por mim?*

Eu balanço minha cabeça. *Não*. No mínimo, ele teria que trabalhar para isso. Sulli se vira para Maximoff e sussurra: — O quanto elas ficarão chateadas se eu partir?

— Não é uma razão para ficar — diz ele calmamente. — Algumas pessoas vão te odiar, não importa o quê. É exatamente o que acontece quando você se torna público.

Ela assente. — Certo. Porra, OK. Tô indo. Becket? — Ele aperta a mão dela e eles saem da loja. Akara e Donnelly criam uma barreira entre seus clientes e as fãs.

Ninguém é capaz de abordá-los.

Eu estou bem ao lado de Maximoff.

Ele gesticula para as meninas avançarem. — Querem uma foto?

Mais gritos. — ESTE É O MELHOR DIA DA MINHA VIDA!

Eu aumento o volume do meu rádio para abafá-las e olho seus bolsos, bolsas e mãos. Ficar alerta. Eh, normalmente não faço isso com pré-adolescentes. A chance é baixa. O risco é baixo.

Mas percebo que estou mais vigilante do que nunca. A maioria dos guarda-costas acrescentaria precauções. E não quero dizer segurança extra. Eles diriam a Maximoff para mudar seu estilo de vida. Sacrificar essas interações. Ser menos público.

Ele se sentiria sufocado, e eu ainda quero fornecer a ele aquele terreno meio seguro. Merda, eu *amo* dar a ele o que outras pessoas não podem.

Não o estou forçando a entrar em um quarto acolchoado sem janelas, a menos que seja imperioso.

Eu simplesmente não posso fazer isso com ele.

Capítulo 16

Farrow Keene

ATINGIMOS A MARCA de uma hora no Cleveland FanCon. As multidões são enormes. A equipe e os assistentes circulam pela sala de conferências como insetos invisíveis, e a segurança temporária administra as longas filas de fãs entusiasmados.

Meu único foco: *Maximoff Hale*.

Cinco corredores de corda de veludo levam a cenários brancos. Jane, Maximoff, Sullivan, Beckett e Charlie estão em corredores separados.

Filas diferentes.

Menos caos.

Os fãs se preparam e esperam sua vez de conhecer sua celebridade favorita.

Um coordenador de fila acena para uma garota morena de vinte e poucos anos se aproximar de Maximoff. Ela veste uma camisa do FanCon e corre ansiosamente em direção a ele, jogando um braço em volta de seu pescoço como se fossem amigos de longa data.

Ele abraça de volta, sorrindo genuinamente.

Eu estou a apenas alguns metros de distância, as mãos em concha na minha frente. Estou fora das fotos, mas perto o suficiente para o caso de haver problemas.

— Eu sou uma *grande* fã. Eu te amo muito! — Ela fala apressadamente.

— Você está bem? Como está seu nariz? Quem trouxe o café da manhã para você? Você tomou um bom banho? Oh, meu Deus, eu não posso acreditar que isso é real. Estou te conhecendo agora. — Ela acaricia o braço dele.

Eu mastigo meu chiclete com um pouco mais de força. Esta é a sexagésima sétima vez que eu gostaria de poder dizer *ele é meu*. Sei do que gosto e do que não gosto, e nunca gostei de gente acariciando um namorado.

Mas também nunca namorei uma celebridade.

— Estou bem, eu juro. — Ele aperta os ombros dela em um abraço lateral. — Qual o seu nome?

— Penny. Oh, meu Deus, por favor, diga meu nome.

— Penny — diz ele com um sorriso maior.

Ela grita.

— Quer uma foto ou um autógrafo? — Ele pergunta. — Perguntas e respostas serão mais tarde. Espero que possamos responder a algumas de suas perguntas então.

— Sim, sim! Você pode autografar minha camisa?

— Sim, claro.

Um assistente está a postos e passa uma caneta marcador para Maximoff.

Penny agarra seu bíceps enquanto ele abre a caneta. Concentro-me em sua mão que se desvia para seu peito, mergulha em sua cintura e até atinge seu cinto. Eu espero, espero, e sua mão se move para o sul – eu entro, minha mera presença é um choque elétrico.

Ela salta para trás, de olhos arregalados para mim e minhas tatuagens. — Tente manter as mãos acima da cintura dele. — Eu repeti esta frase muitas vezes hoje.

Antes que ela empalideça, Maximoff sorri novamente como se nada estivesse errado. Distraindo-a da bronca. — Onde você quer o autógrafo?

— Nas costas da minha camisa. Muito, *muito* obrigada.

Quando ela sai, os olhos dele voam brevemente para mim em agradecimento.

Eu concordo. Crise de agarrar pau evitada. A única pessoa tocando seu pau serei eu.

A voz de Oscar inunda as comunicações. — *Confirmado, isso está demorando uma eternidade.*

Mal reduzimos as filas.

— *É Sulli* — Quinn diz através do microfone. — *Alguém diga a ela para parar de ter conversas de vinte minutos com os fãs.*

Oscar retorna. — *Olhe para você, maninho, tentando assumir o comando e ficar de olho em uma garota Meadows.*

Eu clico no meu microfone. — Merda, é como se ele fosse o Akara.

— *Ele quer ser* — diz Oscar, seu tom meio brincalhão.

— *Vai se foder, mano.* — Isso foi um verdadeiro *foda-se.*

— Ei — Eu interrompo. — Ele está fodendo com você, cara. — Já vi alguns estouros de Oliveira no ônibus e, para ser sincero, não gosto. Eu prefiro todos nós rindo de Quinn e ele sorrindo no final. Não esse monte de merda.

— *Ele é um idiota do caralho* — Quinn rosna.

Não acredito que passei de mentor a mediador. Falo no meu microfone. — Akara, isso é todo seu.

— *Calma nas comunicações* — diz Akara —, *e deixem Sulli em paz. Ela é nova nisso. Estou fazendo com que o coordenador da fila dela leve as pessoas*

para fora mais rápido.

— *Pensamento inteligente, chefe* — acrescenta Donnelly.

Thatcher está ausente das comunicações e rapidamente examino a fila de Jane ao meu lado. A um metro dela, ele está parado como uma parede de tijolos, as mãos em concha na frente. Focado nos fãs que animadamente vem e vão.

— Maximoff, isso é para você! — Um menino entrega a Maximoff um álbum de recortes que ele fez. Eu observo a troca amigável.

— *Redford* — diz Oscar em meu ouvido. — *Olhe para a fila de Charlie.*

Eu redireciono minha atenção por apenas um segundo e estico meu pescoço até o final da fila. Charlie é o mais distante de Maximoff e sua linha está quase vazia.

Uma garota loira tira uma foto, e eu leio os lábios de Charlie que se movem com uma palavra: *tchau*.

A garota sorri de orelha a orelha. Não se ofendendo com sua rudeza. E ela desliza para a fila de Beckett.

Eu clico no meu microfone antes que ele esfregue o sucesso. — Você quer dizer que o cara que tem a reputação de ser esquivo pode explodir seus fãs e nenhum deles nem pisca? Se outros o copiassem, teríamos o *Celebrity Crush* chamando-as de vadias e idiotas rudes.

Oscar ri. — *Olha quem virou publicitário.*

— *Chupar o pau do Maximoff deve dar superpoderes* — Donnelly diz sem pensar.

— *Parou* — Thatcher dispara.

Não me ofendo facilmente, e Thatcher está todo revoltado porque Donnelly está falando sobre o pau de um cliente. Não necessariamente porque

esse é o pau do meu namorado. Mas eu tenho a mentalidade de que, se você come, é melhor ser capaz de aguentar, e eu aguento uma tonelada.

Não dando ouvidos à ruína da minha carreira e minha sanidade, falo no meu microfone. — E ninguém sabe o que chupar o pau de Donnelly faz porque ninguém quer chegar perto dele.

Donnelly deixa sua risada filtrar através do rádio. — *Farrow* — adverte Thatcher.

Reviro os olhos. Solto meu microfone. Ainda observando Maximoff e os fãs excessivamente zelosos. Tenho fé em nossa segurança de entrada, então não sou paranoico com armas escondidas.

Maximoff aceita uma cesta de biscoitos de uma garota e está prestes a passar o presente para um assistente. Mas eu digo a ela que vou pegar.

Maximoff me entrega a cesta e eu pergunto: — Como você está?

— Bem. — Ele acena com a cabeça e mostra um sorriso em sua fila. Os fãs explodem em aplausos, e então ele se vira para mim e sussurra: — Como estão Sulli e Beckett?

— Sulli está apenas administrando mal o tempo, e Beckett está sendo solicitado a levantar garotas para fotos.

— Como aqueles bailarinos?

— Sim.

— Os braços dele ficarão doloridos. — Maximoff examina seus primos em uma varredura rápida.

— Isso é o que Donnelly continua dizendo a ele, mas ele está tendo problemas em dizer *não* às meninas, já que pagaram para estar aqui.

Maximoff assente e me pergunta: — Quanto tempo mais você acha?

Ele estica o pescoço, olhando. — Quatro horas…

—Você só pode estar de brincadeira. — Ele se concentra no espaço vazio de Charlie.

Fiel à figura de Charlie Cobalt, ele deixou o prédio. Oscar também se foi. — Você está encarando — Aviso a Maximoff.

Antes que o coordenador de fila conduza alguém à frente, Maximoff diz ao membro da equipe: — Dê-me um segundo.

Ele pega a água do chão e então me encara completamente. Olha para os fãs. Seu olhar cáustico poderia abrir buracos na parede.

Charlie toca um ponto cru dentro de Maximoff que eu nunca vi ninguém alcançar.

Nem mesmo um intruso. É outro nível de mágoa, frustração e rancor.

— É melhor ele estar no banheiro — diz Maximoff.

Eu quero envolver meu braço em torno de seus ombros. Mas eu luto contra esse impulso natural. Eu também posso puxar contra uma corda elástica esticada. Isso só me faz querer avançar muito mais.

Eu mastigo meu chiclete e faço o que posso para ajudar. Clicando no meu microfone, pergunto a Oscar onde ele está. Compartilho a resposta com Maximoff. — Eles ficarão no outro hotel até o início das perguntas e respostas.

— Ele disse que ficaria e ajudaria Sulli se terminasse cedo.

Eu franzo a testa. —Vocês dois conversaram? Um com o outro?

— Mandei uma mensagem. — Ele me entrega seu telefone, e eu dou uma olhada e o que vejo é mais ou menos assim:

Maximoff: *Se você acabar de tirar as fotos, pode ficar por aqui e distrair alguns dos fãs na fila de Sulli? Isso vai deixá-la menos estressada.*

Charlie: *OK*

Eu olho para Maximoff.

Seus olhos brilham quentes. — Diga-me que ele ficou doente. Intoxicação alimentar ou alguma bactéria carnívora? Talvez um telefonema de emergência? Ou não, espere, Charlie nunca tem uma desculpa. Ele está apenas entediado e fugiu, certo?

Sinto algo mais profundo e doloroso. Ele me contou com mais detalhes sobre a briga de iate com Charlie. E como Charlie o abandonou uma semana antes de seu primeiro ano em Harvard.

Sem explicação do porquê.

Eu coloco a mão em seu ombro largo – e um demônio de dois metros quase estoura meu tímpano. Porra do inferno. Eu solto, meu nariz queimando.

Maximoff esfrega o rosto. Tentando esconder sua raiva dos fãs. — Faça uma pausa de cinco minutos — digo.

— Não. Não, eu estou bem. — Ele passa a mão pelo cabelo. — Estou bem.

Ele coloca o punho na boca, e o olhar endurecido que ele usa também implora, para que eu chegue *mais perto.*

Não posso. Meus músculos queimam. Nós dois estamos lutando contra uma força que quer que nos aproximemos.

Faça a porra do seu trabalho, Farrow.

Preciso dar um passo para trás, mas digo: — Parece que você quer dar um soco alguém.

— Eu quero — diz ele. — Quero socar o meu primo.

— Que tal você transformar isso em um *quero-ter-uma-conversa-*

civilizada- com-meu-primo?

— Nunca ouvi falar disso — diz ele, sarcástico.

— Claramente.

Maximoff quase sorri. Ele acena para si mesmo, respirando fundo. É aqui que nos abraçamos ou nos beijamos ou fazemos outra coisa que não o que estou prestes a fazer.

Desvio meus olhos.

Dou um passo para trás.

Deixo o ar preencher a lacuna entre o meu corpo e o dele. Fazendo meu maldito trabalho.

Um cara baixinho de pele morena é o próximo. Ele se aproxima de Maximoff com uma braçada de parafernália Superheroes & Scones. Maximoff abre a tampa de um caneta marcador e as luzes se apagam.

A escuridão envolve a sala de conferências. Corte de energia, vozes estridentes no meu ouvido. Fãs gritando: — O que aconteceu?!

Eu bloqueio todas as distrações, todas as ameaças possíveis ou o que aconteceria no escuro como breu, e eu me movo com urgência.

— Maximoff. — Eu agarro sua cintura e o direciono para uma saída. ESO marcou o *salão de festas E* como uma "área segura" caso essas situações ocorram.

Não podemos ver meio metro à nossa frente, mas pego meu celular como algumas outras pessoas e aponto a luz da câmera.

— Jane. — Maximoff tenta se virar.

Minha mão algema seu antebraço com força. — Ela tem dois guarda-costas. Não pare na multidão.

Existem cinco celebridades famosas de cair o queixo para mil fãs adoradores e semiloucos. As luzes podem acender ou ele pode ser esfaqueado no escuro. Não vamos ficar por aqui para descobrir qual.

Um organizador usa um microfone para falar. — Teremos tudo isso resolvido logo. Por favor, fiquem calmos e fiquem onde estão.

— Eles estão indo embora! — Um fã grita, irritando algumas pessoas para perseguir as celebridades e pegá-las antes que elas partam. Maximoff e eu nos movemos com segurança no escuro, passo a passo, e toco meu fone de ouvido enquanto Akara fala.

— *Os técnicos estão olhando para a caixa de energia. Todo o primeiro andar do hotel está escuro* — Informa Akara. — *As luzes não voltarão por pelo menos mais cinco minutos.*

— *Vão para o salão de festas E* — Ordena Thatcher.

Passamos por uma saída de porta dupla e, com certeza, está escuro em todos os lugares. As luzes dos telefones balançam de um lado para o outro. Eu diria que guio Maximoff, mas tenho certeza de que ele diria a todos que ele está me guiando.

— MAXIMOFF!

Isso é um fã.

Não consigo ver a pessoa, mas soou como um lamento.

— Espere! Tire uma foto comigo, por favor?! Eu não tirei nenhuma! — As mãos estão prestes a agarrar sua camisa.

Eu deslizo para trás dele e interrompo as pessoas. — Mova-se — digo a Maximoff.

Ele parou para falar com eles e está hesitante. Porque ele colocaria

genuinamente *dar uma foto a um fã* acima de sua segurança. Saber que faria seu dia, mês, ano ou existência eterna.

Para a sorte dele, eu não dou a mínima.

Eu só me importo com a vida dele.

— Maximoff — digo entre dentes. — *Vai*. Ou eu arrasto você... — Aqui vamos nós.

Ele olha para a frente, nossos passos longos e apressados. — Eu poderia ter tirado uma foto.

— Não, você não poderia. — Concentro-me em dois caras à nossa frente. Eles direcionam as luzes do telefone para Maximoff. Ele protege o brilho com a mão.

— Ei, é Maximoff!

Eu passo na frente dele enquanto caminhamos. — Vocês podem vê-lo mais tarde — digo aos caras casualmente, mas suas luzes já criaram um holofote gigante em Maximoff.

— Maximoff!! — Muitas pessoas gritam e estão correndo na direção dele.

Ainda estamos longe do salão E. — A Três horas há um banheiro — digo a Maximoff e o conduzo pelo ombro – alguém agarra sua camisa.

Empurro a pessoa para trás e o tecido se rasga.

E é aí que me dou conta da grande quantidade de pessoas. Podemos muito bem estar em uma sala e ele também pode ser um cantor preso no fosso. Quase cem corpos nos cercam.

Todos querendo chegar perto. Todos querendo dizer que tocaram em Maximoff Hale. Tudo acontecendo ao mesmo tempo.

No escuro.

Eu fisicamente arranco as mãos de sua camisa, seu bíceps, e ele empurra para frente. Quando arranco mais um par de mãos, ele rompe e corre para o banheiro.

Estou bem atrás dele.

Fecho e tranco a porta. Eles batem e gritam. Sem luzes, ainda.

— Maximoff. — Eu redireciono a luz do meu telefone para o corpo dele por uma fração de segundo. Ele está segurando a borda da pia. Ligeiramente curvado para a frente, normal para ele.

Eu não posso me concentrar nele ainda. Está me matando não fazer isso.

Eu clico no meu microfone e acendo a luz para todo o banheiro. Eu chuto as portas das baias. Vazio, vazio. — Farrow para Ômega, não chegamos ao salão E. — Vazio, vazio, vazio, vazio. Este é o banheiro feminino, cerca de doze cabines.

Vazio, vazio.

Do lado de fora, os fãs começam a gritar: — Maximoff! Maximoff! Maximoff Hale! Maximoff! Maximoff! Maximoff Hale!

Vazio, vazio, vazio. Eu clico no meu microfone. — Estamos em um banheiro seguro. — Corro para Maximoff em duas passadas e ilumino-o com minha lanterna. — O que há de errado?

Seus olhos estão bem fechados, mandíbula cerrada. E ele engole em seco.

Ele está com dor.

Meu estômago revira. — Maximoff…

— Onde estão Jane, Sulli, Beckett… eles estão bem? — Ele abre os olhos, apenas preocupação severa neles.

Eu clico no meu microfone. — Farrow para Ômega, onde estão todos? —

Eu ouço suas respostas e examino seu corpo, notando facilmente o osso estourado fora de seu ombro.

— Farrow — Ele incita a resposta.

— Sulli e Beckett estão no salão E, a salvo. A multidão isolou Jane, mas Thatcher e Quinn a levaram para fora. Ela está segura em um táxi. — Faço um gesto para que ele se vire para mim. — Deixe-me ver seu ombro.

Ele diz: — Estou bem.

Ele quer estar. — Você não está bem.

As pessoas devem ter agarrado seu ombro e segurado, puxando para trás enquanto ele avançava. Eu deveria tê-los empurrado mais rápido.

Ele tenta mover o braço esquerdo e morde, a dor marcando suas sobrancelhas.

— Caralho — Ele xinga.

Atrás dele, eu agarro sua cintura e deslizo meu braço em volta dele com carinho. Ele quase se inclina para mim, lembrando quem eu sou. Sendo honesto aqui, ele ainda é uma estátua de mármore.

— Deixe-me ajudá-lo. — Eu ilumino seu ombro.

— Só está dolorido.

— Seu ombro está deslocado.

Maximoff respira pelo nariz e então agarra a borda da pia novamente. — Essa é a sua opinião médica profissional? — Ele pergunta. — Só olhando?

— MAXIMOFF! MAXIMOFF! — Eles ficam mais agitados lá fora.

— Sim. — Eu fico atrás dele. — Além disso, você é um espertinho teimoso. Aponte isso para seu ombro. — Eu passo meu telefone para ele.

Ele usa sua mão boa e direciona a luz. Ele me observa através do espelho.

— Você pode colocá-lo no lugar?

— Posso. — Eu gentilmente coloco uma mão na parte de trás de seu ombro, outra em seu cotovelo. Apoiando seu antebraço no meu. Seu pulso está acelerado.

Meu estômago revira. Querendo que ele apenas se acalme. Relaxe. Mas ele está ferido, e eu sei que é culpa minha.

— MAXIMOFF! MAXIMOFF HALE!

— Eu tenho que te dizer uma coisa — digo seriamente.

— Se você está tentando me distrair, não vai funcionar...

— Eu beijei um membro da equipe.

— O que…

Eu coloco seu ombro de volta no lugar, e ele solta um longo gemido.

— *Caraaaaalho* — Ele xinga, e uma respiração depois, ele está olhando para mim.

Minhas sobrancelhas levantam. — Eu estava brincando.

Ele respira mais forte, mas balança a cabeça. — Você não poderia brincar sobre literalmente qualquer outra coisa?

— Nada mais teria funcionado.

Ele exala. — E você é um idiota do caralho. — Seu braço se curva em volta dos meus ombros.

— Isso também. — Eu agarro sua nuca, a luz dançando ao redor de nós enquanto nos movemos. — Eu sinto muito…

— Não é sua maldita culpa — diz ele, a voz firme, e ele sutilmente me olha por qualquer ferimento. Vendo que estou bem. — Meu antigo guarda-costas teria feito pior.

— No entanto, eu deveria ter feito melhor. Você precisará colocar gelo no ombro e deveria chamar meu pai para dar uma olhada se a dor piorar.

Suas sobrancelhas franzem. — Você acabou de dar uma olhada no meu ombro.

— Os ligamentos protegem a articulação do ombro e quatro tendões estão conectados ao manguito rotador. Se você rasgou algum deles, pode precisar de cirurgia. Meu pai é mais experiente. Ele saberá dizer.

Surpreende-me quando penso *gostaria de saber mais do que Edward Nathaniel Keene*.

Meu pai tem desejado isso também.

Capítulo 17

Maximoff Hale

O FANCON DE Cleveland foi cancelado pela queda de energia do hotel.

Mesmo a caminho da próxima parada da turnê – Chicago, aqui vamos nós – a manchete me incomoda. O hotel confirmou que a energia explodiu, e os técnicos não conseguiram resolver o problema por pelo menos 24 horas.

A segurança chamou o FanCon de falho. Terminar o evento mais cedo é uma faca irremovível em meu peito.

Sem o evento de perguntas e respostas prometido. A maioria dos fãs nunca nos conheceu. Alguns gastaram muito dinheiro apenas viajando para Cleveland.

E nós fodemos com eles.

Tentei resolver o problema. Fiz ligações, conversei com a equipe e poderia ter transferido o evento para outra sala de conferência em um local próximo do hotel.

Akara e Thatcher recusaram. *Não fizemos a preparação para um hotel diferente*, eles disseram. *Não é possível.*

Devo seguir em frente e esquecer o acidente de Cleveland. *Imagine isso como tentativa e erro,* Akara me disse. *O Chicago FanCon será melhor.*

Eu não posso simplesmente esquecer. Esses *erros* que cometo machucam pessoas – e não estou bem com isso.

— Você precisa fazer um reunião de cúpula — Farrow me diz enquanto se contrai numa abdominal.

Estávamos na segunda sala com Janie, um sofá em forma de U aqui atrás.

Muito quieto, já que metade do ônibus está dormindo em seus beliches.

Farrow não está malhando no chão. Ele está paralelo ao sofá cinza. Sento-me tão malditamente perto que seus joelhos dobrados cobrem minhas pernas. Minha mão está deslizando por sua coxa, e meu outro antebraço descansa em sua rótula enquanto seguro meu telefone.

Meu crush de infância fazendo abdominais bem contra mim – essa devia ser, sem dúvida, a *melhor* distração da má notícia. O suor brilha em sua pele tatuada, tatuagens de piratas espreitam de seu decote em V preto da *Adidas* e uma mecha de cabelo branco continua caindo em seus cílios castanhos.

Fazendo com que seus dedos empurrem constantemente os fios para trás.

Jesus, não é natural ele ser tão gostoso. E como estou atraído por ele pra caralho. E, *ainda assim*, minha mente descarrilha e retorna para Cleveland. Para uma merda colossal.

Ele levanta seu corpo numa abdominal. Seu rosto está a um centímetro do meu rosto, e ele olha para o meu telefone. A tela é exibida em um artigo de notícias que li um bilhão de vezes.

> A turnê HMC FanCon em Cleveland foi um grande desastre técnico sem um plano B. Maximoff Hale não estava preparado para lidar com um evento dessa magnitude. Se isso é uma indicação de como ele administra a HMC Filantropia, está claro que ele é muito jovem, pouco profissional e inexperiente para ser o CEO de uma empresa corporativa.

Farrow passa os olhos pelas palavras em vírgula dois segundos e então

joga meu telefone atrás da cabeça. Ele atinge um travesseiro e cai no chão.

— Obrigado — digo secamente.

— Foda-se — Ele me diz com as sobrancelhas levantadas. — Chamá-lo de jovem e pouco profissional é um tiro barato, e esses jornalistas sempre o farão. — Ele abaixa as costas e se levanta em outro abdominal. — Essa é a verdade. Não estou falando só porque estou te namorando e transando com você.

Ele abaixa novamente, é casual e calmo. Agindo como se ele relatasse uma simples previsão do tempo.

Caralho. Sinto meu sorriso tentando tomar forma.

— *Je suis d'accord avec lui, Moffy* — diz Janie, sentando-se no outro lado comprido do sofá. Espelho apoiado nas coxas. Ela aplica uma máscara de abacate, o cabelo enrolado em uma toalha rosa. *Concordo com ele, Moffy.*

Minha boca avança um pouco mais para cima. Estou tentando o meu melhor para deixar para lá, mas algumas coisas estão grudadas em mim como a porra do alcatrão.

Eu ajusto minha bolsa de gelo no meu ombro dolorido e me lembro do que Farrow disse sobre a reunião.

Então abaixo minha voz, garantindo que Beckett, Charlie e Sulli não vão me ouvir.

— Pensei em pessoas que gostariam de criar uma conta de assassinato — digo a ele —, e não consegui absolutamente nada.

Farrow aumenta seu ritmo de abdominais. — Nenhum nome?

Ele já disse que está cuidando dos ANDs de uma noite e está esperando que os advogados lhe enviem esses contratos. Eu só preciso ajudar a elucidar para outras pessoas. Tipo um rival do Ensino Médio, um vizinho irritado ou um

estudante universitário desprezado.

E imagino... ninguém. Não exatamente.

Eu lidei com o meu quinhão de assédio na escola. Como os comentários sarcásticos sobre minha mãe, os desenhos de pau e acusações de ser um bastardo.

Alguns caras me odiavam porque precisavam de alguém para odiar. Mas eu não consigo vê-los, anos depois, me querendo morto.

— Se eles existem — digo a Farrow —, não sei sobre eles.

Seus músculos flexionam ao subir no exercício.

— Janie? — Pergunto.

Ela limpa as mãos em uma toalha e fecha o espelho. Olhos azuis em mim, ela oferece toda a sua atenção. — Você sempre foi doce com as pessoas, e querido. E muito famoso. Muitas pessoas se apaixonaram por você no Ensino Médio. Até os vizinhos.

Farrow revira os olhos.

Eu dou a ele um olhar. — Vamos, se eu tivesse mais ou menos a sua idade, você também teria uma queda por mim.

— E lá se vai a sua humildade. — Em seu caminho para cima, ele se contorce para a direita, perto o suficiente para me beijar.

Me beija.

Sua boca se curva antes de ele se inclinar para baixo. Que provocador.

Eu lambo meus lábios. — Apenas afirmando a verdade.

A diversão repousa atrás de seus olhos. — A verdade é que você teria ‘querido’ que eu tivesse uma queda por você. — Ele se eleva. — E você sempre, *sempre* teria ficado apaixonado por mim.

— Isso já é besteira já que eu nunca fui apaixonado por você. — Ele solta uma risada curta e seca antes que seu sorriso se expanda.

— Não foi você que sonhou comigo tirando sua virgindade no banho?

Eu pisco.

Sim.

Eu sinto que ele virou qualquer jogo de tabuleiro metafórico que estávamos jogando.

Xadrez? Gamão? *Candy Land*?

Eu finjo confusão. — Era você e eu? Pode ter sido outro cara que se parece com você.

— Ninguém mais se parece comigo — diz ele com aquela voz prática que agarra meu corpo. Ele fica de joelhos e se vira... para longe do meu rosto. Ele está com um sorriso largo, ainda me provocando.

Está funcionando.

Estou suando de dentro para fora e mantenho a mão na bolsa de gelo para me refrescar. Jane aponta seu telefone para nós e tira uma foto sincera de mim e Farrow.

Digo a Janie: — É melhor que seja uma evidência de que *ele* pareça mais apaixonado do que eu.

— Recordações. — Ela examina a foto. — E pelo que vejo, vocês compartilham igual paixão.

Faço um gesto para Farrow. — Aí está.

Ele empurra o cabelo para trás e nossos olhos se acariciam em um momento poderoso. Eu inspiro e quebro o contato visual. Meu telefone vibrando no chão.

Jane acabou de me mandar uma mensagem com a foto. Vantagens da segurança extra do telefone, agora tenho fotos do meu namorado sem medo de *hackers*.

Mas deixo meu telefone onde está e redireciono de volta ao assunto. — Se Janie não consegue nem pensar em alguém que faria uma conta de assassinato, então estamos condenados.

Farrow se encolhe. — Você está me dizendo que ninguém estava com ciúmes de você? Você é uma celebridade rica e atraente que nadou competitivamente.

Eu fico olhando, pensando.

— Moffy. — Jane se anima com um pensamento repentino. — Jason, Ray e Clark.

— Quem? — Farrow pergunta, notando minha carranca sombria. Ele fica de pé, com o braço no encosto do sofá.

— Caras da equipe de natação — Respondo. Lembrando o iate, a festa de verão, de anos atrás. Minhas maçãs do rosto ficam mais nítidas. — A última vez que falei com eles, nós brigamos.

Farrow varre minhas feições. — Eu preciso de mais do que isso.

— Antes de brigar com Charlie no iate — digo —, eu os ouvi conversando sobre minha mãe na cabine principal. E eu fui com tudo. — Balanço a cabeça algumas vezes. — Eu estava quase numa fúria cega, OK? Não estou orgulhoso.

Farrow olha mais profundamente.

— O quê? — Pergunto.

— Eu estava naquele barco. — Farrow faz uma pausa, o maxilar tenso. — Só me ocorreu que, enquanto eu estava rindo e bebendo, você estava abaixo do

convés levando uma surra.

Deixo escapar um suspiro agudo. — Eu fiz pior com eles...

— Você não é um lutador treinado, e foi três contra um. Você provavelmente estava no chão.

Ele não está errado. — Eu dei conta. — Eu estudo seu olhar protetor, e percebo que ele gostaria de ter estado lá para mim. — Você quer uma máquina do tempo?

Farrow quase abre um sorriso, mas a gravidade da situação o mantém sério. — Quais são os sobrenomes?

Jane pega em sua máscara de abacate. — Ray e Clark receberam bolsas de estudos para nadar fora do estado. Eles não teriam uma endereço de IP da Filadélfia.

— Jason Motlic teria — digo. — Ele ficou na Filadélfia. — Olho para Farrow. — Você pode colocar o nome dele na lista.

— OK. — Ele não pega um notebook ou seu telefone ou *qualquer coisa*.

— Portanto, é uma lista imaginária.

Farrow arqueia as sobrancelhas. — Minha memória é melhor que a sua. Eu não preciso digitar e imprimir oitenta e quatro listas.

Eu faço uma careta. — Como eu gosto de você, cara?

— Eu acho que você quer dizer *ama* — Ele brinca.

Não dê a porra de um sorriso. Eu lambo meus lábios de novo e de novo, e antes de responder, noto Janie deitada do outro lado do sofá. Ela meio que dobra os joelhos contra o peito. Algo que ela só faz quando tem cólicas. — Ça va? — Pergunto. *Você está bem?*

— Oui. — Ela espalmou as costas da mão na testa.

— Si tu ne te sens pas bien, je peux te trouver quelque chose. *Se você não se sente bem, posso encontrar algo para você.*

— Eu resisto a essa tempestade todos os meses. Consigo aguentar num ônibus. — Ela tenta relaxar. — Peach McEntire.

Minhas sobrancelhas franzem. — De jeito nenhum.

Farrow inicia outra repetição de abdominais. — Peach a fruta ou um...?

— Garota — Explico. — Ela tem a nossa idade, e nós éramos todos conselheiros em Camp Calloway juntos. Ela era até capitã de tropa dos lobinhos. — Eu olho para Jane, seu pijama de gato amassado. — E ela é *legal*.

— Ela estava desesperada, loucamente apaixonada por você, e ela era uma pessoa apaixonada. Ela pode ter se sentido desprezada quando você disse que só queria ser amiga, no acampamento de verão. Você não se lembra, ela parou de falar com você depois disso?

Suspiro pesadamente, frustrado por ter machucado alguém sem saber.

— Pode ser. — Olho para Farrow enquanto ele tritura para cima. — Você pode adicionar Peach ao seu cérebro.

Ele provavelmente responderia, mas Thatcher invade a segunda sala.

Todos nós ficamos quietos.

A equipe de segurança não tem ideia de que Jane e eu sabemos tudo sobre a conta @maximoffmortohale. Farrow já foi ‘contra as regras’ da equipe *muitas* vezes antes, então não é exatamente um novo dilema.

Farrow parece mais irritado com Thatcher do que qualquer coisa.

O co-líder da Ômega praticamente ignora a mim e a Farrow, e ele se senta perto dos pés de Jane. Ela coça o pescoço e se apoia no braço.

— Thatcher — Ela cumprimenta.

— Jane — Ele cumprimenta também, como se eles não tivessem se visto o dia todo. Quando claramente eles se viram.

Eu dei a Janie um olhar estranho, mas ela está me ignorando. Dirijo-me a Farrow, mas ele está concentrado na interação.

— Pensei que você poderia precisar disso — diz Thatcher enquanto lhe entrega uma bolsa de água quente.

Jane fica boquiaberta, surpresa, os dedos em sua bochecha mascarada de abacate. Ela limpa a garganta ligeiramente. — Merci. — Ela acena para ele.

Ele acena de volta e sai sem dizer mais nada.

— Que porra foi essa? — Sussurro.

Farrow olha para Jane. — Você não pode gostar dele.

— Ela não gosta dele — digo a Farrow. — Ela teria me contado.

Jane ainda está olhando para o local de onde ele saiu. Olhos azuis aumentando como se um deus concedesse imortalidade a seus gatos. — Ele deve ter visto meus *stories* no *Instagram*. Eu disse que estava com cólicas e esqueci de trazer uma almofada térmica no ônibus. — Ela olha para a bolsa de água quente que vai aliviar suas cólicas.

— Ela gosta dele — diz Farrow em descrença irritada. — *Jane*.

— Quem? O quê? — Ela finalmente se vira para nós e nossas palavras parecem ser registradas. — Não, *não*. — Ela balança a cabeça algumas vezes. — Eu simplesmente o acho bonito de se olhar. Como uma pintura italiana. Ele é requintado, você não acha?

— Não — dizemos juntos.

Jane sorri timidamente. — Mentirosos. Vocês dois sabem que ele é bonito.

Não digo nada e tiro minha bolsa de gelo. Thatcher é gostosão?

Desalinhado, musculoso, dois metros e dominador. Sim.

Ele é sensual.

Ele provavelmente poderia estrelar filmes se quisesse. Mas Farrow o odeia e Thatcher está saindo da minha lista de *favoritos*.

Farrow estreita seu olhar em mim. — Estou esperando você dizer *ele é feio*.

— Estou esperando que você diga a mesma merda. — Eu puxo minha camisa do Batman sobre minha cabeça.

— Ele é feio — Farrow diz distante, deslizando o olhar pelo meu tanquinho. Principalmente, ele encara meu ombro.

— Concordo — Minto e sinalizo para Jane. — E?

— Ele é bonito e doce, e isso é tudo o que está acontecendo. — Ela nos lança um olhar que diz: *não me perturbe com coisas sem sentido,* e ela se encolhe e enfia a bolsa de água quente no estômago.

— Incline-se para a frente — diz Farrow.

Eu o faço, meus cotovelos em seus joelhos que ainda seguram minhas pernas. Ele tem uma visão melhor do meu ombro. Ele pressiona o músculo.

Eu reclamo. *Cristo,* isso parece sensível e dolorido.

— Levante o braço.

Eu estico meu braço para cima. O músculo está bem tenso. Eu giro meu braço – *isso é muito tenso*.

— Você precisa continuar colocando gelo — diz Farrow.

Eu concordo. Ligar para o pai pedindo conselhos levanta um monte de questões, e não tenho certeza de quanto mais devo esperar.

Capítulo 18

Maximoff Hale

ACORDO CEDO E procuro por cereal na primeira sala.

Bocejando no meu bíceps uma porra de uma tonelada.

Acho que Oscar está ao volante, mas a porta da privacidade está fechada. Portanto, não posso ver a área do motorista.

Perto da porta do banheiro, uma cafeteira está sobre um balcão de granito. Eu abaixo e abro um armário, encontrando a maior parte dos alimentos secos.

Eu ouço o movimento do corredor estreito. Onde estão os beliches.

Farrow sai dele. Pés batendo no chão frio. Observo-o esfregar os olhos rudemente com a palma da mão. Cabelo bagunçado, ele está sem camisa e sua calça de cordão pendurada baixa em sua cintura esculpida. Pardais tatuados saindo do elástico.

Deus, meu peito sobe em uma respiração superficial. Meu corpo, cérebro e tudo mais estão me implorando para abandonar minha caça aos cereais e empurrá-lo contra a parede.

Estou acostumado a foder Farrow de manhã e à noite – e essa rotina foi para o inferno com a configuração do ônibus.

Não pense em pular em cima dele. Não pense no pau dele esfregando no seu. Não pense nos braços dele envolvendo você ou na mão dele deslizando pelo seu peito e subindo até a sua garganta.

Obviamente, estou pensando em cada posição, cada abraço – cada nervo

que quer ser espremido e aceso. Eu olho e imagino *tudo isso.*

Eu pisco algumas vezes para sair da fantasia.

E seus olhos estão nos meus, seu sorriso sabe-tudo subindo lentamente. Não estou brincando, tenho que desviar o olhar como se estivesse na porra da quinta série e preocupado que vou ficar com tesão na aula.

Foco.

Cereal. Certo.

Afasto uma caixa de *Cocoa Crispies,* que pertence a Sulli, e é quando sinto sua presença como um relâmpago avassalador. Voltagem bruta atinge meu corpo. Da cabeça aos pés. Ele ondula meus braços, pernas e peito.

Me queimando.

Ele se inclina sobre o maldito balcão, seus pés bem contra mim. Tenho um visão fantástica de suas panturrilhas nuas, um navio tatuado à esquerda.

Eu esfrego minha mandíbula, meus músculos cheios de bolhas com um milhão de desejos. *Foco*. Meu olhar se concentra em pontos disparados e eu o ignoro de propósito. Continuando minha busca.

— Alguém parece estar se divertindo — diz ele.

Tenho medo de que se eu responder seja com *me fode*. No momento, isso precisa ser mais um *foda-se* e não o *foda-se* sexual.

Como um verdadeiro foda-se, foda-se.

— Eu ajudaria você — Farrow me diz —, mas meio que gosto dessa vista.

Empurro uma caixa de *Cheerios*. — Você adora fazer toda essa coisa de se elevar sobre mim. — Eu nem sei mais o que diabos estou tentando encontrar.

Isso parece ser a melhor distração.

Foda-se meu desejo sexual intenso.

— Você geralmente não me deixa fazer isso, a menos que esteja prestes a me chupar — diz ele casualmente.

Sim, tenho tentado *não* imaginar tomá-lo na boca.

— Mas você nem sequer olhou em minha direção uma vez — Ele continua. — Boquetes estão fora de questão, então.

— Boquetes na cozinha na frente de todo mundo *definitivamente* não vão acontecer. — Minha voz está mais séria do que eu pretendia.

— Foi uma piada, lobinho — diz ele friamente, com calma – como se todo o seu mundo residisse em uma praia em algum lugar, bebendo *Mai Tais* com zero estresse e zero irritações.

Finalmente, eu lanço meu olhar para ele.

Com certeza, ele está fazendo toda a coisa de se elevar sobre mim. Cotovelo no balcão, lábios curvados e cabeça ligeiramente inclinada. É mais sexy do que imaginei na minha cabeça. Ele parece mais alto.

Mais velho.

Mais forte.

Seus anéis de prata batem levemente no granito com um *click, click, click.*

E sim, estou em uma posição perfeita para chupá-lo. Cada osso do meu corpo grita para eu agarrar sua bunda, chupá-lo e observá-lo gozar.

Eu gostaria de fazer um monte de malditas coisas que não podem acontecer em um ônibus de turismo lotado.

Meus músculos queimam. — Suas piadas não estão engraçadas hoje.

Farrow solta um assobio baixo. — Eu perguntaria quem mijou no seu *Cheerios*, mas você ainda está procurando por eles.

— De novo — digo e então pego uma caixa de *Raisin Bran*. Levantando,

nos encontramos no nível dos olhos, já que ele está curvado. —, não é engraçado.

Nossos olhares se encontram e seguram. *Me fode com força, cara*.

— Anotado — Ele diz, e estende a mão, prestes a tocar meu pescoço – eu me afasto.

— Não me toque. — Minha voz é firme. Pelo amor de Deus, preciso estar a trinta metros desse cara. Sem contato visual. Definitivamente, nenhum contato de pele.

Não até chegarmos ao próximo hotel.

Farrow se endireita quase instantaneamente. A preocupação escurece seu rosto. — OK, agora eu vou perguntar — diz ele. — Qual é o problema?

— Nenhum. — Eu rasgo o farelo de passas e caminho rigidamente em direção ao sofá. “Caminhar” é honestamente um exagero. O balcão e o sofá estão a menos de um metro de distância e estou me concentrando em merdas estúpidas de propósito.

— Maximoff.

Eu viro.

Seu piercing sobe com as sobrancelhas.

Eu respiro uma respiração agitada. — Caralho, cara. Faz tempo que não fazemos sexo. Não consigo olhar para você. — Reconheço que posso me masturbar, mas estou morrendo de vontade.

E não é vontade da minha mão.

Ele descansa mais contra o balcão e arruma seu cabelo bagunçado. Volta a ser legal, calmo e controlado. É como um interruptor que aparentemente não possuo.

— Porque você quer pular em cima de mim — Ele acrescenta e me olha de cima a baixo. — Como você é incapaz de manter minha companhia agora, mas você se saiu bem quando eu era *apenas* seu guarda-costas? Você não estava fazendo sexo então, e aquilo durou dois meses.

Não sei.

Sinceramente não sei.

Eu começo a balançar a cabeça. Talvez seja porque tenho acesso a ele.

Porque minha imaginação me saciava naquela época. Agora que eu o tenho, *Deus*, eu o quero.

— Eu não tenho essas respostas — digo seriamente. — Eu apenas ouço meu corpo.

— E o que ele diz? — Sua voz é um sussurro grave.

Eu passo a mão pelo meu cabelo. — Que eu preciso de você. Eu quero *você*.

Farrow balança a cabeça lentamente, como se estivesse repetindo essas palavras sem parar.

Seu polegar roça seu lábio inferior e ele olha para a porta do banheiro. — Então, tem um chuveiro aqui...

— As paredes são finas — Eu o interrompo.

— Seremos silenciosos.

— E quando sairmos juntos do banheiro, as pessoas simplesmente acharão que estávamos lá tricotando suéteres — digo, sarcasticamente.

Ele se afasta do balcão. — Eles vão pensar que estávamos fodendo, lobinho. — Um sorriso brinca em seus lábios. — E você tem que estar bem com isso.

A privacidade na minha vida sexual é como uma corda na qual estou pendurado enquanto estou suspenso sobre uma ponte. Mas hoje é diferente. Hoje, estou muito disposto a afrouxar meu aperto naquela maldita corda.

Capítulo 19

Farrow Keene

MAXIMOFF JOGA AS minhas costas contra a parede de azulejos, uma respiração e um grunhido saindo da minha garganta. A água quente atinge nossa carne, o vidro do chuveiro embaçado. *Bom pra caralho.*

Nossos olhares fixos se aprofundam, e eu seguro seu rosto, ganhando controle enquanto nossas bocas se chocam com força e fogo.

Ele beija como se estivesse em falta da minha língua e do meu corpo. Eu retribuo como se meu maior desejo fosse saciar esse cara lindo pra caralho. E é isso.

Estou extremamente atraído por excitá-lo e vê-lo gozar. *Foda-se*, vou fazê-lo gozar com força.

Eu pego seu lábio entre meus dentes, e seus quadris empurram para frente para um contato mais próximo. Minha boca se curva, vendo claramente que ele quer me parar. Ele agarra meu cabelo molhado e um ruído rouco ressoa dentro de meus pulmões. *Porra*.

O pouco espaço do chuveiro cai no esquecimento com o nosso calor. Nosso toque. Ambos magros, mas musculosos e definidos, ambos quase da mesma altura, ambos com a mesma força – jogamos por uma vantagem e suas *necessidades* são uma mina de combustível.

Ainda segurando sua mandíbula, minha outra mão desce por seu peito molhado para seu abdômen e então eu o agarro e acaricio seu comprimento duro

como pedra.

Ele enterra a boca no meu pescoço e tenta abafar um grunhido baixo e prazeroso que desperta meu pau.

— *Caralho*, Maximoff — Eu respiro, a água ainda caindo sobre nós.

Ele agarra meu cabelo molhado e observa meus dedos que o envolvem e bombeiam. Conduzindo-o a um penhasco.

Maximoff se esfrega agressivamente em mim, e então ele começa a me esfregar com uma velocidade entorpecente – *porra do inferno.*

Eu vou nos girar – então suas costas vão bater contra os ladrilhos – mas ele me imobiliza com mais força.

A respiração me escapa, meus lábios quase levantando. Então é assim.

Ele me quer aqui, e chego a um lugar onde não posso virá-lo.

Nós nos masturbamos mais rápido, mãos para cima e para baixo. Em um ritmo melódico e inebriante. Nossas testas quase se tocam. Seus olhos verde-floresta me devoram por inteiro, e gotas de água rolam sensualmente por sua mandíbula afiada.

O vapor sobe.

Eu ranjo os dentes conforme a pressão aumenta. Minha cabeça tenta pender para trás, mas toca o azulejo do chuveiro. Ele pega nossas ereções em uma mão e nos bombeia em um punho fechado. Vai e volta. Nosso pré-sêmen revestindo sua palma.

Pressão e fricção se fundem em uma combinação explosiva. Endurecido como tijolo, meu pulso martela em meu pau.

Eu agarro seu rosto com mais força e ele respira baixinho: — Eu quero foder sua boca.

Eu olho seus lábios rosados. — Temos um problema então. Porque eu quero foder a sua.

Eu inclino minha cabeça. — Quem vai primeiro, lobinho?

Maximoff responde nos soltando e coloca uma mão forte em meu ombro. É fofo que ele tente me colocar de joelhos, mas eu já me ajoelho de bom grado.

Eu agarro sua bunda redonda com uma mão e seguro seu eixo com a outra. Ele absorve cada movimento minúsculo que faço com muita atenção. Quase gozo só de vê-lo me observar.

Antes de pegá-lo, eu chupo suas bolas, provocando, e ele solta um som áspero, maldição ofegante: — *Me fode*. — Ele lança um olhar em mim. — *Farrow*.

— Você é impaciente — digo a ele.

— Isso não é novidade. — Ele penteia meu cabelo molhado para trás. — Eu preciso de você, *droga*.

Ele xinga quando chupo seu pau abruptamente.

Maximoff tenta foder minha boca e empurra para frente, mas eu seguro em sua bunda e eixo. Mantendo o controle, minha cabeça se move para frente e para trás. Eu lambo o comprimento dele em um ponto, e ele estremece antes que eu o leve para o fundo da minha garganta.

Ele engole um gemido e apoia o antebraço no ladrilho, com a mão fechada. Seus músculos flexionados. Aproximando-se da borda. Estou exatamente igual.

Nós fechamos os olhos e eu o provo. Ele goza forte, as pernas contraídas e os olhos perfurados em um brilho no teto antes de rolarem para trás. Mandíbula como mármore esculpido e ruído preso em seus pulmões. Ele respira

pesadamente pelo nariz.

Caralho.

Sua expressão de prazer é de longe minha coisa favorita. Gravo cada segundo em minha mente.

Eu engulo seu líquido e ajudo o seu clímax com a minha mão. Minha boca sobe por sua cintura, sugando seu abdômen esculpido até seu peito, e quando chego ao seu pescoço, sua boca desce. Chupando meu pescoço, então sua língua brinca com meu piercing no mamilo.

Meu nariz queima, *caralho*. Eu flexiono e vejo-o chupar meu mamilo.

Eu apoio minhas omoplatas no azulejo e enxugo a água do meu rosto. Mantendo uma mão na parte de trás da cabeça enquanto ele se ajoelha.

Ele admira toda a minha constituição, minha pélvis arqueada casualmente para ele. Quando nossos olhares se encontram, eu levanto minhas sobrancelhas.
— Precisa tirar uma foto? — Maximoff me mostra o dedo do meio. E, então, ele enfia aquele dedo no meu buraco… *bom Deus*. Ele massageia minha próstata enquanto sua boca me envolve. *Droga*. Com os nervos em chamas, começo a atingir uma nova altura.

Eu ranjo os dentes com tanta força que meu maxilar dói. Não permitindo que nenhum ruído escape.

Minha mão está estável na parte de trás de sua cabeça, eu o movo para frente e para trás. Maximoff faz um barulho esfarrapado, sem entusiasmo por eu assumir o comando. Seus ombros largos se contraem, e antes que eu me mova, ele desliza um segundo dedo dentro de mim – *caralho*. A pressão e os nervos bons, amplificando.

Eu respiro hálito quente pelo nariz. Em outro plano de prazer. De

intensidade. A ponto de minha mão cair da cabeça ao pescoço.

Ele ganha controle total do meu orgasmo.

Me consumindo. Seus quentes olhos verde-floresta me fodem tão poderosamente quanto sua boca. Meu corpo aperta, e em um momento de afluência, eu libero.

Atingindo um pico. Minha cabeça, no azulejo da parede, meu pulso bate como um baixo pesado e um gemido estrangula no meu peito.

Quando minha boca se abre, eu expiro: — *Caralho*.

Maximoff engole e então me esfrega algumas vezes, aumentando a tensão. Meu peito sobe e desce enquanto recupero o fôlego. Mais vapor nos cobrindo de calor.

Lembro-me do que Jane disse sobre a maioria das pessoas ter um crush por Maximoff. Eu posso acreditar. Ele é *O* cara. As pessoas o admiram, querem ser ele ou querem transar com ele.

E eu nunca esqueço que dentre todos, ele se apaixonou por mim.

*

— Estratégia — Maximoff fala. — Eu vou sair primeiro, e depois você espera cinco minutos para sair do banheiro.

Eu esfrego uma toalha no meu cabelo úmido. Meu sorriso está me matando. — Por mais adorável que você esteja se esgueirando, você não pode controlar isso. Todos sabem que estamos aqui juntos.

Podemos ouvir claramente as conversas na primeira sala. Que fica do lado de fora do banheiro. A maioria de seus primos e outros guarda-costas está acordada. Oscar até bateu na porta e disse: *Preciso mijar*. Isso significa que

Akara agora está dirigindo. Sulli provavelmente acordou porque ela é conhecida por não querer perder nada.

E outros seguiram o exemplo.

Maximoff sabe de tudo isso.

No entanto, ele diz: — Não sabemos disso — Ele fecha o jeans.

Boa sorte tentando controlar tudo, a equipe de segurança me disse. Quase sorrio porque Maximoff sendo obstinado é tão previsível quanto encontrar uma árvore em uma floresta.

E não há razão para perguntar por que ele se importa de repente. Presumo que a realidade o está alcançando, e ele *realmente* não gosta quando as pessoas sabem dos detalhes de sua vida sexual.

Ele pode facilmente falar sobre sexo em generalizações, mas quando inclui "quando", "onde" e "com que frequência", ele está acostumado a mudar de assunto.

Eu enrolo minha toalha em volta da minha cintura. Eu não trouxe roupas extras no banheiro. Apoiando-me na pia, digo: — Que tal eu sair e você esperar cinco minutos aqui?

Maximoff puxa uma camisa cinza sobre a cabeça. A água pinga de seu cabelo molhado, que escorre pelas têmporas. Ele está pensando.

— Ou — digo — podemos sair juntos. — Passo por ele no espaço apertado, nossos peitos se encostando, e coloco a mão na maçaneta. — Sua escolha, lobinho.

— Tudo bem. — Ele respira confiante. — Vou sair com você.

Abro a porta e entro no primeiro salão com facilidade. Além de Akara e Sulli no banco do motorista e do passageiro, todos estão aqui.

Todos os três Cobalts estão espremidos em um sofá, ocupados em seus telefones, e os guarda-costas da Ômega se amontoam na cabine e no sofá adjacente, comendo cereal.

Suas cabeças chicoteiam para nós, e a conversa morre quando Maximoff emerge. Sua mandíbula está tensa como se ele estivesse pronto para entrar em uma luta.

ESO olha para ele dez vezes mais do que eles me examinam, sua curiosidade aparente. Antes de eu aparecer, a segurança costumava falar sobre os casos de uma noite de Maximoff como um mito e uma lenda, e ninguém já o tinha visto ‘depois’ com alguém. Minha mandíbula aperta, enfrento todas as duras linhas territoriais. *Afastem-se* escrito várias vezes. Eles desviam os olhares. Passo a mão pelo cabelo e observo Maximoff chegar ao pequeno balcão. Ele faz chá quente, com o corpo rígido.

— Você não precisava mijar? — Pergunto a Oscar.

Ele se levanta e sussurra para mim enquanto passa: — Seu bastardo sortudo.

A porta do banheiro se fecha atrás dele.

Como a conversa normal retorna, eu entro no corredor estreito. Afastando as cortinas do meu beliche, pego minha pequena mochila e escolho as roupas.

Eu me troco no segundo salão vazio, porta entreaberta.

Calça preta, coloco meu cinto de couro nas presilhas e fecho a fivela – de repente, todo o barulho desaparece novamente.

Algo está errado.

Eu gentilmente chuto a porta abrindo mais. Capaz de ver o corredor e o primeiro salão.

Merda.

Charlie se inclina para a frente no sofá e encara Maximoff como se ele estivesse tentando fisgar um peixe para o jantar.

Tiro minha camisa e volto para todos no momento em que Maximoff deixa sua caneca de lado e diz a Charlie: — Se você tem algo a dizer, apenas diga.

Encho o vão da porta e me penduro casualmente em uma barra acima de mim, uma que Sulli e Beckett montaram. Oscar já saiu do banheiro e Jane está lá dentro escovando os dentes. Sinto Oscar silenciosamente me dizendo para "recuar" e não intervir em uma briga Cobalt-Hale.

Como guarda-costas, não temos permissão, mas esse é *meu* namorado na mira de alguém. E nunca fiquei de braços cruzados e deixei um homem que amo travar uma batalha sozinho.

Charlie vira seu telefone de mão em mão, e seu irmão gêmeo sussurra em seu ouvido. Não consigo ouvir o que Beckett diz, mas ninguém espera que Charlie segure a língua.

— Você se orgulha de ser respeitoso — Charlie começa — e em sua mente, eu acho que foder no chuveiro que outras nove pessoas usam não se enquadra nessa categoria.

Foda-se ele. Minha mão cai da barra e rapidamente, Oscar, Donnelly, Quinn e até mesmo Thatcher se levantam e bloqueiam meu caminho.

Maximoff olha furioso para Charlie. — Você não falou comigo uma vez sequer desde começamos esta turnê, e essa é a primeira coisa que você me fala algo?

Thatcher sussurra para mim: — Acalme-se.

— Não fale comigo — digo com uma voz calma. Não estou me debatendo

ou prestes a explodir, mas eles estão muito cientes de que posso entrar em uma briga e acabar com Charlie.

— Foi você que acabou de me pedir para dizer alguma coisa — Charlie diz e então ri amargamente. — Sinto muito se não é o que você queria ouvir, mas talvez você não devesse se cercar de pessoas que puxam seu saco o dia todo, o tempo todo.

Maximoff inala uma respiração funda e agitada. Sua mandíbula severamente travada, e ele se vira e olha brevemente ao redor. Ele está tentando encontrar alguém. Um cara que acredita que pode fazer tudo sozinho está procurando por outra pessoa.

Eu.

Seu olhar pousa em mim.

Dou um passo à frente e Oscar põe a mão no meu peito. — Oscar…

— Deixe meu cliente em paz — diz Oscar, sua voz não soa ameaçadora. Ambos estamos familiarizados com Charlie e Maximoff se enfrentando.

Eu abaixo minha voz. — Diga ao seu cliente para se afastar do meu.

Oscar balança a cabeça. — Charlie só escuta ele mesmo… e às vezes Beckett.

Charlie ainda se concentra em Maximoff. — Aqui está a verdade nua e crua. Você realmente *gosta* de se gabar. Você gosta de ser melhor do que todos nós, então, você vem aqui, praticamente se gabando por foder seu namorado, sempre que quiser, quando quiser.

Mãos grossas cobrem minha boca, contendo a série de ataques que eu poderia e provavelmente teria vomitado. Porque eu sei o quão profundas e frias essas palavras são.

Não estou surpreso quando Maximoff acusa Charlie, mas Beckett dispara para cima, parado na frente de seu irmão.

— Pare — Beckett diz calmamente, mas Maximoff já balança de volta, seu punhos ao seu lado.

— Charlie — Jane avisa do banheiro, escova de dentes na boca.

Tento arrancar a mão de Donnelly dos meus lábios, mas ele balança a cabeça para mim algumas vezes. Quinn sussurra para mim: — Deixe que eles mesmos resolvam.

OK, não vou aceitar conselhos do guarda-costas mais jovem e inexperiente. Eu arranco a mão de Donnelly, liberando minha boca, mas fico em silêncio. Thatcher faz sinal para que eu me isole no segundo salão. Eu o ignoro.

Sulli grita do banco do passageiro: — Podemos, por favor, ter uma conversa sem exageros e sem essas porras?

— Não — dizem Charlie e Maximoff.

Charlie é o único ainda sentado, além de Akara e Sulli na frente.

— Você está tão longe da verdade — diz Maximoff — que nem percebe…

— Que você é arrogante e vaidoso e um idiota maior do que jamais admitirá? Eu percebo que sou muitas coisas, mas por que você não pode? Oh. — Charlie inclina a cabeça. — Porque você é um covarde e um hipócrita.

— Jesus… Cristo — Maximoff rosna. — Não me orgulho de nada, muito menos de respeito. Você quer que eu admita que sou um idiota arrogante? Então eu sou um. Sou uma merda na sola do seu sapato, e é isso que sempre serei para você, Charlie. Neste ponto, você está apenas tentando me irritar.

Charlie se inclina para trás e esfrega os lábios. — Pense o que quiser — diz ele mais calmamente. — Eu não vou discutir com você. Você só vai ouvir a

si mesmo.

Maximoff respira fundo e seu telefone toca estridentemente em seu bolso.

Charlie e ele se encaram por mais um segundo, e então Maximoff pega seu telefone e se dirige para o corredor.

Para mim e a parede de guarda-costas.

Conforme ele se aproxima, todos se separam para deixá-lo passar. Eu não me mexo, e assim ele me encara.

Seu peito desmorona e sobe pesadamente, mas suas defesas começam aprisionando sua expressão. Vazio e frio.

Todos estão nos observando.

Tenho que dar um passo para trás e deixá-lo passar, mas pego seu pulso e sussurro em seu ouvido: — Você não está sozinho, Maximoff.

Ele inala mais forte, e sua expressão quase rompe. Mas ele diz: — Eu tenho que atender isso.

Eu observo seus longos passos pelo corredor, e então ele desaparece no segundo salão. Fechando a porta.

Oscar me leva até o corredor dos beliches. — Você não quer ficar no meio disso — Ele sussurra. — Eles se estranham há anos.

Eu passo as duas mãos pelo meu cabelo. — Eu não posso assistir Charlie derrubá-lo — digo tão suavemente, mas todos os Cobalts começam a falar em francês no sofá. Em conversa profunda.

— Os dois estão batendo um no outro — Sussurra Oscar. — O fato de você não estar vendo isso é o problema. Você está muito perto dessa merda. Afaste-se para não começar uma guerra no ônibus.

— A guerra vai começar comigo ou sem mim — digo a ele.

— Sem você então. — Oscar coloca a mão no meu ombro — Prometa-me, Redford. Porque se ele for até você e você pular, vou perder meu emprego defendendo sua bunda impulsiva.

— Não me defenda — digo facilmente.

Oscar empurra para trás as mechas mais onduladas de seu cabelo. — Você pode fingir que não tem amigos próximos, mas você e eu estamos invadindo uma década aqui. Você está preso conosco como infelizmente estamos presos a você.

Eu me agarro a um beliche, meus braços se soltando. — OK…

— Farrow! — Maximoff me chama, a porta entreaberta.

— Salvo pelo namorado — diz Oscar, e reviro os olhos, chegando rapidamente ao segundo salão.

Quando estou sozinho com Maximoff, observo suas sobrancelhas franzidas e o telefone apertado em sua mão. Sua postura ereta grita descontrole.

— O que está acontecendo? — Pergunto.

— Era o seu pai.

Eu franzo a testa. Maximoff ligou para o meu pai para falar sobre seu ombro ontem.

A última vez que levantou o braço em noventa graus, ele disse que sentiu como se o músculo estivesse beliscando. Eu disse a ele que, no mínimo, ele deveria apenas fazer a ligação. Quando meu pai não respondeu, ele deixou uma mensagem para ele.

— Ele estava me ligando de volta — diz Maximoff e abre a mini geladeira, um console de jogos empilhado em cima.

— E?

Ele abre uma lata de Fizz Life. — Parece que preciso encontrar um novo médico.

Estou ouvindo errado. — Meu pai ainda é seu médico.

— Não. O Dr. Keene disse que há um *conflito de interesses*, já que você é meu namorado e é filho dele. — Maximoff bebe seu Fizz Life, lidando com as más notícias como se estivesse entregando estoques matinais. Perspectiva: merda.

— Ligue de volta ou eu vou…

— Não — diz Maximoff com firmeza. — Não, não vale a pena. Estou seguindo em frente com isso. — Ele está girando, nadando a uma velocidade vertiginosa acima de uma corrente tentando puxá-lo para baixo. Mas isso não é o mesmo que paparazzi arruinando seu trajeto matinal.

Esta é uma grande mudança em sua vida estruturada. Caralho, ele sempre teve meu pai. É uma constante, uma segurança, e isso é um tapete sendo arrancado debaixo dele.

Achei que ele estaria mais agitado. — O que você não está me dizendo? — Pergunto. Ele desvia o olhar, depois de volta para mim.

— Não é nada.

Isso é treta. — Você quer proteger seus primos, seus irmãos e seus pais, vá em frente. Mas a última coisa que você precisa fazer é me mimar. Dê-me a porra da cortesia que eu daria a você e me conte tudo.

Ele olha para mim como se estivesse pesando os resultados. Há apenas um resultado.

— Maximoff…

— Ele me disse para te falar uma coisa. — Ele para.

— Continue. — Aceno para ele.

Maximoff agora parece completamente irritado, e eu sorriria se o assunto não estivesse inclinado para a seriedade.

— Ele disse — Maximoff continua — que se você completar seu ano de residência, eu poderia ter um dos melhores médicos. Alguém em quem eu pudesse confiar. Alguém que é ainda melhor do que ele.

Reviro os olhos em um círculo dramático. *Sério*. Eu quase não posso acreditar que meu pai chegou a esse ponto. Ele está fodendo conscientemente com a vida do meu namorado só para eu voltar para a medicina.

É baixo.

E desesperado.

Maximoff acrescenta: — Mas eu disse a seu pai que você não vai voltar. Não é isso que você quer. Acho que ele só quer que eu convença você.

Solto uma risada curta. — Eu não posso acreditar nele. — Meu rosto se contorce por uma série de emoções que não consigo nomear. Se ele realmente queria que eu fosse um médico praticante, ele deveria ter tentado reparar nosso relacionamento dilacerado primeiro, não destruindo os últimos fragmentos.

Eu olho para Maximoff. — E ele acha que eu ser seu médico é, de alguma forma, *menos* um conflito de interesses?

— Estranhamente, sim. Não quero que você faça isso, mas em um universo alternativo onde você faria, eu ainda não teria um médico concierge por um ano inteiro enquanto você fizesse sua residência. Ele está me deixando com poucas opções, e ele sabe disso. — Maximoff gesticula para mim com seu refrigerante. — Até perguntei se ele poderia indicar um novo médico, e o único nome que ele conseguiu me dar foi o *seu*.

— Isso é fodido. — Eu corro a mão ao longo da minha mandíbula. Ligar para meu pai não vai mudar de ideia. Ele só quer uma coisa, e não são palavras.

Maximoff se aproxima e engancha alguns dedos na minha cintura. Nós nos aproximamos, e seu olhar estoico troveja contra mim, a batida inebriante dizendo que estamos lidando com essa merda juntos. Não separados.

Eu agarro a bainha de sua camisa, mas ele assume e levanta o tecido cinza de sua cabeça. Sabendo que estou examinando seu músculo novamente. Ele tem ombros de nadador, muito acostumados a serem esticados e rodados.

Especialmente com o golpe de nado borboleta.

Não há hematomas e o inchaço desapareceu. *Melhor*. — Como está? — Eu pergunto.

— Apenas dolorido — diz ele. — Eu não tenho nadado tanto enquanto estou em turnê, e acho que talvez eu esteja apenas tenso. Preciso me alongar mais.

Eu concordo. — Vou ficar de olho nisso.

Ele enfia a camisa no bolso de trás. — Eu sei que estou piorando as coisas – o atrito entre você e seu pai.

— Nunca iria melhorar.

Maximoff oferece seu Fizz Life, e meus lábios sobem quando aceito a lata. Tomando um gole.

— É assim que me sinto sobre Charlie e eu — Ele diz, sua grande mão na minha cintura, me puxando para mais perto. Nossas pernas batem, e nenhum de nós se afasta.

Eu seguro a curva entre o pescoço e o ombro bom. — Você já falou com ele sobre Harvard?

Ele balança a cabeça. — Mesmo que eu quisesse, nunca poderia chegar tão longe. Ele torna isso impossível. — Maximoff franze a testa com um pensamento. — Sei que também não facilito. É só... — Suas sobrancelhas franzem. — algumas pessoas não foram feitas para serem amigas. Talvez isso seja nós.

Capítulo 20

Maximoff Hale

CHICAGO, GRAÇAS A Deus estamos aqui.

Estamos vivos e respirando e ninguém levou um soco, caso vocês estejam preocupados.

Então, às três horas da manhã, em nosso quarto de hotel, Farrow recebe uma ligação. Alerta de spoiler: não é ruim desta vez. Akara o convidou para um drink no bar do hotel. Todos os guarda-costas estão lá, de folga, enquanto meus primos estão dormindo.

Assim que Farrow desligou, ele se virou para mim e disse: — Você vai comigo, lobinho.

Eu já estava bem acordado. Enviando e-mails de trabalho e tentando não pensar no *meet-and-greet* de amanhã. E eu não iria rejeitar uma oferta rara de sair com a Equipe de Segurança Ômega.

Farrow e eu ainda estamos nos estágios iniciais de nosso relacionamento. Eu tenho certeza. Tipo 70%. Se estamos baseando os “estágios” no tempo, estou confiante em 99%. Porque ainda não atingimos a marca de seis meses e isso parece um número sólido de relacionamento.

Eu acho. Porque se calcularmos as horas que passamos juntos, nosso número é ridiculamente alto, *pare de pensar*.

Obviamente eu não sei como nada disso funciona. Não há manual para namorar seu guarda-costas. Se houvesse, eu teria cerca de um milhão de malditas

cópias.

Mas ainda quero que todos os amigos dele me tratem como um cara normal e não apenas como Maximoff Hale, o Cliente Celebridade.

Nem tenho certeza de que seja uma meta alcançável. Talvez seja algo completamente fora deste mundo impossível e eu estou filmando além das estrelas.

Mas eu tenho que tentar.

Eu fecho minha jaqueta verde. — Então, qual deles é o seu melhor amigo? — Pergunto a Farrow enquanto dispensamos o elevador e descemos pela escada do hotel. Qualquer coisa para nos movimentar um pouco. A cavernosa escada de cimento também está vazia, sem estranhos à espreita.

Farrow está passo a passo alinhado comigo. Descendo as escadas rapidamente, ele fixa seu fone de ouvido e diz: — Nenhum deles.

— Besteira — Retruco — Eles são definitivamente seus melhores amigos.

Farrow joga a cabeça de um lado para o outro, considerando. — Não.

Eu faço uma careta.

Ele põe um chiclete na boca. — Eles são todos irritantes em qualquer dia.

— O que você é, alérgico a amizade?

Ele revira os olhos em um sorriso. — Alérgico a amizade — Repete, mascando o chiclete. — Não gosto de dever nada às pessoas, e ter 'melhores amigos' é um compromisso que não assino ativamente.

— Eu entendo — digo. — Você não gosta que ninguém te amarre...

— Uma pessoa pode me amarrar — Ele me interrompe e então olha para mim. — Você está sorrindo.

— Eu não. — Eu meio que estava. Eu desentorto minha mandíbula,

livrando-me de qualquer expressão que esteja fazendo com que ele transborde de satisfação.

Seu sorriso pousou no território de James Franco. — Eu não disse que essa pessoa era você.

Eu pisco. — Você já ouviu falar daquele cara irritante de um metro e noventa com cabelo branco descolorido que morreu em uma escadaria em Chicago?

Ele ri. — Você quer dizer o cara por quem você tem uma ereção.

— Não, o outro — digo secamente, e quando eu pulo alguns degraus, ele facilmente mantém o ritmo. — Então, qual você odeia menos?

— Como eu disse, todos eles são irritantes.

Suspiro pesadamente e estico os braços enquanto descemos as escadas.

— Me dê uma folga aqui, cara. Não é como se você precisasse de um resumo quando conheceu Jane. Você praticamente já tinha a Enciclopédia Jane Cobalt.

Sua expressão suaviza. — OK. Resumo. Cresci no mesmo bairro que Akara, mas nunca nos falamos, nem mesmo no Ensino Médio. Diferentes círculos sociais. Essa merda. — Passamos pelas portas do quinto andar e ele acrescenta: — Conheci Oscar em Yale. Donnelly, eu o conheci um pouco antes de ir para a faculdade. Então ele me seguiu e caiu no meu dormitório, meu apartamento – ele é como uma infecção da qual você não consegue se livrar.

— Uma infecção que fez algumas de suas tatuagens — digo.

Farrow olha para mim, mais sério. — Não, ele fez a maioria das minhas tatuagens. Eu o conheci quando era aprendiz, mas ele sabe desenhar e gostei do estilo dele. Ele ficou muito bom.

Huh. — O que mais?

— Eu diria que cerca de oitenta e cinco por cento é Paul Donnelly.

Paro no terceiro andar e ele faz o mesmo, apoiando-se casualmente no corrimão. Meus olhos passam pelas espadas cruzadas em sua garganta, asas em seu pescoço. Não sou especialista em tatuagens, mas sempre considerei a tatuagem de Farrow nada menos que de *tirar o fôlego* e linda pra caralho.

— Então deixe-me tentar entender — digo. — Você conhece Donnelly há quase dez anos, deixou que ele tatuasse você, dormisse na sua casa, provavelmente o apresentou ao trabalho de segurança e ainda não o considera seu melhor amigo. Na verdade, você se refere a ele como uma *infecção*.

Seus lábios se erguem. — Se você o conhecesse melhor, perceberia que ele consideraria isso um elogio.

— Estou falando sério.

Farrow dá de ombros. — Não é como você e Jane. Vocês dois são *melhores* amigos. Veja, o que eu tenho é um grupo de caras com quem às vezes me dou bem. Às vezes não. Às vezes nós saímos. Às vezes não. — Ele sorri da minha confusão. — Não é tão complicado, lobinho. É assim que eu gosto.

*

Uma placa de Chicago ilumina o pequeno bar do hotel e variedade de garrafas de bebidas. Mas nenhum *barman* no balcão. Pôsteres azuis e vermelhos do *Chicago Cubs* decoram as paredes de madeira, e todas as mesas rústicas altas estão vazias, exceto uma.

Os cinco guarda-costas nos localizam instantaneamente – e a conversa

praticamente desaparece. Estou ciente de que Thatcher, Akara, Oscar, Quinn e Donnelly estão de olho em mim, não em Farrow.

Jesus.

Estou começando a achar que fui amaldiçoado com um superpoder que causa paralisia verbal.

— Ei — digo com confiança, e a maioria responde: — Ei, cara.

Akara desliza outro banquinho de madeira ao lado do único desocupado. Achei que eles não tinham ideia de que eu me juntaria a Farrow. Portanto, não estou tão chocado quanto eles.

— Olha quem apareceu — diz Oscar a Farrow.

— Não é para o seu bico, Oliveira.

Oscar abre um sorriso, e Farrow e eu nos sentamos nos dois bancos abertos. Ele esfrega minha coxa, quase para dizer, *não pense demais.*

Boa ideia. Eu não tinha pensado nisso antes.

Minha palma roça na mão dele, e acabo apoiando um cotovelo na mesa redonda. Minha tentativa de *não* sentar como se estivesse prestes a executar um *Triatlo Ironman.*

Velas eletrônicas, dados, nozes, garrafas de licor e copos de *whiskey* se espalham na superfície de madeira.

Donnelly distribui três dados para todos, um cigarro queimando entre os dedos. — Maximoff saberia… — Ele para com um olhar sem sentido de Akara.

Oscar faz mímica cortando seu pescoço. Eu estou supondo que ele está dizendo, *não vá por aí.*

Mas não posso ter certeza.

— Fale sobre outra coisa — diz Thatcher, com voz severa.

Eu estou supondo que eles estão se censurando ao meu redor. Já estive com guarda-costas fora de serviço muitas vezes antes – como na véspera do Dia dos Amigos e até mesmo no ônibus da turnê –, mas eles tentam não cavar em busca de segredos e se esquivam de certos tópicos sobre minha família.

Farrow estende o fio do fone de ouvido sobre o ombro. — Qual de vocês, filhos da puta, assustou o *barman*?

— Bar e cozinha fecharam há cinco minutos — diz Akara enquanto envia uma mensagem de texto e então ele coloca o telefone no bolso.

Quinn chacoalha uma garrafa de *Jack Daniels*. — Comprei antes do bartender sair.

Ainda estou supercolado ao comentário que *Maximoff saberia*. — Donnelly — digo, todos os olhos em mim. — Você pode me perguntar. Tudo bem se for sobre minha família. — Eu já sei como o mundo percebe os Hales, Meadows e Cobalts, e a segurança não pode nos ver pior do que estranhos que são alimentados com mentiras dos tabloides.

Donnelly sopra fumaça no ar, e os guarda-costas trocam olhares cautelosos que eu não consigo ler. Eles devem chegar a um veredicto porque ele fala e ninguém o impede.

— Ouvi falar de Eliot e tenho discutido se é real ou boato. Achei que você saberia.

Eu sei sobre esse incidente graças a centenas de mensagens à meia-noite, e Luna, Eliot e Tom me ligaram no *FaceTime* juntos. — O que vocês ouviram?

Oscar quebra um amendoim e o enfia na boca. — Ouvi dizer que ele foi suspenso por uma semana.

— Por mexer no *Porsche* de um cara — Quinn entra na conversa e

derrama *whiskey* em um copo vazio.

Donnelly enfia o cigarro na boca e murmura: — Se alguém fodesse com meu *Porsche*, eu o pegaria pelas bolas.

Farrow masca seu chiclete com um sorriso crescente. — Você sabe que saímos da realidade quando Donnelly pensa que tem um *Porsche*.

Todos riem, inclusive eu, e o clima fica mais leve, Ômega começando a relaxar ao meu redor.

Donnelly acena para mim. — Real ou boato?

— Real — digo. — Você ouviu o que ele fez com o *Porsche*? — *Farrow sabe*. Eu já disse a ele.

— Nah, ninguém disse ainda.

Eu penso em como isso nunca chegará ao público. Você nunca saberá sobre a suspensão de Eliot graças aos advogados dos Cobalt, mas aposto que a segurança descobrirá amanhã de manhã.

E a ESO está prestes a descobrir por mim esta noite.

— Com tinta vermelha — digo a eles — ele escreveu: *este foi de todos o corte mais cruel*, no para-brisa — Balanço a cabeça algumas vezes, em conflito. Eu gostaria de poder defender meu primo de dezoito anos, mas ele vandalizou o carro de outro cara. Eliot é um Cobalt, apaixonado por natureza. Juro que ele nunca pode fazer nada sem entusiasmo.

— O que diabos isso significa? — Quinn pergunta. — O mais cruel... o quê?

— Devia ter ido para a faculdade, maninho. — Oscar abaixa o shot do *whiskey* tomado.

Quinn franze a testa. — Maximoff não foi para a faculdade...

— Ele é bilionário. Ele não precisava ir para a faculdade. — Oscar estende o braço. — Se você desistiu do boxe, deveria ter se formado, não me seguido na segurança...

— Pessoal, acalmem-se — Interrompe Akara. Esta não é a primeira vez que os irmãos Oliveira discutem em turnê. Pelo menos eles nunca entraram na porrada como Charlie e eu.

Quinn aperta a mandíbula e a tampa da garrafa.

— É uma citação de *Júlio César* — Explico. — Você sabe que Tom estava com Eliot?

Donnelly sorri. — Minhas crianças Cobalt, sempre juntas.

Thatcher balança a cabeça. — Não vamos advogar o vandalismo, especialmente entre os adolescentes.

— Advogar o quê? — Donnelly finge ser burro.

Eu rio com alguns deles, e Farrow me olha um pouco, seu sorriso alongado.

— Como Tom se livrou? — Akara me pergunta.

— Eliot assumiu toda a culpa. — Faço uma pausa, suas cabeças se voltando para a entrada. Uma mulher vigilante de meia-idade espia no bar e sai. Eu a ouço dizer a um amigo que parece vazio lá dentro, e seus passos desaparecem.

Não avistado. Pelo menos uma vez.

Com a atenção deles fixando-se em mim novamente, termino: — A coisa toda foi ideia de Eliot, de qualquer maneira.

Oscar vasculha as cascas de amendoim. — Por que eles fizeram isso?

Eu decido ser vago, toda a verdade é muito pessoal. — O cara estava

brincando com minha irmã.

Luna contou a Tom e Eliot sobre o susto da gravidez, e eles disseram que o cara com quem ela dormiu estava passando as férias contando aos amigos que Luna Hale é uma vagabunda.

Eu gostaria de ter me teletransportado para Filadélfia.

Então, eu poderia fazer alguma coisa. Estar lá para ela. Não sei se ela já contou para nossa mãe e nosso pai. E honestamente não posso dizer o que eu teria feito se tivesse a mesma idade de Luna, na escola ao mesmo tempo eu teria reagido semelhante ou pior do que Eliot? *Não sei.*

Os guarda-costas acenam com a cabeça. Não pressionando para mais detalhes. Aposto que eles podem sentir quando estou sendo reservado.

Quinn desliza um copo recém-cheio para Farrow, mas Thatcher rouba a bebida no meio da mesa.

Farrow revira os olhos. — Eu não ia beber, *mãe*. — Ele escorrega do banquinho e caminha de costas para o bar vazio. — O que você quer, lobinho?

Eu penso em como isso é roubo – porra, ele pode dizer totalmente que estou considerando todas as regras. Seu sorriso se alarga e eu juro que está na ponta de sua língua.

Eu lambo meus lábios. — Estou bem.

Ele mastiga devagar. — Mesmo se eu deixar o dinheiro?

— Eu posso pegar…

— Eu já estou aqui. — Ele está atrás do bar e abre a geladeira abaixo do balcão. — Água? — Ele me pergunta.

Pego minha carteira. — Sim.

— Não se preocupe com isso. — Ele está me pagando uma bebida. Uma

garrafa d’água já que não bebo álcool, mas, ainda assim, meu namorado está me pagando uma bebida. Pensei em fazer esse movimento primeiro e comprar uma para ele.

Estou meio chocado e me pergunto se os guarda-costas podem dizer que isso é novo para mim ou o primeiro ou o fato de que significa algo. Porque sim. Essas pequenas coisas significam mais para mim do que eu jamais pensei ser possível.

Eu nunca sonhei em me apaixonar até me apaixonar por ele.

Enquanto estou de frente para a mesa, Quinn pergunta a Akara: — Por que Farrow não pode beber? Eu pensei que estivéssemos de folga... oh, caramba, certo. — Ele olha para mim.

Entendo. Como não estou seguro na cama, Farrow está trabalhando. De serviço. Mas se ele quisesse beber, não teria me convidado aqui.

Eu abro o zíper da minha jaqueta, ficando quente.

Oscar se recosta no banquinho e grita: — Vou tomar uma *Corona*, Redford.

— Boa escolha, compre você mesmo.

Donnelly se junta a eles: — Me faz um *Bloody*.

Oscar diz: — Mudei de ideia, vou querer um *Blue Moon* com uma fatia de laranja.

— Ainda não me importo. — Farrow fecha a geladeira e levanta as sobrancelhas para mim, tipo: *o que eu te disse sobre eles?* Sinceramente, parece que são amigos próximos.

Ele retorna com uma garrafa d’água e Lightning Bolt! bebida energética.

— O que estamos jogando? — Farrow posiciona seu banquinho mais perto

do meu antes de se sentar. Sua coxa bem contra a minha coxa.

Minha mão desliza em seu joelho e pego minha água com a outra.

Nossos olhos se encontram por um segundo. Eu gostaria de poder colocar meu braço em volta dos ombros dele. Mas eu não posso.

Nós não podemos.

Estamos em um ambiente público e um estranho não vai nos pegar às três em Chicago.

— Dado do mentiroso — Thatcher diz e bebe suavemente seu *whiskey*.

— Como se joga? — Pergunto.

Oscar explica as regras. Parece simples. A cada rodada 1 pessoa perde um dado, e você está fora do jogo quando não tiver nenhum dado em sua mão.

O ponto crucial do jogo: quando você perde um dado, deve escolher entre ‘verdade ou desafio’.

Eles já escreveram um monte de verdades e desafios em pedaços de guardanapos. Todos os quais são misturados aleatoriamente no boné de *baseball* de Akara.

As apostas parecem maiores para mim do que para eles, mas confio na ESO. Então, estou no jogo.

— Ei, pessoal. — Akara tamborila com os dedos em seu copo de *whiskey*. — Maximoff deve ser capaz de pular quaisquer desafios ou verdades que ele queira...

— Não — Interrompo. Eu estava com medo de ser muito dominador novamente, muito rígido e rigoroso e eles me tratariam mais como seu empregador, mas não posso ser passivo aqui. — Posso jogar como vocês.

Akara se mexe em seu banquinho. — Tem certeza? Você pode pular

qualquer coisa que eu escrevi. Você deveria, realmente. Não pensei que você estaria aqui.

Oscar engancha um braço em volta dos ombros do co-líder Ômega. — Akara fortemente sugere e recomenda.

Tudo bem, todos eles têm algum tipo de conhecimento que eu não tenho, e antes que eu pergunte a Farrow, ele estoura seu chiclete e diz: — Kitsuwon joga sujo.

E por *sujo,* ele quer dizer *questões sexuais*. Entendi.

Akara segura meu olhar. — Eu teria pegado leve com as verdades para você.

Não posso esperar que esses caras me tratem como se eu fosse um deles se eu precisar que metade das 'verdades e desafios' seja removida. Eu disse que queria tudo no mundo de Farrow, e eu estou indo *com tudo*.

Então eu digo: — Estou feliz que você não soubesse que eu estaria aqui então.

Akara sorri e levanta o copo em sinal de brinde, e a primeira rodada do jogo começa. Os dados caem na mesa, fazemos apostas e Thatcher perde um dado primeiro.

— Oohh — A mesa irrompe.

Thatcher pega o chapéu, sem dizer nada. Estando perto dele em turnê, notei que se ele não está discutindo trabalho, ele fica quieto. Pensativo. Ele desenrola o pedaço de guardanapo.

— *Verdade* — Ele lê. — *O lugar mais estranho em que você já fez sexo?* — Um gole de *whiskey*, ele responde: — Atrás de um *Walmart*. — Ele amassa o guardanapo.

Oscar e Akara zombam dele por escolher o *Walmart*, e ele apenas concorda.

Dados na mão, rolamos novamente. Mais apostas e goles de *whiskey*, água e Lightning Bolt! e Quinn perde a rodada.

— Pegue, Quinnie — Donnelly brinca enquanto Akara empurra o boné de *baseball* para o guarda-costas mais jovem. Quinn enfia a mão nos pedaços de guardanapo.

— *Desafio, lamba o chão*. — Quinn balança a cabeça para Donnelly e desliza fora do banquinho. — Você está doente, mano.

Donnelly sorri.

— Precisa de um balde de vômito? — Farrow brinca.

Quinn bufa e se ajoelha. Lambendo o chão em menos de dois segundos. Então ele está de volta no banquinho. Nós jogamos. Justiça cósmica em jogo, Donnelly perde um dado em seguida.

— *Verdade* — Ele lê em um guardanapo — *Por quanto tempo você ainda se vê trabalhando em segurança?* Até que eu esteja morto ou demitido, o que vier primeiro. — Ele suga o cigarro e passa o maço para Akara. Uma névoa fina de fumaça nubla o ar. Não me incomoda, mas não sou fumante.

Donnelly perde outro dado. — *Verdade, quem tem a melhor bunda aqui?* — Ele tamborila na mesa e depois aponta para Oscar. — Para aumentar a autoestima.

— Ah, vai se foder. — Ele bagunça o cabelo castanho de Donnelly.

Todos nós rimos, mas no fundo da minha mente, penso em como ele escolheu duas ‘verdades’ fáceis. Deixando para trás as mais difíceis.

E depois de fazer uma aposta ruim, perco a rodada. Um dado se foi, e

quando escolho uma ‘verdade ou desafio’, ninguém fala. Tensão no ar.

Abro o guardanapo, com caneta preta rabiscada, e leio: — *Verdade, pior sexo que você já teve?*

Caralho.

Farrow passa o braço protetoramente em volta da minha cintura, mas lentamente dá um gole em sua bebida. Eu posso lidar com isso, e ficaria chateado se ele falasse em meu nome. Então ele não está tentando.

— Por favor, me diga que é Farrow — diz Oscar. — O cara precisa abaixar um pouco a bola depois de ficar com você.

O sorriso divertido de Farrow gradualmente se expande. — Sentindo-se ameaçado? Você realmente precisava dessa injeção de autoestima, Oliveira.

Oscar aplaude.

— Pior sexo que já tive... — Chamo a atenção deles. — É facilmente uma garota com quem fiquei alguns anos atrás. — Descanso os antebraços na mesa, meio que inclinado para a frente. — Ela começou a chorar cerca de cinco minutos depois, não chateada. Apenas sobrecarregada. Ela continuou dizendo como me amava, e eu entendo, isso não é um grande problema, mas concordamos que seria uma coisa única, uma noite. E eu realmente não gosto de transar com as pessoas enquanto elas estão chorando.

Quinn estremece. — Droga, mano, isso também me mataria.

Akara dá um tapinha nas minhas costas.

Oscar assente, nem um pouco surpreso. — Aposto que as pessoas mentem para você sobre virgindade o tempo todo também. Só assim você ainda vai transar com elas.

— *Mentiam* — Farrow corrige seu mau uso do tempo presente.

Oscar joga um amendoim em Farrow, que o pega e joga de volta.

— Provavelmente — digo a Oscar, e acho que as ‘verdades ou desafios’ não podem ser mais sexual do que isso. Mas também não tenho tanta sorte.

As próximas rodadas voam e Quinn está fora do jogo, perdendo seus dois últimos dados. Ele acidentalmente continua escolhendo os desafios de Donnelly. Ele cheira a axila de Donnelly e tenta tomar uma quantidade de *whiskey* enquanto de cabeça para baixo.

— *Verdade* — Lê Oscar depois de finalmente perder um dado — *Diga-nos sua trepada mais recente* — Ele amarra uma bandana azul na testa. — Cleveland…

— De jeito nenhum — diz Quinn.

— Aprenda, meu irmãozinho, você pega as pequenas janelas de tempo e faz acontecer. Seu pau vai gostar de você. Assim como meu pau apreciou a cabeleireira da turnê.

— Olana? — Akara pergunta.

— Olana — Oscar diz como *pode apostar*.

Akara inala. — Ela é uma criança.

— De alta qualidade — Donnelly concorda.

Eu a contratei, então estou começando a me sentir protetor. Mas percebo que Olana poderia facilmente estar conversando com a equipe feminina do FanCon sobre os guarda-costas. Exatamente da mesma forma.

Farrow perde seu primeiro dado ao mesmo tempo em que acende um cigarro. Ele fumou perto de mim algumas vezes antes. — *Verdade*. — Ele sopra fumaça para cima. — *Quem é a pessoa mais sexy aqui?* — Ele me pega olhando para ele e ergue as sobrancelhas. — Não é você.

Ele está prestes a nomear a si mesmo. Eu não poderia me importar menos em ser o cara “mais sexy” em qualquer maldita sala, mas desejo vencê-lo em alguma coisa.

Minhas sobrancelhas franzem para ele. — Eu não sabia que você estava na lista dos homens mais sexies do mundo. A menos que seu nome seja Maximoff Hale.

Eles riem, e Farrow não consegue desgrudar o olhar do meu. Eu o lacei de alguma forma, e quanto mais intensamente ele olha, mais sangue bombeia para o sul.

Me fode.

Eu encaro sua boca.

Seu pomo de Adão balança com força e ele relutantemente desvia o olhar.

Colocando o cigarro de volta na boca, ele diz: — Você é diferente. — Ele pega seus dados e anuncia para a mesa: — Eu sou o bastardo mais sexy aqui. Claramente. — Sua mão na minha cintura desliza sutilmente por baixo da minha camiseta, na minha pele. Me aquecendo.

Deus, isso é mais do que bom.

Próxima rodada.

Akara perde. — *Porra*. — Ele tira do chapéu. — *Verdade, descreva a perda da virgindade.*

— Aquela vez no acampamento da banda… — Farrow brinca.

— Hilário — Akara diz com um sorriso caloroso, e ele até me explica — Tudo o que Farrow lembra de mim desde o colégio é que eu estava na banda. E não me lembro de nada sobre ele.

Seus lábios se curvam e ele bate as cinzas em um cinzeiro.

— Eu tinha dezesseis anos — Akara conta a todos. — Primeira namorada. Nós dois éramos virgens, e a casa dos meus pais tem uma casa com piscina. Decidimos que estávamos prontos e, pela primeira vez, fiz com que ela gozasse.

Eu bebo minha água. — Isso foi lindo — digo, sarcasmo grosso.

— Pague. — Donnelly estende a palma da mão para Oscar.

— Vai se foder, Akara — Amaldiçoa Oscar. — Apostei cinquenta que Quinn conseguiria o sarcasmo de Hale primeiro.

Eu aperto a tampa na minha garrafa d'água. — Eu fiz isso com Farrow primeiro.

Donnelly abre um novo maço de cigarros. — Eliminamos Farrow da aposta, já que você sempre brinca com ele.

Farrow rouba os cigarros das mãos de Donnelly. — Vá apostar em seus Cobalts e deixe os Hales em paz. Ou vá para os Meadows...

— Não, fora dos limites — diz Akara, defendendo sua cliente. Há alguns momentos, uns pequenos, outros grandes, que vejo e *sinto* quanto amor e orgulho carregam pelas pessoas que protegem.

Às três famílias famosas.

Para nós, e isso significa mais para mim do que posso articular. Acabo sorrindo, um sorriso que percorre todo o meu corpo e ilumina cada pedaço de mim.

Jogamos a próxima rodada.

Oscar perde e lê uma verdade: — *Pessoa mais velha com quem você transou?* Talvez uns quarenta anos, há alguns anos. — Ele dá de ombros. — Eu tinha vinte e oito.

Outra rodada, e perco um segundo dado. *Aqui vamos nós*. Eu enfio a mão

no chapéu. Desenrolo o guardanapo. Eu leio as palavras silenciosamente. — Eu não posso beber — digo com um aceno de cabeça. Desafio de *tomar três doses de whiskey* é uma linha que não vou deixar ninguém me pressionar para cruzar.

Cigarro entre os lábios, Farrow joga o pedaço de guardanapo de volta no chapéu.

— Escolha de novo. — *Foda-se eu e seus movimentos*. Meu sangue esquenta com a pura confiança dele que combina e fode com a minha.

Eu escolho novamente. — *Verdade* — Leio o rabisco que eu acho que pertence a Thatcher. — *Qual é o seu maior medo?* — Faço uma pausa, sem precisar pensar muito. — Assistir alguém que amo morrer.

Farrow esfrega minhas costas por baixo da camisa e todos nós rolamos os dados de novo. Apostando, Donnelly perde seus últimos dados e escolhe o desafio das *três doses de whiskey*.

Meu telefone vibra quando os caras começam a servir doses. Uma mensagem de texto da minha irmãzinha Kinney às 3h24, uma hora das bruxas, significa apenas uma coisa.

Kinney: *Perguntei ao tabuleiro Ouija se você é o pior e o fantasma me disse que sim.*

Ela ainda está chateada por não ter permissão para sair em turnê. Eu respondo: Eu te amo mais do que o fantasma me odeia. Eu coloco meu telefone no bolso. Na minha escolha de palavras, eu instantaneamente me lembro do passado. Algo que meu pai me disse uma vez. Eu posso praticamente ouvir a voz dele.

— *Você pode me odiar por dois dias, Maximoff, mas eu vou te amar por mais mil.* — Eu tinha quase sete anos e meus pais me colocaram de castigo pela primeira vez. Eu gritei: — Eu te odeio! — para meu pai. Sem pensar, sem perceber o quanto isso deve tê-lo machucado.

E foi isso que ele me disse.

A memória fica comigo por um tempo, mas tento retreinar minha atenção no jogo.

Donnelly desce seu terceiro shot.

Farrow dá um gole em sua bebida energética e estuda minha expressão.

Eu estou bem. Nossos olhos se encontram, e eu apenas me movo por instinto mais do que qualquer coisa. Eu envolvo meu braço em torno dele, meio que segurando a base de seu pescoço e ombro. Meu polegar roça suavemente sua pele...

— Vocês não deveriam estar se tocando — diz Thatcher.

Caralho. Afasto meu braço. Sentindo-me um merda. Não valorizo tocar em Farrow acima dos trabalhos da ESO. *Eu não.*

Estou apenas fazendo malabarismos com um relacionamento com essas grandes consequências... e nunca afirmei ser bom em nada disso.

Farrow apaga o cigarro no cinzeiro. — Eu estava me perguntando quando nossa babá aparecia.

— Eu nunca saí — Retruca Thatcher. — Lembre-se disso.

— Eu estou escolhendo não — Farrow diz facilmente.

Thatcher abre a boca e Akara diz: — Vamos continuar — Thatcher acena com a cabeça e o jogo continua com outra rodada.

Farrow perde. — *Desafio, deixe a pessoa que você menos gosta escrever*

algo em seu peito. — Ele já joga uma caneta em Thatcher e depois agarra a bainha de sua camisa. Ele olha para mim com um sorriso crescente que diz, *tente não ficar duro, lobinho.*

Eu fico sério, minha língua correndo sobre meus molares. *Não dê a porra do sorriso, Maximoff.*

Ele puxa sua camisa preta sobre a cabeça, suas tatuagens e músculos definidos à vista, mas é sua confiança descarada e casual que quase acaricia meu pau.

Quase.

Eu posso conter uma ereção.

Farrow desce do banquinho e fica na frente de Thatcher.

— Onde quer que você encontre espaço para escrever *foda-se, Farrow*, vá em frente.

Thatcher destampa a caneta. Sem uma palavra, ele escreve *eu prometo seguir as regras* perto de sua clavícula.

Farrow apenas revira os olhos e enfia a camisa no bolso de trás. Voltando ao banquinho ao meu lado.

Outra jogada, e Thatcher está ferrado com a aposta. Ele perde seu segundo dado.

— *Verdade* — Ele lê — *Quão sexy você acha sua cliente*… não, isso é inapropriado, Oscar.

— Posso explicar — diz Oscar em tom profissional. — Eu queria que Akara escolhesse isso.

Akara balança a cabeça repetidamente. — Não.

Donnelly acende outro cigarro. — Em uma escala de um a dez, Thatch,

quão gostosa é Jane Cobalt?

— É Thatcher — Ele corrige Donnelly.

Isso não é tão ruim. Janie estaria além de curiosa só para ouvir a resposta. E eu diria a ela em um piscar de olhos.

— Não vou responder a isso — diz Thatcher com firmeza.

— Para a surpresa de ninguém — Declara Farrow e, em seguida, gesticula para que outra rodada comece. Quando Akara perde em seguida, seu desafio diz para ligar para o 5º contato em seu telefone e pedi-lo em casamento.

Seu quinto contato é Banks Moretti, e ele tem o irmão gêmeo de Thatcher na linha em menos de um minuto. — Banks? — Akara diz, o telefone em concha na boca.

— *Sim?* — Sua voz soa idêntica à de Thatcher.

— Ei, você sabe que eu te amo, cara.

— *Uh, sim?*

Thatcher começa a sorrir, talvez pela primeira vez na noite. Eu conheço esse olhar. Eu já usei isso antes. Essa é a família dele, a casa dele, e isso é evidente.

Akara bebe seu *whiskey*. — E você é meu número cinco, meu cara que é o *parça...*

— *Tudo bem, agora você está cheio de merda.*

— Você quer se casar comigo, Banks Moretti…

— *Boa noite, ESO*. — Banks descobre que Akara está no viva-voz.

Ele desliga e Thatcher perde seu terceiro dado. Fora do jogo. Ele escolhe seu último ‘verdade ou desafio’. — *Verdade, quando foi a última vez que você se masturbou?* — Ele termina seu *whiskey*. — Três horas atrás.

— As paradas nos boxes do hotel estão salvando a todos nós — diz Oscar e reabastece o pequeno copo de *whiskey* do irmão.

Farrow, Akara, Oscar e eu só temos um dado cada. O último que sobrar com um dado vence e não precisa fazer um terceiro ‘verdade ou desafio’ e, honestamente, quero vencer.

Eu jogo de forma conservadora, mas Farrow perde. Ele enfia a mão no chapéu.

— Esperando por um *desafio*. — Ele tira um. — Perfeito. — Seu sorriso é de outro mundo enquanto ele lê: — *Finja um orgasmo na mesa.*

Espere. O quê?

Capítulo 21

Maximoff Hale

FARROW JOGA O guardanapo, sem vacilar ou hesitar. Nem por um maldito segundo. Ele se levanta e bate na borda da mesa com os nós dos dedos brancos, e então inala pelo nariz como se estivesse perto de um pico. *Puta merda.*

Sem camisa, seu abdômen visivelmente contraído. Ele empurra os quadris na mesa uma fração como se tivesse sido pego no meio do impulso.

Eu flexiono, meus músculos escaldantes.

Farrow cerra os dentes e depois geme zombeteiramente: — *Caraaaaalhooo*. — Sua cabeça pende para trás; seus olhos tremulam como se ele estivesse experimentando um prazer entorpecente e eufórico.

Um ruído brutal ressoa em sua garganta, lutando para se libertar. Ele estreita o olhar, os olhos parcialmente rolando para trás e, de repente, ele me encara.

Ele começa a sorrir.

Como se ele tivesse *me* pegado masturbando.

Eu olho. Tentando não mostrar que estou excitado como um maldito novato.

— Você precisa de um segundo? — Ele provoca.

Mais do que a porra de um segundo. Uma meia hora sólida e direta. Eu banco o calmo. — Para beber um pouco de água, me hidratar e talvez tirar uma

soneca, ler um livro, planejar minha viagem para a porra da lua, sim. Me dê um segundo.

Todos eles riem.

Farrow sorri. — Sempre um espertinho.

Eu mostro a ele um dedo do meio, e ele pega minha mão enquanto volta para seu assento e diz à mesa: — É assim que se faz, rapazes.

Donnelly e Oscar jogam guardanapos nele, e Donnelly diz: — Aqui, limpe-se.

Farrow os ignora, ainda sorrindo para mim.

Restam apenas duas rodadas. Um vencedor. Nós rolamos e Akara faz uma aposta ruim. Ele lê o guardanapo. — *Verdade, quem é a celebridade que você tem um crush*... — Seu telefone toca na mesa.

Todo mundo fica quieto.

Ele cuidadosamente pega o telefone e o coloca no ouvido, o cigarro entre os dedos. — E aí? Você está bem?

Não consigo ouvir o outro lado, mas Oscar murmura a palavra *Sulli* para a mesa.

— Nós concordamos com isso — diz ele, erguendo os lábios. Ele empilha uma torre de dados. — Amanhã. Cedo pra caralho. Foi o que você disse. — Ele sorri mais. — Você esqueceu. Eu sei que você esqueceu... OK, sim... estarei lá. Tchau. — Ele desliga. — Era…

— A celebridade que você tem um crush — diz Oscar.

Eu fico rígido. *Naturalmente*, quero cuidar de Sulli. E minha prima que eu conheço há muito mais tempo do que qualquer um desses caras.

Talvez Akara possa dizer por que ele coloca a mão no meu ombro. — Não

dê ouvidos a Oscar.

— Ele não gosta de guarda-costas parceiros — Farrow me diz.

— Perto demais para ser confortável — Oscar se explica.

Akara o ignora. — A celebridade que tenho um crush é Alicia Vikander, de *Tomb Raider*.

— Eu transaria com ela — diz Donnelly.

— E ela não deixaria — Acrescenta Farrow.

Eu rio, e Thatcher concentra-se em Akara. Todo sério. — Era sobre o quê?

— Ela acordou e pensou que tinha esquecido de me dizer que planejava ir à academia do hotel às seis. — Akara vasculha a tigela de amendoim, mas a maioria foi comida. — Beckett vai também.

— Legal — diz Donnelly.

Às vezes eu me pergunto quando todos eles dormem, mas eu os vi cochilando sempre que podem. Acostumados a horários de sono bizarros.

Um cronômetro com defeito emite um bipe no meu relógio. Eu desligo e olho para Akara. — Você sabe que eu disse a Sulli para enviar uma mensagem de texto para Jack Highland? — Sugeri que ela contatasse Jack para dicas de entrevistas. Achei que ajudaria a acalmar seus nervos, já que Jack tem experiência com fãs e mídia como produtor executivo de *Somos Calloway*.

Akara quebra uma casca de amendoim em pedaços minúsculos. — Mesmo?

— Sim — digo, incapaz de ler sua expressão. — Qual é o seu problema com ele? Quase todo mundo gosta de Jack.

Akara tira as cascas da mesa. — Esta é a primeira pessoa em quem Sulli

parece confiar o suficiente para ser amiga… e eu não quero que ela se machuque.

Eu assinto, sentindo o mesmo. Talvez não sobre Jack especificamente, mas apenas protegendo Sulli de alguém novo em sua vida. Na vida dos meus primos. Em parte, é por isso que Beckett está de guarda com Farrow. Todos nós sentimos a necessidade de examinar as pessoas que entram em nosso círculo de confiança.

Por experiência própria, os forasteiros são os que mais nos fodem. — Devíamos ter pedido comida — Akara murmura.

— Oscar tem comida em seu quarto de hotel — diz Donnelly.

Oscar bebe seu *whiskey*. — Se você está falando sobre os biscoitos, eles se foram. Deixei a equipe pegar a lata por dois segundos e eles comeram tudo.

Todos gemem.

— Biscoitos da Audrey? — Estou supondo. Ouvi dizer que minha prima mais nova *enviou pelo correio* biscoitos caseiros para o hotel. Só para Oscar.

— Sim... é... você sabe, ela é jovem. — Ele termina seu *whiskey*, quase estremecendo. Ela tem doze anos e o coloca em uma situação estranha. Estou começando a achar que ela está exagerando, já que ele trabalha para a nossa família.

E ele tem *trinta* anos. Eu não tenho nenhuma porra de ideia de por que ela não pode se apaixonar por uma criança da idade dela.

— Sinto muito, cara. — Esfrego minha mandíbula. — Posso tentar falar com Audrey.

— Não. Eu não gostaria de quebrar o coração da garota — Ele diz. — Vai passar.

Farrow assente. — Quando ela passar a usar óculos.

Oscar joga a tigela de amendoim, mas ela voa em minha direção. Pego a tigela no ar antes que Farrow se estique, e ele olha para Oscar, balançando a cabeça.

— Apenas acertando onde dói — Oscar diz a ele. — Vá para o namorado de Redford, e você acorda o…

— Vá se foder — Farrow diz facilmente e arremessa a tigela para trás como um Frisbee.

Ele derruba o copo de Quinn e se estilhaça no chão. — Merda — Farrow amaldiçoa.

— Estraga-prazer. — Donnelly se levanta e joga alguns guardanapos no vidro.

Akara menciona cuidar da sujeira e do vidro quebrado mais tarde, e estamos a apenas uma mão de terminar o jogo.

Oscar e eu nos enfrentamos com uma jogada de dados e uma aposta. *Caralho*.

Oscar sorri e passa o boné de *baseball* para mim depois da minha derrota. — Último, mano.

Eu cavo no chapéu e pego uma ‘verdade ou desafio’. — *Desafio* — digo em voz alta — *leia a última mensagem sexy que você enviou*. — Um gemido moribundo é estrangulado entre minhas costelas. Antes que alguém possa reagir, dois caras da minha idade entram no bar e seus olhos se arregalam para mim.

Avistado.

Donnelly sussurra: — Debaixo da mesa.

— Não vou me esconder debaixo da mesa. — Eles já me viram. É uma causa perdida.

— Maximoff Hale! — Um grita, aproximando-se da nossa mesa. Ele veste uma camiseta do *Chicago Cubs* e seu amigo, um gorro Superheroes & Scones.

Todos os guarda-costas estão silenciosamente alertas, e Farrow está sentado muito perto de mim. Ele sabe disso e, em um segundo, pode escorregar do banquinho enquanto desembrulha um chiclete. E ele estende a mão para eles: — Cuidado com o vidro — Ele aponta para os guardanapos.

— Oh, merda — Um cara diz e dá a volta no vidro quebrado. Aproximando-se de mim. Eu me levanto do banquinho, mas descanso meu antebraço na mesa. É difícil dizer se ele é um fã, um cara que gosta de quadrinhos ou um troll.

Eles perguntam se podem apertar minha mão, e quer saber, a coisa mais estranha acontece. Minha reação instintiva é *não*. Quase nunca digo *não* a um fã.

Eu penso em como Farrow Keene está a poucos centímetros ao meu lado. Como se eu apertar suas mãos e eles jogarem uma bebida, um soco ou puxarem uma faca, meu guarda-costas bloqueará seu caminho.

E ele será o encharcado de bebida. Socado na cara. Ou, Deus me livre, esfaqueado.

Dizer a Farrow para não fazer seu trabalho – isso não é uma opção. Mas eu percebendo que se eu quiser protegê-lo, preciso recuar.

Sempre que posso, preciso ter mais cuidado. Ele não pode levar um tiro por mim se a arma nunca estiver carregada. E não tenho medo do que as pessoas podem fazer comigo. Sempre tive medo do que podem fazer com as pessoas que eu amo.

E eu o amo pra caralho.

Então, em um momento resoluto e inabalável, digo aos caras: — Não,

desculpe. Não esta noite.

Os olhos de Farrow piscam para mim, com surpresa neles.

— Vai ser super-rápido — diz o cara nerd.

— Desculpe — digo, sem me mexer.

Farrow acrescenta: — O bar está fechado.

O cara mais esportivo aponta para o *Jack Daniels*. — Então, como você conseguiu isso?

— Somos especiais — diz Oscar.

— *Whiskey*? — O cara mais nerd diz com um aceno de cabeça. Ele põe as mãos no gorro S&S e olha para mim. — Você não deveria estar bebendo, cara.

Quase me faz sorrir, o quanto ele fala como se fôssemos melhores amigos. Eu gosto de ser algo para alguém lá fora, e talvez eu fosse para ele. Quando ele precisava da ideia de mim, eu existia.

— Eu sei — digo a ele.

— Você deveria estar sóbrio — diz ele, genuinamente preocupado.

— Ainda estou. Eu prometo.

O cara do *Chicago Cubs* balança um pouco como se estivesse bebendo, e ele aponta para mim. — Danny está certo. Fique longe da bebida.

Thatcher gira em seu banquinho. — Talvez vocês dois devessem encerrar a noite? — Seu tom é como um irmão mais velho para um irmãozinho.

— Podemos tirar algumas selfies primeiro? — Danny pergunta, tirando o gorro e arrumando o cabelo ruivo.

— Não esta noite — digo a eles.

— Mesmo? — Seus ombros estão caídos, magoado, e essa é a pior parte. Mas comparando a segurança do meu namorado com a felicidade de dois

minutos de um fã, não há como contestar. Farrow vai ganhar sempre.

— Desculpe — digo, desejando que ele pudesse ver que estou parado a um metro e meio de propósito. Desejando que ele pudesse, talvez, ou de alguma forma, levar em consideração que são quase 4h da manhã e eu posso estar cansado. Ou ansioso, nervoso ou assustado, porque se eu fosse Xander, estaria todas essas coisas. E não gosto de pensar em meu irmão ou irmãs ou primos nessas situações sem mim por perto. Neste momento, a maioria deles está a quilômetros e quilômetros de distância de mim.

O cara do *Cubs* semicerra os olhos na penumbra. — Isso é dado? Podemos nos juntar? Vocês estão apostando ou o quê?

Se eu disser *não* pela terceira vez, eu sou o idiota. Eles sempre me considerarão uma celebridade rude e distante. Em um universo alternativo onde estou solteiro e não com Farrow, e dizer *sim*, então minha noite acabou. Não existe isso de sair com estranhos ou fãs ou o que quer que seja.

Eu tenho que colocar uma persona pública como uma máscara facial. Sou eu, mas não tudo de mim. Não é completamente real.

Bem quando estou prestes a dizer não, Farrow interrompe e diz a eles: — Na verdade, terminamos o jogo.

O cara do *Cubs* balança e verifica por cima do ombro. — Jane Cobalt está aqui?

Eu congelo.

O bar inteiro fica quieto. Espero que ele mencione o boato, mas talvez ele só esteja perguntando porque ela é Jane Cobalt. Ou talvez ninguém mais se importe com o lixo dos tabloides.

Eu ainda não sei dizer.

— Não — digo. — Não está.

— Mas ela estará no *meet-and-greet* amanhã?

— É por isso que vocês dois estão aqui? — Farrow pergunta, mascando seu chiclete.

— Inferno, sim — diz Danny. — Sou um grande fã de *O Quarto Grau*. Tenho que conseguir que meu produto seja autografado pelo filho da Halway Comics. Senti sua falta na *Comic-Con* ano passado.

Não fui a esse, mas quando vou, costumo passar no estande da Halway Comics. Meu pai construiu a editora de quadrinhos do zero antes de eu nascer.

Eu aceno algumas vezes. — Jane estará no *meet-and-greet*.

— Legal, legal — diz Danny e cutuca o braço de seu amigo.

O cara do *Cubs* dá um passo à frente. — Ei, você acha que eu poderia conseguir uma entrevista particular com ela ou algo assim? Não estou brincando com você quando digo... que acho que ela pode ser minha alma gêmea.

Thatcher se levanta de seu banquinho. — Não abuse da sorte, garoto. A segurança será reforçada amanhã. Sem entrevistas privadas ou qualquer coisa entre aspas ou asteriscos.

— E o itálico? — O cara do *Cubs* dá uma risadinha.

Quinn defende sua cliente também. — Não, sério, ela é uma pessoa real. Se você está apenas tentando foder com ela...

— Não, não — Danny se intromete. — Desculpe, meu amigo está meio bêbado. Ele só gosta de Jane Cobalt. Ele não vai ser estranho, eu prometo. — Ele sorri com simpatia para mim. — E isso é péssimo sobre os tabloides. Só para você saber, ninguém com quem conversei no FanCon aqui acredita nisso.

Eu assinto, meu peito subindo. Nem mesmo percebendo o quanto eu

precisava ouvir isso de um estranho. — Obrigado. Eu agradeço.

Eles passam mais dois minutos me contando como gostariam que Loren Hale estivesse no FanCon. Eles amam meu pai e, com isso, saem do bar.

A tensão evapora, e então Oscar lembra a mim e a todos da ESO: — Alguém tem um desafio a cumprir.

Excelente.

Leia a última mensagem sexy que você enviou. Eu mantenho um cotovelo na mesa molhada.

Parado perto de Farrow. Eu percorro nosso segmento de mensagens de texto com uma mão. — Aguente aí. — Não é como se estivéssemos muito separados e *precisássemos* enviar mensagens de texto, para começar.

Mas nós já o fizemos? Desde a atualização de segurança do telefone? Sim. Fizemos.

Farrow e os outros guarda-costas conversam enquanto procuro.

Quinn enxuga algo derramado. — Ela está afim de você — Ele diz a Akara. — Eu a vi observando você em Cleveland.

— Quem? — Oscar pergunta.

— Macey — Akara diz e coloca seu boné de *baseball* para trás. —, a coordenadora da fila de Jane. Ela é bonita.

— Mas... — Farrow acena para ele continuar.

— Ela é da equipe de turismo e eu sou o líder da equipe de segurança.

— Sim. — Donnelly acena com a cabeça, fumaça saindo de seu nariz. — Eu já ouvi falar desse filme de romance antes. Está no *Lifetime*.

— *Hallmark* — Brinca Farrow.

Akara reúne todos os dados. — Não estou a fim desse tipo de drama.

De repente, pouso em minha mensagem sexy recente – meu cérebro dá curto-circuito. Explosivos e giros. Os sinais de alerta piscam tipo, *não passe. Pare enquanto você pode, porra*.

Principalmente, sinto que preciso do consentimento de Farrow. Esta é uma mensagem *sobre* ele. Nós. Caralho. Eu esfrego minha boca e meus olhos se levantam.

Eles estão todos olhando diretamente para mim.

Farrow equilibra o joelho no banquinho. À vontade. Eu estava prestes a perguntar *você se importa se eu compartilhar isso*, mas já posso dizer que ele não se importa. Talvez ele até se lembre da mensagem palavra por palavra.

Donnelly se inclina para a frente. — Suspense antecipando isso.

Eu respiro, confiante. Sem reservas restantes.

Em vez de ler o texto para eles, viro-me ligeiramente. Mais para Farrow. E digo a ele: — *Vou foder você profundamente e com força até que suas pernas cedam.*

Farrow abre um sorriso largo pra caralho e ergue as sobrancelhas em um aceno tipo, *acabou de acontecer, lobinho.*

Sim.

Isso acabou de acontecer. E eu não posso acreditar que estou sorrindo.

— Droga — diz Quinn.

— Podia ter usado alguns *emojis* — Sugere Donnelly.

— Caralho — diz Oscar com um assobio ofegante. — A promessa foi cumprida, Redford?

— Com inveja? — Farrow pergunta, mas seu olhar nunca deixa o meu.

Capítulo 22

Maximoff Hale

— VOCÊS PODEM SE abraçar e fazer as pazes? Por favor — Sulli diz com uma mão no meu ombro, a outra mão no de Charlie.

Estamos nos bastidores do Chicago FanCon. A parte de fotos e autógrafos ocorreu sem problemas. Sem queda de energia. Nenhum ombro deslocado. E agora estamos a minutos de subir ao palco para a primeira sessão de perguntas e respostas.

Cestas de doces, balas, bichos de pelúcia, álbuns de recortes e outros presentes caseiros se erguem instáveis sobre uma mesa de centro. Tudo de fãs. Lembrando-me que as pessoas estão aqui para nós. Elas estão contando conosco. E não vou decepcionar ninguém dessa vez.

— Estamos bem — digo a Sulli.

Charlie assente, nós dois evitando o olhar um do outro.

Sulli suspira e remexe em uma cesta de doces. — Eles vão notar essa porra... como vocês chamam. — Ela acena com a mão entre nós, então despeja coberturas de chocolate na palma da mão.

— Tensão — define Beckett, agachando-se e levantando-se. Ele tenta esticar os braços, os músculos doídos por levantar garotas por cinco horas.

— Você está bem? — Pergunto. — Você pode fazer uma pausa.

Charlie observa seu irmão atentamente, com evidente preocupação.

Beckett estala o pescoço. — Eu não vou abandonar. Eu vou ficar bem. —

Sulli lhe dá um abraço de lado.

Jane tem rabiscado equações matemáticas em um caderno. Algo que ajude a clarear sua mente. Mas ela fecha o caderno. E então examina nosso grupo heterogêneo. — Olhe para nós.

Meus olhos se voltam para cada um dos meus primos. Parece que somos cinco pessoas colossalmente diferentes que vêm do mesmo lugar não convencional.

Beckett está vestido com produtos do *The Carraways*, apoiando a banda de Tom, e tatuagens coloridas espalhadas por seu braço.

Sulli usa short jeans cortado, um pingente de golfinho amarrado em volta do pescoço, e seu cabelo escuro cai em cascata no peito.

Estou de jeans e uma camiseta verde da *Halway Comics*. Braços cruzados, ombros alinhados, mas felizmente não doloridos mais.

Janie está vestida com tons pastéis e lantejoulas, calça justa na cintura. Cabelos castanhos ondulados despenteados.

E Charlie sempre parece que acabou de transar no banheiro. Quatro botões abertos em sua camisa branca e amassada.

Beckett dá uma de *cara de merda* para sua irmã. — Parecemos uma bagunça sexy, mana. Isso não é novidade.

— Parece que somos unidos. Nós cinco juntos. Mas, de alguma forma, todos nós nos separamos. — Jane não diz a causa, e não é o boato.

No mínimo, o boato nos uniu com essa turnê – mas o que nos separou fui eu. E Charlie.

— Moffy e eu não vamos nos sentar um ao lado do outro — Charlie diz de repente. — Fácil.

Todos concordamos.

— Também não devemos nos sentar um ao lado do outro — Jane *me* diz.

Eu giro para minha melhor amiga, meu rosto afiado e sobrancelhas cerradas. Entendo que esta é a primeira vez que nos abrimos para perguntas desde o boato do caso secreto. Mas há um problema. — Vai parecer muito estranho se não nos sentarmos um ao lado do outro, Janie.

Ela pensa por um momento, então assente. Óculos de sol de gato rosa deslumbrante protege seus olhos, mas suas bochechas sardentas abrem um sorriso que diz *estou pronta para a batalha*.

A coordenadora do FanCon aparece e diz que está na hora.

E garanto a Beckett: — Não vai demorar três horas.

Charlie pega uma garrafa d'água. Quando ele passa por mim, ele sussurra: — Não faça promessas que não pode cumprir.

*

Fãs lotam o salão de baile, todas as cadeiras ocupadas. Um corredor se divide no meio e leva a um microfone onde os fãs podem fazer perguntas.

Um banner gigante – *FanCon apresentado por HMC Filantropia* – é o pano de fundo de um palco de tamanho decente. Cinco cadeiras já estão alinhadas, e o moderador da turnê toca o microfone no pódio.

Assim que o moderador nos apresenta, subimos ao palco. A multidão *ruge*. Torcendo e assobiando. As câmeras piscam e eu sorrio, aceno.

Pego um microfone da minha cadeira e ocupo o segundo assento. Porque no último segundo, decidimos nos sentar do mais velho para o mais novo: Jane,

eu, Charlie, Beckett e Sullivan. Vai causar o mínimo de fofocas, mas também significa que estou espremido ao lado de Charlie.

Seja legal, tento dizer a mim mesmo.

Não aja como se preferisse se sentar ao lado de um Comensal da Morte.

Fãs entusiasmados tornam isso mais fácil. Meu sorriso cresce e levo meu microfone à boca. — Ei, Chicago — Saúdo para outro ataque de aplausos. Eu sorrio. — Vocês são ótimos. O que estão achando do FanCon até agora? — Eles gritam e aplaudem.

Janie fala em seu microfone. — Adoramos conhecê-los e estamos muito gratos por vocês terem comprado ingressos por uma boa causa.

Aplausos e alguém grita: — EU TE AMO, CHARLIE!

O canto de sua boca se inclina para cima, mas ele não diz absolutamente nada.

Sulli bate em seu microfone. — Está ligado? — Sua voz explode. — Oh, caralho. — A multidão ri. Sulli fica vermelha. — Ué, oi? É legal que haja tantas pessoas aqui, e sim, estou muito animada. E você, Beckett?

Com o microfone nos lábios, ele diz: — Absolutamente — Mais gritos.

Charlie se senta de qualquer jeito, com os tornozelos cruzados, e segura o microfone pela cabeça, indiferente. Típico de Charlie.

O moderador faz uma breve introdução e, em seguida, numa fila o coordenador conduz o primeiro fã até o microfone da plateia.

Ela não deve ter mais de quinze ou dezesseis anos. — Hum, oi... eu tenho um pergunta para Sullivan.

— Legal — diz Sulli.

— Primeiro, hum… — A garota fica vermelha. — Você pode dizer a

palavra com C?

— Caralho? — Sulli diz incerta, mas as pessoas ainda gritam. Não é uma pergunta estranha, já que Sulli diz muito *caralho*, e seu pai é conhecido por seus constantes xingamentos.

A garota balança na ponta dos pés. — E como é ser filha de Ryke Meadows?

— Ele é a porra do melhor pai... — Ela perde o controle de seus pensamentos, e olha para nós em busca de ajuda.

Jane levanta o microfone. — A família Meadows é a mais doce. Uma vez, Sulli quebrou um balanço de corda, do tipo preso a um galho de árvore, e ela machucou os joelhos… quantos anos você tinha, Sulli?

— Talvez a *porra* dos onze?

— Ela tinha onze gloriosos anos — diz Jane triunfante, o sorriso se iluminando e sua voz alegre cativa a multidão. — Mas Sulli sendo Sulli, levantou-se, sem uma lágrima à vista, e começou a subir na árvore para consertar a corda. Seu pai viu, e tio Ryke ergueu sua filha em seus ombros. Ele a ajudou a pegar um galho mais resistente para dar o nó. Aventura e amor para todos, esse é o jeito Meadows.

O público praticamente desmaia.

— Última pergunta, eu prometo — A garota diz rapidamente antes que o coordenador de fila a mande embora. — Sullivan, existe alguém que você considera como um irmão, já que você só tem uma irmã?

— Sim — Sulli diz facilmente e estica o pescoço e acena para mim. — Oi, Moffy.

— Ei, Sul — Eu digo no microfone. Acho que é mais fácil para ela falar

comigo do que com a multidão.

Ela mantém contato visual comigo. — Eu sei que você não falou muito sobre mim em *Somos Calloway* porque eu pedi para você não falar. Eu meio que queria ser... anônima, ou o mais anônima que eu pudesse ser, mas... — Ela dá de ombros. — Você é meu irmão mais velho. Fomos a centenas de eventos de natação juntos e, caralho, machucamos canelas e cotovelos por causa do skate... e você sempre estava lá. Você ainda está.

— *Awww* — As pessoas murmuram.

Eu levanto meu microfone. — Sulli estava nervosa por falar ao vivo, mas ela está se saindo melhor do que todos nós, hein? — A multidão aplaude Sulli e ela respira fundo.

O coordenador de fila leva a garota para longe e um novo fã com um boné de *baseball* da *Halway Comics* se aproxima do microfone. — Minha pergunta é para Maximoff. De quem você gosta mais: Ryke Meadows ou Loren Hale?

Jane me lança um rápido olhar tipo, *eu assumo se você precisar de mim.*

No ano passado, essa pergunta teria colocado meus pensamentos em um moedor. Mas eu não sou mais atingido.

— Eu amo os dois — digo, meu tom descontraído. — Correndo o risco de soar *clichê*, eu não seria quem sou sem meu pai e meu tio.

Estou ciente de que há centenas de câmeras de telefone me filmando e quase posso sentir meu pai na Filadélfia sorrindo. Feliz por finalmente estar abraçando a verdade publicamente.

— Meu pai é incrível, amoroso, engraçado e protetor — digo ao público — e eu amo um pai que está sóbrio porque ele tem um irmão que é gentil, compassivo, forte e inabalável. Sinceramente, não consigo imaginar não ter

nenhum dos dois.

Eu ouço as pessoas fungando, e eu pego várias limpando seus olhos lacrimejantes.

— EU AMO LOREN HALE! — Alguém grita.

Jane fala em seu microfone. — Nós o amamos terrivelmente também. — Seus olhos azuis sorriem para mim como se dissessem *muito bem, velho amigo*.

As próximas perguntas são inofensivas. Sulli fala brevemente sobre as Olimpíadas, todos nós brincamos sobre festas do pijama tarde da noite na casa da árvore Meadows, e Beckett conta ao público seu balé favorito: *Giselle*.

Um cara magro de vinte e poucos anos segura o microfone. — Charlie — ele diz. — Você está namorando alguém?

Charlie preguiçosamente levanta seu microfone. — Não. — Ele abaixa o braço. É isso.

Eu mordo minha língua, querendo dizer a ele que ele poderia pelo menos se esforçar mais que se importa.

Depois de mais dez perguntas inocentes sobre nossa infância, Jane é questionada sobre sua carreira. — Estou feliz por ser o CFO da HMC Filantropias.

Eu espero que ela adicione *por enquanto*. Mas ela nunca o faz.

Ela tem um semestre inteiro de cursos *online* antes de se formar em Princeton. Um semestre para descobrir seu futuro, mas não vou deixá-la desistir.

Eu ainda estava pensando em Janie quando perdi a próxima pergunta.

Infelizmente, uma garota em idade universitária dirigiu isso para *mim*. Centenas de olhos pousam em minha direção.

Eu sinto o estranho ar morto.

Ótimo.

Charlie coloca o microfone na boca. — Sonhar acordado é coisa de família.

Eu me viro para ele, olhos quentes. Ele não disse isso apenas para o público. — O que isso deveria significar? — Eu pergunto.

Minha mãe comentou sobre todas as vezes que ela se perdeu em sua cabeça em *Somos Calloway*. Fantasiando sobre sexo. Ele sabe disso.

E se Charlie está insinuando... — Luna tem uma imaginação vívida. Ela sonha acordada com alienígenas e outros planetas desde que era pequena — Charlie diz inocentemente, como se nunca tivesse pretendido outra coisa. — Por quê? O que você acha que eu quis dizer?

Mais telefones são elevados. Gravando. Apontados como pistolas, mas nada pode me machucar. Não *online*. Não nos tabloides. Depois do que passei com Jane, estou à prova de balas pra caralho.

Charlie olha fixamente, mas por trás de seus olhos tudo o que vejo: *revide*.

Então eu faço.

— Pelo menos ser um babaca egoísta não é coisa de família — digo, e assim que as palavras irascíveis saem de meus lábios, lamento-as.

Sussurros aumentam como uma tempestade estrondosa.

— Acho que essa passou por cima de mim e caiu em você, na verdade. — Charlie atira de volta.

Jesus Cristo. Examino o salão de baile rapidamente e encontro Farrow nos fundos. Encostado nas portas duplas fechadas da sala de conferências. Braços cruzados frouxamente. Óculos de sol.

Ele faz um movimento com a mão que eu acho que significa *fique calmo.*

E ele também sopra uma bolha de chiclete de verdade.

Sua indiferença me ajuda, de alguma forma. Eu respiro. Ninguém precisa me dizer que meu pavio curto é horrível pra caralho. Eu sei. Quando estou perto de Charlie, sinto que ele risca o fósforo. Mas eu acendo a bomba e sempre me detono.

— Meninos, comportem-se — Jane diz levemente, arrancando algumas risadas da plateia. — Próxima pergunta?

A garota em idade universitária deve desviar sua pergunta original porque ela me pergunta: — Você e Charlie se odeiam?

O moderador sorri timidamente e o coordenador da fila toca no ombro da menina. Ela nunca se desprende do microfone.

Eles estão perdendo o controle dessas perguntas e respostas. Muito parecido com o que acabamos de ter.

Charlie gira para me encarar. — O que você diz, Moffy? Você me odeia?

— Não — digo categoricamente.

Charlie se vira para o público. — Aí está.

Não estou aqui para jogar xadrez 5D com Charlie, mas ele continua me enrolando. Eu tento o meu melhor para desviar a conversa de nós. — Que tal conversarmos sobre seu relacionamento com Beckett. Como é ser gêmeo?

Charlie odeia essa pergunta.

Ele olha para mim. — Como é ser o ser humano mais amado do planeta?

— Eu não sou…

— Não seja tão humilde, Maximoff — diz Charlie. — Eles amam você. — Ele encara a multidão. — Não é mesmo? — Ele ergue o microfone e todos

torcem, gritam, berram.

Eu pego o olhar do moderador, e ele hesita e se atrapalha com os cartões de anotações. — Acalmem-se — diz ele. — OK, vamos voltar aos trilhos aqui.

Tudo está fora de controle, e não tenho certeza de como voltar aos trilhos já que sou o principal culpado por sair dele.

Ignorando Charlie, eu digo no microfone. — Vamos responder mais algumas perguntas da plateia.

Em vez de ficarem desapontados, todos levantam as mãos no ar.

Não soque seu primo.

Neste ponto, esse é o meu nível baixo de sucesso. E eu mal estou alcançando.

Capítulo 23

Farrow Keene

EU ME CONSIDERO anormalmente destemido, não tem muito que me abale, mas um pesadelo acabou de chutar meu traseiro para acordar. Estou coberto de suor, calça de cordão e camisa preta coladas ao meu corpo, e abro um armário no silencioso ônibus da turnê.

Ripped Fuel é o que eu preciso, e o jarro está de lado na prateleira.

Uma nota adesiva está anexada. Na caligrafia de adivinha-quem: *não tome mais de 3 por dia.*

Eu reviraria os olhos com as instruções desnecessárias de Thatcher, mas isso consome uma energia que eu nem quero usar.

Tiro a tampa ao mesmo tempo em que conecto um fio no meu telefone. Coloco fones de ouvido e agito dois comprimidos na palma da mão.

O suplemento de queima de gordura contém efedrina e cafeína, um truque fácil para ficar acordado. Porque não vou voltar a dormir depois dessa foda mental.

São 2h42 e o ônibus está estacionado em um acampamento no Kentucky por aproximadamente cento e noventa e dois minutos. Todos concordamos em fazer um pit stop para deixar os motoristas recarregarem as baterias para a próxima etapa da viagem.

Sou motorista e posso ver a ironia quando abandono meu beliche e destranco a porta do ônibus. Claramente não dormindo.

Minhas botas batem na terra, uma fogueira queimada e apagada. A lua cheia ilumina o acampamento coberto de musgo, apenas um outro *trailer* à vista. As árvores farfalham com uma rajada de vento e a brisa do inverno me refresca.

Eu arrasto uma pedra e ouço a música do meu telefone. Nine Inch Nails. *Play*. O baixo explode em meus tímpanos, e a primeira música não termina antes que a porta do ônibus se abra.

Viro uma pedra grande com minha bota. Assistindo Maximoff pisar na terra como se estivesse mental e fisicamente preparado para qualquer inferno.

Levantando os lábios, tiro um fone de ouvido. — Já com saudades?

Ele olha para o céu noturno. — Deus, me poupe.

Eu quase rio. — Dramático e *apaixonado* por mim. — Meu sorriso cresce, mas depois desaparece lentamente à medida que a seriedade endurece seus olhos verde-floresta.

Ele estica os braços sobre o peito. — Você acordou suando frio.

Veja, eu tentei não o empurrar, mas dormimos no mesmo beliche. Uma cama de solteiro apertada. Nossas pernas estavam entrelaçadas. Meu queixo estava em seu peito. Fiquei mais surpreso por ele não ter se levantado instantaneamente quando saí.

— Sonho ruim — digo a ele e então estudo seu ombro enquanto ele gira os braços. Ele não está vacilando ou estremecendo. Está curado melhor do que eu pensava inicialmente. Bom.

Espero que ele nunca mais precise de um médico. Porque ele não tem mais meu pai. *Aquele babaca do caralho...*

— Qual era o sonho? — Maximoff atravessa o acampamento, abrindo e fechando seu canivete distraidamente.

Passo a mão pelo cabelo. — Você estava se afogando. — *E eu não pude te salvar*. Eu inalo um hálito quente pelo nariz e descanso minha bota em um banco de toras.

Maximoff fecha seu canivete. De pé estoicamente, ele me lembra uma estátua de mármore inabalável novamente. Um homem que se recusa a deixar alguém ou qualquer coisa o derrubar. Pelo menos, não sem lutar muito.

E não fico surpreso quando ele me diz: — Essa porra nunca aconteceria.

Eu jogo minha cabeça de um lado para o outro, considerando isso. Algo que nunca acontece é um peixe-submarino se tornar um cavalo. Claro que as pessoas podem se afogar.

Merda, até nadadores olímpicos podem se afogar. Mas eu não posso me deixar envolver por esses medos ou deixá-los sugar Maximoff.

Foi um pesadelo.

Não realidade.

Nossos olhares se prendem em um laço forte. Não deixando ir. — Você está certo — digo a ele. — Você não está se afogando. Porque você tem a mim.

Ele faz uma pausa para pensar. — Eu sobreviveria de qualquer maneira. — Ele gesticula do meu peito para o peito dele. — Entre nós dois, sou o nadador treinado.

Eu sorrio. — Eu quis dizer *metaforicamente* se afogando.

Ele brilha. 2% divertidos, 98% irritados. Estou 100% satisfeito e nós inconscientemente nos aproximamos. Nossas botas arranham a sujeira e o musgo.

— Não vou perder nada — Ele diz, ainda tentando me assegurar.

Não vou dizer isso em voz alta, mas porra, eu concordo – ele é capaz de

sobreviver a 8 de 10 cenários. Mas estou aqui para aqueles 2 que ele precisa de outra pessoa. E ele vai.

Vai.

Ele também sabe disso, mas como eu, essas palavras raramente saem. Prefiro provocá-lo o máximo que puder, e ele prefere me combater.

— Você não vai perder nada — Repito suas palavras e então digo: — Você perderia para mim em uma luta de MMA em menos de um minuto.

— Ou eu ganharia — Ele refuta.

Eu rio muito.

— Estou falando sério. — Ele embolsa seu canivete, parado a poucos centímetros de distância. — Vamos ver quem é melhor.

Vou colocá-lo de costas em menos de dois segundos. — Alguém te ensinou? Porque eu sei que não fui eu.

— Fiz algumas pesquisas.

Meu sorriso está machucando meu rosto. — Quer dizer que você pesquisou *movimentos de MMA* no *Google*?

Ele olha. — Vamos fazer isso ou não?

Prendo a respiração. — Uau, você deve realmente querer que eu fique em cima de você.

Ele lambe os lábios para esconder um sorriso. — Talvez *eu* acabe em cima de *você*.

Ele faz um gesto para que eu avance.

Assobios do vento. Nenhum paparazzi aqui. Os únicos cinegrafistas que nos perseguiam perderam nosso rastro em Chicago. O resto ficou na Filadélfia para tirar fotos de seus pais.

Esta partida informal é só para nós, mas meu punho não vai acertar seu rosto. Rapidamente concordamos em não usar *jabs*, ganchos, *uppercuts* ou chutes. Deixando principalmente tipos de imobilização.

Nós circulamos um ao outro, e então ele se aproxima como uma bala. Ele tenta uma queda de *clinch*, empurrando meu peito enquanto varre meu pé direito debaixo de mim. Eu manobro para fora do golpe e, em seguida, dou um passo à frente, caindo de joelhos. E rapidamente atiro minhas mãos atrás de suas pernas e puxo.

Sem equilíbrio, suas costas batem no chão. — Porra. — Sua respiração sai brusca. Eu sorrio. — Queda de perna dupla — digo a ele o movimento básico.

— Deixe-me tentar de novo. — Ele se levanta e eu me levanto. Na segunda vez que tento atirar para uma queda, ele se agacha fora do alcance e direciona seu peso para a parte superior do meu corpo.

Droga. Seus músculos esculpem enquanto ele usa sua força. Eu ranjo os dentes e saio do aperto. Deslizando atrás dele, então circulamos um ao outro novamente.

— Aprendi isso no *YouTube* — Ele me diz.

Eu sorrio. — OK, espertinho. — Lembro-me de como seus irmãos disseram que ele é melhor do que a média em tudo o que tenta. Maximoff tentando me acompanhar e realmente conseguindo – é extremamente atraente.

Mas não vou pegar leve com ele. Da próxima vez, eu o faço tropeçar por dentro, e seu corpo despenca. De volta à sujeira.

Nós lutamos no chão. Emaranhados, nossas pernas e braços se enganchando. Músculos queimando, suor crescendo. Virando na lama e musgo, pele e roupas sujas. Eu sorrio cada vez que ele tenta fazer um movimento mais

avançado. Ele até tenta um mata-leão, mas falha.

Ele está com gás, usando o dobro da energia que eu. Depois de uma ‘passagem de guarda’ minha, ganho vantagem e fico em cima dele. Meus joelhos ficam em ambos os lados de sua cintura, basicamente montados em Maximoff. Descanso a palma da mão em seu rosto.

E o mundo parece parado.

Seu peito desmorona, respirando pesadamente embaixo de mim, e eu ofego um pouco também. Na calma, no sossego, nossos olhos nunca se desprendem. Sujeira mancha suas maçãs do rosto e mandíbula, e tenho certeza de que as minhas estão parecidas.

Olho profundamente para esse cara e me lembro por que estou acordado, por que ele está aqui. Eu poderia ter dito a ele para voltar para a cama, mas não o fiz. Passamos um tempo insano juntos, mas sempre que estou perto de Maximoff, só quero que ele se aproxime, e penso, *mais um minuto, mais uma hora.*

E então esses minutos se transformam em dias, e horas em semanas, e antes mesmo de piscar, estou consumido. Completamente. Ele tem a mim.

Maximoff agarra minha nuca. Se seus olhos falassem, eles estariam sussurrando, *me beije, me beije, porra.*

Antes que ele tente trazer minha cabeça para baixo, seguro seu queixo e me inclino para frente. Nossas respirações estão irregulares, mas não da luta livre.

Minha boca roça lentamente a dele, provocantemente perto, e seu peito se expande em uma respiração ansiosa. Caralho. Eu seguro seu rosto com as duas mãos e nós dois diminuímos a curta distância.

Nossos lábios se encontram com poder quente e tudo explode dentro de mim. Sua língua habilidosa abre minha boca, e eu carrego mais peso sobre ele enquanto ele conduz o beijo mais fundo. Como se ele estivesse alcançando o centro da minha alma.

E então um sino de cinco notas interrompe o momento mais cinematográfico de toda a minha vida.

— Merda — Xingo e me sento, mas ainda estou sobre ele.

— O que foi isso? — Ele respira com dificuldade e se apoia em seu cotovelos.

Eu tiro meu telefone do bolso. — Defini esse ruído para notificações. — Especificamente para a conta @maximoffmortohale.

Maximoff esfrega os lábios como se ainda me sentisse neles, e ele observa eu desbloquear meu telefone e abrir o *Instagram*.

Eu franzo a testa para as duas novas fotos. Mentalmente, eu ultrapasso o sangue com *Photoshop* e me concentro nas locações. A primeira foto é claramente ambientada em Nashville, uma placa na parte de trás, e a segunda paisagem da cidade é reconhecível para mim.

Boston.

Uma pedra se aloja em minha garganta e meus músculos se contraem. Nashville e Boston são as próximas duas paradas da turnê. E ambas ainda não foram anunciadas publicamente.

Não pode mais ser coincidência, e se eu acordar Ômega, tenho certeza de que todos diriam o mesmo.

— O que é? — Pergunta Maximoff.

Minha mandíbula se aperta. — Você tem um *stalker*.

Ele não fica com medo. — Oficialmente?

— Oficialmente. Quem está administrando esta conta sabe sobre a turnê antes do público. — É alguém próximo às famílias, segurança ou equipe, e se eles têm esse tipo de informação privilegiada, eu me pergunto a que mais eles têm acesso.

Capítulo 24

Farrow Keene

— VOU TE PERGUNTAR desta vez. — Thatcher me confronta na véspera de Natal. Todos da ESO, exceto Oscar, que nos leva a Atlanta – estão isolados no segundo salão. Não para uma reunião.

Não para uma palestra ou uma briga sem sentido.

Estamos todos nos despindo.

Para um Concurso de Roupas íntimas de Papai Noel. Nossos clientes são os juízes, esperando por nós no primeiro salão. Escolhemos aleatoriamente estilos de roupas íntimas num sorteio de um chapéu. Das grandes a quase nu. Akara apelidou esta noite de *legal e divertida,* mas todos esqueceram que Thatcher não tem noção de nada disso.

Enquanto tiro minha camisa preta da cabeça, tento reprimir um revirar de olhos.

— OK, me pergunte — digo. Lâmpadas multicoloridas piscam ao ritmo de um *jingle* de férias e mais luzes estão espalhadas por todo o ônibus.

Thatcher desabotoa sua camisa preta. — Você contou a Jane e Maximoff sobre o *stalker*?

Abro o cinto, com um gosto amargo na boca. Posso citar uma centena de outros tópicos que merecem *raiva*, e manter meu cliente e a cliente dele informados não é um deles.

Akara, Quinn e Donnelly se despem ao nosso redor, ouvindo e observando

uma tempestade de merda se formando. Eu já posso dizer que Akara está chateado. Seus olhos me perfuram enquanto ele enrola sua camiseta em uma mão.

— Sim, eu contei a eles — digo facilmente. — Eu suponho que você os ouviu falando sobre isso.

— Ouvi. — Sua voz é rígida. — Existem *regras*, Farrow. Regras que protegem o bem-estar mental de Maximoff...

— Ele está insensível a essa merda — Eu o interrompo. — É mais útil mantê-lo informado...

— Não, não é — Responde Thatcher. — Podemos coletar informações sem ele. Sabemos tudo sobre seus relacionamentos, sua vida. Não há nada que ele possa nos dar que não possamos descobrir sozinhos.

Essa verdade me incomoda demais. Posso consumir seu passado sem sequer falar com ele ou pedir permissão, e isso não é o que eu quero fazer. Eu prefiro uma via menos invasiva.

Eu estendo meus braços. — Eu disse a ele a verdade. E não me arrependo. Eu não mudaria, e se você está procurando algo diferente, não posso te ajudar. — Entendo a regra sobre manter segredo louco de merda. Segui essa regra quando Lily era minha cliente. Aplica-se a ela e crianças como Xander. Qualquer um que possa ter ansiedade.

Mas Maximoff odeia ser mantido no escuro, e eu não conto a ele todos os *tweets*, todas as postagens de merda da internet. Esta foi uma ameaça real, e ele é a última pessoa que precisa de boias.

Thatcher dá um passo à frente. — Eu não me importo como você se sente sobre as regras. Elas existem por uma razão e, como eu disse a você em

Cleveland, para cada uma que você quebrar, haverá consequências.

Olho para Akara enquanto ele me diz: — Estamos deduzindo de seu pagamento. Você será multado em mil dólares por cada infração. — Ele me lança um olhar sério. — Começando com a que você acabou de quebrar.

Ou seja, acabei de perder mil pratas.

Eu fico tenso.

Se eu calcular todas as vezes que descumpri as regras, posso ser multado a ponto de trabalhar de graça. Ou pior, eu poderia dever-lhes mais dinheiro do que ganho.

Eu cresci afortunado. Meu pai pagou minha graduação e faculdade de Medicina em Yale, mas não tenho um fundo fiduciário. O dinheiro dele é o dinheiro dele, e não aceitei um centavo desde que mudei de carreira. Meu salário é inteiramente do trabalho de segurança.

Posso viver com menos do que tenho agora. Os Hales, Cobalts e Meadows pagam pelo alojamento dos seguranças. Não tenho carro, e já paguei minha moto. Só preciso ter cuidado com os gastos.

Porque não vou mudar a forma como faço esse trabalho. — Tudo bem — digo. *Feliz Natal para mim.*

— Não mesmo — Thatcher diz enquanto tira sua camisa de botão.

Quinn e Donnelly se despem e ficam apenas de cueca e murmuram um para o outro. Parecendo gratos por não estarem sob os holofotes.

— Você será solicitado a fazer uma série de atividades físicas como punição. — Thatcher acena para mim. — Agora mesmo, abaixe-se e me dê cinquenta flexões.

Ele está falando sério.

Eu não pisco. — Não.

Thatcher está agora a meio metro do meu rosto. Elevando-se, brilhante. — Isso não é negociável.

Isso é besteira. — Eu não sou um guarda-costas novato. Eu paguei minhas dívidas e não vou cair de joelhos toda vez que você está com raiva de mim. Não, obrigado. — Sento-me no sofá apenas para colocar distância entre nós e desamarro minhas botas.

Ele está furioso.

Akara está mais à vontade desde que concordei com um corte de salário. Ele está só de cueca boxer e vasculha a sacola de compras em busca da cueca do concurso.

Thatcher coça a barba por fazer, seu olhar se estreitando em mim.

— Quando os médicos dizem para você fazer alguma coisa, é isso que você diz a eles, não?

Eu puxo meus cadarços com força. Veja, eu ouço a autoridade. Respeito autoridades como Akara, mas perdi um pouco do respeito por Thatcher quanto mais ele vem para cima de mim. Essa vingança pessoal está se tornando cansativa.

— Eles deixavam você ver os pacientes — Ele pergunta — ou você era um fardo para eles também?

Eu olho. Não estou perdendo meu fôlego me gabando de fazer rotações.

Quando o hospital estava com poucos funcionários, alguns médicos assistentes me tratavam mais como um estagiário. Como um risco. Porque eu não tinha medo de ouvir meus instintos. Eu conhecia minha merda.

Pensei rapidamente e não tratei os livros didáticos como o sabe-tudo, o fim

de tudo. E é exatamente assim que estou agora.

Aqui.

Eu tiro uma bota. — Se você acha que sou um risco, então me demita.

— Eu deveria — diz Thatcher friamente. — E eu ainda posso…

— Não — Interrompe Akara. — Precisamos de Farrow.

Quinn acena com a cabeça fortemente. Isso quase me faz sorrir.

Donnelly abre a boca, mas percebe meu olhar que diz *não*.

Ele não é o líder de uma Equipe, e eles apenas gritarão com ele por interferir.

Donnelly não dá a mínima. — Você demite Farrow, eu saio.

Eu estremeço. — Cara, seja mais esperto que isso.

— Você morre, eu morro…

— Oh, meu Deus — Murmuro e aperto meus olhos.

— Fique fora disso — Akara diz a Donnelly em sua voz mais áspera, depois a Thatcher, ele repete: — Precisamos de Farrow.

Thatcher balança a cabeça uma vez, mas sabe que nunca cometi um erro que realmente colocasse em risco a segurança de um cliente. Acabei de fazer as coisas de maneira diferente do *status quo*. E isso o enerva.

— Que porra você quer de mim? — Pergunto a ele e tiro minha outra bota.

— Esteja comprometido com esta profissão.

Durmo duas horas por dia tentando rastrear um *stalker*. Passei as últimas quatro paradas da turnê, incluindo Nashville e Boston, garantindo o espaço da convenção apenas na chance de que eles aparecessem e atacassem Maximoff.

E o que é pior: acrescentei meu próprio pai à pequena lista de suspeitos. Porque ele tem acesso às famílias. À segurança. Conhecimento das próximas

paradas do *meet-and-greet*. E me deixa fisicamente doente pensar que ele pode estar assediando meu namorado.

Ouvir Thatcher dizer que não estou comprometido é um tapa na cara, mas quero saber por que ele acha que não me importo. Especialmente quando minhas ações dizem que sim.

Eu me levanto com uma carranca profunda. — Diga-me por que não estou comprometido.

— Desde o começo — diz Thatcher severamente —, você tem um pé dentro, um pé fora. A qualquer momento, você pode ir para um hospital. Então saia se não for isso que você quer fazer. Vá.

— Ei — Akara solta. — Ele vai ficar.

Meu nariz infla novamente. Eu estive em uma guerra fria com meu pai sobre a escolha desta carreira. Estou lutando contra um legado geracional apenas parado aqui. Mas se ele não consegue ver isso, só há uma maneira de provar que levo a sério a segurança. A equipe, esse trabalho, esse estilo de vida, meu cliente.

Importa para mim.

Por mais que eu não aguente Thatcher, eu caio para uma posição de flexão e digo: — Não vou a lugar nenhum.

Capítulo 25

Maximoff Hale

— QUAIS SÃO OS parâmetros de julgamento? — Sulli murmura para si mesma e abre uma caneta com os dentes, papel em branco no colo.

Abro o zíper do macacão de rena de Jane.

— Merci — Ela sorri e cai no chão na frente de Beckett.

Ela poderia se sentar em um dos dois sofás cinza no primeiro salão, mas Beckett abre um kit de costura. Planejando anexar chifres no capuz de Jane.

Ele já costurou o de Sulli, que usa macacão idêntico. Agora, ela se senta de pernas cruzadas no sofá oposto. Em profunda contemplação.

Meus lábios começam a subir.

Esta é a nossa primeira véspera de Natal longe de nossas famílias. É estranho, mas não é ruim. Beckett e eu usamos suéteres feios de feriado, gorros de inverno e meias de acampamento. Decoramos o ônibus com luzes de Natal, bengalas de doces e enfeites de plástico. Comprei biscoitos de gengibre e fiz gemada, a favorita de Janie, e agora o ar está alegre.

Sem tensão.

Talvez porque Charlie se recusou a participar esta noite. Ele está escondido em seu beliche.

Eu estava prestes a perguntar se ele queria entrar, mas Beckett me impediu. Ele disse que Charlie não veria o convite como uma bandeira branca. Acabei de aprender que na mente de Charlie, eu ser legal é o equivalente a ser *pomposo,*

excessivamente heroico, malditamente chamativo e ostentoso – como se eu fosse a porra do Gaston em *A Bela e a Fera.*

Beckett disse: — Deixe-o fazer suas próprias coisas.

Tudo bem por mim.

Entrego canecas de gemada para todos e toco no ombro de Sulli para que ela tire o rosto do papel.

— Ah, caralho. — Ela segura a caneca. — Obrigada.

Sento-me ao lado dela. — Vote em quem tem a melhor aparência. – *Farrow,* minha mente deixa escapar em resposta. Eu juro que meu cérebro está a um passo aterrorizante de fazer santuários do cara. O que não é legal.

Não é.

E minha boca quer se abrir, mas isso eu posso controlar. Eu não estou sorrindo. Eu dou uma olhada no corredor. A porta da segunda sala ainda está fechada.

A frente do ônibus está silenciosa sem ESO. Mas Oscar está ao alcance da voz e à vista de trás do volante. Comendo *pizzelles* que o irmão de Thatcher mandou.

— O que é considerado o melhor? — Sulli morde a ponta de sua caneta.

Beckett enfia uma agulha. — É chamado de Papai Noel *gostoso*.

Jane assente. — O Papai Noel *mais gostoso* deveria ganhar.

— Tudo bem. — Sulli faz uma anotação na margem e toma um gole de gemada. Fazendo uma pausa, ela olha para mim. — A minha tem álcool, certo?

— Sim. — Não posso ser uma autoridade moral sobre se ela deve estar sóbria ou não. Ela odiou sua primeira cerveja, mas quer experimentar gemada batizada. Então, eu fiz um copo para ela. A de Oscar e a minha são as únicas não

alcoolizadas.

— Existem categorias? — Sulli pergunta depois de um pequeno gole de gemada. — Nós damos nota de um a dez? Há deduções?

— Perguntas válidas — diz Jane. — Vamos fazer duas categorias: passarela e como eles respondem a uma breve sessão de perguntas e respostas.

Oscar estica o pescoço para nos espiar. — Se eu não ganhar, há uma conspiração em jogo e todos vocês dando tratamento preferencial aos seus guarda-costas.

— Ele está certo — diz Jane —, devemos tentar ser imparciais.

Todo mundo está olhando para mim. Eu faço uma careta. — Se eu classificar Farrow com alta, não tem nada a ver com o fato de estarmos juntos.

Jane sorri para um gole de gemada. — Acho que teremos que acreditar na sua palavra.

Beckett termina de prender os chifres dela e levanta seu capuz. Ela beija suas bochechas com um *merci*, e então se senta ao lado dele, os tornozelos cruzados.

— Devemos contar a eles sobre a pontuação — diz Sulli e depois grita: — Kits!

A porta do corredor se abre. — Sim?! — Akara aparece e ela explica o sistema de pontuação.

Donnelly põe a cabeça para fora, um sorriso maroto aparecendo em sua boca. — Vocês deveriam apenas nos avaliar de um a dez sobre quem tem a maior vara.

Ele é puxado de volta para a segunda sala. — *Paul*[4] — repreende Thatcher.

— Droga — Quinn diz fora de vista — Ele ganhou um *Paul*.

A porta se fecha.

Jane engasga e eu me concentro em minha melhor amiga. Ela segura o telefone em uma das mãos. — Eliot me enviou um vídeo de todos os gatos. — Ela aperta o *play* e vira a tela para a gente assistir também.

Gatinhos e gatos correm pela casa. Correndo para baixo do sofá vitoriano e pulando na cadeira de balanço. A câmera dá um zoom em um gato cinza que saltita em volta da lareira.

A voz de Eliot ressoa pelo alto-falante. — *Licorice, agora faça o cat-walk. Faça o cat-walk!* — Ele mergulhou na música techno.

Todos nós rimos, e Jane enxuga os cantos dos olhos. Observamos a câmera virar e encarar Eliot.

Mandíbula quadrada, corte de cabelo de menino bonito e o segundo Cobalt mais alto, ele poderia interpretar o Super-Homem em um blockbuster de verão, mas um sorriso diabólico sempre surge em seus lábios. Travessura brilhando por trás dos olhos azuis.

Você conhece Eliot Alice Cobalt como o *rei do drama*. Literalmente, ele estrelou peças locais de William Shakespeare a Arthur Miller e Tennessee Williams, e já assinou contrato com uma companhia de teatro pelos próximos dois anos. Ele costuma se filmar e postar solilóquios engraçados sobre uma lâmpada ou escova de dentes, e não tem medo de ser desinibido e selvagem.

Eu o conheço como meu primo apaixonado de dezoito anos que prospera no caos. Que de 9 em 10 vezes, colocará fogo em um guardanapo se eu estiver jantando com ele. Que ama histórias, mas luta com a leitura. Não consegue entender placas de rua ou cardápios de restaurantes. Mal consegue separar uma

única frase. Que costumava pedir a Jane, seus irmãos e a mim para ler livros em voz alta. Os livros de capa dura se acumulam em seu quarto e, para se divertir, ele escreve peças usando um aplicativo de voz. Ele é disléxico e um ator brilhante e emotivo que pode fazer o público chorar com algumas palavras.

Aviso justo: *mesmo com todo o caos que ele traz, eu amo esse cara, e eu vou enfiar uma espada direto em seu estômago se você foder com ele.*

— *Quando você receber isso* — diz Eliot no vídeo —, *estou na casa do lago. É véspera de Natal e todos vocês me deixaram, o que significa que sou terrivelmente o mais velho aqui. Moffy, se está vendo, não gosto desta responsabilidade. Volte,* me salve — ele diz dramaticamente. — *Eu odeio todos vocês, mas amo todos vocês. Oh, a tragédia.* — Ele sorri e levanta um gatinho malhado para a câmera e acena a pata em adeus. — *Não façam nada que eu não faria.* — O vídeo escurece.

Silêncio perdura, todos nós com saudades da família. Sulli olha para longe, mais abatida e com saudades de casa, e Jane e eu trocamos um olhar de *controle de danos*.

Janie guarda o telefone e se levanta. — Sem mais vídeos de casa. Vamos aproveitar esta noite.

Eu abraço Sulli em seus ombros largos. — Lembre-se, estamos em uma aventura.

Beckett leva sua caneca aos lábios. — Isso inclui guarda-costas seminus. O que você sempre quis ver, Sulli.

Ela joga um travesseiro nele. — Engraçado pra caralho. — Ele ri.

Mas ela está sorrindo. — Eu sei que realmente sinto falta dos meus pais e irmã e de todos os outros, mas eu gosto que estejamos todos juntos com nossos

guarda-costas... isso é legal.

Jane abre um saquinho. — E tem biscoitos de chocolate. — Ela distribui três biscoitos e todos os aceitam, menos Beckett.

Ele escolhe uma lista de reprodução de férias para o concurso de roupas íntimas. *Christmas,* de Darlene Love, toca.

Cacau no biscoito é avassalador pra caralho. Eu tusso em meu punho e dou um gole de gemada. Jesus.

— Estamos prontos! — Akara chama da porta entreaberta.

Jane finge que um bastão de doces é um microfone, apontando para o telefone de Beckett enquanto ele filma, a filmagem só para nós. — Sou sua anfitriã e uma das quatro juradas *Jane Kitten.* — Ela pisca os cílios. — O concurso Sexy, Sexy, *Sexy* Papai Noel em cuecas apresenta os guarda-costas da Equipe de Segurança Ômega. Quem vai ganhar o prêmio final nesta véspera de Natal? Vamos ver. Começando em ordem alfabética, temos... Akara Kitsuwon.

Akara sai do segundo salão. Sem camisa, músculos definidos e cueca boxer vermelho-bombeiro abraça suas coxas. Ele percorre todo o corredor em nossa direção, e Sulli assobia alto.

Ele imita a saudação do concurso de beleza.

Eu sorrio enquanto Jane narra uma biografia em tempo real: — Uma profissional de Muay Thai, este robusto guarda-costas acabou de completar 26 anos em dezembro e é dono da *extraordinária* academia Studio 9. Ele é um chefe mandão e um cara amigável.

Akara leva a mão ao coração. Ele para no balcão da cafeteira e Beckett joga para ele um bastão de doces.

— Akara — Jane diz —, o que você mais quer neste Natal?

Bengala doce à boca, ele diz: — A paz mundial.

Aplaudimos e Sulli já marca 10 nas categorias *passarela* e *pergunta*. E eles disseram que *eu* seria tendencioso pra caralho. Akara assume a direção para que Oscar possa se trocar.

— A seguir — Jane narra enquanto Donnelly surge, cueca também vermelha. Estilo diferente.

Desta vez, ele está de sunga, semelhante à cueca boxer, mas com corte mais alto na coxa. Uma tatuagem que eu nunca vi espreita para fora do elástico, um escorpião com fogo saindo de sua cauda.

Ele manda beijos para nós e para o público invisível.

— Donnelly, Paul Donnelly — Jane diz —, um Leonino de 26 anos e ex-tatuador. Ele vem de uma família irlandesa e sabe como chutar traseiros sérios em artes marciais mistas.

Donnelly gira no final e depois se curva.

Estou subconscientemente comendo esses biscoitos de merda. Eu termino meu terceiro, e estou surpreso que Sulli goste deles o suficiente para pegar o saco para mais.

Jane se endireita. — Donnelly, que palavra melhor descreve você?

— Sedento.

Beckett começa a rir e Donnelly manda um beijo para a câmera. Então, ele se senta na cabine, esperando o próximo guarda-costas.

Meu guarda-costas.

— Farrow Redford Keene — Jane diz seu nome completo, e Farrow sai com uma confiança casual. Só de cueca vermelha. O corte mostra os músculos da coxa e a cintura esculpida – Cristo, seu pacote... a cueca mal o segura.

E suas muitas tatuagens estão em plena exibição. Andorinhas vermelho-sangue voam pelo mastro de dois navios piratas, simétricos perto de suas clavículas.

Entre eles, metade de um crânio está tatuado em seu esterno. Uma vela queima em seu pulso, fumaça subindo por seu antebraço e bíceps para enxamear outra caveira e ossos cruzados em seu ombro.

E mais. Tudo preto e cinza, exceto pelos pássaros coloridos. Tudo marcante. Seu corpo é uma obra de arte, e ele sabe disso.

Olhe para cima.

Eu preciso olhar para cima, e no momento em que meus olhos encontram os dele, ele está cheio do sorriso de sabe-tudo. Seu piercing barra se levanta com as sobrancelhas. Ele definitivamente me pegou olhando para ele.

Eu rabisco um zero gigante no meu pedaço de papel e mostro para ele. Ele revira os olhos, seu sorriso fora desta porra de mundo.

Jane narra: — Aos 27 anos, ele é o segundo guarda-costas mais velho da Ômega. Um dissidente e um Ariano, Farrow pode fazer um delicioso ovo e sanduíche de bacon.

Beckett dá a Jane uma olhada de *que merda é essa*.

Jane enxota seu irmão. — Ele é o mais experiente em medicina e profissionalmente treinado em MMA. Farrow — ela diz enquanto ele para e pega um bastão de doces de Donnelly —, quem é sua celebridade favorita?

Ele fala para o bastão de doces. — Todos, menos Maximoff Hale.

Deus, eu estou sorrindo. Há algo seriamente de errado comigo.

— Buuu — diz Sulli.

— São dois zeros — digo a Farrow.

Seus lábios se curvam. — Acho que você quer dizer *dois dez perfeitos*. — Ele se senta na cabine, e seus dedos tatuados empurram seu cabelo branco para fora de seus olhos, muito sensualmente. *Me fode*.

— Não. — Eu lambo meus lábios. — Eu quis dizer *zero* mais *zero*. O que equivale a um monte de nada.

— E olhe para isso — Ele sorri largamente —, seu distintivo de mérito de honestidade se foi.

Eu reagiria de maneira um pouco diferente do que ficar embaraçado, mas minha cabeça e estômago parecem estranhos. Tipo, tonto? Eu não sei ainda. Afasto meu olhar do dele, mas sinto que ele está estudando minhas feições.

— Oscar Oliveira — Jane anuncia.

Ele surge em boxer de seda vermelha e lubrificou sua pele marrom-dourada com óleo de bebê, seu abdômen brilhante e mais definido.

— Trapaceiro — Vaia Donnelly.

Oscar desfila pelo corredor. — Você nunca iria ganhar, Donnelly.

Bebo minha gemada. Eu não posso dizer se o gosto está errado ou não. Eu dei a Sulli a caneca certa? Eu dei... eu não estou bebendo álcool. *Eu não estou*.

Certo?

— …um Taurino de trinta anos — narra Jane — e graduado em Yale, esse ex-boxeador profissional gosta de lanches e nada o surpreende muito. Nada pega esse homem desprevenido. — Oscar para e flexiona um bíceps. — Oscar — diz Jane —, se você fosse uma barra de chocolate, que barra seria?

— *Snickers*. Você não é você mesmo sem mim.

Risos, e Donnelly tamborila na mesa. Eu encaro minha caneca, fixo no líquido cremoso. *Eu bebi álcool*, minha cabeça em alerta máximo.

Um caroço se aloja em minha garganta seca.

— Maximoff.

— O quê? — Minha cabeça desvia – Farrow está *bem* ao meu lado. No sofá. Jesus Cristo. Eu nem o vi chegar por aqui. Não é como ele tivesse muito que andar, mas... estou me fixando em coisas estúpidas. Evitando minha realidade. *Eu bebi álcool*.

Eu fico rígido.

— O que há de errado? — Ele sussurra.

— Quinn Oliveira — Jane anuncia, chamando minha atenção por um instante.

Um segundo.

Puta merda. Meus olhos se arregalam. Quinn está usando apenas um laço vermelho. O tipo de plástico usado para embrulhar presentes, mas é grande o suficiente para cobrir o pacote. Ele segura o laço para que não caia.

Ele deve ter desenhado o pior estilo.

A mandíbula de Sulli se abre. — *Caralhoooo*.

Quinn ri e anda mais rígido do que os outros caras. Farrow e eu tiramos os olhos dele ao mesmo tempo. Minha cabeça está girando.

Entrego minha caneca a Farrow. — Beba isso.

— O guarda-costas mais jovem é um adorável Geminiano e vegetariano — Narra Jane. Ele é brasileiro-americano, ex-boxeador profissional e irmão mais novo de Oscar. Você vai querer levar este garanhão para casa, para seus pais.

Oscar e Donnelly batem palmas e Akara tamborila no volante.

Farrow toma um grande gole de gemada. — Tem um gosto bom.

— O quê? — *Não pode*. Eu sinalizo para ele beber novamente.

Ele franze a testa, confuso. Estou confuso pra caralho e preciso que Farrow resolva esse enigma, mistério, seja lá o que for que estou lidando porque não consigo ver a resposta.

— Quinn — Jane diz —, qual guarda-costas na Ômega inspira mais você?

Ele ergue o bastão de doce. — Akara Kitsuwon.

Akara acena em agradecimento do banco do motorista.

Oscar bate palmas. — Meu irmãozinho, um puxador de saco.

Quinn solta um suspiro irritado e acaba sentando ao lado de Jane.

Farrow dá um gole na gemada e diz: — Ele está sacaneando você, Oliveira.

— Eu superei isso — Quinn murmura.

Jane limpa a garganta. — E, por último, temos Thatcher Moretti.

Farrow toma um terceiro gole. — Não está batizado.

Eu me inclino para trás. Tentando relaxar com a notícia, mas ainda me sinto estranho.

Eu tiro meu gorro e tiro meu moletom, fervendo.

Oscar assobia.

Eu viro minha cabeça. Thatcher anda como uma parede de tijolos de dois metros com uma *jockstrap* vermelha. O tecido cobre seu pau. Nada deixado para a imaginação. — Hum — Jane perde a linha de pensamento — Thatcher... Moretti tem vinte e sete anos de idade... e ele é bem alto.

— Fim — diz Farrow.

— Não — Rebate Jane, mas Thatcher já parou no balcão. — Merde — Ela murmura. — Thatcher, se você estivesse preso em uma ilha, o que você levaria?

— Uma faca.

Farrow revira os olhos.

— Gire, Moretti — diz Oscar.

Thatcher hesita, mas então ele gira, faixas elásticas emoldurando sua bunda nua. Sulli e Jane dão gritinhos e os caras batem palmas sacaneando. Exceto por Farrow, que não se importa.

Meus primos começam a marcar suas pontuações, e Thatcher pega o banco do motorista, deixando Akara voltar para a sala.

Descanso os cotovelos nos joelhos, curvado.

— O que você está sentindo? — Farrow me pergunta.

— Girando levemente — digo a Farrow. — Não está tão ruim agora... — Eu perco o controle do meu pensamento quando Charlie aparece. Ele desce de seu beliche e vai direto para o motorista.

Posso ouvi-lo através da música e da conversa. — Pare o ônibus na próxima saída — Ele diz a Thatcher. — Você precisa estacionar no *Dairy Queen*.

Quê? Grito para Charlie: — É véspera de Natal. *Dairy Queen* não está aberto.

Charlie me ignora.

Eu engulo qualquer sentimento estranho que sinto no meu estômago e na minha cabeça. Meus ombros mais alinhados. Alerta.

Thatcher gira o volante, o ônibus desliza ao longo da rampa de saída. — É há uma razão? — Ele pergunta a Charlie.

— Você verá em um segundo — diz Charlie, mais preocupado do que o habitual.

Seus braços cruzados sobre o peito. Ele até fica na parte da frente do

ônibus.

Beckett desliga a música e interrompe a gravação do vídeo. Todo mundo está quieto.

Oscar segue para a frente e fala baixinho com Charlie, que mal responde. A conversa aumentou de novo, e eu dei uma olhada em Janie. — Gostaria que ele compartilhasse algo conosco.

— Ainda não sabemos o que é — Ela sussurra.

Farrow envolve um braço em volta da minha cintura. Quero jogar meu peso nele, mas minhas juntas parecem não lubrificadas e imóveis. Estou em guarda.

Talvez Charlie possa sentir meu olhar perfurando-o. Porque ele balança a cabeça por cima do ombro e diz: — Paciência não é o seu forte.

— Então me diga por que estamos indo para o *Dairy Queen* — Retruco.

Charlie bagunça seu cabelo já bagunçado. — Você sempre tem que saber o negócio de todos. Apenas relaxe. Fique no banco pela primeira vez na vida. — O rancor escorre dessas palavras.

— Eu não quero dirigir a porra do seu carro, Charlie. Eu só quero saber qual o destino.

— Achei que estávamos indo para o *Dairy Queen* — diz Donnelly para quebrar a tensão.

Não funciona.

Nada *nunca* funciona quando se trata de Charlie e eu. O ônibus para, *Dairy Queen* apagada do lado de fora da janela. O estacionamento está vazio, exceto por um *Jetta* verde surrado que não reconheço.

Assim que o ônibus para, uma batida soa na porta.

Eu congelo.

Quem diabos Charlie convidou no ônibus?

Thatcher desafivela e é o primeiro a descer as escadas e destrancar a porta. Eu o ouço se desculpar por causa da cueca e avisa à pessoa sobre o concurso.

É uma menina.

Só sei que é uma menina.

Eu levanto. Farrow se levanta.

Meu pulso bate uma quilômetro por minuto. Passos soam nos degraus, e então... minha irmãzinha aparece. Cabelo castanho-claro preso em um coque alto solto.

Luna engancha os dedos nas alças de uma mochila verde-neon.

Olhando para todos nós, com as bochechas rosadas de frio, ela diz: — Ei. Oi. Oi. Olá. — E ondas assim não são nada.

Querido mundo, como ela chegou aqui? Por que ela está aqui? Como Charlie sabia? Ela ligou para ele? Por que ela não me ligou? Nossos pais têm alguma ideia de onde ela está? Atenciosamente, um irmão preocupado.

Farrow sai na frente. — Onde diabos está JP? — O guarda-costas dela 24/7.

Akara já está com o fone no ouvido.

Ajoelho-me no sofá e inclino a cabeça para tentar espiar pela janela. Ninguém mais está no estacionamento.

— Ah... — Luna olha para Charlie. — Você não disse a eles ainda?

— Eu pensei que você deveria — diz ele, com as mãos em sua calça preta.

— O que diabos está acontecendo? — Eu quase rosno.

— Então. — Luna balança na ponta dos pés, mas mantém contato visual

comigo. — Eu meio que abandonei JP.

Eu vejo vermelho. Focando em Charlie. A única pessoa que sabia. Eu saio correndo e agarro Charlie pela manga de seu suéter.

— Fora. Agora.

Capítulo 26

Maximoff Hale

O GELO NO asfalto é esmagado sob nossas solas. Estamos perto do meio-fio da entrada do *Dairy Queen*, e o vento sopra ao nosso redor tão furiosamente quanto eu sinto.

Farrow e Oscar pairam perto. As únicas outras duas pessoas do lado de fora conosco. Provavelmente para garantir que Charlie e eu não nos matemos.

— Ela *me* ligou! — Charlie grita. — Você está com raiva da pessoa errada!

— Acho que não! — Grito, o frio queimando minha garganta. — Você é quem poderia ter me contado. Contado para *nós*. Dito a um maldito guarda-costas – qualquer um na Ômega deveria saber que ela estaria aqui sem seu próprio guarda-costas. — Eu balanço minha cabeça, raiva estrangulando meus ossos. Gritando para eu chegar mais próximo. Para sacudi-lo.

Para fazê-lo ver.

Ver como minha irmã poderia ter se machucado. Poderia ter sido sequestrada, estuprada ou assassinada em sua jornada pela porra do país. Sozinha.

— Você sabia que ela estava dirigindo para cá e não contou a ninguém! — Eu grito. — Que porra há de errado com você?!

— Que porra há de errado com você?! — Ele grita de volta, aproximando-se. Mais perto, apenas um metro e meio de distância. — Fui eu que fiquei de

olho nela! — Ele aponta um dedo para o peito. — Fui eu quem deu as direções para ela aqui! Fui eu quem garantiu que ela não se perdesse ou saísse do acostamento da porra da estrada!

— Ótimo — Zombo. — *Fantástico pra caralho*, Charlie. Se seus irmãos me procurassem, eu nunca os deixaria viajar sem guarda-costas. Então, obrigado por ajudar minha irmã, muito obrigado.

Charlie parece querer arrancar minha cabeça.

Quero arrancar os olhos dele com uma maldita faca serrilhada. Estou em busca de sangue. Eu sinto que ele *intencionalmente* machucou minha irmã. Ele é mais esperto do que qualquer um que já conheci, então, por que diabos ele arriscaria a vida dela assim? — Você tem problemas comigo, tudo bem, mas não arraste minha irmã para isso...

— Eu não arrastei — Charlie estala, e eu recuo por um único segundo. Porque ele parece ter vinte anos, sua idade real, e seus olhos piscam de dor. Essa acusação o feriu. — Ela me ligou — Ele repete. — Não há um motivo oculto. Não lamento que você não suporte o fato de ela não ter ligado para você. Que pela primeira vez em muito tempo, você não foi o escolhido. Foda-se com isso.

— Foda-se — Solto. — Este não é um concurso de mijo. É sobre a segurança da minha irmã...

— Ela me disse para não contar a você. Que tal isso? — Charlie retruca. Já estou balançando a cabeça. — É claro que você não acredita em mim. — O vento joga seu cabelo castanho-dourado. — Ela não queria que você se preocupasse, Moffy. Porque é isso que você faz.

Eu mordo. — Mas você ainda poderia ter me contado.

— Como você teria me contado se fossem meus irmãos. Se fosse Eliot,

Tom, Ben ou Audrey, você teria *compartilhado* alguma coisa comigo?

Eu fico boquiaberto. — Eu tentei, caralho. Por anos, Charlie, eu *tentei*. Você nunca responde, você nunca escreve. Você desligou na minha cara, então eu parei. Você quer que eu comece a informá-lo quando eles me ligarem? Eu vou, eu vou, porra.

Charlie range os dentes, a dor sugando seu rosto. O que é isso?

O que eu fiz? Eu sinto que estou perto de uma resposta que eu nunca vi. Nunca tive.

— Charlie...

— Eu não sou seu braço direito ou seu *ajudante*. Eu não preciso de você.

Eu respiro pesadamente como se estivéssemos correndo por nossas vidas no mesmo círculo sem fim. — Então você não precisa de mim, mas ser um bom irmão, um bom primo, inclusive, significa proteger as pessoas que amamos. E o que você fez poderia tê-la matado.

Ele balança a cabeça lentamente. — Apenas diga, seu covarde.

— Você é um primo de *merda*.

Charlie vem para cima. Deixo que ele me derrube no asfalto. Eu até deixo seu punho bater em minha mandíbula. Então, devolvo o golpe. Somos todos raiva e punhos e passados não ditos e dor.

Eu não vejo claramente até que mãos se encaixam sob minhas axilas e me puxam para trás. Eu cuspo sangue no gelo.

A maçã do rosto de Charlie incha e Oscar o agarra pela cintura. Contendo meu primo.

O arrependimento me atormenta. Atrás de mim, Farrow envolve seu bíceps ao redor da minha clavícula, o abraço protetor e calmante.

Oscar olha entre Charlie e eu. — Vocês dois já tiraram isso de seus sistemas? No momento em que pisarmos naquele ônibus, é uma zona sem combate.

Ficamos quietos.

— Maximoff — Farrow diz, seus batimentos cardíacos equilibrados batem nas minhas costas. Acalmando-me, e eu tomo essas respirações profundas que doem com pesar.

— Estamos bem — Murmuro, mas um *por enquanto* paira no ar. Porque mesmo com os punhos, abraços fugazes e desculpas tímidas – nossa discórdia parece nunca acabar.

*

Voltamos ao ônibus, e Charles segue para o banheiro. Beckett salta do sofá e o segue. A porta bate e um enfeite preso ao teto cai no chão.

Jane, Sulli e Luna estão em um sofá sob um cobertor de lã gigante. Assistindo *Babes in Toyland* na tela. Encontrei os grandes olhos azuis de Janie que diziam *calma. Seja legal.*

Vou tentar não ser durão.

A voz de Akara sai da privacidade do segundo salão. — Não, você não pode falar para sair dessa! Não há como defendê-lo! — Donnelly, Quinn e Thatcher devem estar lá, e acho que estão falando ao telefone com JP, o guarda-costas de Luna que fez merda.

Farrow e Oscar se olham.

— Eu não vou voltar lá. Já tive drama suficiente. — Oscar acampa no

banco do motorista e fecha a porta, bloqueando a primeira sala. O ônibus ainda está estacionado.

— Você precisa de gelo? — Farrow me pergunta.

— Não. — Eu estalo uma junta avermelhada, e nós dois nos sentamos no sofá disponível. Tão juntos que minha coxa pressiona contra a dele.

Luna fica boquiaberta com meu lábio ensanguentado. — Eu não pensei que você brigaria com ele.

— Está bem. — Eu passo a mão pelo meu cabelo grosso. — O que não é legal é que você se livrou de seu guarda-costas. Você sabe o quão inseguro isso é? Os paparazzi poderiam ter tirado você da estrada, você poderia ter se machucado...

— Eu estava segura — diz ela rapidamente. — Nenhum paparazzi me perseguiu e troquei meu *Kia* por aquele *Jetta* usado. Eu tinha um plano. Um *sólido* plano. E JP teria me delatado para mamãe e papai. Ambos teriam dito *não*, e eu queria estar... aqui com todos vocês.

Ela funga, os olhos lacrimejando.

— Você ligou para mamãe e papai? — Eu pergunto e me levanto.

Ela assente. — Papai quer que você ligue para ele.

Tudo bem.

Eu me aproximo e me abaixo para abraçar minha irmã. Eu aperto forte, e ela aperta de volta com mais força. — Estou feliz que você esteja segura, Luna. Eu te amo.

Suas lágrimas molham meu ombro.

Beijo o topo de sua cabeça e, quando me afasto, Jane dá um abraço lateral em Luna.

— Temos sorte de ter você aqui. Este ônibus estava em falta de Amor de Luna.

— Totalmente — Sulli concorda e passa o saco de biscoitos para Luna.

— Cuidado — digo —, esses são nojentos.

Com isso, Luna basicamente enfia o biscoito inteiro na boca e resmunga: — Legal, biscoitos de erva.

— Espera, o quê? — Minha boca cai. Farrow se levanta.

A cor desaparece nas bochechas de Jane. — Merde.

Os olhos verdes de Sulli se tornam pires. — Huh?

Luna mastiga, migalhas caem de seus lábios. — Para vocês não têm gosto de erva?

Farrow pega o saco de biscoitos quando ela vai pegar um segundo. *Obrigado*. Ele cheira o biscoito e grita: — Donnelly!

A porta dos fundos se abre e Donnelly sai, fechando-a atrás de si. — O quê? Becket? — Ele passa pelos beliches.

— Ele está bem — Farrow estala. — Você trouxe biscoitos de erva para dentro do ônibus?

Donnelly relaxa. — Sim, uma garota estava vendendo-os naquela última parada de descanso. Eles são bons, certo?

Mistério resolvido. Eu estou chapado. Caralho.

Jane se inclina para olhar para Donnelly. — Por que você não nos contou?

— Você não sabia? — Donnelly franze a testa. — Eles não são leves. Têm gosto de…

— OK, esses três — Farrow diz e aponta para mim, Jane e Sulli — nunca fumaram maconha. Muito menos a comeram. Eles não sabem qual é o gosto

dessa merda.

Sulli não consegue recuperar o queixo caído. — Achei que fosse orgânico.

Donnelly procura seu cliente. — Beckett já provou erva.

Uau. Então, acabei de saber que meu primo mais novo já fumou maconha antes. E minha irmãzinha também.

Incríveis... fatos. Eu esfrego meus olhos secos e ásperos. Mas sarcasmo à parte, fico feliz por saber.

— Ele não comeu nada — Jane diz a Donnelly.

Sulli está com os dedos nos lábios. Seu rosto de profunda contemplação em jogo. — Quando vamos sentir... os efeitos? — Ela pergunta.

— Não sei. — Donnelly dá de ombros e sai para os fundos como se nada tivesse acontecido.

— Provavelmente em breve — Responde Farrow, e ele está olhando diretamente para mim. Avaliando. Meio que sorrindo. Ele está sempre sorrindo, vamos lá. Vou ficar paranoico? Vou apenas adormecer? Meu estômago continua revirando. Talvez eu vomite e acabe com isso – ou não vou sentir nada. Eu sou imune à maconha.

O matador de maconha.

Isso não parecia certo. Eu rio. Oh, Cristo... por que estou rindo? Concentro-me em Farrow, e ele leva a mão à boca.

— O quê? — Eu abaixo a mão que esconde diversão total.

— Você é tão puritano.

Solto uma risada seca. — Você é tão engraçado.

Ele passa a língua pelo piercing no lábio. — Eu não fui tão engraçado.

Eu pisco e pisco. — Obrigado por me lembrar que você é um estraga-

prazeres.

— Eu só estrago o *seu* prazer, lobinho. Eu deixo todos os outros sozinhos.

— Obrigado duas vezes, então — digo, sarcástico, e aceno algumas vezes.

Ele acena com a cabeça também, seu sorriso crescendo e eu estou tentando muito não sorrir de volta, meu telefone toca. Interrompendo o que quer que fosse. Flerte?

Flertar com acenos de cabeça não é uma coisa.

Também não estou tentando torná-lo um. É estranho. Sou estranho.

Identificador de chamadas: *PAI*.

Tudo bem, estou chapado pela primeira vez. E posso dizer sem sombra de dúvidas que não estou preparado para nada neste momento. Não tive uma longa conversa com meu pai desde a casa do lago. Eu não posso nem te dizer como deixamos as coisas.

Era como se tivéssemos colocado um ponto-e-vírgula ou reticências no final de uma frase. *A continuar*. Sem uma ideia de quando ou onde.

Atenda a ligação, uma voz sussurra em algum lugar.

Eu sei que estou muito chapado porque ouço aquela porra de voz esquisita. E eu aceito a chamada.

Capítulo 27

Farrow Keene

MAXIMOFF ESTÁ TÃO fora de si que me deixa segurar sua mão e *guiá-lo* para a segunda sala. Eu sorrio, mas ainda não acredito que ele respondeu à chamada.

Ele segura o telefone no ouvido, ouvindo o pai falar. Não dizendo nada ainda em resposta.

Eu abro a porta. Encontro Akara e Thatcher em uma discussão acalorada sobre JP e digo: — Deem o fora. Maximoff precisa atender uma ligação, e suas duas clientes estão chapadas na primeira sala.

Todos eles disparam para o corredor.

Sozinho, fecho a porta e Maximoff afunda em um sofá, as roupas espalhadas por toda parte desde quando o resto da Ômega e eu nos despimos. Eu abaixo o volume das luzes musicais de Natal e ele pressiona o viva-voz. — … *ela está passando por um momento difícil aqui, e eu pensei em voar até você um milhão de vezes* — Seu pai diz —, *mas se sua mãe e eu arrastarmos Luna para casa, ela poderia simplesmente ir embora. Da próxima vez, pode ser em algum lugar pior... e pelo menos ela correu até você.*

Em um café da manhã enquanto esperávamos por Lily no banheiro, Lo me disse: — Acordei esta manhã e pensei, *caramba, sou um adulto*. Ainda me surpreende que eu tenha vivido tanto tempo, e Lil e eu de alguma forma conseguimos presentear o mundo com aqueles quatro idiotas. — Ele olhou com

amor para seus filhos adolescentes, a algumas mesas de distância. Kinney, Xander, Luna e Maximoff discutiam em voz alta quem era melhor: Batman ou Homem de Ferro.

— Paternidade nunca fica mais fácil — Ele me disse. — Não quando você os ama e precisa ser duro com eles, mas tem medo de quebrá-los. E você acha que está fazendo tudo certo como pai porque sabe o que está errado, mas, ainda assim, é inevitável. Nós falharemos. Sempre. Mas se eu aprendi alguma coisa na minha vida fodida, é que nos levantarmos é o que importa. E Lily e eu – ela e eu – podemos sobreviver a qualquer coisa. E se nós podemos, eles podem. — Ele assentiu com a cabeça e olhou para mim. — Palavras de sabedoria de um cara insensato. É pegar ou largar.

Eu disse a ele: — É melhor do que qualquer coisa que meu velho já disse.

Ele colocou a mão no meu ombro. — Sem ofensa, eu acreditaria mais em você se você não estivesse brigando com ele.

Eu sorri. — Verdade. — Mas eu tentei encontrar uma memória onde meu pai olhou para mim do jeito que Loren Hale olhou para seus filhos.

A medicina deveria me aproximar da família, mas nunca senti a força de uma até entrar para a segurança. Merda, eu podia sentir o quão profundo e conectados Lily e Lo eram com seus filhos. Não me surpreende o quão empático Maximoff é quando tem pais assim.

No ônibus da turnê, Maximoff digere as palavras de seu pai lentamente. — Então... — Ele diz. — Você quer que Luna fique?

— *Eu quero que ela fique? Claro que não* — Lo diz a ele. — *Mas quando ela falou comigo e com sua mãe, ela disse que se sentia internamente 'presa' como se não pudesse respirar e só precisava sair.*

A fama é um filho da puta. Sufocante. E Luna é volúvel, inquieta. Com essa combinação, não estou tão chocado que ela tentaria deixar a Filadélfia se a oportunidade aparecesse. E aconteceu com esta turnê.

Desembrulho um chiclete e Maximoff se deita no sofá, com as pernas estendidas sobre meu colo. Telefone no peito. Ele se concentra nas luzes piscando.

Eu aceno com a mão na frente de seu rosto. *Vamos, lobinho*.

— Huh? — Ele esfrega os olhos.

— *Podemos fazer FaceTime?* — Lo pergunta, preocupação em sua voz.

— Eu estou bem. — Ele lambe os lábios. — Então deixe-me ver se entendi. Luna fica aqui? — Ele tenta se sentar, mas simplesmente cai de volta.

Contenho uma risada e coloco o chiclete na boca. Ele me mostra o dedo do meio.

— *Esperamos que uma curta experiência fora de casa a faça se sentir melhor* — Explica Lo. — *Um mês no ônibus, então vamos levá-la de volta para terminar os estudos em casa. E ela concordou em ver um terapeuta novamente.* — Ele faz uma pausa. — *Você pode dizer não, Moffy. É muito para lidar, e se você estiver muito estressado...*

— Não — Ele diz rapidamente. — Quero dizer... não, não estou muito estressado, e sim, eu a quero aqui. Eu posso cuidar de Luna, eu prometo. — Maximoff aperta os olhos. Sua cabeça está girando.

— *Eu sei que você pode, amigo* — diz ele fortemente. — *Aguente aí* — Ele desliga rápido demais para Maximoff protestar e, em seguida, liga de volta pelo *FaceTime*.

— Caralho — Geme Maximoff.

Eu agarro seu antebraço e o puxo para uma posição sentada. Seu ombro contra o meu ombro, e o telefone cai no meu colo.

— Pareço estar chapado, honestamente? — Maximoff me pergunta.

Eu mastigo meu chiclete, estudando seus olhos avermelhados, suas bochechas pálidas. Ele é Maximoff Hale, a chance de alguém – sua família ou segurança – pensar que ele está drogado seria quase nula.

Mas, na verdade, ele parece 5% alto e 95% perto de vomitar. — Você parece doente — digo a ele.

— Eu posso lidar com isso. — Ele aponta o telefone para o rosto. Mantendo-me fora do quadro, e então ele atende o *FaceTime*.

Lo aparece na tela. Uma árvore de Natal de três metros decorada com guirlandas e arcos dourados cintilantes, e um enorme recorte de papelão de um Connor Cobalt, de vinte e poucos anos, está atrás dele, com um chapéu de Papai Noel e lenço em volta do pescoço.

Em dezembro, esse recorte é deslocado pela casa do lago todas as manhãs. Uma tradição para suas famílias. As pessoas têm Elf na prateleira. Maximoff tem uma réplica de um metro e noventa de seu tio.

As sobrancelhas de Lo se contraem. — *O que aconteceu?* — Ele está falando sobre o lábio quebrado de Maximoff.

Seus olhos se arregalam. Paranoico.

Minha boca se aperta em lábios finos. *Maximoff*. Eu aperto seu joelho. *Fala, cara.*

Ele pisca rapidamente algumas vezes. — Eu estou chapado.

Merda.

— *O quê?* — Lo ri. — *Você está brincando.*

Maximoff se encolhe. — Não estou. Eu comi um biscoito e tinha gosto de merda. — Ele esfrega o rosto. — Eu posso cuidar de Luna. Isso não é um reflexo da turnê... ela não vai ficar perto de drogas nem nada. Eu prometo.

— *Eu confio em você* — diz ele com confiança. — *Seu lábio?*

— Briguei com Charlie. Não é nada.

Ele estremece. — *Eu gostaria que vocês dois apenas...*

— Assim como todo mundo — Maximoff o interrompe, e ele olha para um ponto no chão.

Respirando pelo nariz, pálido. Estamos invadindo 98% perto de vomitar aqui.

Eu coloco uma mão em suas costas. Guiando-o para cima. Quando ele se levanta, ele está mais no controle. — Eu já volto — diz ele, deixando cair o telefone. Ele sai para o banheiro.

Assim que pego o telefone, Lo diz: — *Farrow?*

Ou ele sabe que estive aqui ou é um tiro no escuro. Qualquer que seja o caso, decido responder. Vamos ver o que ele tem a dizer.

Viro a câmera para o meu rosto e me sento, cotovelos nos joelhos. Curvado para a frente. Casual. Arrumo meu brinco que fica afrouxando.

Seus olhos âmbar me apunhalam, mas eu não esperava nada mais suave.
— *Maximoff não está ao alcance da voz?*

— Certo — digo.

— *Preciso saber de uma coisa*. — Ele está andando, conversas e vozes ecoando por toda a casa do lago, e então ele entra em um banheiro. Calmo, mais reservado, e ele me pergunta: — *Há quanto tempo você queria estar com ele?*

Tiro meu brinco para ajustar a parte de trás. — Desde que percebi que ele

queria estar comigo e não apenas dormir comigo.

Ele se senta na beirada de uma banheira. — *Quando foi isso? Antes ou depois que você foi contratado como segurança?*

— Muito depois, Lo. — Eu coloco meu brinco de volta. — Na época em que me tornei seu guarda-costas.

Suas sobrancelhas se contraem. — *Mas você sabia que ele gostava de você antes disso?*

Eu estouro meu chiclete. — De volta à época do trabalho com Lily, às vezes eu poderia dizer que ele estava atraído por mim, mas eu sabia que ele não tomaria nenhuma atitude sobre isso.

— *Você não estava atraído por ele então?* — Ele pergunta, a voz afiada.

Desvio o olhar e passo a mão pelo cabelo. — Você está perguntando uma merda difícil.

— *Como isso é difícil?* — Ele dispara.

— Porque ele é... — Reviro os olhos e digo claramente: — Ele é seu filho.

Lo perfura um brilho gelado. — *Ele era meu filho antes de você dormir com ele também. Mas isso não o impediu de falar comigo então.*

Eu esfrego meu lábio inferior. — OK, mas eu não quero que você revise todas as conversas que já tivemos no passado e pense que eu estava lá, *ansiando* por seu filho. Eu não estava.

Lo aperta a mandíbula. — *Eu quero acreditar em você, mas estou achando difícil confiar em você por algum motivo estranho. Oh, espere, eu me lembro por quê.* — Ele dá um meio-sorriso seco.

— Que tal começarmos de novo? — Eu peço.

Lo dá pouca importância e não fico surpreso quando ele diz: — *Talvez sim,*

talvez não — Ele acena para eu continuar. — *Você nunca me respondeu*. — Sobre se sentir atraído por Maximoff...

Eu mastigo meu chiclete lentamente. — Nem sempre fui solteiro, Lo. Eu me importava com Maximoff? *Sim*. Eu estava atraído por Maximoff, três, quatro anos atrás? *Sim*, mas posso me sentir atraído por homens e nunca sair com eles nem transar com eles.

Merda, eu nem nos chamaria de amigos. Mal éramos conhecidos naquela época. Eu balanço minha cabeça em pensamento. — Ele era jovem e eu estava fazendo minhas próprias coisas.

Lo contempla minhas palavras com um olhar paternal que nunca foi dirigido a mim. Eu olho para a porta. Quero ver como está meu namorado, mas não consigo desligar na cara do pai dele.

— *Você quebrou o coração de Lily* — Ele diz, o que significa que eu quebrei o dele também.

Engulo uma pedra. — Eu sei. — Ela me fez prometer manter Maximoff seguro, e sei que ela está se culpando, acreditando que dormi com ele em vez de protegê-lo, e ela confiou em mim. — Eu sinto muito. — Olho para a porta novamente, e eu me levanto e pego uma água da mini geladeira.

Eu espero.

Lo me observa.

— Algo mais?

— *Não.* — Ele desliga e eu reviro os olhos novamente. Fora desta sala rápido. Todas as garotas estão rindo no chão. Apontando para o teto.

Oscar acena para mim, depois para o banheiro. — Seu namorado está…

— Eu sei. — Entro no pequeno banheiro e encontro Maximoff sentado

contra a parede, perto do vaso sanitário. Seus antebraços sobre os joelhos dobrados. Pele mais ruborizada.

Parecendo melhor.

— Ei — diz ele. — Desculpe por isso.

— Sem problemas. — Entrego a ele a garrafa d'água, então me sento na frente dele, os joelhos dobrados como os dele.

No silêncio, nossos olhares perfuram um ao outro. O ar se fortalece até onde a respiração parece ferro e fogo, e eu deslizo meu braço sobre o braço dele.

Seu peito sobe. — Como foi a primeira vez que você ficou chapado?

— A primeira vez que fiquei chapado — digo, começando a sorrir —, comprei um baseado, assisti o *Mágico de Oz* sozinho e desmaiei.

Seus lábios levantam como se ele tivesse me superado. — Minha história é melhor e ganhou a sua.

Porra, não consigo parar de olhar para ele. — É uma história melhor porque nós dois estamos nela.

Ele ri uma vez. — Tenho certeza de que meu rosto em um banheiro fez ficar melhor. — Ele bebe água e então seu braço aperta meu braço com mais força.

Como se dissesse *não vá embora ainda*.

Eu não vou a lugar nenhum.

Capítulo 28

Farrow Keene

NÃO CONSIGO DORMIR.

Os advogados finalmente me enviaram alguns dos antigos ANDs. *Encontrar o stalker* é prioridade na minha mente. Eu só quero uma identidade. Dessa forma, se esse filho da puta se aproximar de Maximoff, posso contê-lo. E possivelmente arrancar seus dentes.

Eu sirvo um café, ligo um *iPad* e me espalho na cabine. Metade do ônibus dorme chapado pela erva, a outra metade está desmaiada com o drama.

E além de Oscar que está dirigindo, só encontro mais duas pessoas acordadas.

Donnelly desenha em um caderno do outro lado da cabine.

Óculos de leitura em seu nariz. Ao lado dele, Luna folheia *Fundação*, de Isaac Asimov.

Luna abaixa o livro laranja, sua pulseira tilintando. — Sabe de uma coisa engraçada? — Ela diz para mim.

— O quê? — Eu descanso meu *iPad* contra um joelho dobrado e abro meu e-mail.

— Achava que meu irmão acabaria com alguém chato, irritante ou gastador. Alguém que eu odiaria. Kinney, Xander e eu conversamos sobre isso o tempo todo, mas Moffy realmente se apaixonou por alguém legal.

Em segundos, estarei fuçando a vida sexual dele. Para ser honesto, eu

gosto da distração que ela está jogando em minha direção.

Donnelly sorri. — Ele não é legal. — Ele nem levanta os olhos do caderno. — Você sabe que ele estava na *sociedade de honra* em Yale.

— Essa 'sociedade' era na verdade um programa. — Eu uso aspas no ar.

— Mesma coisa.

— Não — digo com naturalidade. — Em um, você aparece e participa de eventos. No outro, você só faz aulas com um H ao lado do número. — Pego seu caderno e seus olhos azuis se estreitam. — E pare de menosprezar as pessoas que tentam na escola.

Ele puxa o caderno de volta. — Eu tentei. Ainda não cai bem.

— Idem — Luna diz e usa um de suas canetas para desenhar em sua rótula.

— Também não me formei — Acrescenta Donnelly e apaga parte de seu esboço.

Luna borra a tinta preta em sua rótula. — Do Ensino Médio?

— Sim.

Luna olha para ele, depois para mim. — Eu acho que ficaria bem sem escola.

Ela tem um fundo fiduciário. Ela ficaria bem, mas algo precisa motivá-la a terminar esse objetivo. A maioria das pessoas não tem o luxo de desistir.

Faço um gesto para a caneta que ela fecha. — Me dê. — Ela joga, e eu mordo a tampa e estendo o braço dela sobre a mesa. Escrevo as três primeiras linhas de *Dreams*, do The Cranberries no interior do braço dela. Olho para Luna. — Ser um aluno que abandonou o Ensino Médio sem GED[5] é triste.

Donnelly sorri. — Aconselhe ela, Farrow.

— Eu poderia ser secretamente uma alienígena triste — Ela nos diz com um sorriso bobo. — Minhas armas são meus canais lacrimais.

Hales. Eu começo a sorrir.

Donnelly retorna ao seu esboço. — *Sad Alien* seria um nome de banda legal.

— Uh-huh, pense no *merchandising* do Sad Alien. Pelúcias, escovas de dente, preservativos, consolos – slogan: *quero um alienígena triste em mim.*

Eu rio.

— Garota, pegue meu dinheiro — diz Donnelly, com forte sotaque.

Luna admira a letra em seu braço depois que eu termino, então ela pergunta aleatoriamente: — Vocês dois eram amigos do JP?

Eu tampo a caneta. — Não. Não gostava do cara.

— Nem eu — diz Donnelly.

— Ele nunca acreditou na metade do que eu disse a ele. Ele sempre ria com um *OK, huh-huh* como se eu fosse estúpida. — Luna morde a unha do polegar. — Mas me sinto culpada por ele ter sido demitido. — Em uma votação unânime, a Tri-Force rescindiu JP esta noite.

Eu não estou reclamando.

— Merdas acontecem — digo. — Seu irmão, seus pais e toda a equipe de segurança prefere que você tenha alguém em quem confie.

Donnelly assente.

Quinn agora é o guarda-costas de Luna 24/7.

Quando Akara fez o anúncio esta noite, Oscar agarrou seu irmão pelas bochechas e disse: — Você está pronto para isso, maninho. Ensinei tudo o que sei.

— Eu acho que você quer dizer que *eu* ensinei tudo a ele — Eu disse. Eu não estava tão animado com a mudança. Não apenas porque é fácil conviver com Quinn, mas porque Thatcher ainda é temporariamente o guarda-costas de Jane. Achei que ele já teria ido embora. De volta à Épsilon.

Ele até fez um esforço para me lembrar: — Nada mudou. Eu ainda estou de olho em você e Maximoff.

Eu ainda tenho a porra de uma babá.

Donnelly abaixa o caderno para apagar o lápis, e percebo o esboço de discos voadores. Isso não é algo que ele desenharia.

— Ele vai me fazer uma tatuagem no ônibus — Luna de repente me informa. Ela não poderia ter contado a Maximoff porque ele estaria acordado agora se ela o fizesse. Não consigo imaginá-lo falando com ela sobre uma tatuagem. Ele mencionou que está surpreso por ela ainda não ter uma, mas ele estaria aqui para dar apoio moral. Uma mão para segurar.

Eu dou um gole no meu café. — Você não quer acordar seu irmão?

Ela dá de ombros. — Ele parecia cansado.

Eu concordo. — Ele está.

— Vou mostrar a ele pela manhã.

Olho para os desenhos do disco voador. — O que você está cobrando dela? — Ele geralmente só faz tatuagens por dinheiro ou favores. Nunca de graça. Fico feliz porque ele poderia facilmente desperdiçar seu talento gratuitamente para amigos.

— Ela vai escrever uma ficção para mim — Donnelly diz e pega seu kit de tatuagem acima de Luna. — Ela disse que poderia fazer uma original. Uma história de *shifter*. — Ele retorna e examina suas tintas.

— Com indícios de extraterrestre — Acrescenta Luna.

Donnelly abre uma agulha nova. — Onde você quer?

Ela tira o moletom *Thrasher*, apenas um sutiã por baixo. OK, pelo menos ela não está nua. Seu irmão ficaria louco se Donnelly a visse de topless.

— Estou pensando, bem aqui. — Ela aponta para as costelas, o ponto sob o sutiã verde.

— Não estou mais aqui — digo a eles. — Se precisarem de mim, estou ignorando vocês dois. — Eu coloco fones de ouvido e os abafo com Nirvana.

Pela primeira vez, concentro-me no e-mail do advogado, um arquivo zip anexado. O número de documentos pisca na visualização. Há um monte. Eu folheio alguns parágrafos. *Este é o primeiro lote. Nós vamos enviar o resto assim que pudermos.*

Eu falei sério sobre o número dele não importar para mim. Mas não posso mentir, pensei que seria alto – mas não pensei que seria *tão* alto.

Mais do que tudo, significa que tenho muito trabalho a fazer.

Eu clico no primeiro anexo.

Nome: *Caitlyn Rice*. Data é de cerca de quatro anos atrás, e seu anterior guarda-costas incluiu uma nota com a localização. *Cidade de Nova York.*

Eu procuro na internet por qualquer informação. Dois minutos depois, concluo que ela está em uma irmandade, atualmente namorando o presidente da Alpha Sigma Phi, e ela está em Lake Tahoe para as férias.

A rede social torna isso fácil.

Não é uma ameaça. Faço um gráfico das descobertas em uma planilha do *Excel*. A Tri-Force quer toda a informação documentada. Estou encarregado de revistar seus casos de uma noite, e Oscar e Akara estão investigando os antigos

funcionários filantrópicos de Maximoff. Donnelly até descobriu que Peach McEntire está casada. Como ela não tem um motivo real, ela é menos suspeita.

Não é uma ameaça. Não é uma ameaça. Não é uma ameaça. Eu bocejo depois de uma hora sem ameaças. De pé, procuro nos armários o *Ripped Fuel*.

— Aqui, Redford. — Oscar aponta para o banco do passageiro onde está a jarra. Eu afundo e relaxo no assento, *iPad* sob minha axila. Abro o pote, chutando o porta-luvas. Enfio três comprimidos na boca.

Oscar olha para mim, depois para a estrada. — Você acabou de pegar três de uma vez?

— Sim — Eu o sintonizo com meu fone de ouvido. Ele arranca o cordão. — Estou trabalhando — digo com as sobrancelhas levantadas.

— Eu nem estou anotando suas horas, e posso dizer que você precisa dormir. — Seus olhos voam para mim novamente. — Mano, você não vai dirigir no próximo turno. Estou acordando Akara.

Eu não me importo. Coloco meu fone de ouvido e volto ao trabalho.

Trinta minutos se passam e sinalizo um AND de uma garota obcecada por celebridades que é prolífica no *Instagram*. Outro se destaca para mim, um cara cujas histórias no *SnapChat* incluem passar por cima no trânsito.

Então eu chego *Vincent Webber.*

Herdeiro de um magnata do petróleo. Seu *tweet* recente:

@CelebrityCrush Maximoff e Jane são estranhamente próximos. Você não precisa se desculpar. A merda é verdade. Vi em primeira mão.

O *Celebrity Crush* respondeu em sua conta real:

@WebTown333, você poderia nos enviar um DM? Gostaríamos de entrar em contato e tirar algumas dúvidas.

@CelebrityCrush com certeza. Eu poderia enterrar aquele bastardo.

Meu nariz se infla e eu olho, sem piscar, para sua conta no *Twitter*. Maximoff dormiu com esse maldito idiota.

— Eu conheço esse olhar — diz Oscar.

— Olhar? — Eu digito Vincent Webber na planilha do *Excel*.

— Olhar territorial de pit bull que você tem quando alguém está fodendo com seu cara. — Ele muda de faixa.

Eu digito mais informações. — Eu não gosto de saber que ele andava com caras que não davam a mínima para ele. — Eu balanço minha cabeça. — Especialmente porque Maximoff se *preocupa* com as pessoas. — Até mesmo seus casos de uma noite.

— É por isso que ele não está pesquisando nada disso — Oscar me diz.

— Eu sei.

Maximoff não precisa saber que uma página está falando merda sobre ele.

É o meu trabalho. Não dele. Termino de inserir mais dados.

Vincent Webber acabou de subir na minha lista. Ao lado de Jason Motlic, o ex-nadador.

Encontre o stalker. Meu mais rápido tem que ser rápido o suficiente.

Capítulo 29

Maximoff Hale

ALGUMAS HORAS ATRÁS, Janie tentou me preparar para o Réveillon em uma boate em Dallas. Com as mãos nos meus ombros, ela disse: — Repita depois de mim: *eu, Maximoff Hale...*

— Eu, Maximoff Hale — digo com os braços cruzados. Pronto para um final apocalíptico esta noite. É o que Donnelly disse: a Maldição dos Hale. O que der errado vai dar errado para os Hales. Agora, há dois Hales nesta viagem, e eu estava bem com as catástrofes acontecendo comigo. Com a minha irmã?

De jeito nenhum.

—*… confio em Jane Eleanor Cobalt* — Ela continua.

Isso era fácil de dizer. — ... confio na minha melhor amiga.

Ela sorriu. — *Para ser a melhor acompanhante de Luna Hale, o que inclui muita diversão, um beijo noturno em um estranho e segurança do mais alto nível.*

Eu faço uma careta. — Janie…

— Noite de garotas, meu velho. — Ela ergueu o queixo. — Vou festejar com Sullivan e Luna, e você não tem permissão para pairar ou me proteger. Elas são minha responsabilidade, e é isso.

Eu confio em Janie com toda a porra do meu coração. Então, eu balanço a cabeça e cedo.

Alerta de spoiler: *perdi as garotas de vista em vinte minutos.* A boate é

gigantesca. Três andares de varandas têm vista para um lotado fosso de dança. Luzes estroboscópicas coloridas acariciam os corpos que balançam e giram. Um DJ gira em uma mesa, amplificadores tocando minha música eletrônica favorita.

Esta poderia ter sido uma zona de desastre para a segurança e nossos guarda-costas, mas o público não tem ideia de que estamos em Dallas. Além disso, as luzes estroboscópicas obstruem nossos recursos. Tornando-se humanos sem nome e sem rosto. Nenhum de nós foi localizado.

Nenhuma vez.

Eu nem estou rígido ou alerta. Estou no fosso, dançando tanto quanto qualquer um pode com corpos lotados. Rosas brilhantes, laranjas e roxos banham o clube. Luz varrendo as multidões.

Como se eu estivesse em um mundo de fantasia. A música bombeia e amplia meu pulso. Eu me deixo levar.

Uma mão desliza pelo meu pescoço. Farrow está na minha frente. Pressionado contra mim enquanto nos movemos para uma batida hipnótica. *Em público*. Estamos em público. O fato eleva essa sensação eufórica, leve como o ar, que me deixa tonto.

Inebriante, intoxicante – e eu o puxo ainda mais perto. Minha mão forte em seu abdômen, subindo por suas costas.

Seu olhar escorre em uma trilha escaldante pelo meu corpo. Bolhas de suor na minha pele, e mesmo com as pessoas ao nosso redor – alguém nas minhas costas, ao meu lado – eu só o vejo.

Bem aqui. Agora.

Óculos de sol NYE[6] com o ano descansa no cabelo, puxando para trás os fios brancos. Ele é lindo pra caralho. Luzes azuis iluminam seu rosto.

Depois vermelha, depois fúcsia.

Eu o devoro e este momento. Nossos olhos dançam ao longo de nossos corpos, e quando eles se encontram, eles se acariciam repetidamente. *Beije-me, cara.*

Sua mão aquece minha pele e aperta com mais força. Testas quase se tocando, nos movemos com força carnal. E minha boca se abre em uma respiração superficial, um ruído áspero preso na minha garganta. Farrow se concentra em meus lábios, sua mão se deslocando para minha mandíbula.

Estou sonhando?

Cristo, isso parece um sonho emocionante fora do corpo. A emoção me domina a um ponto sem retorno. Meus olhos ardem. Minha pulsação acelera. Nunca na minha vida pensei que poderia experimentar *isso*.

Um homem para chamar de namorado. Um homem para dançar no meio da multidão. Acordar até. Para ir para a cama. Amar.

E ser amado.

Mas aqui está ele.

— Farrow! — Eu grito por cima da música.

Ele lê meu olhar inebriante, e uma batida tensa de virar a terra passa.

As palavras perdem o sentido. Ele agarra minha camisa, inclinando-se ainda mais para mim.

Seus lábios roçam minha orelha e ele sussurra: — Eu também.

Maldito.

Canhões de purpurina e confete explodem do teto abobadado. Regam o fosso de dança e seu cabelo, meus ombros. Serpentinas de papel impedem nossa visão. Meu corpo vibra com a energia inexplorada que a dança não vai liberar.

Nossas mãos parecem se apertar ao mesmo tempo.

Nós dois na mesma sintonia, nós saímos da multidão.

*

Não posso tocar em Farrow. Não enquanto estamos no balcão de *check-in* de um hotel cinco estrelas.

Piso de mármore, candelabros de ouro brilhando acima, convidados em elegantes vestidos e ternos de coquetel se reúnem em um bar de estilo *speakeasy*[7] nas proximidades.

Aposto que você acha que vou muito a esses lugares luxuosos. Eu não vou.

Na verdade, não muito.

Não estamos vestidos para um estabelecimento metido. Eu, de jeans escuro, camisa branca de manga comprida e uma pequena mochila de viagem pendurada no ombro. Farrow, calça preta e uma camisa em decote V preta, dos Ramones. Ele se inclina no balcão e manda uma mensagem para Ômega que saímos da boate.

Atrás do balcão, o concierge, um homem bem arrumado e vestido de *smoking*, examina minhas feições. Ele sabe quem eu sou, mas não tem certeza. Talvez eu seja um sósia de Maximoff Hale.

Pego minha carteira. — Uma noite, sua melhor suíte. — Eu não quero ouvir o custo. Acredite em mim quando digo, quase nunca gasto dinheiro com tanta leviandade. Mas eu deslizo um *Amex* preto e minha identidade para o concierge.

Farrow avista e a surpresa levanta suas sobrancelhas.

O porteiro anima-se com o cartão. — Imediatamente, Sr. Hale. Acredito que nossa melhor suíte está disponível. Deixe-me verificar com a gerência. Só vai demorar um segundo. — Ele se afasta para alertar a equipe de que uma celebridade está aqui.

Farrow coloca o telefone no bolso, sua surpresa ainda lá. — Você tem um *Amex* preto?

Desde que ele se tornou meu guarda-costas, não o tirei, até agora.

— Pelos benefícios da viagem — Explico. — Eu não uso muito. Definitivamente não é para estranhos ou… — *casos de uma noite*. Verifico a hora em meu relógio canvas. — Não é grande coisa.

Ele sorri e examina os candelabros, as estátuas de mármore que flanqueiam a entrada giratória, os carregadores e depois eu. *Conscientemente*.

Eu tenho os meios para presentear meu namorado com algo diferente de um beliche abarrotado ou um quarto sem graça, então estou cuidando dele, porra.

Abruptamente, o recepcionista volta e, enquanto fala, me entrega os cartões-chave em um envelope, sorri agradavelmente e descreve as muitas comodidades do hotel.

Mas eu só estou pensando em uma maldita coisa.

Não pareça apaixonado pelo cara ao seu lado.

Eu me forço a não me virar. Não para encontrar o olhar forte de Farrow. Eu poderia ser arrebatado por ele. Fácil pra caralho.

Assim que minha conversa com o recepcionista termina, Farrow e eu entramos no elevador mais próximo. Ele está bem ao meu lado, a uma fodida respiração de distância. *Não olhe para ele*. Eu pressiono o número mais alto e

faço um balanço das câmeras de segurança.

Não pareça apaixonado.

As portas se fecham. Subindo.

Meus músculos flexionam; eu posso senti-lo mudando, sua respiração se aprofundando. O elevador é uma sauna, sua confiança casual irradia como sexo derretido. *Não olhe para ele.*

Jesus Cristo.

Os números sobem muito lentamente e, sozinho, neste elevador, minha força de vontade simplesmente despenca. E eu olho para a minha esquerda. Direita de Farrow.

Sua cabeça se vira lentamente para mim e seus olhos se fixam nos meus, nossos peitos se erguendo em uma respiração tensa. Queimando. Para cima. Tensão chegando a um grau insuportável e doentio.

Eu cerro minhas mãos em punhos esbranquiçando. *Não se mova. Não toque nele.*

Poças de sangue, pulsação martelando em meu pau. *Deus, eu o quero.*

Eu olho Farrow novamente.

Ele prende os óculos de sol de NYE no decote em V e depois passa os dedos pelo cabelo branco descolorido. — Você está me matando, porra. — Ele tenta desviar o olhar, mas depois de um milissegundo, ele olha de volta para mim. — *Caralho,* Maximoff.

Eu não tenho ideia de que tipo de olhar eu tenho. *Me beija, me fode, me ame*… algo maior do que todos os três.

Meus bíceps flexionam enquanto descanso as palmas das mãos na cabeça. Imagino Farrow vindo atrás de mim. Suas mãos acariciando cada maldito

centímetro de carne: meus braços, meu abdômen e peito, mais abaixo... me agarrando – e minha cabeça inclina para trás.

Me fode. Pisco em uma breve fantasia. Estou segurando minha nuca e, na verdade, estou olhando para o teto do elevador. Fixamente.

Olho para Farrow.

Ele sorri e me dá uma olhada lenta. — Nunca pensei que ficaria com ciúmes da versão imaginária de mim mesmo, mas estou chegando lá.

Sininhos do elevador.

O corredor é um borrão. Eu toco em uma mente de uma faixa que diz *porta, destrancar, fodê-lo, meu pau, seu pau, gozar.*

Então, quando entramos na suíte de luxo, Farrow chuta a porta para fechá-la e eu imediatamente o empurro contra a madeira.

— Caralho — Ele amaldiçoa com voz rouca. *Mais próximo. Mais.* Nossas mãos febris funcionam como estamos morrendo e soldar juntos é a única maneira de sobreviver.

Corpo contra corpo, nossas bocas colidem como um acidente de carro. Ele morde meu lábio, e um ruído de lobo ressoa dentro da minha caixa torácica. *Porra, sim.*

Ele aperta minha mandíbula enquanto eu abro sua boca com minha língua. Calor explodindo dentro e fora e em todos os lugares. Farrow segura o tecido da minha camisa.

Eu toco seu pescoço, seus braços, seu peito, sua cintura, sua bunda. Minhas palmas não sei mais onde diabos elas querem pousar.

Elas só querem tudo dele.

Farrow engancha os braços sob os meus. Girando-me em um movimento,

minhas costas batem na porta. Um grunhido sai da minha garganta, os nervos acendendo como o apertar de um botão.

Ele estica meu braço alto. Sobre minha cabeça, preso à porta, e meu punho se desata para entrelaçar seus dedos tatuados com os meus. Farrow chupa meu pescoço, meu queixo, e minha cabeça se inclina. *Caralho, sim*.

Minha mão livre mergulha em suas costas, sob seu cós e cueca boxer. Eu aperto sua bunda com força. Ele murmura meu nome e uma maldição contra o meu ombro.

Reunindo forças, eu puxo nossos braços para baixo e então o levo para trás. Atrasando-nos, e ficamos ligados. Minha mão ainda em sua bunda.

Ele aperta meu pescoço, sua boca pairando perto da minha. Mas o olhar dele vagueia pela suíte.

Nenhuma cama perto.

Estamos na espaçosa e chamativa sala de estar da enorme suíte.

Oleandros se regalam em finos vasos de ouro. Um lustre de cristal paira sobre duas cadeiras esmeralda e um sofá de veludo azul-escuro. E uma janela colorida cobre toda a parede, o horizonte de Dallas brilhando no escuro.

Uma espécie de magia de Réveillon estala o ar.

— Uau — Ele murmura, então seus olhos tocam os meus, e seu sorriso toma forma. Seus dedos tatuados desabotoam minha calça jeans enquanto eu o levo de costas para o sofá azul-escuro.

Nossas línguas lutam, e eu deslizo a minha sensual, lentamente ao longo dele, e ouço seu gemido sufocado antes de perguntar: — Eu sou a melhor vista, hein?

— Você é definitivamente a visão mais arrogante — Ele sussurra contra a

minha boca.

Seu piercing escova meu lábio.

Passamos pela mini geladeira e eu separo nossas bocas só para perguntar: — Precisa de uma bebida?

Farrow sorri. — Não. Você?

Eu dou uma olhada nele, fodendo lindas tatuagens de pardal em sua cintura. Desenho minha atenção para baixo. Eu lambo meus lábios. — Substitua a *bebida* pelo *seu pau*.

Ele abre o zíper da minha calça jeans. — Você precisa do meu pau? — Cristo, sua voz rouca está praticamente acariciando minha ereção. — Parece que queremos a mesma coisa, lobinho. Porque eu preciso do seu.

Caralho. Tiro a camisa dos Ramones de sua cabeça. Nossos movimentos mais fortes, mais rápidos. Faminto. Minha mão desce a tatuagem ao longo de seu abdômen esculpido, então eu desabotoo seu cinto. Apressado.

Suas costas batem na janela inteira. Ele tira minha camisa, rasgando o colarinho.

Somos membros, pele e respiração batendo juntos enquanto ambos lutamos para deixar o outro nu.

Ele puxa o jeans pelas minhas coxas, e eu vou perder essa luta porque ele está usando botas de cadarço que vão me levar um maldito século para desfazer.

Eu deslizo minha mão para baixo em sua cintura. Encontrando-o excitado sob a cueca boxer, eu o agarro com uma pressão perfeita.

Seus músculos se contraem, e ele cerra, a respiração quente através de seu nariz.

— *Caralho* — Ele amaldiçoa, com a mão segurando meu rosto, então,

minha garganta.

Cuidado, ele sempre tem cuidado com isso.

Farrow enfia a mão no meu pau por cima da cueca boxer e aperta – *foda-me*. Eu rosno um ruído profundo, minha mão em punho na janela perto de sua mandíbula.

Ele sussurra em meu ouvido: — Você gostou disso. — Ele me esfrega.

Porra, Cristo. Minha cintura se move. Empurrões. Querendo mais. E mais. E mais.

— *Caralho*, Maximoff — Ele resmunga.

Eu agarro a parte de trás de sua cabeça. — Apenas me fode, cara — Gemo. Morrendo. Seu pênis se agita sob minha mão. — Você quer tentar? Esta noite?

Eu assinto, seguro. — Sim.

Um sorriso surge em sua boca.

Fiquei impaciente nas outras paradas do hotel e precisávamos dormir. No entanto, estou ciente de que geralmente acordo com ele trabalhando. Mas não progredimos *me* aquecendo para ficar embaixo há algum tempo. Não desde Cleveland.

Esta noite, isso muda.

Capítulo 30

Farrow Keene

A HUMILDADE DE Maximoff termina na cama, mas, caramba, seu ego é justificado. Apenas beijá-lo é como um despertar divino.

Mas estou aqui para mais do que uma experiência alucinante. Ele nunca confiou em alguém como ele está prestes a confiar em mim, e eu levo isso a sério.

Deitado nu no sofá azul-escuro, carrego meu peso sobre Maximoff.

Nossas bocas se esmagam e, para mantê-lo relaxado, não me apresso. Respirações pesadas, nossas mãos e bocas se exploram em longos e ferventes minutos.

Mesmo sob mim, ainda mais vulnerável, sua confiança obstinada não diminui. Todo o seu corpo se contrai no meu, a mão agarrando meu cabelo.

Uma pedra quente se aloja em minha garganta.

Nós nos beijamos mais forte, e peito a peito, pélvis esfregando contra pélvis, eu aperto nossas ereções e nos acaricio juntos – sua mão calejada afasta a minha. Assumindo, ele nos esfrega. Adicionando fricção mais intensa da porra de todo o inferno.

Isso não pode acabar antes de começar.

Eu mudo meu joelho e abro suas pernas. Os tendões do pescoço e das coxas ficam tensos.

— Caralho, cara — Ele murmura, olhando meus movimentos mais

fixamente. Ele ergue seus ombros largos no apoio de braço, ligeiramente inclinado e levantado.

Eu seguro seu queixo e beijo sua bochecha. — Relaxe — Eu respiro.

Ele exala uma respiração irregular. — Obrigado, eu não pensei nisso — diz ele, todo sarcasmo.

Reviro os olhos em um sorriso e então guio sua mão para longe de nossos paus.

— Não nos masturbe, espertinho.

Ele se flexiona com a minha voz. — Caralho — Ele rosna, a cabeça quase caindo para trás.

Droga. Ele coloca a palma da mão na minha bunda e eu deixo cair o pé, do sofá para o chão.

Eu me inclino e abro o zíper da mochila. Lubrificante, *check.* Consolo, *check*. Não tão longo ou largo quanto meu pau, mas esta é a marca exata e o tamanho que ele está acostumado. Temos que começar de algum lugar, e se ele fazia isso sozinho, então deve ser capaz de fazer comigo.

Minha boca volta para a dele enquanto passo o comprimento do consolo. Ele aprofunda o beijo, e eu coloco meu braço sob seu joelho e agarro o apoio de braço de veludo. Elevando a perna.

Ele quebra nosso contato labial, seu peito subindo e descendo como se estivesse subindo uma colina íngreme.

Eu lentamente chupo sua mandíbula, sua orelha, e sussurro: — Eu não vou machucá-lo, lobinho escoteiro. *Confie em mim.*

Maximoff olha diretamente para mim. Como se ele estivesse se lembrando de quem eu sou.

Ele varre minhas feições: meus bíceps esculpidos que o envolvem de forma protetora e meus olhos que acariciam os seus, verde-floresta.

Ele relaxa, os músculos se soltando. *Aqui vamos nós.*

Ele dobra o outro joelho em direção às costelas, dando-me acesso, e agarrando meu pescoço, ele traz minha cabeça para a dele – nossas bocas se encontram.

Começo a sorrir, seu beijo áspero e agressivo alimenta minha própria necessidade. Minhas veias vermelhas pulsam.

O suor se acumula em sua pele bronzeada, e eu roço seu buraco com o consolo lubrificado. Ele se separa da minha boca, e eu balanço minha cabeça.

— Relaxe, relaxe — Sussurro em um beijo carinhoso.

Minha voz o acalma. Eu posso dizer claramente. Seu peito desmorona em um respiração mais profunda, e seus músculos começam a relaxar. Eu estudo suas reações e empurro mais fundo. Excitação abre sua boca. *Ele realmente gostou disso.*

Seu aperto aumenta em meu bíceps e minha bunda. Nossos rostos a centímetros de distância. Eu mantenho uma mão no apoio de braço para garantir que sua perna permaneça içada. Mas meus dedos ficam brancos, os músculos queimando.

Porra, eu quero meter meu pau nele. Eu cerro os dentes, mas meus quadris arqueiam em Maximoff por instinto.

Ele morde, excitado, e seus olhos se estreitam em um brilho. Perfurando quente em mim. — Foda-me, cara — Ele quase rosna em agonia de prazer, seu gemido retorcido me agarrando.

Caraaaalho. Minha bunda flexiona e eu dirijo o vibrador mais fundo.

Seu pescoço está tenso de desejo. — Deus. — Seus olhos quase rolam. — Mais forte. *Mais forte.*

Eu o tomo sendo mandão sobre ele estar com medo todos os dias, todas as noites. Eu pego seu lábio entre meus dentes, então eu me movo com mais força. Eu me movo contra ele. E eu o preencho. Posso dizer que ele está acostumado com isso porque ele tenta alcançar para isso, mas ele lembra que estou controlando a velocidade.

Ele simplesmente deixa ir. Sua mão voltando para o meu bíceps. Confiando.

Eu o beijo fortemente e bombeio o brinquedo.

Sua cabeça tenta cair para trás. — Caralho — Ele geme.

Eu coloco um travesseiro embaixo de sua bunda. Levantando-o, e quando eu o penetro novamente, suas pernas vibram, oprimidas, atingindo o ponto mais sensível no local.

Porra, Maximoff.

Nossas ereções se destacam contra nossos peitos duros, e cada vez que eu empurro para frente, nós nos esfregamos. Eu cronometrei meus movimentos com o brinquedo, e seu rosto fica vermelho, prendendo a respiração.

Meu nariz queima, o suor formando bolhas na minha pele. Estou andando no mesmo limite que ele.

— Farrow — Ele se engasga, seus olhos tentam rolar novamente.

Porra, não consigo parar de *olhar* para ele, sua excitação primitiva e crua; está enviando-me para uma nova altura. Nosso pré-sêmen molha seu peito, meu peito.

Nossas bocas se roçam enquanto eu balanço para frente, perto. Perto pra

caralho – ele faz um barulho que nunca fez antes, quase um ganido de lobo. — Oh, caralho — Maximoff geme. — *Goze em mim.*

Estou amarrado em sua porra de existência. Eu bombeio meus quadris mais rápido, a fricção como uma mão, e ele solta meu bíceps apenas para me acariciar. Essa pressão – eu empurro para frente. *Porraporraporra*. Eu gozo, pingando, e seu peito brilha.

Eu gemo, minha cintura balançando. Eu empurro o consolo mais fundo, e sua boca se abre, a cabeça inclina. Contrai em torno do brinquedo em um orgasmo de próstata. Eu queria que fosse meu pau.

Seus olhos perfuram o teto em um clarão e depois reviram. *A minha cara de prazer favorita*.

Eu o agarro como ele me agarrou. Seus músculos se contraem e ele goza em nossos peitos. Eu poderia facilmente endurecer novamente.

Mas eu me concentro mais nele quando ele desce. Ele parece saciado, contente. Eu começo a sorrir. *Bom*.

Tiro o consolo de Maximoff e o coloco de lado, depois, limpo as mãos e o peito com uma toalha.

Ele se senta um pouco mais e estica as pernas, entrelaçando-se com as minhas.

Ainda por cima, agarro os apoios de braço de veludo ao lado de seus ombros. Observando-o me olhar, mais intensamente. Ele está olhando para mim como se eu fosse mais do que uma fantasia.

— Eu sou real — Eu respiro, fazendo com que sua respiração fique superficial — e mais velho, mais forte, mais sábio...

— Obrigado — diz ele secamente — por essas mentiras adicionais.

Meus lábios se curvam mais. — A qualquer hora, lobinho.

Os fogos de artifício da véspera de Ano Novo explodem na noite da cidade. Estrondos altos atingem o ar e a luz cintilante pisca pela janela e ilumina a suíte cinco estrelas.

Mais do que a boa merda, estou extasiado com o fato de que ele fez essa visão acontecer para mim. Quando ele não faz isso por ninguém. O gesto troveja em meu âmago.

Maximoff se concentra em minha boca, e eu leio *beije-me, cara*, em seu verde-floresta.

Eu não desisto tão facilmente. Eu me inclino para perto e, com a voz rouca, digo a ele: — Meu esperma está no seu peito.

Sua mandíbula fica tensa, seu pênis quase excitado. Ele olha para baixo em seu abdômen, então para mim. — Eu não sei do que diabos você está falando.

Eu assobio. — Agora ele está realmente mentindo.

Maximoff olha diretamente para mim, suas defesas abaixadas, mas uma força de vontade de ferro endurece seus olhos. — Eu não poderia ter feito isso com ninguém além de você.

Isso chega até mim. Eu inalo. — Eu diria... — Eu o beijo, carinhoso e breve, e ele retribui, tão suave e quieto, nossos pulsos desacelerando juntos. — 'Imagine como é quando você tem a coisa real', mas tenho certeza de que você já imaginou isso mil e uma vezes.

Ele faz uma careta. — Eu gosto de como você acabou de escolher um específico número aleatório fora de sua bunda. — Seu sarcasmo é claro.

— Bom, vou fazer mais. — Passo minha mão por seu cabelo grosso e desgrenhado. — Isso facilmente foi para o meu top cinco.

— O sexo? — Ele pergunta.

— Sim.

Sua mente está cambaleando, e é difícil adivinhar onde seus pensamentos acabaram de espiralar. Ele está parcialmente sentado contra o apoio de braço, e seu braço engancha em volta dos meus ombros.

Seu foco volta para mim e ele pergunta: — Você prefere ficar em cima?

Maximoff — Gosto dos dois, igualmente. — Para deixar claro, digo a ele: — Mas eu poderia ficar bem apenas fazendo um ou outro.

Ele pensa muito.

Eu dou a ele um olhar confuso. — Se você não quer ficar por baixo nunca mais, diga agora.

— Eu quero — diz ele, a voz firme. — Obviamente. — Sua mandíbula se afia, seu abdômen contraído. — Estou pensando em qual você prefere mais e se já fui egoísta alguma vez…

— Deixe-me pará-lo aí — digo, e rapidamente descubro uma maneira de explicar isso. — Você é bissexual…

— Eu sou? — Ele brinca.

Que espertinho. Reviro os olhos, mas continuo: — Você se compromete comigo. Você não *precisa* de uma garota. Mas você se sente atraído por garotas. Mesma coisa. Eu gosto de ambos, mas estou bem com um cara para sempre. Faz sentido?

— Sim. — Mas ele desvia o olhar. Pensando de novo. Porra.

Refaço minhas palavras. OK, eu disse “para sempre” e não tenho certeza se ele pensa tão à frente. Ele é jovem e eu sou seu primeiro namorado. Não estou tentando assustá-lo. De forma alguma.

— Eu não acabei de te pedir em casamento — digo casualmente — Acalme-se, lobinho.

Maximoff rosna: — Estou calmo — Ele ouve sua voz afiada, então suspira sua frustração. Ele quase sorri quando avista um sinal do meu.

Ele acena com a cabeça uma vez, os olhos em mim. Um olhar que me acende em chamas. Nós nos sentamos totalmente ao mesmo tempo, e ele agarra a parte de trás da minha cabeça. Nossas bocas se esmagam novamente.

Fogos de artifício explodem em rápida sucessão para o final, mas nenhum dos dois está pronto para esta noite terminar.

Capítulo 31

Farrow Keene

DEPOIS DE UM banho rápido na suíte, saímos correndo. Eu jogo uma toalha nele, nós dois pingando água. Nossos telefones começaram a zumbir ao mesmo tempo. Eu verifico o meu.

Akara: *Ligue seu rádio*

Donnelly: *Você precisa do seu rádio, o chefe está ficando bravo*

Thatcher: *Rádio.*

Oscar: *Mano, pegue seu rádio.*

Quinn: *Todo mundo me disse para enviar uma mensagem de texto para você pegar seu rádio.*

Pode ser sério ou sem importância. Não estou em pânico. Eu olho para Maximoff, que lê suas próprias mensagens antes de eu sair para a sala. Encontrando meu rádio debaixo de uma cadeira estofada. Eu me agacho e agarro a coisa.

Maximoff aparece, telefone na mão. Seus ombros nivelados como se ele pudesse se juntar a uma equipe de resgate. Eu quase sorrio. Porque esta é a postura dele quando está apenas escovando os dentes.

— E? — Eu pergunto enquanto desembaraço o fio do meu fone de ouvido.

— As meninas deixaram o clube. — Ele usa o braço para esfregar água na

têmpora. —Elas estão em um restaurante 24/7 e perguntaram se queríamos alguma comida para viagem.

— *Merda* — Xingo, apertando um botão no meu rádio. — Está morto. — Eu me levanto rapidamente e pego minha calça, cavando nos bolsos. Sem baterias.

Veja, se a ESO mudou de local e eles acreditam que Maximoff eventualmente se encontrará com seus clientes, então, eles vão querer manter contato comigo via rádio. Daí o ataque de mensagens.

Coloco uma nova cueca boxer preta. — Tenho mais baterias no ônibus — digo, agarrando a calça e o cinto. Estacionamos o ônibus da turnê no estacionamento VIP da boate. Apenas a dez minutos a pé deste hotel.

Não vou ser multado por merda sem sentido, e perder mil dólares por um rádio desligado é o mais inútil possível.

Vestindo rapidamente, Maximoff e eu rompemos na noite fria. Ele puxa o capuz de seu moletom do *Philadelphia Eagles*, e eu fecho minha jaqueta de couro.

Dallas ainda está viva quando o Ano Novo chega, pessoas bêbadas comemoram nas calçadas. Cartolas douradas na cabeça e boás de penas no pescoço. Mais fogos de artifício estouram, mas com menos frequência.

Eu amo cidades tensas que nunca dormem.

Maximoff bebe na atmosfera frenética. Nenhum paparazzi ou fãs gritando interromperam o momento ainda.

Caminhamos passo a passo em sincronia, aproximando-nos um do outro. Ele quase dá um bocejo, mas escapa com um suave: — Caralho.

Minha boca se abre. A suíte era um quarto seguro, então eu digo: — Você

poderia ter dormido no hotel. Sou capaz de pegar baterias sozinho.

Suas bochechas estão coradas de frio e ele enfia as mãos nos bolsos do moletom.

— Você provavelmente se perderia — diz ele secamente. — Habilidades direcionais são a primeira coisa a perder depois que eu faço alguém gozar.

Eu rio uma vez. — Isso é fofo, mas você não precisa de uma desculpa para sair comigo.

Ele rosna em um gemido agravado — Vai se foder — Os cantos de seus lábios começam a se levantar.

Meu sorriso está me matando. Levo toda a minha energia para não agarrar a mão dele. Em vez disso, enquanto olhamos para a frente, eu me inclino mais perto, e nosso ombros se tocam.

Sua postura muda.

— Aquele é Maximoff Hale? — Eu ouço a voz feminina, cerca de seis metros à nossa frente.

Grupos de mulheres fumam do lado de fora de um bar sofisticado.

De trinta e poucos anos, todas em vestidos de coquetel com lantejoulas, elas balançam nos saltos e se concentram em Maximoff.

Eu abaixo minha voz. — Ignore-as. Não faça nada. — Sua reação instintiva será reconhecer os fãs, mas pelo bem de seus primos e do anonimato deles, ele não pode deixar vazar esse local.

Maximoff fica mais rígido. Ele move a cabeça ligeiramente. Seu capuz esconde parcialmente suas feições, mas não tão bem. Temos que caminhar em direção às mulheres e ao bar, só para passar por elas.

Uma mulher leva as mãos à boca. — Maximoff Hale!

— Podemos tirar uma foto?! — Outra mulher grita.

— Eu quero mais do que uma foto — diz sugestiva e muito alto.

Não fico ‘boquiaberto’ com Maximoff ou com as mulheres. Introdução a Guarda-costas para esta situação: olhe para a frente.

Caminhe.

Não se envolva.

— Oh, meu Deus, ele é mais gostoso pessoalmente.

— É mesmo ele? Ele pode nos ouvir?

Entramos em linha direta com o bar.

— Você é Maximoff Hale? — Uma mulher loira está prestes a nos cortar, mas eu astutamente saio do meu caminho e caminho em direção a ela. Fazendo-a ficar parada e bloqueando-a do meu cliente.

— Isso acontece muito com ele — digo à mulher enquanto caminho para trás, em direção a Maximoff, que nunca para de andar à frente.

Ela me examina. — Quem é você? — Ela pergunta, mas eu já estou girando. Alongando meu passo, estou ao lado de Maximoff em um segundo rápido.

Eu tento ler sua expressão. — O quê?

Ele sopra em suas mãos frias. — No começo eu me senti mal por não parar para elas, então eu vi você fazer *aquilo*...

— Meu trabalho — Defino.

— ... agora eu quero te foder — Ele termina fortemente.

Meu sangue esquenta. — Não se cansa do seu guarda-costas — Provoco. Ele levanta um dedo do meio.

OK, precisamos alcançar esse ônibus. Porque tudo que eu quero fazer é

colocar meu braço ao redor de seus ombros. Aquecer suas mãos. Tocar nele.

Na maior parte da jornada, ficamos quietos e ele observa as pessoas mais do que as pessoas o observam. O elegante ônibus preto está na parte de trás do estacionamento VIP.

Cumprimento os funcionários da boate com um aceno de cabeça e um breve aceno.

E chegamos à porta do ônibus. Eu a desbloqueio e nós dois subimos.

Paramos no primeiro salão. Ouvindo gemidos profundos. Gemidos agudos. Todos originários da parte de trás. A porta da segunda sala está fechada.

— Que porra é essa — Murmura Maximoff.

— Pode ser Jane — digo, mas ela nunca disse que Nate se juntaria a nós em Dallas.

— Não pode ser. Ela está com as meninas. — Maximoff já está cobrando por respostas. Merda.

Eu sigo de perto e agarro seu ombro, parando-o antes que ele gire a maçaneta.

— Você não sabe quem diabos está atrás dessa porta — digo humildemente. Pode ser ESO, um de seus primos, ou um estranho, seu *stalker*, alguém que não examinamos.

Eu o puxo atrás de mim.

Os lamentos orgásticos ressoam no ar, altos pra caralho. Provavelmente uma garota.

— *Ahhhh!* — Ela grita. Parece pornô hétero ruim.

Não é para mim.

— Exatamente — Maximoff sussurra, raiva lançando sua voz afiada —

Nós não sabemos quem é. Nós precisamos…

— *Eu* preciso. Para trás.

— Farrow…

— E se for sua irmã? — Sussurro. — Você realmente quer encontrar Luna fazendo sexo? Deixe-me salvá-lo disso. — Coloco a mão no peito dele.

Ele obedece desta vez. Recuando, braços cruzados. *Aqui vamos nós.*

Eu bato na porta. Risos e xingamentos respondem.

— Quem é? — Uma garota ri. Ela não é uma das nossas. Eu instintivamente alcanço meu microfone de rádio, mas está sem bateria. Maximoff realmente começa a procurar por pilhas no meu beliche.

Eu bato de novo. Uma voz indistinguível diz ‘espere’ e a porta se abre.

Completamente nu, Beckett Cobalt sai, embalando frouxamente um travesseiro decorativo perto de sua virilha. Ele fecha a porta atrás de si.

Minhas sobrancelhas se erguem.

Surpresa = intermediária.

Ameaça = baixa.

Eu = saindo.

Deixo Maximoff assumir e descanso meu ombro em um beliche próximo.

Ele me entrega as baterias e se aproxima do primo. — Ei. — Beckett acena para ele.

— Quem está aí atrás? — Pergunta Maximoff.

— Duas garotas do clube. Uma Kylie e uma Laura. — Beckett brevemente olha na minha direção. *Olá*. Eu coloco as novas baterias no meu rádio, e ele me avalia pela octogésima quarta vez.

— Não é uma boa ideia trazer estranhos no ônibus para fazer sexo —

Maximoff diz, chamando a atenção de Beckett. — É perigoso pra caralho. Elas podem roubar as coisas de todo mundo, tirar fotos e não foram revistadas.

— Donnelly as revistou. — Beckett fala suavemente, rápido, *calmamente*. — Eu não vou passar por dez outras pessoas – metade das quais sou parente – para foder alguém. Não deixei as garotas fora de vista, exceto agora. E vou limpar o quarto quando terminar.

Maximoff esfrega o queixo, não está feliz com isso. — Por favor, tenha muito cuidado. Jogue no lixo qualquer preservativo usado. — Ele recita mais algumas regras gerais para manter seu primo seguro.

Eu não poderia me importar menos, e Beckett percebe.

Ele me dá uma olhada.

Não a icônica *cara de merda*, mas uma novinha em folha que ele reserva para mim. Eu pensaria que sou especial, mas é uma cara de você-não-é-bom-o-suficiente-para-meu-primo.

Eu me considero extremamente paciente, mas estou chegando a um ponto em que eu gostaria de *mandar se foder.*

— Você não concorda com Moffy? — Beckett pergunta.

— Certo. — Prendo o rádio no cinto. — Eu não me importo com o que você faz com suas camisinhas. — Ele não é meu cliente e essas garotas não são uma ameaça para ninguém.

Suas sobrancelhas se uniram naquela *cara de merda*. — Ele é seu namorado.

— E nem sempre tenho que concordar com meu namorado. — Estou dando um passe para Beckett porque ele nunca teve um relacionamento, mas ele está tentando medir o quanto eu valorizo Maximoff fora da merda errada.

— Se vocês dois não concordam, então talvez vocês não sejam compatíveis — Beckett diz como se estivesse traçando uma lista de prós e contras para seu primo. Sem prós e todos os contras.

Coloco meu fone de ouvido, de saco cheio com esse cara. Eu posso levar a honestidade na minha cara – e Maximoff *gosta* disso, mas estou chegando ao limite com o primo dele.

Maximoff envia a Beckett um olhar de advertência. — *Fica fora disso.*

— Só estou cuidando de você — Beckett diz calma, gentilmente, até mesmo sincero, e ele troca as mãos no travesseiro.

Eu aumento o volume do meu rádio. — Onde está Donnelly?

Beckett aponta para um beliche na altura do peito. Ele está em um beliche? Isso não faz sentido. Donnelly deve ter ouvido Maximoff e eu entrarmos.

Alguma coisa não está certa.

Ando mais para o corredor estreito e ouço Maximoff perguntar a Beckett se ele precisa de alguma coisa. Se ele está bem. O que ele sempre pergunta à família.

— Beckett! — As meninas chamam. — Volte aqui!

Beckett sorri calorosamente. — Com isso, como diria meu irmãozinho, 'me despeço'. — Ele acena em saudação com a mão desocupada e depois se vira, com a bunda nua à vista. Ele desaparece no segundo salão.

Maximoff quase sorri, relaxando os ombros, e ele passa por mim, mandando mensagens de volta para as garotas. — Comida?

— Omelete. — Abro a cortina do beliche.

Donnelly está deitado com fones de ouvido, apenas olhando fixo para cima. Ele não se vira, mas pode me ver pela periferia.

Eu franzo a testa e balanço seu braço. — Donnelly.

Ele puxa um abafador de som de sua orelha e murmura algo, a cadência de seu South Philly muito alta. Ele só fica quieto assim quando tem notícias de sua família.

— Sua mãe? — Pergunto.

Donnelly puxa seu cabelo castanho com um hálito quente, então assente. Ele se senta, mas cai. — Ela foi pega com 8 gramas. Está fora da prisão há uma semana.

Minha carranca escurece. — Cara, sinto muito. — Eu não pergunto qual droga. Eu sei que é metanfetamina.

— Achei que dessa vez seria diferente. — Donnelly percorre sua música. — Foda-se, tá? — Ele me entrega seu celular. — Escolha alguma coisa.

Ele se deita e coloca uma camiseta sobre o rosto, fones de ouvido.

Percorro alguns artistas e então toco *Do You Realize?*, de The Flaming Lips. Enfio o telefone embaixo do travesseiro e fecho a cortina.

Reencontro-me com Maximoff na primeira sala. Ele está prestes a embolsar o celular.

— Donnelly está bem?

— Na verdade, não. — Eu pego seu pulso. — Mande uma mensagem para Jane pedindo um *waffle* para ele.

Ele digita uma mensagem. — Se ele precisar ir para casa, eu pago a passagem...

— Ele não vai querer. — Mantenho a mão na cintura de Maximoff. — Sempre que essa merda acontece, ele fica longe de casa. Já aconteceu antes. — Eu paro. — Problemas com a mãe.

Maximoff assente. Ele está ciente da família de Donnelly.

— Não que eu realmente saiba como é — Acrescento, já que sou o único no ônibus sem mãe.

Maximoff enfia o celular no bolso de trás. — Você nunca teve problemas com sua madrasta?

— Não. Ela é legal, mas não somos próximos.

Ele conhece a linha do tempo. Ele compareceu ao casamento. Eu estava no último ano do Ensino Médio quando meu pai namorou Rachel, então era calouro na faculdade quando eles se casaram.

Maximoff segura minha nuca e nos aproximamos, batendo as pernas…

— *Ahhhh!* — Uma garota geme novamente.

Reviro os olhos e, em seguida, um sino de cinco notas toca no meu bolso.

— Isso é assustador pra caralho — diz Maximoff, referindo-se ao barulho, não ao que está anexado à notificação do *jingle bell*. Porque ele não poderia ter menos medo do *stalker* se tentasse.

Eu procuro meu telefone. — Não se preocupe — digo casualmente. — Vou mantê-lo seguro.

Maximoff olha fixamente. — Sinto *zero* preocupação. Nada. — Ele se encolhe no aplicativo. — Jesus, não olhe para isso. Esqueça esta noite. É noite de Ano Novo.

— É dia de Ano Novo — Corrijo, abrindo a conta @maximoffmortohale — e este é o meu trabalho — Minha voz afunda com meu estômago.

Que merda.

O *stalker* postou um close do ônibus da turnê. Este exato ônibus, e abaixo das janelas, as palavras MORRA, MOFFY, MORRA pingam em tinta vermelho-

sangue.

Parece real.

Meu instinto diz que alguém acabou de pintar este ônibus. Do lado de fora. Agora mesmo. Porra de inferno.

Capítulo 32

Farrow Keene

SIGO EM DIREÇÃO à escada, tirando minha arma do coldre. — Fique aqui — digo a Maximoff.

Ele está logo atrás de mim, é claro.

— Maximoff.

Sua mandíbula se afia. — Entendo que não posso seguir você para fora, mas Donnelly pode.

— Não. Ele está distraído esta noite. Não vou trazê-lo como apoio. — Destravo a porta do ônibus.

Maximoff puxa a gola de seu moletom. Ele está mais do que frustrado. Seu nariz se dilata e ele balança a cabeça repetidamente. Ele odeia isso. Esperando de volta. Sentindo-se impotente quando ele está tentando me manter seguro.

Dói-me saber o quanto isso o está matando. *Mas*... — Eu não deveria ser seu guarda-costas se você não me deixar fazer meu trabalho.

Ele respira fundo. — Tudo bem. Vai.

— Tranque atrás de mim. — Jogo as chaves para ele e saio do ônibus.

Minhas botas caem com força no asfalto. Examino a área VIP. Os manobristas não estão em seu pódio. Nenhum corpo vagando. Eu verifico o ônibus.

Tudo certo.

O outro lado dá para cercas vivas, e eu circulo cuidadosamente o ônibus,

passando o mato.

Ninguém está aqui. O exterior está limpo.

Só relaxo quando checo a traseira e os outros oito veículos estacionados aqui.

Seguro.

Mas parecia real.

Meu instinto geralmente está certo. A pior parte: estou decepcionado. Se eu soubesse quem era esse filho da puta, acabaria com o desconhecido. E eu queria terminar esta noite.

Volto para o ônibus. Maximoff fica de braços cruzados no primeiro degrau e, quando me aproximo, ele destranca a porta por dentro.

— O que foi isso? — Ele pergunta.

Eu entrego a ele meu telefone e, em seguida, me sento no braço do passageiro. Maximoff estuda a foto e se dirige para o banco do motorista. Ele mal pisca, e quando ele olha para cima, vejo claramente que sua preocupação está comigo.

— Isso está realmente afetando você. — diz ele. — Não está?

— Não. — Coloco minha arma no coldre e pego meu telefone de volta. — Estou bem.

Ele esfrega a boca e se abaixa na beirada do banco do motorista. Ele está olhando para todos os lados, menos para mim.

— Apenas diga.

Seus olhos duros encontram os meus. — Você não está dormindo.

— Eu sempre tive horas estranhas. Algo mais? — Meu tom é muito mais rigoroso do que o habitual.

Nós dois somos teimosos. Não vou largar meu emprego a menos que eu esteja agindo pior do que o melhor, e agora, ainda sou o melhor maldito guarda-costas. Ninguém seria melhor para Maximoff do que eu.

Ele tira o moletom, quente. — Estamos brigando? — Ele pergunta sério.

Eu alivio um pouco. — Diga-me você, lobinho.

Ele balança a cabeça. — Cristo, eu me preocupo com você, Farrow. E você está sentado aí, negando que o *stalker* está afetando você. Mas estou perto de você todos os dias. Eu posso dizer.

Eu penteio minhas mãos pelo meu cabelo e solto uma respiração profunda. — Terminará assim que identificarmos a pessoa. — Estou confiante sobre isso.

Mas Maximoff me encara com inquietação. — Sempre haverá outro *stalker*. Mais um troll anônimo. Essa porra não acaba. Eu tenho que colocar um fim nisso…

— Vai acabar. — digo com segurança. — Isso é diferente, Maximoff. É uma ameaça real. — O *stalker* é da Filadélfia. Eles sabem onde as paradas da turnê estão localizadas antes de serem anunciadas. É sério.

Seu olhar se volta para o para-brisa. Pensando.

— E eu estou feliz que você tenha chegado a um acordo com isso. — digo a ele — Porque é meu trabalho me preocupar com as ameaças. Não o teu. Então, deixe-me fazer o meu trabalho…

— Eu estou… — Ele combate. — Jesus Cristo, estou vendo você engolir *Ripped Fuel* e ficar acordado por mais de 48 horas. — Ele dá uma risada seca e dolorosa. — E quer saber, estou começando a achar que isso me torna um péssimo namorado.

Meu peito dói. — Não.

Seu pomo de Adão balança e ele segura meu olhar. — Egoisticamente, não quero perder você como meu guarda-costas. Pode ser a coisa mais egoísta que eu já quis na minha vida. Mas preciso que você faça algo por mim.

— O quê? — Meus olhos estão queimando.

— Se ser meu guarda-costas enquanto é meu namorado está te machucando, recue.

Eu corro meu polegar sobre meu piercing labial. — Você quer dizer *desistir*.

— Sim. Você pode fazer isso? — Ele quer dizer, no futuro. Se for o caso.

Nunca menti para ele e não vou começar.

— Não. — digo com naturalidade. — Eu não posso fazer isso. Verdade, eu daria duro para fazer bem o meu trabalho, mas várias horas de insônia não são nada.

Seu rosto se contorce em pensamentos profundos e agonizantes. — Eu fico pensando que se eu realmente me importasse com a sua saúde, eu simplesmente te demitiria.

Eu balanço minha cabeça.

Ele está procurando o *caminho* certo, mesmo que isso custe sua felicidade, mas foda-se, ele não precisa fazer esse sacrifício por algum bem 'moral' arbitrário.

— Não. — digo facilmente. — Você não precisa me demitir para me proteger. Apenas deixe de lado essas hipóteses. Porque estou bem, e o sono de merda que estou tendo vai acabar. Tudo o que você precisa é acreditar nisso.

Ele deixa isso afundar por um longo momento. — Eu acho que posso, mas... seja honesto comigo. Diga-me onde você está mental, fisicamente com

este trabalho. Sem mentir ou contornar a verdade. Você pode fazer isso?

— Sempre. — Eu prometo.

Maximoff acena com a cabeça fortemente. — Então eu vou deixar para lá. Chega de construir abrigos apocalípticos para um *e se*, e você tem que parar de jogar ‘estou fazendo meu trabalho’ na minha cara. Estou ciente de que você está de plantão oitenta e cinco por cento do tempo que estamos juntos.

Eu aceno com um breve estremecimento, chutando-me um pouco. — Eu vou. Desculpa.

Eu empurro as mechas do meu cabelo para trás, e quando nossos olhos se encontram, nós dois quase começamos a sorrir. De volta aos trilhos, lado a lado juntos. Parece um ajuste perfeito.

Eu me levanto.

Ele se levanta.

E nos conectamos instintivamente.

Meus braços deslizam em torno de seus braços, seus braços se curvam em torno dos meus. Nossos olhares nunca se separam.

Seus lábios rosados sobem ainda mais. — Outro dia, Luna me perguntou se você era meu ajudante ou se eu era seu.

— O que você disse? — Nós nos beijamos suavemente, nos aproximando. Pernas juntas. Incapaz de recuar.

— Que não há Robin para um Batman, e eu disse que provavelmente seríamos dois Batmans – ela me interrompeu e disse *não*. — Maximoff ri, seus olhos carregando mais amor do que posso expressar. — Ela disse que eu era moralista demais e você pode ser impulsivo, teimoso. Somos diferentes pra caralho, mas ainda somos dois super-heróis que morreriam um pelo outro. Em

qualquer época, qualquer universo alternativo. Como o Capitão América e o Soldado Invernal.

Meu peito sobe contra o dele, e eu sussurro: — Eu posso acreditar nisso.

Nosso abraço se aperta. Nós nos abraçamos cada vez mais forte, sua mão perdida no meu cabelo. Eu seguro a parte de trás de sua cabeça. E seu coração bate em um ritmo calmo contra o meu.

Capítulo 33

Maximoff Hale

JANEIRO SE TRANSFORMA em fevereiro, e antes mesmo que eu pense que *está tudo bem*, uma tempestade figurativa atinge de cabeça em cada um de nós.

O sol da tarde brilha através de uma janela matizada do hotel. Já se passaram 24 horas desde que meus primos, minha irmãzinha e ESO ficaram presos em um quarto com cama de casal.

Eu fico rígido na janela. E eu olho para a rua de Los Angeles abaixo. Ninguém pode me ver através do vidro opaco, mas eu os vejo.

Eu vejo vocês.

Centenas e *centenas* de corpos lotam a estrada. Nem um único pedaço de pavimento ou calçada à vista. Paparazzi se misturam com as massas, câmeras piscando e piscando. Segurança extra no local está tentando limpar a rua há horas, mas a multidão crescente parecendo fãs se preparando para a atração principal de um festival de música.

Não somos Red Hot Chili Peppers. E isso não é normal.

Eu contabilizei que teria mais paparazzi no LA FanCon porque é LA – mas esse caos não é por causa do FanCon.

As pessoas se amontoam nas saídas e entradas do hotel. Esperando nos ver quando partirmos, mas não podemos entrar na histeria. Dedos e câmeras apontam para este quarto, esta porra de janela.

Eu vejo o *tweet*.

@CherryCarrie: Décimo andar. Terceira janela à direita. Acabei de receber a confirmação de alguém dentro do hotel. #GuardaCostasSexies #HMCGuardaCostas

Eu não me mexo.

Não durmo há 24 horas. Meu telefone toca sem parar e tentei consertar isso. Não consigo parar de tentar, mas agora só há uma solução: *ficar parado, não fazer nada, esperar a rua ficar vazia.*

Com um longo olhar para trás, eu verifico todos.

Charlie se agacha no canto, com a testa nos joelhos, as mãos atrás de sua cabeça, frustrado e irritado. Eu conheço meu primo. Ele gosta de seu espaço e já sacrificou isso para participar dessa turnê. Agora ele está preso em um pequeno quarto com onze pessoas.

Beckett está dormindo na beira de uma cama. Ao lado dele, Jane, Sulli e Luna se espremem e olham para o único laptop, empoleirado nas coxas de Jane.

Eles estão bem.

Mas Ômega não está.

Nunca os vi tão tensos. Thatcher e Akara se isolam no banheiro para privacidade, conversando com o líder Alfa por mais de duas horas.

Oscar está de olho na estrada perto de mim. Seu olhar escureceu, sério. Na segunda cama, Donnelly folheia os canais de notícias como um tique nervoso. Então há Quinn, andando de um lado para o outro na sala.

— Pare. — Farrow diz a ele pela centésima vez. Ele é o mais à vontade

aqui. Seu ombro está apoiado casualmente na parede ao meu lado. Com um rápido olhar, ele me verifica como eu o verifico, então ele olha para a rua.

Donnelly muda de canal, a televisão muda. — É a Maldição dos Hale.

Farrow mastiga seu chiclete mais devagar e dá a Donnelly um olhar irritado. — Cale a boca com a Maldição dos Hale.

— Só estou dizendo que de todos os lugares que isso tem que acontecer, é em LA onde vivem centenas de paparazzi. Isso é uma maldição.

— Os Hales não fizeram nada. — Diz Farrow. — Não é uma maldição.

É uma tempestade de merda perfeita.

Estar preso em um quarto de hotel não é o motivo de todos estarem nervosos. É um bilhão de vezes pior. Nas massas, os fãs erguem cartazes que dizem *Guarda-costas Sexies* e *Eu Amo ESO!* e *Contrate-me!!!*

Alguns nomes até rabiscados: *Futura Esposa de Quinn. Akara é meu querido!*

Todos em Ômega estão em um maldito penhasco. Um empurrão de ser demitido. Incluindo meu namorado. Apesar de mal ter dormido no último mês, determinado a encontrar meu *stalker*, ainda quero Farrow como meu guarda-costas.

Cristo, eu preciso dele. Mesmo egoisticamente.

Luna ergue os olhos do laptop. — O que é a Maldição dos Hale?

— Uma coisa inventada. — Eu digo e meu telefone vibra em minha mão fechada.

Falei com advogados, todos os tios, todas as tias, meus pais, segurança, o Conselho da HMC Filantropia, publicitários, tabloides, jornalistas – a exaustão tenta com unhas e dentes puxar meus membros e me afundar.

Eu mal pisco.

Eu o encaro atordoado.

Pensando, pensando, e sinto três reações me atingirem em diferentes instruções.

Uma parte de mim diz para *manter todos seguros, ser resoluto, resiliente*. Eu fico parado.

Uma parte implora para *nadar, correr, sair e provar a porra do ar*. Quase inclino a cabeça para trás, fecho os olhos e sinto a água fria a cada golpe forte, depois os galhos das árvores batendo em meus braços e pernas, correndo incansavelmente até que meus pulmões estalam.

A última parte de mim grita *caia de joelhos e grite*. Uma forte pressão pesa sobre meu peito, mas não estou caindo. Eu não estou gritando.

— Merde. — Diz Jane. Todas as três garotas olham de olhos arregalados para o laptop.

Eu vou para a cama. — O que é?

Jane gira a tela.

GBA News, uma estação de horário nobre afiliada à ABC, pegou a história. A manchete:

Mídia e fãs congestionam as ruas de Los Angeles para localizar guarda-costas das famílias Hale, Meadows e Cobalt.

Eu me abaixo e uso o *track-pad* para ler o artigo.

> Um vídeo do ‘Concurso da Cueca Mais Sexy do Papai Noel’ apresentando a Equipe de Segurança Ômega das famílias

> famosas se tornou viral no *Twitter* e outras mídias sociais. A hashtag #GuardaCostasSexies está em alta há mais de 24 horas, e os compartilhamentos do *Facebook* estão crescendo rapidamente para mais de um milhão.
>
> O fervor e a fama da noite para o dia tiveram um sério impacto no tráfego de Los Angeles. Várias estradas estão atualmente fechadas, incluindo…

Eu endireito. Estávamos todos esperando que fosse passageiro. Tipo quinze minutos de fama. Mas se o GBA divulgou a história, vai ao ar no noticiário das 7 horas.

— Diga alguma coisa. — Jane diz para mim, uma máscara de dormir rosa em seu rosto. Mas, como eu, ela não dormiu. A culpa nubla seus olhos azuis.

— Não é sua culpa, Janie.

Ela narrou o vídeo da véspera de Natal. Beckett filmou, mas não vazou deles.

— Mas você falou com a empresa de segurança. — Ela diz como se estivesse arquivando todos os detalhes de novo e de novo. — Não pode ter sido um *hacker*.

Eu concordo. — Não foi um *hacker*, mas Beckett mandou uma mensagem com o vídeo para a família e segurança. O que foi bom. Estamos todos em uma linha segura, então, também não é culpa dele. Ele não poderia saber que alguém iria compartilhar o vídeo e quebrar o círculo de confiança. Só não sabemos quem o fez.

Farrow estoura seu chiclete. — Um famoso ou segurança vazou para a

imprensa, Cobalt.

— Nossas famílias não o fariam — Jane diz apaixonadamente.

— Épsilon — Donnelly teoriza um culpado. — Alguém invejoso.

Oscar vira. — Não importa. No momento em que deixarmos este hotel, estaremos todos demitidos. — Ele aponta para a rua caótica. — Olhe para isso. Não podemos proteger ninguém se mais segurança precisa nos flanquear.

Quinn anda de novo.

— Oh, merda, volte. — Sulli está gesticulando para que Donnelly volte canais.

Ele volta para o último, notícias de entretenimento, e aumenta o volume.

—*…O Natal estendeu sua estadia e está trazendo mais presentes para nós* — diz a repórter em um estúdio de som. — *Dê uma olhada no vídeo viral dos homens que protegem Hales, Meadows e Cobalts. E esteja avisado, você pode precisar de um banho gelado depois deste. Então, ho, ho, ho, observe esses gatos e deixe-nos saber se você embarcaria.*

Estranhamente, suas palavras aliviam a tensão. Donnelly e Farrow estão sorrindo.

O vídeo passa na televisão. Mas este é um pouco diferente.

A estação de notícias adicionou um texto brilhante sobre cada guarda-costas enquanto eles passeavam pela passarela simulada.

Akara é o primeiro com as palavras: *O Chefão*.

— Verdade — diz Donnelly.

Jane e eu trocamos um olhar cauteloso. Eles estão rotulando ESO da bio que Jane criou na hora, e não é um conceito original ou uma coincidência. É uma homenagem. Nossos pais já foram rotulados assim e, mais de vinte e dois anos

depois, a mídia e os fãs ainda chamam o tio Ryke de “o idiota”.

— Por favor, que todos sejam atributos positivos — Jane diz em uma respiração suave. Na tela, Donnelly aparece em calções vermelhos. *O Durão*.

— Fofo. — Donnelly sorri.

Farrow é o próximo*: O Maverick.*

Eu olho para ele, e seus lábios quase sobem. Mas ele realmente não sorri mais. Chegando amanhã, ele pode não ser meu guarda-costas e algum outro cara provavelmente será. Mas desviamos de uma bala. O vídeo nunca nos mostrou abraçados e o áudio não nos flagrou flertando. Então o mundo pensa que ele é apenas meu guarda-costas. E eu sou apenas seu cliente.

Saber que não fomos nós que arruinamos a Ômega – que nosso relacionamento não catapultou a fama deles – não ajuda muito. Não importa a causa, seus empregos ainda estão em risco.

Oscar aparece na tela, músculos lubrificados. *O Profissional*.

No quarto do hotel, ele mal pisca. Não estou surpreso.

A estação de TV de entretenimento apresenta todo o pacote de vídeo como um sonho molhado. Homens confiantes e ousados em cuecas vermelhas, corpos esculpidos e barriga tanquinho – estou chocado que eles não tenham ido em frente e os chamado de Organização dos Fodedores Sexies.

De volta à tela, Quinn sai apenas com uma reverência. *O Jovem Garanhão*.

Jane começa a relaxar, os títulos não são tão ruins quanto ela pensava. Akara e Thatcher saem do banheiro da mesma forma que entraram. Rigorosa e grave. Mas sua atenção se volta para a televisão. Assistindo conosco.

Um telefone toca rapidamente.

— É meu. — Donnelly troca o controle remoto pelo celular. — Os fãs encontraram meu *Twitter*. Acabei de ganhar 10 mil seguidores... Outros mil... puta merda. Eles ficam perguntando se alguém na ESO é solteiro.

— Não responda — Ordena Thatcher.

— Não importa — Oscar entra na conversa. — Notícias GBA já perfilaram nossos status de relacionamento. Solteiríssimos. Todos nós.

Múltiplos pares de olhos disparam de Farrow para mim, mas eu enterro uma reação.

Por dentro, meu cérebro grita repetidamente, *ele está comprometido, ele está comprometido pra caralho*.

Nosso quarto fica quieto quando o segmento de entretenimento mostra Thatcher. Ele se eleva na tela de cueca, não deixando nada para a imaginação, e ele gira. Sua bunda nua está à vista. Para milhões de espectadores. Palavras piscam em suas costas. *O Jockstrap.*

Excelente. Eu quase estremeço. Sob qualquer outra circunstância, eu poderia ver Ômega rindo, mas a sala fica tensa.

As feições rígidas de Thatcher nunca mudam.

Jane parece horrorizada. Como se ela tivesse cometido homicídio culposo contra seu guarda-costas. — Thatcher, eu sinto muito, *muito* mesmo.

— Tudo bem. — Thatcher abaixa o volume usando o botão da TV. — Nada disso me incomoda.

Jane ainda está pálida. Estendo a mão e aperto a mão dela. Ela aperta de volta.

— Jane. — Thatcher capta o olhar dela e, muito sério, diz: — Estou aliviado por não ser você na televisão. Isso é tudo.

Ela agarra minha mão com força, quase cortando a circulação. Mas eu deixo-a segurar por mais tempo, e Akara estala os dedos na palma da mão.

— Então é isso... — Ele começa a dar a notícia, boa ou ruim – e meu telefone toca. Jane instantaneamente solta seu aperto e eu verifico o identificador de chamadas: *Kinney Hale*.

Por *FaceTime.*

Não posso ignorar minha irmã. Nossa mãe e nosso pai estão na cidade de Nova York esta noite em um evento de caridade para crianças. Patrocinado pela Halway Comics. O que significa que ela está sozinha em casa com Xander.

— Desculpe — digo a todos. — Vocês podem continuar sem mim...— Faço um gesto entre o grupo enquanto volto para a janela e agarro a ilusão de privacidade. Mas gosto de estar mais perto de Farrow.

Eu atendo a chamada.

Ela balança a câmera. Que porra ela está fazendo?

Suas feições estão borradas, cabelos castanhos chicoteando para todos os lados, maquiagem preta nos olhos escorrendo por suas bochechas redondas. Membros esguios entrando e saindo de vista.

— *MoffyNãoConsigoNãoConsigo.* — Sua voz é uma confusão chorosa.

— Está bem. Respire fundo, Kinney. Me diga o que há de errado. — Bloqueio o buraco que se fecha na minha caixa torácica.

Ela chora e bate com os punhos na madeira.

— *Kinney*. Concentre-se em mim.

Farrow abandona seu lugar e fica ao meu lado, olhando para a confusa tela do *FaceTime.*

— *Não consigo... não consigo...* — Ela sacode a maçaneta. — *ABRA A*

PORTA! — Ela grita impotente, e eu percebo um sinal Elfo na madeira. Quarto de Xander. E eu sei. Meu irmão quebrou uma regra e trancou a porta.

Eu fico rígido e abandono minha emoção. — Kinney, me escute. — Olho por cima do ombro para alertar meus primos. Então eles podem chamar a família, e a segurança pode chamar os guarda-costas – mas todos já se levantam.

Beckett está acordado. Charlie está de pé. Telefones estão sendo pegos, números chamados.

— Eliot, você está na rua? — Charlie diz.

— Mamãe? — Luna diz.

— Pai, você está perto dos Hale? — Sulli pergunta.

— Tom? — Beckett liga.

Jane fala em francês apressado.

— Chame Banks — Akara diz a Thatcher, então ele lista outros nomes, e o resto da ESO começa a discar. Telefones em seus ouvidos. Todos menos Farrow.

Ele põe a mão no meu ombro, se concentra em Kinney comigo e eu me desligo do resto da sala.

— Kinney, Kinney — digo em uma voz calma, mas forte. Observo minha irmã ossuda de treze anos, de quase 40 quilos, correr até a porta. Braço batendo na madeira. Puxando a maçaneta. Batendo os punhos. Tentando derrubá-la.

Estou dolorosamente ciente de que ela vai falhar. — Acalme-se, olhe para mim — digo a ela. — *Olhe para mim.*

Kinney respira, estabiliza a câmera; seus olhos borrados parecem destruídos, mas assassinos.

— Vá esperar na porta da frente — digo.

— *Eu não vou deixá-lo!* — Ela grita comigo como se eu não estivesse

ajudando Xander. Mas agora, só posso ajudar a ela. E não vou deixar Kinney encontrar nosso irmão... fico com frio.

O polegar de Farrow acaricia minha nuca e ele diz a Kinney:

— Você precisa destrancar a porta para Banks.

Isso funciona. Kinney desce as escadas correndo, esfregando as bochechas. — *Se ele fez alguma coisa... eu nunca vou perdoar aquele bosta...* — Ela se interrompe. um soluço. —*Eu não quis dizer isso. Eu não quero que ele faça nada.*

— Está tudo bem — digo, um nó no meu peito. — Não pense nisso. Apenas destranque a porta. Fique lá embaixo.

Voando pelo saguão, ela pousa no tapete de boas-vindas e abre as fechaduras. Então ela *corre* para a cozinha.

— Kinney! — Grito.

Ela abre uma gaveta e pega uma faca de trinchar.

— Você não pode *cortar* a porta, *pare*. — Ela vai se machucar tentando destrancar o quarto dele. Kinney corre de volta para cima.

Farrow olha para Akara. — Ela tem uma faca.

— Kinney, *olhe para mim* — Rosno. A câmera está no chão. Ela lasca a madeira.

Ouço passos e uma voz distante. — *Kinney, estou indo! Afaste-se! Aqui é Banks Moretti.*

— *Kinney* — Forço.

Ela aponta o telefone para o rosto. — *Moffy, eu não posso simplesmente…* — Ela chora, a faca ainda na mão.

— *Por favor* — digo com toda a porra da minha alma —, vá para o seu

quarto. Espere lá.

Mais passos.

Kinney soluça e cai de joelhos.

Eu quero estar na Filadélfia. Onde posso pegar minha irmã e carregá-la para bem longe daqui. — Shh, está tudo bem — digo, acorrentado e algemado aqui.

Observando sua dor e desgosto através da tela do telefone.

Droga.

Meus olhos queimam.

Estou entorpecido. Ignorando um peso que desce sobre meu corpo.

Kinney vira a câmera, não querendo que eu a veja chorar. Mas agora vejo o corredor, a porta do quarto e a madeira lascada.

Os passos são ouvidos e tia Rose dobra a esquina rapidamente. Com urgência.

Banks Moretti passa correndo, e atrás de Rose vem tio Ryke e Tia Daisy, seu cabelo loiro voando enquanto ela corre em direção à minha irmã.

Rose percebe Kinney também e se agacha. — *Kinney, me dê.* — Ela arranca a faca dos dedos de Kinney, acaricia sua cabeça rapidamente.

Daisy faz o que minha mãe gostaria de fazer. Ela envolve seus braços ao redor de Kinney e a abraça forte. Kinney chora no ombro de nossa tia.

— *Estamos aqui, estamos aqui* — Sussurra Daisy com a voz mais doce.

Banks e Ryke chutam a porta duas vezes e desaparecem dentro do quarto com Rose. Passam-se segundos agonizantes. Mais seguranças invadem o corredor, então, cerca de quatro dos meus primos mais novos correm atrás. Os guarda-costas os impedem de chegar ao quarto de Xander.

Kinney deve ter deixado seu telefone cair. A tela fica preta e as vozes se misturam, muito difícil separar a conversa.

Eu viro minha cabeça para checar Luna. Cristo, ela deveria estar em um avião de volta para Filadélfia hoje. Mas ela perdeu o voo há cinco horas. Graças à multidão lá fora.

Luna está na cama do hotel, enterrando a cabeça sob sua camisa *Moody Blues*, mas Jane segura minha irmã contra o peito confortavelmente.

Eu olho para Farrow. Instintivamente. Sua mão está fora do meu ombro enquanto ele agarra seu telefone.

Seus olhos perfuram os meus olhos. Eu inspiro, mas minhas defesas fecham qualquer emoção que luta para vir à tona. *Dormente*.

Estou entorpecido e ele sabe que não deve me tocar ou me abraçar. Porque eu vou recuar. Eu não quero ficar exposto. Não aqui, não com uma audiência.

Ele assente, e eu não vejo apenas um ‘eu te amo’ escrito em sua expressão suave. Olho para ele. Eu sinto isso crescendo como uma luz dentro de mim.

— O que aconteceu? — Akara está no telefone, a única linha de comunicação agora. — OK...— Ele olha para todos nós. — Xander está bem.

Estou prendendo a respiração. Ainda tenso.

— Ele...— Akara olha fixamente enquanto ouve a outra pessoa. — Ele estava na banheira com fones de ouvido... OK, obrigado. Ei, sim, tudo bem...

Ele abaixa o celular e nos diz: — Ele não se machucou. Ele está no telefone com sua mãe e seu pai agora. Lo quer que Alfa remova as dobradiças de sua porta.

Agora todos respiram coletivamente juntos. Ele está bem.

Meu irmão está bem.

— Graças a Deus — Murmura Oscar.

Donnelly se joga na cama. Quinn solta o maior suspiro e agacha-se.

Charlie retorna ao seu lugar no chão.

Meu irmão está bem.

Eu mexo meu pescoço rígido. Meus olhos estão secos e queimados como se eu tivesse marcado ferro em cada um deles.

E enquanto olho em volta do quarto do hotel, começo a pensar na Ômega.

Como essas seis pessoas acabaram de compartilhar um momento privado que o mundo nunca verá. Ou sentirá. Ou saberá.

*

Depois de uma hora de telefonemas com a família, os telefones são guardados. Silêncio pesado desce. Estamos todos espalhados pelo quarto do hotel. Cruzo os braços, ficando rígido ao lado de Farrow, que apoia as omoplatas na janela. Descontraído, à vontade. Frio.

Seu comportamento é como uma porra de uma droga. Quase entrando no meu sistema sanguíneo e me ajudando a respirar.

Akara enfrenta todos novamente. A tensão aumenta em relação à conversa que meu telefone emendou abruptamente. Tenho pensado no destino da Ômega.

Imagine substituí-los por outros seis caras – parece inconcebível, errado. Como transportar uma família para a lua sem um traje espacial.

Os próximos guarda-costas podem não se importar tanto. Podem não amar tanto nossas famílias. Podem não querer estar aqui por motivos maiores que dinheiro e fama. E não me sinto apenas sortudo por esses seis caras existirem em

nossas vidas, aqui hoje. Eu sinto que eles são necessários. Pedaços integrais do nosso mundo que muitos outros não podem realmente preencher.

Então eu quebro o silêncio. — Não vamos demitir nenhum de vocês — digo a eles. —Se vocês quiserem sair, vão ter que sair voluntariamente.

Quinn levanta a mão. — Eu não vou desistir.

— Não depende de você, maninho. — Oscar acena para Akara e então para Thatcher. — A Tri-Force faz a ligação.

Querido mundo, quer me presentear com aquele superpoder de leitura de mentes? Sinceramente, um humano tenso.

Eu giro meu ombro tenso.

Akara ajusta seu boné de *baseball* para trás. — Decidimos que tem que haver algumas mudanças. É inevitável, pessoal. Se agirmos como se nada fosse diferente, colocaremos em risco a segurança de nossos clientes, de todos vocês… — Ele olha para a minha família. — Nenhum de nós quer isso.

Thatcher examina os guarda-costas. — Discutimos maneiras de minimizar o impacto de nossa popularidade e, para permanecer na Ômega, com o mesmo cliente, existem novas regras *inegociáveis*. — Seu brilho de advertência pousa em Farrow.

Eu rapidamente processo a notícia.

Oscar chega antes de mim na pergunta. — Não estamos sendo demitidos?

Akara começa a sorrir. — Todo mundo vai ficar.

Os ombros começam a relaxar. Todos nós começamos realmente a respirar pela primeira vez em 24 horas. Oscar se senta, caindo na cama ao lado de Donnelly.

Eu esfrego minha boca, algo poderoso surgindo através de mim. Eu estou

prestes a olhar para Farrow, mas Thatcher fala.

— Pensem nisso como um teste — diz ele.

Farrow estoura seu chiclete e quase posso sentir seu olho revirando para Thatcher.

Mas Akara concorda com a cabeça. — Vamos terminar a turnê e provar que ainda podemos fazer esse trabalho. Se não houver nenhum grande erro de segurança, ficaremos como guarda-costas, rapazes. Se fizermos merda, haverá seis papéis de rescisão. Fácil assim. Mas, como eu disse, haverá mudanças.

Regras inegociáveis.

Thatcher cruza os braços. — Primeiro, excluam todas as contas pessoais de mídia social. Sem *Instagram*, sem *Facebook*, sem *SnapChat*, sem *Twitter*, sem nada que os fãs possam encontrar e seguir.

Oscar amarra uma bandana na testa. — Adeus às fotos de pau que Donnelly tirava bêbado no *SnapChat*.

Donnelly se encosta na cabeceira da cama. — Eu estava sóbrio, cara.

Farrow mastiga seu chiclete em um sorriso.

Beckett ri.

Thatcher balança a cabeça, mas ele parou de dizer coisas como *seu cliente está na sala* e *isso é inapropriado* na terceira semana de turnê. O fato de que eles estão tendo uma reunião de segurança na minha frente e de meus primos, e não em particular em um banheiro, significa alguma coisa.

— Vocês não estão aqui para se promoverem — Akara os lembra — ou para promover o pau de Donnelly.

Donnelly assente com entusiasmo. — E o *Twitter*? Eu preciso acompanhar os fandoms.

— Precisa ou quer? — Thatcher pergunta.

— Ambos. — Ele enfia a mão no bolso e tira um maço de cigarros. — Eu preciso e eu quero.

— Você *precisa* excluí-lo — diz Thatcher. —Você está aqui para proteger seu cliente. Se precisar do *Twitter* por motivos de segurança, criaremos contas de segurança anônimas. Mas se virmos você procurando por programas de televisão ou pornografia, perderá a senha de acesso.

Beckett joga um isqueiro para Donnelly. — Você pode usar meu *Twitter*.

— Obrigado, cara. — Donnelly põe o cigarro entre os lábios.

— Em segundo lugar — diz Thatcher —, não procurem por tabloides. Não aceitem qualquer entrevista, nem mesmo para se defender.

Isso será fácil para Farrow. Não consigo imaginá-lo se voluntariando para uma sessão de perguntas e respostas com o *Celebrity Crush*.

— E, por último — Akara diz à ESO —, não durmam com fãs. Vamos manter um nível de profissionalismo. Enquanto estamos sob os holofotes, representamos os Hales, Meadows e Cobalts. Deixem-os orgulhosos.

Para mim, eles já dão orgulho.

A reunião oficial termina e os corpos se movem. Tentando alongar, vá ao banheiro. Não estamos apenas com falta de sono. Não temos roupas extras, nem bagagem ou artigos de higiene. Coisas que fariam meus primos e minha irmãzinha se sentirem melhor e mais confortáveis depois de 24 horas trancados aqui.

Eu poderia ficar completamente bem com pouco ou nada por muito mais tempo. Mas estou ciente de que nem todo mundo sou eu.

Janie vasculhou sua bolsa de lantejoulas onde ela tinha uma máscara de

dormir. — De quoi as-tu besoin? — Pergunto. *O que você precisa?*

— Eu gostaria de usar pijama. — Ela desabotoa a calça pastel e suspira em relevo. —Tellement mieux. *Muito melhor.*

Oscar empilha minigarrafas de bebida na mesa e Thatcher fala com Akara sobre estar em contato com a segurança terrestre.

Eu me viro para Farrow. — Quatro horas a mais aqui?

— Parece mais seis. — Ele masca seu chiclete e observa a rua comigo. Está mais congestionada do que há cinco minutos.

A segurança queria todos nós juntos em um quarto apenas no caso de um dia do juízo final acontecer e paparazzi ou fãs conseguirem entrar no hotel.

Eu estalo meus dedos. — Tem que haver uma máquina de venda no corredor. Eu posso pegar algumas bebidas... — Eu paro com uma batida forte.

Estamos todos quietos.

Thatcher é o mais próximo. Ele espia pelo olho mágico, então, destranca e abre a porta para um sorriso deslumbrante, corpo de atleta, uma mochila amarrada em um peito largo e uma caixa de doces na mão.

— Pessoas bonitas — Cumprimenta Jack Highland ao entrar. — Vinte minutos de compras e uma caminhada de oito quilômetros depois, eu consegui.

Finalmente.

Eu me aproximo e seguro sua mão. Nós nos aproximamos e damos tapinhas nos ombros um do outro.

— Obrigado por ter vindo.

Jack sorri mais brilhante. — Estava ansioso por isso.

Ele quer dizer o FanCon. Eu o convidei para a turnê conosco. No último, as perguntas e respostas descarrilaram depois de uma briga entre Charlie e eu.

Precisávamos de um moderador melhor. Alguém em quem podíamos confiar.

Jack era o único nome na lista.

Ao longo dos anos, enquanto ele foi produtor executivo de *Somos Calloway,* falei sobre memórias dolorosas, contei segredos para ele e, no último minuto, disse a Jack para não expor.

Nenhum jamais vazou.

Já que ele planeja dormir no ônibus da turnê, decidi compartilhar o segredo sobre mim e Farrow. A primeira coisa que ele disse depois que eu disse a ele que estou em um relacionamento de verdade foi: *você merece.* Não sei. Essa porra me pegou.

Jack joga a mochila em uma cama. — Eu pensei que vocês precisariam de algumas escovas de dente, desodorante, algumas roupas extras e comida.

Oscar se levanta. — Agora você é minha pessoa favorita, Highland. — Ele abre a mochila e encontra um saco de *Doritos*. Janie ajuda a desenterrar as roupas e artigos de toalete para todos.

Jack desvia, procurando. — Onde está Sulli?

— Aqui. — Sulli está fazendo flexões entre as duas camas. Ela fica de pé e prende os cabelos escuros em um coque alto. — E aí?

Seu sorriso irradia. —Venha aqui por um segundo.

Akara lança um olhar estreito para Jack. *Você a machuca, é um homem morto.* Uma ameaça inconfundível.

Sulli se aproxima de Jack, nossa atenção super grudada neles, e ele abaixa a caixa.

Ela sorri. — Deus, se você comprou rosquinhas, eu vou te dar a porra de beijos.

Akara faz uma careta para Sulli. — Seu primeiro beijo por rosquinhas?

— Uh, sim — Ela diz como se ele estivesse sendo estranho. — Não como pagamento, mas porque rosquinhas são felicidade. Agora, cereal em uma rosquinha, isso sim é o paraíso.

Jack sorri. — É melhor do que rosquinhas.

Sulli bufa. — De jeito nenhum. — Ela faz uma pausa. — É um *waffle*? Porque essa é a segunda opção, depois as panquecas.

— Errou todas — diz Akara.

Sulli balança a cabeça para seu guarda-costas. — Você sabe o que é?

Ele dá de ombros.

Ela abre um sorriso. — OK, agora eu tenho que ver. — Ela abre a caixa de doces, com os olhos acesos. Quando ela inclina a caixa um pouco mais, avisto duas dúzias de cupcakes turquesa, confeitados juntos para formar uma onda.

— Feliz aniversário de 20 anos — Jack diz a ela.

É 4 de fevereiro. Nosso plano de parque aquático indoor para comemorar o aniversário de Sulli praticamente morreu horas atrás. Para salvar o dia, Jane está tentando conseguir um bolo. Mas Jack Highland chegou antes de nós.

Sulli fica sem palavras, mas então ela começa com: — Você não precisava…

— Eu não — diz Jack e então acena para Akara. — Quando ele descobriu que eu estava vindo, ele me disse para comprar isso aqui.

Correção, Akara Kitsuwon chegou antes de nós.

Sulli parece sobrecarregada. — Obrigada, Kits.

Ele encolhe os ombros novamente, seus lábios para cima. Então, ele olha para Jack. —A mãe dela tem uma teoria de que bolo conserta tudo.

Sulli demora em Akara por um longo momento, então tira um cupcake da caixa.

— Bem na hora, porra.

Jane já descarregou todos os suprimentos, mas não vejo nenhuma bebida.

Charlie já andou pelo corredor algumas vezes, então não deve ser um problema para mim. Desde que eu seja rápido.

Capítulo 34

Maximoff Hale

UMA MÁQUINA DE gelo automática faz um barulho. Anseio por correr, nadar, sentir *algo* diferente de confinado, oco ou vazio.

Eu bato na lateral de uma máquina Fizzle preta e dourada que não cuspiu uma Fizz Life. — Mova-se, lobinho.

Meu pulso pula. Lembrando-me que estou vivo. Respirando. Humano. Eu olho por cima do meu ombro.

Um sabe-tudo tatuado de um metro e noventa vem atrás de mim. Suas sobrancelhas sobem e descem em uma onda.

Eu finjo confusão. — Quem é você mesmo?

Farrow chuta a máquina. Uma lata cai. — Seu namorado. — Ele recolhe o refrigerante do dispensador e joga a lata de alumínio prateado para mim. — Quer falar sobre isso?

Sim, *um milhão de vezes sim*. A lata está fria em minhas mãos. Quero expressar como me sinto, mas não estou acostumado a articular nada disso em voz alta. Minha cautela grita *não*, meu coração implora *sim*.

E acabo dizendo: — Quer uma bebida?

Ele masca seu chiclete lentamente, nossos olhos não se separando. — Sim. — Pego minha carteira.

— Pago o meu próprio — diz ele casualmente, tirando algumas notas de sua carteira de couro. — Posso te contar algo que nunca compartilhei com

ninguém.

— Eu não quero te forçar...

— Eu quero, Maximoff — diz ele com a inclinação da cabeça. Tentando avaliar minha reação.

Meus músculos começam a relaxar. — O quê?

Ele sorri e depois fala enquanto coloca dinheiro na máquina. — Minha segunda semana de turno no pronto-socorro. Foi uma noite ruim, com falta de pessoal, e o único atendente disponível era um burro. A certa altura, havia apenas ele, um estagiário do primeiro ano, duas enfermeiras e eu. E uma adolescente chega com uma facada no coração. — Farrow pressiona o botão normal do Fizz. — Não houve tempo para levá-la às pressas para a sala de cirurgia, e o médico decidiu fazer uma toracotomia de emergência.

A máquina dispensa uma lata dourada.

Ele pega o refrigerante e então me encara. — Eu sabia que a menina tinha 2% de chance de viver, então me agarrei à emoção de ver uma toracotomia. Ficou mais fácil quando o assistente abriu o peito dela… — Farrow muda de posição, o nariz dilatado. Mas ele mantém contato visual comigo.

Eu escuto atentamente. Ele nunca falou sobre nenhum dia difícil durante os turnos antes. Assim não.

Ele abre a aba do refrigerante. — O médico cortou o saco pericárdico. É um saco fino ao redor do coração. Muito sangue coagulado jorrou e o primeiranista desistiu e saiu.

Minhas sobrancelhas dão um nó. — Ele saiu?

— Para vomitar — diz Farrow. — O resto de nós tentou remover o sangue do saco enquanto o atendente costurava o corte. — Ele faz uma pausa. — Ela

morreu e não foi a primeira vez que vi alguém morrer no hospital. Mas foi a primeira vez que uma atendente virou para mim, disse “feche ela, fale com os pais” e foi embora. — Farrow estremece com a memória. — Que filho da puta. Eu nem tinha tirado os retratores de seu peito quando a mãe dela…

Seu peito desmorona, balançando a cabeça.

Meu estômago revira. — Isso teria me destruído.

Suas sobrancelhas se levantam lentamente. — Isso me esmagou. — Seu pomo de Adão balança. — A maldição de ter memória fotográfica, não consigo me livrar do rosto dela ou de seu lamento.

— Jesus — Eu respiro. E me aproximo dele.

Ele se inclina para trás na máquina Fizzle, mas seus lábios se aproximam de mim. Ele toma um gole de refrigerante. — Essa é a história que ninguém nunca ouviu, além de você.

Eu aprecio isso mais do que ele provavelmente jamais saberá. — Por que eu?

— Você é um bom ouvinte — Farrow diz com naturalidade. — E eu tenho uma coisa por você.

Eu lambo meus lábios e sinto a porra do meu sorriso.

— Só para você saber — diz ele com voz rouca —, a coisa que *você* tem por mim é dez vezes maior.

Eu tento encarar, mas é difícil. — Eu tenho uma coisa minúscula e fragmentada por você. Obrigado por perguntar.

— De nada, lobinho. — Ele sorri em outro gole.

Acho que posso falar. Encontre as palavras. Agarre-os. Diga-as. Eu respiro.

— Tenho medo por meu irmão. Receio que isso aconteça novamente com um resultado pior e só quero que ele fique bem. — Engulo. — O que também está me incomodando é que o hoje – vai ficar com Kinney pelo resto da porra da vida dela. — Eu estalo meu pescoço de um lado para o outro, meus ossos rígidos.

— E você? — Farrow pergunta, e vendo minha confusão, ele diz: — Vai ficar com você também.

— Eu posso lidar com isso. — Eu rio de um pensamento. De onde estamos. — Eu estou parado perto de uma máquina de vendas de um hotel.

Farrow franze a testa. — Não entendi.

Eu tomo uma respiração áspera. — Então, quando eu tinha doze anos, fui para a Disneylândia e, de volta ao hotel, fui para uma área de vendas. — Aponto para as máquinas. — Bem assim. Eu deslizei para baixo e apenas chorei. Meu pai me encontrou, me abraçou e foi aí que perguntei se minha mãe era viciada em sexo. Eu ouvi rumores... e foi aí que ele disse sim. — Eu olho para Farrow. — A memória está comigo, mas não está me consumindo. As que machucam minha família, essas quase me atingem.

— Quase — Ele repete, estudando minhas feições.

Abro e fecho uma das mãos em punho. Meu corpo fica tenso. Eu giro meu pescoço novamente. — Eu juro que é como se eu tivesse dois interruptores: *raiva* ou *desligar*. Às vezes sou programado para desligamento automático.

— É um instinto de sobrevivência — diz ele.

Eu dou a ele um olhar. — Eu pensei que você diria que eu estava insensível à minha própria morte.

Sua barra piercing se ergue junto com as sobrancelhas. — Confie em mim,

você está, mas quando outras pessoas estão em perigo, você tem que sobreviver para ajudá-las. — Ele acrescenta: — Cadáveres não salvam pessoas.

— Você está certo, eles comem pessoas.

Ele revira os olhos em uma risada. — Só se fossem zumbis. — Seu olhar praticamente roça minhas bochechas.

Eu me aproximo, meu joelho bate na máquina, nossas pernas entrelaçadas. Eu estou bem para ser tocado, e ele vê. Rapidamente, ele segura minha mandíbula e eu agarro sua nuca, nossas bocas a um centímetro de distância. Peitos duros pressionando juntos.

O calor se espalha pelo meu corpo. Eu respiro e respiro e porra… respiro. *Me beija.*

— Ei…

Eu instantaneamente me separo de Farrow ao ouvir a voz de Quinn.

Ele segura a mochila vazia. — Pensei que você poderia usar isso para carregar as bebidas de volta. — Ele acena para a máquina Fizzle atrás de Farrow. — Eu posso ajudar.

— Damos conta — Farrow diz, sua mão plantada casualmente na minha cintura.

Quinn esfrega a nuca dele. — OK, então, eu realmente queria te perguntar algo sozinho. — Ele está olhando para mim.

— Tudo bem. — Eu bebo meu refrigerante.

— Tenho me perguntado se há mais alguma coisa sobre Luna que eu deva saber.

Assim que Luna voar de volta para a Filadélfia, seu guarda-costas também terá que voltar.

Será a primeira vez que Quinn estará longe de *Farrow* durante o serviço, por mais de uma semana.

E alguns dias atrás, todos os guarda-costas compraram um pacote de seis cervejas para Quinn, brindaram a ele e se despediram.

Quinn coloca a mochila no chão. — A equipe disse que o dia normal de Luna é ler e escrever fanfics, mas você é próximo a ela. Achei que saberia mais.

Eu desvio o olhar por um segundo. Pensando na minha irmã. Eu vi o disco voador tatuado em suas costelas. Donnelly também pintou permanentemente a letra que Farrow rabiscou em seu antebraço. Ela chamou aquela tatuagem de *espontânea*.

Entendo que sou durão, mas não sou puritano ou o pai dela.

Eu sou o irmão mais velho dela. E fico feliz por ela ter feito algo que a deixou feliz. Se ela pudesse ficar em turnê por mais tempo, eu a deixaria entrar num piscar de olhos.

Eu quase sorrio antes de focar minha atenção em Quinn. — Assim que ela terminar as aulas em casa, acho que ela vai querer sair mais.

— Para onde? — Quinn pergunta.

— Shows, Cafés, bares, parques de diversões, sei lá — digo honestamente. — Ela está pronta para experimentar a vida como uma pessoa normal. — *O que é impossível.* Meu olhar endurece com outro pensamento. — Ela confia nas pessoas dez vezes mais do que Jane, do que eu. Apenas tome cuidado com ela.

Quinn esfrega os nós dos dedos. — Ela tem dezoito anos. Eu tenho que ouvi-la se ela quer sair com pessoas que…

— Cagam para ela — digo.

— Sim — Quinn murmura.

— Seja amigo dela, Oliveira — Farrow entra na conversa. — Então, ela vai te ouvir.

Eu dou a ele um olhar. — Esse era o seu plano comigo?

Ele revira os olhos novamente. — Lobinho, eu não precisava de um plano com você. Eu não era um guarda-costas iniciante.

Quinn ri. — Obrigado. — Ele recua. — Vou deixar vocês dois... com isso. — Ele também deixa a mochila no caminho de volta para o quarto.

Minha mente gira. Sobre a fama e os guarda-costas, o vídeo vazou.

— Quem você acha da minha família ou segurança que compartilhou o vídeo? — Eu pergunto a ele já que estou sem palpites. Qualquer nome que surja parece uma traição colossal.

Farrow se endireita, mais sério.

Eu li seu olhar muito bem. — Você sabe quem?

— Eu tenho um bom palpite. — Sua mandíbula treme. — Meu pai.

Pisco algumas vezes, processando. O número do Dr. Keene fazia parte da linha. Ele está agrupado no círculo de confiança. E está desesperado para fazer Farrow deixar a segurança.

— Então ele te deixa famoso — digo — e você é demitido. — Estou rígido, minhas juntas precisando de óleo. Estico o braço sobre o peito. — Vou dizer à segurança para investigar.

— Eu já fiz. Meu pai está negando e não há provas. — Farrow passa a mão pelo cabelo. — E o vazamento dele não funcionou. Agora, sou famoso e ainda um guarda-costas. Eu me pergunto o que mais ele tem na manga.

Seus olhos encontram os meus, e a insinuação é óbvia.

— Seu pai não está me perseguindo — Eu quase rosno. Cristo, mesmo

dizendo isso soa fodido em nível de novela.

— Ele poderia estar. Faz mais sentido. — Sua voz desaparece enquanto conversas, risadas e passos ecoam pelo corredor. Provavelmente de hóspedes do hotel, mas abandonamos o assunto e começamos a comprar bebidas para todos. Arquivando as teorias sobre o delator e o *stalker* por enquanto.

Capítulo 35

Farrow Keene

— FARROW, QUAL É a sua opinião sobre couve?! — Os paparazzi detestáveis e entusiasmados apontam *Canons* na minha cara, lutando por uma chance de dinheiro e balançando para cima e para baixo como chihuahuas precisando mijar.

Um cinegrafista à minha direita grita: — Farrow, qual é a sua rotina de treino?!

— Afastem-se! — Eu grito como uma ameaça. Maximoff está diretamente na frente de mim, e empurro os corpos para trás, não permitindo que ninguém se aproxime demais.

Ele caminha bem atrás de Jane. Ela abaixa a cabeça, óculos de sol gatinho bloqueia os *flashes*, e ela estende a mão para trás e aperta a de Maximoff.

É um grande negócio.

Jane realmente não segurou a mão dele na frente dos cinegrafistas desde antes do acampamento. Os paparazzi não ajustam suas câmeras e se fixam em sua amizade.

Bom. A mídia deixou o boato morrer, os paparazzi seguiram o exemplo já que não é lucrativo e, aos poucos, o público está deixando para lá.

Eu não dou a mínima para o que qualquer fã pensa ou para o que os tabloides publicam. O que é mais importante para mim: Maximoff e Jane salvando sua amizade.

Em público, Thatcher protege Jane de lentes e mãos. Nós criamos uma barreira pequena, mas eficaz.

Os paparazzi congestionam o caminho do nosso ônibus estacionado até o local. Pensamos em deixar os famosos na entrada, mas os fãs simplesmente iriam atrás do carro. E os paparazzi nem deveriam estar aqui.

Veja, estamos em Salt Lake City, a quilômetros e quilômetros de distância da zona de desastre que foi LA – mas assim que saímos, os paparazzi nos perseguiram pela estrada. Basicamente comendo nosso escapamento.

— Thatcher, você já pensou em ser modelo?!

— Qual é a sua altura, Thatcher?!

Ele se eleva acima da multidão frenética, mas estou olhando para a parte de trás de sua cabeça. Ainda assim, sei que ele os ignora. Isso é o que devemos fazer. Como o inferno ele quebraria o protocolo.

— Farrow... — Uma mão agarra meu braço e tenta puxar, mas meus reflexos entram em ação. Eu agarro seu pulso e torço. Ele recua e outro cinegrafista tenta avançar no espaço.

Eu o empurro. Tão forte que ele tropeça para trás em outro corpo. Como um aglomerado instável de pinos de boliche, vejo um cara de trinta e poucos se aproximar. Sua *Canon* esmagada debaixo de sua bunda.

— Vou processar!

Certo. Tente.

Com a comoção, Maximoff olha para mim. Jane empurra para frente, tentando puxá-lo junto. Suas mãos se soltam e um espaço não intencional se forma entre eles.

— Ande, Maximoff — digo em voz profunda, minha mão em seu ombro

largo. Eu não estou aqui fora e mediando essa merda. E não estamos dando uma entrevista coletiva em um estacionamento.

Uma lente de câmera quase bate contra minha mandíbula. Eu me esquivo do golpe, mas

Maximoff parece assassino.

— Dê espaço a ele — Ele rosna.

— *Ande* — digo severamente, mais preocupado com Maximoff chegando ao local com segurança.

O espaço vazio entre ele e Jane já é muito grande. As pessoas começam a se aproximar e, se ele não se reconectar com Jane rapidamente, preciso caminhar na frente dele e abrir caminho. Thatcher mantém sua posição à frente de Jane, abrindo caminho entre as massas.

Antes que eu faça um movimento, Maximoff finalmente se rende e avança. Sua mão aperta a de Jane novamente.

Dedos aleatórios puxam a bainha do meu decote em V preto. Tentando enganchar no cós da minha calça preta. Não é minha coisa favorita. Nem mesmo perto. E, no entanto, sei que Maximoff passa por isso todos os dias.

Chegamos ao local e, uma vez dentro do prédio, caminhamos rapidamente por corredores vazios em direção aos camarins. Em nossa última reunião de segurança, fizemos uma ligação para trocar os locais do FanCon de hotéis para casas de shows.

Proteger a área é mais fácil e, com bastidores, podemos facilmente trazer os famosos para dentro e para fora do palco sem complicações.

Fotos de bandas de rock dos anos 70 estão penduradas em paredes de concreto vermelho. Minhas botas agarram levemente o chão pegajoso.

Maximoff diminui o passo para caminhar ao meu lado. — Acho que acabamos de descobrir quem lida melhor com os paparazzi — diz ele. — Alerta de spoiler: é…

— Eu — Termino.

Ele pisca. — Em um universo alternativo.

— Em nossa realidade — Corrijo. — Andar no meio de multidões de paparazzi é a minha praia. Eles agarram. Eu empurro. Eles gritam. Eu ignoro.

Jane olha para trás para garantir que estamos seguindo. Maximoff acena com a cabeça, e suas bochechas sardentas abrem um sorriso para ele, depois para mim.

Viramos uma esquina e todos param. O camarim está à vista, mas do outro lado do corredor, Beckett, Charlie e seus guarda-costas se aproximam. E o convidado adicional: Jack Highland.

Todos eles pegaram a entrada do lado leste enquanto nós pegamos a retaguarda. Nós éramos a distração.

— Como foi? — Thatcher pergunta a Akara. Abro a porta do camarim e todos entramos.

— Apenas alguns fãs e um paparazzi — diz Akara. — Vocês? — Sua cabeça balança para mim, e eu dou a Akara um olhar tipo *estávamos fodido*. De propósito.

Sendo a distração, Thatcher e eu nos oferecemos para ser fodidos nessa instância. No entanto, eu esperava que os paparazzi tivessem desistido de sua missão em Nevada, mas a maioria chegou a Utah e, posteriormente, a nossos rostos.

— Mais do que alguns — Thatcher responde enquanto examina o

camarim: sofás de couro preto, poltronas prateadas, uma mesa dobrável de plástico e duas penteadeiras de madeira. Já avaliamos o quarto e ninguém está aqui, só nós.

A equipe da turnê fica no camarim B, mas os assistentes deixaram sanduíches, bebidas, batatas fritas e cestas de biscoitos embalados individualmente em nossa mesa. A maioria de nós deve estar com fome porque vamos para a comida.

— Vocês estão bem? — Sullivan pergunta e abre uma garrafa de Ziff.

Seus olhos verdes vão de Thatcher para mim. Não seus primos.

Desembrulho um sanduíche. — Estou bem. Não foi nada. — Eu espio dentro do *sub bun*: peru, presunto, alface, tomate, Monterey Jack. Eh, serve.

Maximoff me joga um pacote de mostarda. Meus lábios começam a subir, mas então a ruína da minha carreira fala.

— Foi administrável — Concorda Thatcher, mas não vai durar muito. Ele bebe sua água e depois se vira para mim. Sento-me no braço do sofá, mordendo meu sanduíche.

Maximoff fica perto de mim, mas ele está conversando com Jack. Discutindo as próximas perguntas e respostas. O produtor faz anotações em um bloco espiral.

Thatcher aponta para mim com sua garrafa d’água. — Ouvi alguém falando sobre processar.

Eu lambo a mostarda do meu polegar. — Ouviu, sério? — Eu pergunto sério. — Estou chocado que você pudesse ouvir qualquer coisa sobre todas as perguntas sobre se você foi modelo.

— O que aconteceu? — Thatcher diz em voz alta: aquela voz de 'Eu sou

seu superior'.

— Alguém se meteu no meu caminho. — Dou uma grande mordida no sanduíche e observo Thatcher esperar que eu conte mais. Reviro os olhos, mastigo e engulo. — Eu gentilmente empurrei um cara para o lado e ele caiu. Merdas acontecem.

— Farrow…

— Eu nem fui processado ainda — Argumento. — E mesmo que ele me processasse, todos nós já passamos por isso. — Aponto para Akara, Donnelly e Oscar, todos almoçando.

Quinn é muito novo para ter sido processado.

Thatcher está olhando fixamente, como se eu não estivesse digerindo a severidade. E ele estaria certo; não vejo a importância. Porque não há nenhuma. Ser processado sempre esteve no final da lista de merda da segurança. Não é nem mesmo um erro. Todo mundo sabe disso.

Eu pego um tomate do meu sanduíche e como. Minha indiferença o está irritando. A ponto de ele explodir: — Você poderia parar e olhar para mim?

— Estou olhando para você — digo facilmente enquanto ainda como.

Nossa troca rouba a atenção de Maximoff. Ele fica quieto, observando com sobrancelhas franzidas.

Thatcher aperta a tampa de sua garrafa d’água. — Não é um bom momento para qualquer um de nós se meter em um processo.

Estou em uma situação sem saída. É claro que ele está apenas me destacando porque *sou eu*.

As flexões depois que quebrei uma regra construíram apenas um degrau de uma ponte entre nós. Se ele quer que eu mude quem eu sou para provar que me

importo, ele pode ir se foder.

Akara afunda em uma cadeira e descasca uma laranja. — Thatcher, ele tem que fazer o trabalho dele. Não podemos ter medo de ser processados.

— Concordo — diz Oscar, com a mão meio enfiada em uma sacola de *Fritos*.

Eu levanto minhas sobrancelhas para Thatcher. Esperando por sua resposta. Ele me encara.

Eu não pisco. — Sim, mãe? — Pergunto.

Thatcher exala uma respiração profunda. — Este é um novo território para todos nós… estamos tentando descobrir. — Seu tom é mais suave do que o normal.

Eu reviro suas palavras na minha cabeça. Alguns de nós estão acostumados a nadar com a corrente forte, em vez de lutar por coletes salva-vidas e jangadas. Thatcher gosta de suas regras, e todos nós já fomos jogados em corredeiras onde é melhor usar nosso julgamento do que estabelecer limites que podem nos custar caro.

Eu não sou o problema. Estou do lado dele. Estarei lá quando todas as jangadas afundarem e nenhum colete salva-vidas for encontrado. Seu ódio pessoal em relação a mim está apenas fodendo com seu melhor julgamento.

Eu o encaro por mais um segundo. — Isso soou como um pedido de desculpas — digo a Thatcher.

— Mas não foi um.

Eu como o resto do meu sanduíche e lambo meu polegar. — Vamos concordar em discordar.

Uma cabeça aparece na sala. O gerente da equipe. — Trinta minutos até as

fotos.

Podemos ter sobrevivido aos paparazzi, mas ainda precisamos lidar com centenas de fãs emocionados e apaixonados no *meet-and-greet*. E desta vez, não temos certeza de por quem eles estarão gritando.

*

Dos mais de trinta FanCons até agora, o de Salt Lake City deve estar no fim da fila. Não é nem um evento ruim: sem falta de energia, sem mãos apalpadas bem-sucedidas, pequenas reclamações e uma sala de concertos esgotada. Ao todo, Maximoff Hale definitivamente chamaria este FanCon de uma vitória.

Estou chamando de estranho pra caralho.

Metade dos participantes na sala de concertos não está focada nas pessoas famosas. Maximoff e seus primos se sentam no palco para o painel de perguntas e respostas, e o público está distraído.

As câmeras dos telefones apontam para nós cinco. Estamos no chão. Guardando ambos os lados do palco perto das escadas.

Coloco óculos escuro no próximo *flash* da câmera.

Os fãs deveriam estar mais obcecados com Maximoff e seus primos do que com a segurança. Eles são famosos desde o nascimento. Somos notícia há uma semana.

Um não é igual ao outro.

Lembro-me das “sugestões” de Akara antes de iniciarmos o evento.

Não se envolva se eles pedirem fotos.

Não se envolva se eles pedirem um autógrafo.

Não responda a nenhuma de suas perguntas.

Basicamente, cale a boca e faça o seu trabalho. Fácil.

Descanso minha bota no segundo degrau. Oscar se inclina em meu ouvido. — Aquela garota não para de olhar para você.

Eu não olho. Meus olhos estão no meu namorado, que acena para o público quando Jack Highland o apresenta.

O público aplaude e assobia.

— Ela está usando um top da *Adidas*? — Pergunto a Oscar.

— Sim.

— Ela está me seguindo o dia todo — digo.

— Eu diria que você tem uma fã — Oscar me diz —, mas na verdade são só os fãs de Maximoff que estão confusos e seguindo você.

Eu coloco meu chiclete na boca e mostro o dedo para ele. Algumas câmeras piscam em mim.

Porra, eu não estou acostumado com isso ainda. Com os paparazzi, posso fingir que as câmeras existem apenas para Maximoff. No local, cercado de fãs, fica mais claro para onde a atenção deles está voltada.

Eu pego Maximoff olhando para mim, e minha boca se estica lentamente.

Ele estala os nós dos dedos, lambe os lábios e desvia o olhar. Eu quero dizer a ele que ele pode me encarar o dia todo. Todos os dias.

Jack monta um pódio no palco e aponta o microfone para a boca. — Primeira pergunta.

Na plateia, um assistente passa um microfone para uma garota no corredor. Uma fila já está pronta para perguntas.

— Hmmm... é para Jane. — A pré-adolescente empurra o óculos. — Se você pudesse namorar qualquer um dos guarda-costas, quem seria e por quê? —

Ela murmura um agradecimento e corre para seu assento.

Os olhos de Jane ficam completamente arregalados.

— Caralho — Oscar amaldiçoa baixinho.

Jack Highland é rápido. — Boa pergunta. — Ele sorri sinceramente. — Mas não estamos respondendo a nenhuma que envolva guarda-costas hoje. Próximo?

Maximoff relaxa visivelmente. Estou feliz que ele teve a brilhante ideia de trazer Jack em turnê para moderar.

Prendo meu óculos no decote em V.

O assistente passa o microfone para o próximo fã da fila.

Um menino baixinho pigarreia. — Antes de fazer minha pergunta, gostaria apenas de dizer que concordo totalmente em *shippar* Jane-Farrow. Jarrow para sempre!

Ele dá um soco no ar para moderar os aplausos.

Reviro os olhos e as fotos mostram minha reação. Probabilidade de eu ser um *gif* amanhã = alta. Alguém até grita: — Oh, meu Deus, ele não gosta de Jarrow!

Jane leva o microfone aos lábios rosados. — Farrow é uma pessoa adorável.

Maximoff levanta o microfone. — Mas ele está comprometido.

Suspiros inundam a sala, e meu sorriso está me matando.

Oscar sussurra em meu ouvido: — O namorado é territorial.

Estou gostando disso.

— Comprometido com quem? — O menino pergunta.

— Isso é só da conta de Farrow — Jack Highland diz, seu carisma

suavizando as palavras. — Lembrem-se, estamos todos aqui por Maximoff, Jane, Charlie, Beckett e Sulli. — Ele acena com o microfone e a multidão os aplaude. Muitos gritam ‘eu te amo’ para os famosos.

O menino coloca os lábios muito perto do microfone. — Jane, com quem você *shipparia*?

— Felicidade — Responde Jane.

— Esse é o nome de um guarda-costas?! — Alguém grita.

— É um substantivo — Beckett diz com uma cara de *que porra é essa*.

Jack fala com o menino. — Não há essa de *shippar* com guarda-costas. Próxima pergunta não relacionada a guarda-costas. — Ele gesticula para o assistente passar o microfone para o próximo da fila.

—Mas, mas... — O menino com os nós dos dedos brancos agarra o microfone. — E Sullivan e Quinn? Quinnivan é uma coisa real, certo? Ou Maximoff e Donnelly? Maxelly?

Eu engasgo com meu chiclete.

Oscar dá um tapinha nas minhas costas e eu tusso com a voz rouca. Essa não foi engraçada. Eu não estou *shippando* ele com ninguém além de mim.

Maximoff está rindo muito e levanta o microfone. — Fofo — Ele diz ao menino.

O menino parece apaixonado. — Obrigado... eu te amo. — Em seu torpor, o assistente arranca o microfone de suas mãos e um coordenador de fila o conduz para seu assento.

Maximoff lança um olhar furtivo para mim, seus lábios virados para cima. Eu sorrio mais.

Ninguém considera Maximoff e eu como um par potencial, mas não

discutimos o que aconteceria se eles o fizessem. A ESO já está em terreno instável e, se cometermos um grande erro na turnê, todos perderemos nossos empregos. Não há necessidade de balançar esse barco.

Capítulo 36

Maximoff Hale

ESTAMOS NO MEIO do nada no Kansas, e Farrow se recusa a ir para a cama. Os advogados enviaram a ele outro arquivo zip de ANDs, e ele ainda está procurando. Ainda sem dormir. *Isso vai acabar*, eu me lembro.

Eu não vou persegui-lo. Então eu o deixo trabalhar e rastejo para o meu beliche e fecho a cortina de privacidade.

Só há uma pessoa com quem quero falar à meia-noite de um sábado.

E sim, eu sei que é tarde na Filadélfia. Mas tenho certeza de que ele estará acordado. Só espero que ele responda.

Ele o faz no terceiro toque.

O *FaceTime* se conecta e meu irmão de quinze anos preenche a tela.

Seu cabelo castanho liso está mais comprido, escondendo as orelhas, e mechas caem sobre a testa. Fones de ouvido vermelhos volumosos em volta do pescoço, ele descansa a cabeça em um travesseiro. Ele está na cama, mas ainda acordado.

— Você provavelmente dormiria melhor se não cochilasse o dia todo — digo a ele.

Xander ajusta um travesseiro contra a cabeceira da cama, sentando-se, mais confortável. — *Você está aprendendo merda médica com seu namorado agora?*

— Isso é apenas um conselho de irmão mais velho — digo facilmente.

Xander enfia um pouco do cabelo atrás da orelha. — *Estou feliz que você ligou.* — Ele vira a câmera, sua porta desaparecida. — *Por favor, diga ao esquadrão feminino de Kinney para parar de colocar porcaria no meu quarto.* — Ele dá zoom em uma bicicleta BMX e o equipamento de escalada. — *Vada acha que vou andar de bicicleta com ela. Eu não vou. Winona acha que vou escalar uma maldita montanha. Ela é louca.*

Todo mundo está preocupado com ele. — Eu vou passar adiante. — digo. — Como você está? — Nossos pais o fizeram adicionar um dia extra de terapia à sua agenda.

Xander vira a câmera, relaxado contra um monte de travesseiros.

— *Tudo bem.* — Ele dá de ombros. — *Não como... eu não sei.* — Ele morde o lábio inferior e dá de ombros novamente. — *Ansioso, eu acho. Eu não estou prestes a fazer nada, você sabe.* — Ele revira os olhos para si mesmo, então suspira. Ele já foi suicida antes, ainda mais quando era mais jovem.

— Isso é bom, Summers. Estou orgulhoso de você.

Ele baixa o olhar. — *Pelo quê?*

— Acordar esta manhã — digo a sério.

— *Sim, claro.* — Seu sarcasmo evidente. — *Estou cheio de realizações.*

— Ei, isso é grande pra caralho. — Eu observo seu peito subir em uma respiração mais profunda, e então a câmera se inclina um pouco.

Ele se inclina para a mesa de cabeceira e pega um *Sprite*.

Minhas sobrancelhas franzem. — Que porra você está bebendo?

Ele toma um gole. — *Você não sabe ler?* — Ele aponta a lata verde e azul para a câmera. A etiqueta à vista.

— Eu vejo um *Sprite*. Um produto da *Coca-Cola* — Eu o lembro —, o

concorrente da nossa família.

Xander engole, então arrota. — *Tenho uma mala inteira debaixo da minha cama. Continuo dizendo ao tio Stokes para fazer uma bebida Fizz de cor clara. Mas ele não aceita... então...*— Xander aponta sua lata para a câmera.

Todas as quatro irmãs Calloway têm ações da Fizzle. O império do refrigerante une os Cobalts, Hales, Meadows e Stokes. Mas depois que meu avô deixou o cargo de CEO, ele passou as rédeas para Sam Stokes.

Você não sabe nada sobre a família Stokes. Poppy Calloway, a irmã mais velha, e seu marido, Sam Stokes, conseguiram ficar longe da mídia. A única filha deles é atriz, filmando no Canadá agora, e mantenho contato por mensagem de texto. Mas estamos todos em estágios diferentes de nossas vidas.

Xander abre uma segunda lata de *Sprite*.

— Traidor — digo em um sorriso.

Seus lábios quase se erguem, mas honestamente, não tenho certeza da última vez que meu irmão mais novo teve um sorriso aberto no rosto. Talvez quando fomos num LARP[8] alguns anos atrás.

Ele arranca a tampa de sua lata, sua boca virada para baixo, e seus olhos âmbar caem novamente. — *Você merece ser chamado de traidor mais do que eu agora.*

Quê? Eu me vejo em uma pequena caixa na tela do *FaceTime*. Minhas sobrancelhas se juntam, rosto afiado. Eu me mexo desconfortavelmente no meu beliche. O espaço de repente parece apertado e pequeno.

— Por quê? — Eu pergunto, minha voz tensa.

— *Você não vai à renovação dos votos de mamãe e papai* — Ele diz com um encolher de ombros, como se realmente não importasse, mas ele parece

triste. — *Assim como você também perdeu meu aniversário.*

Meus músculos se contraem. Eu tento sentar um pouco mais.

Eu deveria saber que ele iria trazer isso à tona. Nossos pais acabaram de anunciar um segundo casamento em abril para renovar seus votos. A mídia publicou a história como se a realeza americana acabasse de declarar a maior cerimônia do ano.

Fez tantas manchetes que os paparazzi correram de volta para a Filadélfia. Como formigas voltando para sua colina de lama. E cerca de cinco horas atrás, perdemos a última van que seguia nosso ônibus de turismo.

Minha mãe e meu pai… Eles fizeram isso pela Equipe de Segurança Ômega. Sabendo que um anúncio de casamento redirecionaria a atenção da mídia. E ver o olhar nos rostos dos guarda-costas quando as estradas ficaram limpas... me deixou imensamente orgulhoso de chamá-los de meus pais.

Talvez aos olhos de Xander, se eu realmente amasse mamãe e papai, estaria na renovação de seus votos. Mas não é tão fácil.

O FanCon termina no mesmo dia do casamento. Isso garante que os paparazzi fiquem na Filadélfia durante o resto da turnê e não nos bombardeiem. Nossos pais escolheram a data do casamento, sabendo que eu não poderia comparecer.

— Eu me comprometi com esta turnê — digo ao meu irmão. — Se eu pudesse estar lá, eu gostaria. Você sabe que eu sinto muito a sua falta.

Ele aperta a lata de refrigerante, o alumínio amassando um pouco. — *Sim, eu também, e eu entendo. Eu acho*. — Ele suspira pesadamente, seu cabelo caindo em seu rosto enquanto ele escorrega. — *Ei, então eu queria perguntar a você*... — Ele olha para a direita, verificando se há algum bisbilhoteiro onde sua

porta costumava estar.

— Sim?

Ele dá um gole no refrigerante e limpa a boca no braço. — *Eu sei que mamãe era viciada em se masturbar ou algo assim. Isso significa que podemos ser viciados nesse tipo de coisa também. Então, quanto é demais?*

— Muita masturbação? — Pergunto.

— *Sim. Existe... tipo um número ou algo assim?* — Ele enfia o cabelo atrás da orelha novamente. Eu me vejo com quinze anos, questionando tudo.

— Você está fazendo sexo? — Pergunto, percebendo que não conversamos sobre essas coisas há um tempo.

— *Com a minha mão* — Ele responde.

— Isso não conta.

— *Então não.* — Ele joga sua lata amassada em algum lugar. Parece que cai na madeira dura. — *Se você não me der um número, vou apenas perguntar a Luna, e ela dá conselhos de merda, então eu sei que você não quer isso. Tenha dó de mim.* — Ele arrota.

Eu sorrio, prestes a dizer a ele que não há um número, mas o ônibus faz uma parada abrupta. Um guincho mecânico preenche o ar.

Excelente.

Xander lê meu rosto. — *O que aconteceu?*

— Eu não sei — digo rapidamente. — Algo com o ônibus. Posso ligar de volta?

— *Mano, apenas me dê um número primeiro. Isso está me matando.*

— Um milhão — digo.

Ele me mostra o dedo do meio e eu reafirmo que ligarei de volta, depois

desligo.

Balanço minhas pernas para fora do beliche e pulo para baixo. Entrando no salão lotado.

Do banco do motorista, Thatcher estica o pescoço por cima do ombro. — Todos estão bem?

— O que está acontecendo? — Pergunto.

As próximas palavras são aquelas que eu nunca quis ouvir.

— O ônibus quebrou.

*

Prognóstico: ninguém sabe o que diabos aconteceu.

O ônibus meio que morreu, e agora estamos esperando um mecânico dirigir para o meio do nada.

Todos os meus primos e Donnelly, Oscar e Jack estão sentados na calçada em frente a um campo de trigo. Uma nuvem de fumaça cinza sai da parte de trás do ônibus. Já ajudei meu tio a consertar um jipe velho várias vezes. Então eu até entendo de carros, mas isso é um ônibus. Não tem nem capô.

Farrow amarra sua bota, e eu verifico meu telefone para a recepção novamente. Sem sinal.

Lembro-me de como Quinn e Luna voaram de volta para a Filadélfia depois que a multidão se dissipou em LA, e agora mesmo, estou feliz por ela estar perdendo isso.

Depois de conversar em particular, os líderes Ômega voltam ao nosso lugar e Thatcher nos diz: — Vocês deveriam voltar para o ônibus.

Eu dou a ele um olhar. — Você quer que minha família e ESO entrem na coisa que está soltando fumaça e pode pegar fogo? Isso é um grande não.

Akara coloca seu boné de *baseball*. — Está tarde. Ninguém vem até de manhã.

O nevoeiro rola à distância. Sem lâmpadas de rua. Apenas os faróis do ônibus iluminam nosso cenário misterioso. Escuro como breu. Campos de trigo vazios sem fim. Já é o começo de um filme de terror ruim.

Mas me sinto mais seguro mantendo todos aqui do que em um ônibus explodindo.

Thatcher lê minha expressão resoluta, então acena com a cabeça. — OK. Nós vamos ficar aqui fora.

Rãs coaxam e grilos cantam no silêncio enervante.

Enquanto está no chão, Beckett estica as pernas e acena para mim. — As virgens morrem primeiro, certo? — Ele não assiste a filmes de terror, mas sabe que sim com Kinney.

Estou prestes a responder, mas Donnelly pensa: — Proteja as virgens a qualquer custo.

— As virgens levantem a mão — diz Oscar.

Apenas Sulli levanta a mão e torce o nariz. — O quê? Sério? Eu sou a porra da única?

Jane a aperta em um abraço lateral. — Nós amamos mais você. Mas não porque você é virgem. Isso é apenas uma coincidência.

Nós rimos.

Beckett sorri. — Todos nós vamos proteger você, Sulli, apenas tente não fugir de nós.

— Virgens não morrem em filmes de terror — digo e cruzo meus braços quando uma brisa sopra. — Você está errado.

— Vagabundas morrem primeiro — Charlie diz no chão. Ele desabotoa outro botão de sua camisa branca. Mesmo com o frio.

— Bem, a maioria de nós vai morrer então — diz Oscar, amarrando uma bandana na testa.

Eu pego o olhar de Charlie. — Sim, você está certo. — Concordo com a cabeça e todos ficam quietos enquanto Charlie e eu concordamos em algo. Uma raridade nesta maldita viagem. — *Morte por sexo* — Explico. — É um *trope*, especialmente em filmes de terror mais antigos.

Farrow amarra sua outra bota. — Moral: *sexo é ruim, crianças. Protejam sua virgindade.*

Charlie se apoia nos cotovelos. — Mas se a virgem morre, geralmente é uma menina e ela é sempre a vítima final. — Ele sorri para Sulli. — Parabéns, você vai sobreviver a todos nós.

— Foda-se isso. — Ela se levanta e limpa o cascalho das pernas. — Vamos todos sobreviver.

— Metas. — Donnelly sopra fumaça no ar. Ele joga o maço de cigarros para Beckett.

Farrow se levanta e enfia as mãos em um moletom verde do *Philadelphia Eagles. Meu* moletom.

Eu esfrego minha boca, tentando me dizer para desviar o olhar. *Pare de olhar. Estou obcecado por ele pra caralho.*

Mas minha paixão de infância está vestindo *minhas* roupas. É a primeira vez que ele veste algo *meu*. Talvez estar no meio do nada sem paparazzi seja a

causa.

Eu o leio. Da cabeça aos pés. Ele tirou o piercing na testa, mas ainda está com brinco, argola no nariz e no lábio, e está usando meu moletom. Jesus. Cristo.

Foda-se eu e meu cérebro em curto-circuito. *É só a porra de um moletom*. Ele não está vestindo o sentido da vida.

Farrow de repente me pega olhando. Seus lábios se curvam. Meu pescoço esquenta e eu desvio o olhar.

Mais fumaça sai do ônibus. Todos nós assistimos.

— Talvez devêssemos colocar alguma distância entre nós e o ônibus — Jane sugere. Ela fica de pé e sai pela estrada deserta e escura.

Eu rapidamente sigo o exemplo. Correr para recuperar o atraso. — Então eu tenho que te dizer, esta é a parte do filme de terror onde nós dois morremos. Somos os primeiros a deixar o grupo.

Ela sorri suavemente. — Pelo contrário, velho amigo. Estamos liderando o grupo.

Olho por cima do ombro. Com certeza, meus primos, seus guarda-costas e Jack estão seguindo nosso rastro.

Os guarda-costas acendem suas lanternas e percebo que Farrow está acompanhando Oscar. Ele acena para mim, mas não sai correndo. Talvez para me dar um tempo a sós com Janie.

Quanto mais longe estamos do ônibus, mais escuro. Minha melhor amiga liga a luz do telefone e solto meu mosquetão da calça jeans, com uma lanterna de emergência acoplada.

Eu olho para Janie. — Qual é a chance de estarmos levando-os para a

morte?

Jane pondera sobre isso. — Com suas habilidades de sobrevivência e minha sagacidade, faríamos uma boa partida contra qualquer adversário à frente, mas somos muito azarados, você e eu.

Eu coloco um braço em volta dos ombros dela, e ela se inclina para o meu corpo.

Quase como nos velhos tempos.

Iluminando a rua com minha lanterna, pergunto: — Você falou com sua mãe hoje? — Tia Rose tem ligado para Janie todos os dias desde que a turnê começou, e todos os dias Janie ignora a ligação e responde com uma mensagem de texto: *ainda não.*

— Não — diz ela. — Eu pensei sobre isso. Sério. — Ela amarra o cabelo ondulado em um rabo baixo. — Mas tanto tempo se passou, agora nem sei o que dizer. Eles escreveram aqueles ensaios para mim e ambos se desculparam. Agora me sinto como a pirralha que os está ignorando.

— Eles que foderam com tudo — Eu a lembro. — Você pode levar o tempo que tiver necessidade. Isso não é ser um pirralha.

Seus longos cílios se erguem para mim. — Você perdoou seus pais em poucos dias, Moffy.

— Isso é diferente.

— É?

— Meus pais são... — Eu lambo meus lábios secos, tentando buscar na palavra certa. Eu penso em como as pessoas veem os Hales. Frágeis, quebráveis, humanos – uma fileira de dominós que caem com um golpe. Mas aquela fileira de dominós sempre se levanta novamente.

E de novo.

E mais uma vez.

Fortes.

Meus pais são fortes, eu me lembro, mas é um tipo de força que aparece depois da vulnerabilidade bruta. Como uma cicatriz após uma ferida.

Não gosto de machucá-los antes de serem curados. — Eles não precisam que eu aumente o estresse deles — Acabo dizendo. — Seus pais comem e respiram lealdade. Tudo bem se sentir traída.

— Mas não me sinto mais — Ela diz e chuta um pedaço solto de cascalho com sua sapatilha. — Eu entendo por que eles fizeram o que fizeram. Eles me amam. Recebemos o tratamento de interrogatório real que eles dariam um ao outro. Na verdade, é bastante lisonjeiro dessa maneira estranha.

Eu franzo a testa. — Então, por que você não está falando com sua mãe?

O vento assobia e o trigo balança ao nosso lado. Um arrepio frio serpenteia pelo meu pescoço e fecho o zíper da minha jaqueta cinza. Já que estamos à frente de todos, a paisagem é mais assustadora.

Jane se aproxima e engancha seu braço no meu. — Como eu disse, não sei o que dizer.

— Você poderia começar com *oi* — Sugiro. — Sua mãe provavelmente vai preencher o resto.

— Da próxima vez que ela ligar, eu atendo — Jane diz com um aceno de cabeça determinado. — Eu vou. — Ela sorri para mim. — Dá para acreditar que saímos ilesos por um boato horrendo?

— Mas saímos? — Pergunto.

— Levemente arranhados — Ela corrige.

— Usados com cuidado.

— Estamos na caixa de barganha agora — Ela concorda. E nós dois sorrimos.

— Essa turnê ajudou, certo?

— Com certeza — diz ela. — Eu não acho que poderia ter ficado na Filadélfia, e o dinheiro que você levantou, Moffy... é incrível.

— *Nós* juntamos — Corrijo Jane.

Seus grandes olhos azuis dizem que estou errado e sou eu quem merece o crédito, mas tive muita ajuda de muitas pessoas para aceitar isso.

Pavimento solto tritura sob minhas botas *Timberland*. — Qual foi a pior parte? — Pergunto.

Jane nem sequer hesita. — A frustração sexual. É forte e não consigo nem me compadecer de você.

Eu realmente me sinto mal com isso. — Por que você não liga para o seu BCB? Ele pode acompanhá-la na última parte do passeio.

Choque arqueia as sobrancelhas — *Você* quer Nate no ônibus?

Eu faço uma careta. — Na verdade não, mas também não quero que você fique sexualmente frustrada.

— E eu não quero nove caras interrogando-o — Ela diz com um suspiro. — Minhas opções incluem eu, eu mesma e meu vibrador. — Ela ilumina a luz do telefone. — Nate e eu trocamos mensagens de sexo, então tenho isso.

Eu chuto um pouco de cascalho. — Você sempre pode pedir ao seu novo guarda-costas para ajudá-la. — Eu começo a sorrir. —Tenho certeza de que ele não se importaria.

Jane bufa. — Ah, sim, em sua vida, os deveres de guarda-costas incluem

dar prazer. — Ela estreita os olhos para a estrada escura. — Deus, você poderia imaginar? O que eu diria? *Olá, Sr. Moretti, estou precisando de uma ajuda oral. Você faria a gentileza de abrir meus joelhos?*

Alguém pigarreia atrás de nós. — Maximoff.

Não é Farrow.

Merdaaaaa.

Jane e eu congelamos de repente, seus olhos prestes a explodir. Ela fica vermelha, mexe no celular e a luz acende e apaga.

Ela xinga em francês antes de nos virarmos e encararmos Thatcher Moretti.

— Sim? — Respondo e olho por cima do ombro. Os outros estão mais atrás. Não combinando com o nosso ritmo.

Thatcher não olha para Jane. Apenas falando comigo. — Há uma pequena cidade a um quilômetro acima. Estamos todos indo nessa direção.

— Tudo certo, combinado.

Jane está irradiando calor envergonhado. Mas onde outras pessoas tendem a se esquivar disso, ela dá um passo adiante na luz. Assim será melhor.

— Thatcher — Jane cumprimenta. — Eu só vou perguntar. Você ouviu o que estávamos falando?

Seu rosto taciturno e severo é exatamente o mesmo. Mas ele finalmente olha para Jane. — Ouvi.

Jane cruza os braços, sem quebrar o contato visual com ele.

Eu gostaria de fazer alguns cartazes, pendurá-los bem alto, e eles apontariam uma flecha para Janie e diriam: *essa é a porra da minha melhor amiga.*

— E? — Ela pergunta a ele.

Uma rajada de vento passa por nós.

Thatcher desenrola as mangas de sua camisa de flanela vermelha. — E se você precisar de algum tipo de assistência oral — diz ele, usando as palavras dela que a deixam ainda mais fascinada. —, então eu posso chamar alguém para você. Nate ou...

— Eu posso fazer minhas próprias ligações, obrigada — Ela diz alegremente. — Isso é tudo. — Ela gira na ponta dos pés, olhando para frente, e só eu consigo ver seus olhos arregalados que praticamente gritam *o que acabou de acontecer?*

Thatcher olha para mim. — Você está bem?

— Sim. — Eu concordo.

Ele fica um pouco mais estranho antes de sair.

Quando me viro para Jane, ela diz: — Ele se ofereceu para encontrar um cara para me chupar — Ela faz uma pausa. — É realmente fofo. Por que eu acho isso fofo? — Ela toca a testa como se estivesse com febre. — Merde.

Eu penso muito. Como Farrow não suporta Thatcher. Como Thatcher não suporta Farrow. Como sempre vou ficar do lado de Farrow nessa rivalidade.

Mas se Jane gosta de Thatcher, isso complicaria tudo. Então eu só preciso saber... —Jane, você tem sentimentos por...

— Não — Ela nega rapidamente. — Não. — Ela balança a cabeça. — Estamos em uma trajetória suave, Moffy. — Ela aperta minha mão. — Você não sente isso?

Há um delator e um *stalker* por aí, e ainda estou no ônibus com Charlie.

— Se por suave, você quer dizer que um asteroide está vindo em nossa

direção, então sim. Estamos na trajetória mais suave que existe.

Jane ri, mas o barulho desaparece rapidamente e ela aponta para o campo de trigo. Luz salpicada de laranja à distância. — Essa deve ser a cidade próxima.

Capítulo 37

Farrow Keene

CORTAMOS POR UM caminho de terra no campo de trigo, que nos leva a uma pequena cidade do Kansas.

Notificações apitam e vibram em vários telefones. O sinal do celular deve ter retornado.

Enquanto caminhamos, eu verifico minhas mensagens desde que enviei uma para meu pai esta manhã. A primeira vez que mandei para ele em anos.

Eu disse:

Eu: *Se você está importunando Maximoff na crença de que vou voltar para a faculdade de medicina, me diz agora. Podemos conversar sobre isso.*

Demorei uma hora escrevendo essa mensagem. Porque meu primeiro rascunho dizia: *vai se foder*.

Ele ainda não respondeu.

Eu coloco meu telefone no bolso e Maximoff aproxima-se de mim.

Trigo esbarra em nossos braços de ambos os lados. Eu seguro seu olhar por um longo momento. Como eu, ele não tem medo do nevoeiro ou do escuro. Eu não me importaria se ele tivesse. Mas há algo extremamente sexy nesse destemor compartilhado.

Começo a sorrir e aumento o passo. Ver se ele vai acompanhar. Seu passo

longo combina instantaneamente com o meu e, em breve, adicionamos bastante distância entre os outros e nós.

Seus olhos verde-floresta voam para o moletom do *Philadelphia Eagles* que estou usando. Merda, eu amo ser o primeiro dele. Mesmo para as coisas simples e pequenas. Ele tem estado basicamente me fodendo com os olhos na última hora, mas mais sensual do que uma foda rápida e áspera.

Se olhos pudessem fazer amor, seus olhos estariam fazendo amor comigo.

Maximoff avista meu sorriso crescente e estende a mão através de seus cabelos grossos. — Eu não sei por que diabos você está sorrindo.

— Claro que não. — Eu inclino minha cabeça para ele, meu olhar descendo por seu corpo. — Tem o seu cheiro.

Maximoff esfrega a boca, depois o maxilar, tentando esconder um sorriso. — Fantástico, suponho.

— Acalme-se, lobinho. Não há uma medalha de mérito por cheirar bem.

Ele quase ri. — Você está admitindo que eu cheiro bem? — Ele toca seu coração. — É quase como se *você* estivesse obcecado por *mim*.

Eu aceno algumas vezes. — Cara, é fofo o quanto você quer virar o jogo.

— Ele já virou — Ele rebate.

Eu balanço minha cabeça de um lado para o outro, considerando por meio segundo, prestes a atender, mas meu telefone vibra. Uma nova mensagem.

Eu verifico.

Pai: *Ligue-me amanhã.*

Curto, direto ao ponto. E também vago pra caralho. Eu passo a mensagem para Maximoff.

Seu rosto é estoico. — Ligar para ele pode não ajudar. Eu sinto que você

não deveria entrar em contato a menos que seja para conversar sobre você e ele, não sobre o *stalker*.

Eu balanço minha cabeça. — Não existe ele e eu. Não há mais de três anos. — Para proteger Maximoff, eu ligaria para meu pai, mas também não quero dar vantagem a ele.

Eu mando uma mensagem para ele: você pode falar comigo por mensagem de texto.

Assim que eu mando, o campo de trigo termina e nós chutamos a terra enquanto avançamos. Mudo de ideia: isto não é uma cidade. São três prédios de telhas, sendo que dois parecem fechados. A luz pisca nas janelas de um deles.

Eu assobio, e o vento carrega o som.

Maximoff me dá uma olhada para segui-lo. Ele está em uma missão e eu não vou sair do lado dele. Eu sinto para onde ele está indo em um instante. Placas penduradas em cada prédio: Farmácia da Lucille, Antiques & Brass, e Savory Eatery com uma placa adicional que diz, vidente dentro!

Adivinha qual é o único aberto.

Maximoff sobe as escadas de ripas de madeira até o restaurante. A tinta azul descasca da porta velha. Eu pego seu bíceps quando ele alcança a maçaneta de cobre.

— Você não vai entrar primeiro. — Não estou tentando superá-lo. Ele pode liderar o bando, mas ainda estou de serviço. E este ainda é um local inseguro.

— Estamos no meio do nada — Ele retruca. — Quem quer que esteja dentro deste restaurante provavelmente nunca ouviu falar de Loren Hale, muito menos de seu filho.

— Claro, mas eles também podem pular em você, e depois? — Eu não vou recuar.

— Eles também podem pular em você. — Ele também não está recuando.

— Sou um lutador treinado.

— E eu luto muito — Combate.

Minhas sobrancelhas se erguem.

— Eu tenho uma arma.

— Eu tenho um canivete.

Reviro os olhos e solto uma risada. — Você é tão teimoso.

Ele afia em meus lábios e piercings. — O mesmo serve para você, cara. — Seu súbito olhar *me fode* está me matando. Meus músculos queimam e as veias pulsam em meu pau.

Eu o observo me foder com os olhos, seus olhos verde-floresta viajando cada vez mais para baixo… e sorri. — Você vai ver meu pau mais tarde, não se preocupe.

— Eu não estava, obrigado — diz ele secamente, mas sua respiração fica superficial. Seu corpo fica tenso. *Me fode* é o apelo, pedido e sentimento predominante.

E caramba, eu quero cumprir isso. Mas nós dois reconhecemos o lugar, hora: Kansas depois da meia-noite com outras nove pessoas.

Falando nessas pessoas, elas caminham em nossa direção e nossas cabeças se voltam. — Vidente — Donnelly lê a placa. — Louco.

Maximoff acaba segurando a porta aberta e observamos cada pessoa entrando, uma a uma. Eu fico com ele. Ômega vai primeiro, vasculhando o restaurante, depois seus clientes.

Quando meu namorado e eu entramos juntos, examino a decoração eclética. Lâmpadas de lava ficam na barra arranhada, orbes dentro de redes de pesca pendem de vigas de madeira e uma velha jukebox toca Johnny Cash.

Existem apenas seis mesas de madeira, o lugar é pequeno.

E vazio.

Akara toca uma campainha no bar.

— Alguém aqui?! — Sulli chama, percebendo a porta da cozinha, e ela se abre.

Uma garçonete murcha e de cabelos grisalhos sai, amarrando um avental em volta da cintura. — Ei. Normalmente só recebemos caminhoneiros por volta dessa hora. Sentem-se onde quiserem. — Ela aponta para as mesas. — Meu nome é Patrícia. Vou servir vocês.

Maximoff estava certo. Ela não reconhece os famosos, e eu duvido que ela se importaria se os apresentássemos como celebridades de primeira linha.

Todos nós empurramos algumas mesas juntos. Ergo uma garrafa de ketchup que tombou. Cadeiras rangem quando as pessoas começam a se sentar. Escolho um lugar no final e Maximoff se senta ao meu lado. Oscar e Jane na nossa frente.

A disposição dos assentos não é tão aleatória. Estamos mais longe de Thatcher e Charlie. Patrícia planta as mãos na mesa. Curva-se para Jack. — Só temos três coisas no cardápio, rapazes — Ela percebe Jane e Sulli. —, e, moças. Frango assado, nosso ensopado noturno e torta de creme azedo e passas. Apenas uma cerveja de pressão e temos alguns refrigerantes Fizz.

— Vou experimentar a torta — Sulli diz primeiro.

Todos os outros pedem o frango, refrigerantes e água. Começamos a falar

sobre música quando *Folsom Prison Blues* começa a tocar.

Em seguida, contas batem em uma entrada, uma figura se esgueirando dramaticamente como se ela estivesse fazendo um teste para interpretar Madonna.

Eu me equilibro sobre as duas pernas da cadeira, completamente entretido.

— O que... — Beckett para, suas sobrancelhas cerradas.

A maquiagem roxa esfumada sombreia seus olhos, e ela aponta para a nossa mesa. Patrícia acena para a mulher. — Esta é Fontina, a Afortunada, minha cunhada. Todas as leituras são cortesia com suas refeições. Boa sorte e voltarei com sua bebida e comida.

Oscar murmura para mim: — Sim, não estou entendendo este lugar.

— Boa sorte? — Jane repete e troca um olhar cauteloso com Maximoff.

A outra ponta da mesa está quieta e curiosa. A minha está prestes a se auto ejetar. Menos eu. Essa merda é inofensiva.

Mas entendo como Jane e Maximoff são protetores com seus primos e irmãos. Tenho certeza de que eles não querem que um estranho lhes diga que estão prestes a morrer. Ou que seu futuro é sombrio e miserável.

Fontina se esgueira ao nosso redor, suas unhas bem cuidadas patinando nas costas de nossas cadeiras. — Sinto uma energia forte na sala.

Sentado de costas na cadeira, Donnelly fuma outro cigarro. — Sou eu, certo? Eu sei que tenho uma energia forte.

— Isso é apenas a sua respiração — Brinca Oscar. Donnelly manda um beijo de dedo médio para ele.

— Não, não, não é você. — Fontina circula a mesa. Com as pálpebras pairando fechadas, ela suga o ar pelas narinas. — Está aqui. — Ela acena com a

mão na minha direção. — Não, espere… — Ela vacila.

Eu não posso deixar de sorrir, porra.

Patrícia carrega nossas bebidas, colocando-as na mesa, e uma vez que ela sai, Fontina reanima e coloca a mão na cabeça de Sulli.

Maximoff fica rígido. Sulli tenta não rir.

— Você, querida — Fontina reflete.

— Sim? — diz Sulli.

— Eu sinto... fortes sentimentos ao seu redor. Um destino que você não pode controlar.

Vago.

Beckett faz uma *cara de merda*.

Sulli contempla isso com afinco. — De que jeito? Tipo, nadar ou…?

— Amor — diz Fontina.

— Mas eu nunca me apaixonei — Menciona Sulli.

— Eu sei, querida.

— Porque ela acabou de te contar — Beckett diz incisivamente, e Charlie sorri, meio relaxado em sua cadeira.

Fontina o ignora e coloca a outra mão na cabeça de Sulli. — Você é um espírito determinado, uma empreendedora, e muitos admiram isso... mas há um homem que a protege mais fortemente... — Suas mãos vão para as bochechas de Sulli, e Sulli enrijece, cerca de 70% desconfortável. — E você vai cair de...

— Ninguém vai cair porra nenhuma — Maximoff interrompe, antebraços na mesa para ter uma visão melhor de sua prima.

Fontina a solta e circula a mesa, e Sulli murmura um ‘obrigada’ para Maximoff. Grato por redirecionar os holofotes.

Eu ainda balanço nas pernas da minha cadeira e dobro um papel de palha.

— Vocês dois... — Fontina reflete, sua mão pairando sobre a minha cabeça e a de Maximoff. — Forças poderosas... conectam vocês dois nesta vida... e em suas vidas passadas...

Um sorriso surge em minha boca e eu pergunto: — Quanto ele me amava nas nossas vidas passadas?

Ela suga uma respiração, canalizando.

Maximoff pisca para mim como se eu tivesse feito uma pergunta que o mandou para o inferno. Além disso, ele está lutando para não olhar para meus lábios.

— ... muito, muito amor — Ela reflete. — Sempre foi você.

Maximoff está quase corado, seu corpo imóvel. Rígido. Ele se desliga da atenção de sua família e segurança e olha para a mesa.

Lobinho.

Normalmente ele tem uma resposta, mas posso dizer que ele está perdido para uma réplica. Eu largo as pernas da cadeira e discretamente coloco a mão em seu joelho.

Ele ainda é uma estátua de mármore.

— Isso é lindo — diz Jane — e você pode lê-los sem cartas de tarô?

— Mmmhhhmm — Responde Fontina. — Eu tenho uma alma intuitiva.

Maximoff toma um gole d'água e diz genuinamente: — Isso é interessante.

Fontina sorri, mas então ela franze a testa profundamente e agarra meu olhar.

— Você está procurando por alguém, não?

O ar paralisa. Nem tenho certeza se acredito nessa merda.

— Estranho — diz Donnelly.

Ainda estou procurando ativamente por várias pessoas. O *stalker*, o delator – e meu telefone de repente vibra no meu bolso. Pego meu celular.

— Você vai encontrá-los em breve, muito em breve... — Fontina se interrompe enquanto a garçonete chega à nossa mesa com uma grande bandeja de comida. A vidente diz suavemente: — Aproveitem sua refeição. — Então ela sai pela entrada de conchas.

Jane pergunta à garçonete: — Quão precisa é sua cunhada com as leituras?

— Eu diria que cerca de metade é uma palhaçada completa — Patrícia enxuga as mãos no avental. — Mas ela solta algumas verdades de vez em quando. Precisam de mais alguma coisa?

Desligo de todos e desbloqueio meu telefone para uma nova mensagem de texto.

Pai: *Assédio é uma palavra forte.*

Meus músculos da mandíbula se contraem. Eu escrevo*:* Que palavra você usaria então?

Eu envio a mensagem.

Maximoff ainda não tocou na comida. — Más notícias?

— Sem notícias — digo baixinho. — Ele está sendo um idiota vago.

Minha atenção se desvia quando Oscar abre uma lata de metal. — Você realmente trouxe os biscoitos da Audrey para cá? — Eu nem percebi que ele a carregou.

— Sim — diz Oscar. — Não sabíamos se alguma coisa estaria aberta,

Redford. Eu estava pensando mais à frente.

Meu telefone chacoalha na mesa.

Pai: *Eu chamaria isso de ser proativo, produtivo e profissional. Eu não deveria ser o médico de cuidados primários do seu namorado. É um papel melhor para você. Seu talento não deve ser desperdiçado. Faça o que você está destinado a fazer.*

Meu nariz infla. Eu cerro os dentes, irritação rastejando pela minha espinha. Não consigo discernir se ele está por trás da conta do *Instagram* ou do vazamento.

Ele está apenas se referindo a como ele não é mais o médico de Maximoff. Esse incidente por si só me coloca em uma borda agravada que raramente chego perto.

Não vou responder tão cedo. Passo meu telefone para Maximoff. Querendo mantê-lo informado. E olho para Oscar, que come um biscoito inteiro em forma de coração.

— Como está o biscoito, Oliveira?

— Perfeição. — Ele pega outro e seus olhos se estreitam para a cobertura. Ele fica muito quieto, sério. Mais metódico.

Alguma coisa não está certa.

Pego a lata e vasculho os biscoitos. A cobertura rosa decora metade deles com duas palavras: *me desculpe.*

— Não entendo — diz Oscar. Nem eu.

— Ela comprou óculos? — Pergunto-lhe. — Talvez ela finalmente tenha

percebido que você não é gostoso o suficiente para entregas especiais…

Ele joga agressivamente um biscoito em Maximoff, que o pega facilmente.

Minhas sobrancelhas arqueiam para Oscar. — Foda-se — digo e adiciono um dedo do meio.

Oscar abre um sorriso de curta duração. Ele observa Maximoff inspecionar o biscoito *me desculpe*, então Jane os vê.

— Vou ligar para minha irmã. — Jane começa a discar um número e Maximoff fica pensativo. A outra ponta da mesa está discutindo o melhor churrasco que já comeram. Jogo um guardanapo amassado em Akara.

Ele se esquiva. — Ei…

— Pega. — Jogo um biscoito para ele.

— Porra, eles estão mofados? — Sulli se pergunta, nos notando. — Esse é o pior.

— Não, eles não estão mofados — Responde Jane, com o telefone no ouvido.

Akara mostra o biscoito para todos.

Thatcher abaixa uma faca de carne e se concentra em Oscar. — Você fez algo que ela precise se desculpar?

— Não — diz Oscar sério. — Eu realmente nem falo com ela. Ela me manda biscoitos, eu como. É isso.

Charlie arrasta sua cadeira para trás, chamando a atenção de todos. — Minha irmãzinha é fascinada por meninos. Mas ela se apaixona por aqueles que sabe que não pode e nunca terá. Porque ela realmente não quer ver isso. — Ele se levanta e caminha até Jane. — Audrey gosta mais da ideia de amor do que da realidade.

— Oui — Jane concorda. — Ela pegou emprestado todos os meus romances de *Outlander* anos atrás, e eu não os vi desde então. Ela adora um bom romance.

— Romance *fictício* — Enfatiza Beckett, levantando-se para se juntar a seu irmão e irmã, e Jane também se levanta. Observo aqueles três, os Cobalts, de pé juntos.

Reconheço que posso não ser tão parcial com os Cobalts, mas posso dizer quando eles sentem que algo está "acontecendo" em sua família. De pé, sua unidade carrega uma força profunda que aperta o ar. Eles também podem ter afivelado suas armaduras e embainhado suas armas.

Se eu sinto isso, Maximoff também. Ele olha para seus primos, depois ao telefone. O peso sobrecarrega o restaurante.

— Todo mundo quieto — Jane diz quando a linha se conecta. Ela pressiona o viva- voz. — Audrey, sei que é tarde, mas Oscar acabou de abrir sua lata de biscoitos. Ele está ao meu lado e você está no viva-voz. Só queríamos saber se está tudo bem.

Eu a ouço fungando. À beira das lágrimas.

Maximoff se aproxima da mesa. — Você está em casa?

— *Sim, oi, Moffy* — Audrey diz suavemente. — *Eu estou no meu quarto. Eu me coloquei de castigo por toda a eternidade.* — Sua voz caprichosa soa como se ela estivesse estrelando em *Mulherzinhas* ou *Vivendo na Eternidade*. — *É o que eu mereço acima de tudo. Quem mais está com vocês?*

— Todo mundo — diz Jane. — Posso passar o telefone para Oscar se você quiser.

— *Não, assim é melhor.* — Ela suspira melancolicamente, depois suspira

de novo, com a voz trêmula.

Donnelly estremece, odiando quando as crianças choram. Não é minha coisa favorita também. Eu giro um saleiro e ouço os Cobalts.

— Audrey — diz Charlie. — Pelo que você está se desculpando?

Sua voz falha. —*Eu sinto muito. Fui eu.* — Mais lágrimas, desta vez um soluço.

Beckett sussurra para Jane: — Tire o viva-voz.

Antes que Jane se mova, Audrey choraminga: — *Eu que fiz.*

Minha respiração falha, e devo estar muito fixada no *stalker* porque minha mente imediatamente vai para lá. É irracional pra caralho. A prima de treze anos de Maximoff não está criando imagens de morte e assassinato dele.

— Fez o quê? — Jane pergunta, com os olhos arregalados.

— *Fui eu quem compartilhou o vídeo* — diz ela em uma confissão chorosa. O vídeo do Papai Noel Gostoso.

Beckett balança a cabeça repetidamente, braços estendidos. Como se isso não estivesse certo. Não pode ser a irmãzinha dele, mas ela acabou de admitir. Charlie suaviza seu olhar em Beckett.

E então Jane gesticula para que todos fiquem quietos, mas Thatcher e Akara se levantam e pegam seus telefones. Enviando mensagens de texto para a equipe de segurança.

Donnelly avança, rosto nas mãos. Sim, seus preciosos Cobalts estragaram tudo. Adivinhe, eles são todos humanos.

— Eu não entendo, Audrey — Jane diz. — Por que você faria isso? Você sabia que era privado.

— *Eu não pretendia que a imprensa o tivesse* — Ela chora baixinho. —

Tudo o que eu sempre quis foi que Emma Rodwin acreditasse que Oscar existia. Ela disse que eu estava mentindo, e eu não sou uma mentirosa. — Ela chora mais forte, mas ainda fala claramente. — *Quando Beckett enviou o vídeo no grupo, eu só pensei em como seria para Emma saber a verdade. E copiei o vídeo para um pen drive para compartilhar com ela.*

Charlie diz: — E Emma enviou o vídeo para a imprensa.

Beckett relaxa. —Na verdade, você não vazou o vídeo, Audrey. Foi sua amiga.

Ela funga. — *Eu sou uma parte adjacente a essa traição, você tem que entender.*

É exatamente por isso que tenho a sorte de nunca estar numa saidinha da família Cobalt. Ela acabou de fazer treze anos em janeiro e fala como se tivesse cinquenta. E essa é apenas *um* Cobalt. Quando todos os sete estão juntos, é uma enxaqueca instantânea.

Coloque-me com os esquisitos do Hales qualquer dia. Porra, eu realmente sinto falta de Luna agora.

— Você não fez nada — Beckett diz. — Não podemos confiar em ninguém além da família e da segurança. Lição aprendida e agora você segue em frente.

— *Eu não posso* — Ela chora. — *E se eu sentir que fiz a pior coisa que uma pessoa poderia fazer?*

— Você não matou ninguém — Observa Oscar, cortando seu frango.

Audrey pede mais desculpas a Oscar, e a maioria de nós começa a relaxar. É melhor que seja Audrey e não alguém da segurança. Tipo, por mais que eu não goste da Épsilon, não gostaria que eles machucassem as famílias. Mas eu

gostaria que o delator e o *stalker* fossem a mesma pessoa.

Então eu poderia ter fechado o livro para o outro também.

— *Sinto muito, muito mesmo* — Audrey diz com um soluço. — *Eu falhei com a família. Eu deveria ser banida.*

Beckett e Charlie sorriem.

— Nós não vamos banir você até o nascer do sol — Charlie brinca.

— *Farei todas as minhas reparações antes disso.* — Ela funga, soando melhor.

— Você contou para mamãe e papai? — Beckett pergunta.

Audrey suspira. — *Não... mamãe e papai vão ficar tão desapontados. Eu não poderia ligar para ninguém. Achei que os biscoitos serviriam... mas eu deveria ter ligado. Eu sou fraca, tão fraca*. — Eu a imagino se jogando na cama bagunçada, dramaticamente.

Metade de nós tenta não rir.

— Você não é fraca — diz Maximoff, olhando para o telefone. — Você é uma Cobalt.

— Toujours — diz Charlie, e posso traduzir essa palavra francesa: *sempre*.

Audrey funga uma última vez.

— Você tem que contar para mamãe e papai — Jane insiste. — Esta noite. Acorde eles.

— *Você vai jogar flores no meu funeral?* — Audrey pergunta.

Jane começa a sorrir. — Só rosas. E você, no meu.

— *Claro, irmã.* — Ela exala, a conversa entre as garotas Cobalt estranha pra caralho e levemente fascinante.

— Tchau, Audrey.

— *Tchau, Jane.*

Elas desligam.

Donnelly desenterra seu rosto. — Eu amo os Cobalts. — Ele sorri.

— Isso se chama lealdade cega e estúpida — digo. — Um deles pode ter acabado com nossos empregos.

Capítulo 38

Maximoff Hale

QUASE CEM FANCONS em nosso currículo, aceleramos em março de maneira contínua. Marquei entrevistas na *Forbes* e *Vanity Fair* para divulgar a turnê, e a maioria dos meios de comunicação extraiu esta citação de uma revista de negócios:

> A turnê do FanCon da HMC Filantropia segue para sua última etapa mais forte do que nunca. Com cerca de US$150 milhões ganhos em apenas três meses, Maximoff Hale capitalizou sua fama sem fins lucrativos. Ele está revolucionando a filantropia trazendo uma nova onda mais jovem. Não se trata mais apenas de investidores de sangue azul de Wall Street. Ele encontrou um grupo de vinte e poucos anos dispostos a gastar dinheiro com ele em vez de um ingresso para o novo show de Taylor Swift. E o benefício: todos os rendimentos vão para a caridade. Este jovem de 22 anos está abrindo caminho no mundo da filantropia. Seu sobrenome é um dos mais conhecidos – mas não se engane – ele está construindo sua própria história.

Eu gostaria que eles tivessem mencionado meus primos e o trabalho da equipe e da segurança. Eu não poderia fazer isso sem eles, mas meu espírito está ainda alto durante o Seattle FanCon. Eu não precisava de elogios.

Estou feliz com o número: 150 milhões de dólares vão ajudar muita gente.

Um coordenador de fila guia um menino magro para fora depois que eu o abraço. Farrow fica a vários metros de distância, e alguns fãs o presenteiam com retratos que desenharam. A fama do guarda-costas está viva e próspera.

Mas estranhamente, não é ruim. Até agora, todos conseguiram ignorar a atenção.

Principalmente graças à minha mãe e ao meu pai. É mais fácil para a Ômega sem a presença gigante e consumidora de paparazzi.

Nossos banners do FanCon são erguidos no palco do show em Seattle, e cordas de veludo separam todas as cinco filas. Entre cumprimentar os fãs, olho em volta para a multidão animada, os sorrisos emocionados e penso nos primeiros encontros. Como suavizamos muitos problemas. Como ninguém desistiu.

Estou orgulhoso dessa turnê. Dos meus primos. Da segurança e equipe técnica. Já estou planejando uma festa de fim de turnê para todos.

Um coordenador de fila conduz o próximo fã para frente. Subindo um lance de escadas. No palco. Em minha direção. A garota tem cabelo cortado e tingido de rosa, e uma camiseta preta Superheroes & Scones engole seu corpo magro. Ela não pode ter mais de quinze anos.

Antes mesmo de meus olhos atingirem a garota, ela está chorando.

E por *chorar*, quero dizer *uma verdadeira cachoeira*. Eu encontrei um bilhão de lágrimas de fãs nesta turnê, felizes, tristes e doloridas, mas algo sobre essa garota bate em mim e tenta me balançar de volta.

Talvez porque ela tenha o mesmo corpo magro das minhas irmãs. Talvez porque ela pareça ter a idade de Xander. Talvez porque ela tropece nos pés e,

quando a pego, ela desmorona em meus braços.

— Ei, ei, estou bem aqui — digo fortemente, e reboco tijolos e aço dentro de mim. Eu não balanço para trás ou balanço.

Ela soluça e esfrega as bochechas. Eu suporto todo o peso dela, segurando-a para se levantar, então ela fica de pé. Se eu soltar, ela vai afundar no chão.

Eu enxugo suas lágrimas com a bainha da minha camisa verde. — Qual o seu nome?

Ela tenta parar de chorar, a respiração entrecortada. — B-B-Britni.

Meus lábios puxam em um pequeno sorriso. — É um nome bonito.

Ela chora mais forte.

Droga.

Eu olho por cima do meu ombro. Paara Farrow. Ele está obcecado com essa interação, e eu murmuro: *pais*. Precisamos encontrar os pais dela ou quem foi ao FanCon com ela. Um membro da família, um amigo, um maldito adulto. Farrow acena para meu assistente e fala rapidamente.

Eu me concentro em Britni. — Quer sentar comigo por um segundo? — Pergunto.

Ela assente várias vezes.

Então, eu lentamente me ponho em um joelho e a trago comigo. Solto sua cintura e ela se senta no palco, com as pernas abertas para o lado.

Eu esfrego suas costas e pergunto o mais gentilmente que posso: — Quer me dizer o que está incomodando você?

Ela soluça em sua camisa Superheroes & Scones.

Tipo soluços *guturais*. Cada um tenta perfurar minha caixa torácica e meus pulmões. Meus ossos param, travados, músculos tensos. Minha mandíbula se

aguça, sobrancelhas franzidas.

Eu não sou tão mole quanto alguns fãs pensam. Eu me preocupo sinceramente com essas pessoas, esses fãs que nunca conheci, mas o *amor duro* é mais fácil para mim. E não é disso que ela precisa.

Eu lambo meus lábios e engulo um caroço. Eu esfrego suas costas novamente. — Britni, está tudo...

— D-desculpe — Ela choraminga.

— Eu prometo, está tudo bem. — Aceno para ela, mas ela não consegue encontrar meu olhar. — Você está indo bem.

— E-eu só... estou tendo dificuldades na escola e em casa e minha vida acabou. Você é a única coisa que eu preciso para torná-la melhor.

Eu fico dormente. A pressão tenta aumentar, mas luto contra o peso. Estou ciente de que tenho tão pouco tempo com essa garota. Qualquer coisa que eu diga pode fazê-la crescer ou destruí-la, e nunca assumo essa responsabilidade levianamente.

— A vida pode ser difícil às vezes — digo. — Minha mãe e meu pai me ensinaram que quando você não tem certeza se pode continuar, você só precisa viver um dia de cada vez, um passo de cada vez. Você pode fazer isso para mim?

Ela respira pesadamente e as lágrimas vazam silenciosamente.

— Você está aqui, hoje — digo, buscando algo em minha alma para dar a ela, mas meu peito desaba. — Existem coisas boas nessa porra de mundo. Pode não parecer ontem, talvez nem amanhã, mas fica...

— Tudo vai acabar — Ela grita e então agarra a minha gola redonda, aperto frenético. Puxando.

Farrow se aproxima, e eu o olho de soslaio, dizendo silenciosamente *ainda*

não. Eu até seguro a mão estendida para que ele fique para trás por um maldito segundo. *Apenas espere. Aguente.*

Você não sabe que eu costumava chorar até dormir aos nove anos de idade. Ouvir coisas ruins sobre minha família. Sobre mim. Querendo saber o que diabos era real. Eu era uma criança feliz, mas havia horas, dias, semanas em que costumava pensar que todo bastardo cruel e sem coração quebraria as pessoas que eu amava.

Não consigo imaginar o tipo de depressão que meu irmão passa. O que essa garota pode estar passando. Onde eles só querem desistir. Mas eu entendo como é acordar e querer gritar. E meus pais me diziam: “Um dia de cada vez, um passo de cada vez.”

Fique de pé.

Continue.

Siga em frente.

— Britni — Eu começo, mas ela torce a gola da minha camisa.

Estou de joelhos, segurando seus cotovelos e *tentando* fazê-la olhar para mim. Seus olhos estão em toda parte, menos no meu rosto.

— Você tem que me dar uma chance — Ela soluça. — Um encontro. Qualquer coisa. Você vai ver. — Sua voz falha. — Você vai ver que eu poderia ser uma namorada tão boa, e nós estaremos apaixonados e tudo será perfeito e feliz de uma vez.

Cristo... não pensei que estava se encaminhando para isso. Eu luto e procuro pela resposta certa. Minhas juntas enferrujam, pescoço rígido. — Eu quero que você seja feliz…

Ela se engasga com as lágrimas. — Meus pais se divorciaram. Todo

mundo na escola me odeia... — Ela puxa minha gola. Eu envolvo meus braços em torno de seus ombros. Abraço um ser humano frágil.

Não tenho certeza se posso fornecer o conforto certo. A porra das palavras certas ou a força perfeita. Tudo o que quero é que ela seja inequívoca e irrevogavelmente feliz, mas não posso dar isso nem ao meu próprio irmão.

Como faço para corrigir isso?

Como posso consertar isso?

— Está tudo bem — digo, minha voz mais afetada. — Só respire.

Ela soluça na curva do meu pescoço. Lágrimas molhando minha camisa. — Por favor, por favor, *por favor.* Eu não quero morrer.

Meu pulso bate como um tambor oco. Somos ela e eu, e sei que não sou o suficiente. Preciso colocá-la em contato com profissionais de saúde – já fiz isso antes. Consigo ter certeza de que ela fique bem. Eu posso fazer isso pelo menos.

Eu viro minha cabeça. — Lydia — Chamo minha assistente de turnê. — Se os pai dela não estão aqui, ligue para eles. — Ela se apressa. Farrow se agacha ao meu lado.

— Britni — digo —, há pessoas que podem ajudar se você estiver se sentindo sozinha ou…

— *Você é o único* que pode — diz ela em meio às lágrimas. Ela agarra meu colarinho novamente como se eu fosse sua tábua de salvação literal.

Farrow gentilmente tira os dedos da minha camisa e pescoço. — Eu não sou o único — Asseguro a ela. — Há tantas pessoas lá fora que vão te ajudar, que se preocupam com você…

— *Nãonãonão* — Ela murmura, balançando a cabeça.

Eu poderia entrar na fila das minhas fãs e perguntar a algumas garotas da

idade dela se gostariam de subir no palco. Sentar-se conosco por cerca de cinco minutos. Fazer companhia a Britni comigo. Animá-la. Apenas conversar e mostrar a ela que as pessoas se importam. Talvez ela fizesse um novo amigo.

Eu fiz isso no San Diego FanCon com um pré-adolescente chateado, mas aqui, com Britni, eu não sei. Ela me lembra Xander, e ele ficaria louco se eu trouxesse estranhos para sua bolha.

Britni se agarra aos meus ombros, e Farrow tem dificuldade em arrancá-la sem forçar.

— Jane se preocupa com você — digo fortemente. — Meus primos se importam…

— Eu só quero você — Ela chora no meu pescoço.

Meus músculos se contraem e Lydia coloca um telefone na minha mão. Os pais de Britni.

Enquanto ela chora no meu peito, converso com eles, pergunto quem foi ao FanCon com a filha. Eles não têm ideia. Eles nem sabiam que ela estaria aqui, e não estou tão surpreso. Peço autorização para colocá-la ao telefone com os profissionais de saúde. Eles dizem que *sim, claro.* Ótimo, eu sigo a onda, mas estou segurando um humano em minhas mãos.

E eu tenho apenas vinte e dois anos.

Eu não sou um super-herói.

Não tenho as respostas ou o sentido da vida, mas estou tentando, porra. Tudo o que posso fazer é tentar.

Quando eles quiserem desistir, eu não vou desistir deles.

Deve ter levado vinte ou trinta minutos até que Britni se acalmasse, falasse com seus pais, deixá-la nas mãos de nossa equipe.

Estou de pé, e o coordenador da fila, fotógrafo, assistente e meu guarda-costas olham para mim em busca de orientação. Eu estalo meu pescoço, meus músculos quase têm espasmos de tão tensos. Eu travo os olhos com Farrow. Ele masca um chiclete e faz um gesto com a cabeça em direção à saída dos bastidores. Dar um tempo.

Por apenas um minuto.

Concordo com a cabeça e digo a Lydia: — Não vou demorar. — Quando passo por Farrow, caminhamos lado a lado, e ele fala em seu microfone, dizendo à segurança que vou dar uma pausa.

Deslizo pelos bastidores silenciosos e entro em um camarim.

Caixas de presente, álbuns de recortes e doces estão empilhados no alto de uma mesa e sofá. Produtos de maquiagem e cabelo espalhados em uma penteadeira.

Eu abro e fecho meu punho. Flutuando rigidamente para uma arara de roupas, de volta para a vaidade. Farrow tranca a porta, mas não sustento seu olhar.

Eu coloco minhas mãos na minha cabeça, inquieto, mas rígido. Se eu pudesse, estaria na água em algum lugar. Algum lugar. Então, eu sairia e correria e correria e correria pra caralho.

Eu agarro a borda da penteadeira. Curvado para a frente, e no espelho, avisto meus olhos vermelhos e ardendo e minha camisa verde encharcada das lágrimas dela. Porra. Eu arranco a camisa da minha cabeça. Minha mandíbula dói. Eu fecho a mão em um punho.

Eu preciso bater em alguma coisa.

Ou nadar.

Ou correr.

A raiva me corrói por dentro, a única emoção que posso sentir. Eu olho para o teto, minha respiração como facas.

— Precisa de alguma coisa, lobinho?

Sim.

Levo um segundo. Mas eu viro minha cabeça.

Farrow senta-se parcialmente no braço do sofá. Seu olhar me varre, avaliando-me, e quando eles se levantam para o meu, eles praticamente me abraçam, me protegem, me amam.

E eu digo: — Você — Minha voz falha. Farrow se move.

Eu belisco meus olhos que ardem e tento preencher. Eu me agacho, apenas quando Farrow me alcança. Sua palma aquece a parte de trás do meu pescoço.

Cubro meu rosto com as mãos e grito. Raiva reprimida, emoção retorcida saindo de mim.

Não por muito tempo. Eu me endireito novamente. Apertando meus olhos *novamente*. E eu quase me viro para segurar a penteadeira de novo, mas Farrow agarra meu pulso.

E ele me puxa para seu peito.

Meu namorado me abraça tão forte. Nossos corpos soldados, seu batimento cardíaco batendo contra o meu.

Eu agarro a parte de trás de sua camisa com uma mão, meu peito arfando contra seu peito. Lágrimas quentes molharam meus cílios. Essa garota me pegou.

Eu consigo admitir isso.

Farrow fortalece seu aperto e me diz: — Não há nada mais que você poderia ter feito por ela.

Eu seguro a parte de trás de sua cabeça, meus dedos perdidos em seu cabelo branco. Eu rosno emitindo um ruído frustrado e doloroso.

Outro pulsar passa e eu me inclino para trás.

Farrow segura meu rosto molhado. Eu nem me importo em enxugar as lágrimas que escorrem do meu queixo.

Seus olhos avermelhados derretem contra mim, relaxando meus músculos tensos e pulso de sangue quente.

Eu respiro pesadamente, meu olhar injetado, garganta crua, e eu balanço minha cabeça. — Não sei. — Eu lambo meus lábios. — Nunca vou saber se fiz a vida dela pior ou melhor. — Uma lágrima quente rola pela minha bochecha. Eu olho para o chão. Cristo, o que estou fazendo? — Não estou tentando descarregar tanto peso em você...

— Ei, ei. — Farrow me olha como se eu tivesse oficialmente saltado do planeta. — Eu sou seu namorado.

Eu não posso nem soltar algum sarcasmo. Acabei de engolir uma pedra.

Farrow ergue as sobrancelhas. — Você deveria descarregar em mim. Eu tenho descarregado merda em você do meu pai e do *stalker* por meses. É uma via de mão dupla.

Meu peito sobe em uma respiração maior.

Aperto os olhos para represar o sistema hidráulico. Vou precisar voltar ao FanCon e tirar fotos. Em breve. Espero que não com os olhos vermelhos. — Devo ter esquecido de *descarregar* merda no Manual do Namorado.

Ele quase ri, e seu polegar enxuga minha bochecha. — Se houvesse um Manual do Namorado – que não existe – ao lado dele estaria ‘dar apoio emocional incondicional’. E embora você o ofereça literalmente a todas as

pessoas, sou muito seletivo.

Eu tiro minha mão dos meus olhos com outra respiração. — Para quem mais você dá?

Seus lábios se erguem. — Só para você.

Minha boca se curva para cima, meu corpo se ilumina, e eu balanço minha cabeça, surpreso com o que ele me faz sentir. Eu não deveria mais estar tão chocado, mas eu meio que gosto disso. Tudo sempre parece a primeira maldita vez com ele.

Suas mãos caem sobre meus ombros. Estou sem camisa, peito nu, e seu toque me aquece. Fico parado e seguro seu pescoço por um segundo. Minha mente gira. Deixo escapar um ruído áspero em minha garganta. — Não consigo parar de pensar nela.

— Você pode lidar com muita coisa, vou te dar isso para começar — diz Farrow, balançando a cabeça algumas vezes. — Mas ninguém, nem mesmo eu, pode assumir tudo para todos. Desde que você era, quão jovem? Dezesseis, quinze? Você permitiu que milhares de pessoas lhe causassem sua dor emocional, e elas querem e imploram para que você as conforte. — Ele faz uma pausa. — Em que ponto vai cair a ficha para você que você é apenas um homem. *Um homem*. Isso é um para milhões. Você não pode. *Você não pode*.

— Eu posso tentar.

Farrow olha direto para o meu âmago. Ele faz uma pausa para considerar minha resposta e então diz: — Mas prometa que vai ouvir seu corpo se ele disser que você não aguenta mais. Você sabe, dê um passo para trás. — Seus lábios quase se erguem quando ele usa algumas das minhas palavras de um tempo atrás.

Na verdade, estou sorrindo de verdade. Assim que o FanCon acabar, terei menos contato próximo com tantos fãs ao mesmo tempo. Será mais fácil do que agora.

Mas ele está preocupado.

Comigo.

— Afaste-se — digo, fingindo confusão. — Não consigo imaginar isso, tanto para de nós.

Ele concorda. — Nós dois somos idiotas teimosos.

— Diga-me algo que não seja novo — digo.

— Eu te amo — diz ele profundamente. — E quando você se machuca, eu me machuco.

Eu inalo. Nós nos aproximamos, testas juntas, e eu o beijo – mas ele vai dizer a você que me beijou. Nossas bocas se encontram, e eu incito seus lábios. Em um abraço doce e ansioso que incendeia meus pulmões.

E então uma batida soa na porta. Nossas bocas se separam, mas seu olhar diz *não solte*; *deixe-os ver, lobinho*.

Não posso. Tornar esse relacionamento público – talvez isso não afetasse mais seu trabalho porque ESO já está lidando com notoriedade – mas colocaria Farrow em uma situação complicada. Todo o escrutínio público, assédio da mídia e extrema perda de privacidade.

O tipo de fama que ele está experimentando agora não é nada comparado ao que ele sentiria como “namorado de Maximoff Hale” – e eu não posso fazer isso com ele.

Então eu recuo, nossos braços caindo um do outro, e ele assente, compreendendo. Eu acho.

Capítulo 39

Farrow Keene

— ESPERA, ESPERA — MAXIMOFF respira forte contra minha mandíbula. Toda vez que acabo no mesmo beliche apertado com ele, é uma aula magistral de autocontrole.

Uma tela retrátil reproduz *Everybody Wants Some!!* que abandonamos várias vezes para nos movermos um no outro. Pernas entrelaçadas, peito contra peito. Mãos agarrando, apertando e puxando. Porra, eu quero ir mais fundo.

Mas nossas mãos errantes param em seu *espera*, *espera*. Eu o vejo tomar respiração enquanto ele tenta suprimir essa necessidade carnal.

Um sorriso brinca em meus lábios doloridos. Veja, não estamos prestes a foder a centímetros de distância de seus primos e meus amigos.

Restrição. É mais difícil do que qualquer aula que fiz em Yale, mas claramente sou eu quem está tirando notas melhores.

— Assista ao filme, lobinho. — Eu olho seus lábios avermelhados.

— Você assiste — Ele combate em um gemido sufocado. — *Caralho*, apenas cale a boca por um segundo.

Minha voz o excita.

Excitação quente tenta agarrar meu pau, nós vestimos apenas shorts.

Um tecido fino nos separa, e o contorno de seu pau roça no meu.

Meu objetivo não é frustrar sexualmente a ele ou a mim. Estamos a caminho de Boulder para a próxima parada da turnê, mas Colorado ainda está a

horas de distância. Eu poderia pegá-lo no banheiro de novo, mas a única vez que fizemos isso foi uma briga com Charlie.

Sinto seus músculos flexionarem contra meu corpo firme. — Posso ir embora se você estiver lutando…

— Eu não estou, obrigado por perguntar.

Reviro os olhos, mas eles pousam em seu olhar que está me fodendo com força.

Porra, Maximoff. Eu inalo uma respiração superficial.

O problema é que, se eu sair deste beliche, só gostaria de voltar.

Não há muito mais que eu possa fazer sobre o *stalker*. Cheguei num beco sem saída. Agora que pesquisei todos os ANDs, a equipe técnica está rastreando cada um que sinalizei. Eles vão me notificar se Jason Motlic, Vincent Webber ou os outros suspeitos listados estiverem na mesma cidade que Maximoff.

O que posso fazer: esperar que o *stalker* cometa um erro.

Minha mão sobe para seus deltoides, depois para o pescoço, e minha boca toca a dele enquanto falo. — É compreensível.

Maximoff se aproxima. — O quê?

— Você — Sussurro — me achar irresistível. — Eu abro um sorriso largo enquanto ele rosna de irritação.

Ele também bate na minha cintura, esfregando contra a minha pélvis para fricção – *porra do inferno*. Eu agarro sua bunda, e nossas bocas colidem. Ele tenta se mover em cima de mim, *caralho*. Eu uso minha força e o prendo no meu peito. Mantendo-nos do nosso lado.

Não aqui, lobinho.

Eu mordo seu lábio e seus músculos se contraem.

— Caralho — Ele respira contra o meu pescoço.

Minhas veias pulsam e estou respirando com a mesma dificuldade. Merda, isso é mais difícil do que eu pensava.

— Filme — Ele me diz.

Concordo com a cabeça, mas como em nossas últimas seis tentativas, apenas nossos olhos se movem. Na TV *flip-out*, vemos caras em idade universitária jogando *baseball*, ambientado em 1980. Sem muita ação, sem superpoderes ou perseguições de carro.

— Estou surpreso que você goste desse filme — digo a ele. Aparentemente ele viu um bilhão de vezes, mas ele queria ver de novo comigo.

Maximoff lambe os lábios algumas vezes, como se ainda me sentisse neles.

— Um dos atores principais estava em *Teen Wolf*. — Lá vamos nós. — E ele é gostoso pra caralho.

— Qual deles? — Espero que Maximoff o aponte, mas ele apenas geme, frustrado, suas mãos apertando com mais força minha cintura e pescoço.

— Pare, porra, pare — Ele quase rosna. — Você não pode fazer isso com os dedos.

Meu sorriso se estende. Estou deslizando minha mão dentro e fora de seu cabelo grosso. Basicamente, fazendo um cafuné. — E agora? — Eu agarro sua mandíbula, sua respiração rasa. *Não*. Em seguida, seu pescoço, e ele tenta e *quase* se desloca em cima.

Eu seguro sua mandíbula novamente, meu sangue em chamas. Músculos queimando, meu pau está morrendo de vontade de endurecer. — Maximoff — Eu respiro. Sua agressão está me matando. É preciso toda a minha energia para não me arquear contra ele para aquela fricção entorpecente.

Seus olhos me devoram inteiro. — Por que sou tão atraído por você?

Seu tornozelo acaricia minha panturrilha.

Nós nos aproximamos.

Eu roço suas maçãs do rosto. — Se você quer que eu liste as razões, lobinho, vamos ficar aqui por horas...

Um barulho de campainha me interrompe e acaba com o clima. Ele não me diz *não responda*. Maximoff até encontra meu telefone embaixo do travesseiro e o entrega para mim.

O *stalker* é uma boa distração para nós agora. Mas nunca estou ansioso para dissecar essas fotos sangrentas.

Eu clico na conta.

Merda.

Eu olho intensamente para a foto. Sem sangue. Ninguém. É uma lápide em uma sepultura recém cavada. Minha mandíbula aperta e meus olhos queimam enquanto eu me fixo sem piscar nas palavras gravadas.

Em memória de Maximoff Hale, uma pessoa má, um amigo horrível. Nascido em 13 de julho, passo os olhos pelo ano de nascimento porque a próxima parte bate em mim. Morto em 4 de abril.

Maximoff lambe os lábios algumas vezes, como se ainda me sentisse neles.

Amanhã é 4 de abril. *Amanhã* é meu vigésimo oitavo aniversário. Maximoff lê por cima do meu ombro. Ele nota as datas. — Poderia ser uma coincidência.

Eu me sento um pouco. — Ou o *stalker* sabe que estamos juntos.

— Seu pai *não* está me perseguindo — Ele diz fortemente. — Ele não

escreveria essa parte sobre eu ser um amigo horrível.

Jason pode, mas há menos de 1% de chance de ele saber que Maximoff está em um relacionamento. Muito menos comigo. Passo a mão pelo cabelo. Pode ser uma data de morte. Um aviso, uma ameaça. Que Maximoff Hale morrerá amanhã.

— Não é real — Ele tenta me assegurar. Mas eu tenho que agir como se fosse real por menor chance de que seja.

— Vou ligar para a equipe técnica... — Nossa cortina do beliche se abre.

Jane de repente empurra um telefone para nós, olhos azuis pingando para mim. — Eu sinto muito. — Então ela olha para Maximoff. — Você precisa se levantar. Você tem que ligar para o trabalho agora mesmo.

Antes que Maximoff tente rastejar sobre mim, eu saio do beliche.

Meus pés atingem o chão, depois os dele.

— O que está acontecendo? — Pergunta Maximoff.

Ela balança a cabeça freneticamente e coloca o telefone na mão dele. — Eles me ligaram para que você ligasse de volta.

Sua carranca escurece.

Eu pergunto: — Quem são *eles*?

Maximoff olha para o histórico de chamadas. — O Conselho.

Capítulo 40

Maximoff Hale

— ISSO É IMPOSSÍVEL — digo, apertando meu telefone com força, definido no viva-voz. Jane dá um tapinha no sofá ao lado dela no segundo salão, mas eu não posso me sentar. Não consigo me mexer.

Farrow fecha a porta, sentando-se em cima do sofá. Pés na almofada, cotovelos nas coxas, ele é menos indiferente do que aparenta. Ele continua passando a mão pelo cabelo, e seu olhar estreito continua se estreitando. Assassinamente.

Com o *stalker* em sua mente.

Não consigo nem pensar na postagem mais recente. Agora não.

— *Você tem que entender, Maximoff* — Victoria Cordobi diz em uma voz afetada, artificial, como se ela estivesse recitando os ingredientes de um frasco de xampu. — *Você sumiu por três meses e meio.*

— Para trabalhar em um evento que está ajudando a empresa — digo, quase rude demais. Meu tom é quase hostil, a raiva fluindo através de mim como gasolina e fogo.

Victoria está no Conselho de administração desde que HMC Filantropia foi formado. Ela é a pessoa que foi encarregada de entregar a notícia para mim.

Eu fui demitido.

Demitido.

Não entendo como vou para a cama como CEO de uma empresa que

construí do zero e, em um maldito telefonema, dizem que fui expulso. O que está me incomodando, não é apenas o ego ferido porque alguém roubou o meu bebê.

É mais sério do que isso.

Minha família – os Hales, Meadows e Cobalts – todos eles dão uma grande parte de sua riqueza acumulada para a filantropia. Quem é CEO tem o maior controle.

Sem mim no comando, não sei quem diabos lidará com *bilhões* de dólares.

— *Independente do motivo* — Victoria diz —, *você ainda esteve ausente. E em seu lugar, Ernest trouxe pontos inteligentes para a Filantropia.*

Meu sangue ferve. — Ernest Mangold? — Eu perfuro um olhar em meu telefone. Como se eu pudesse alcançar esse idiota conivente. Honestamente... fui atropelado. Não consigo entender essa realidade.

Ernest é muito novo. Ele entrou na empresa apenas no ano passado, e ele tem estado relativamente *quieto*.

Então, o que diabos mudou?

— *Sim* — Victoria diz, a voz dura. — *O Conselho parece achar que Ernest Mangold é mais adequado para administrar a HMC Filantropia.*

Isso não pode ser real. — Victoria, se algo estiver errado, se o Conselho estiver com problemas e as pessoas tiverem sido coagidas ou chantageadas, posso ajudar...

— *Não* — Ela interrompe. — *Estamos discutindo isso há meses.*

Eu pisco, o choque como um tapa forte. — Vocês estão pensando nisso há meses? E ninguém achou que seria uma boa ideia me contar? — Esse pensamento me dá um soco frio.

Concentro-me em Jane. O irmão dela, Charlie – ele está *nesse* Conselho

traidor, e isso significa que ele sabe há meses que eles planejaram me expulsar. Durante a turnê.

E ele não disse nada.

Jane balança a cabeça vigorosamente. — Moffy — Ela sussurra —, Charlie não sabe. — Mas ele se opôs a mim com muita frequência para ter tanta certeza.

Não tenho tempo para sussurrar de volta.

Victoria responde: — *Com as diferenças de fuso horário e sua agenda da turnê, foi difícil manter contato. Você sumiu.*

Se ela disser isso de novo, vou explodir como um fogo de artifício de 400 Fahrenheit. — Eu criei esta instituição de caridade — digo com firmeza. — Tenho um bom relacionamento com a diretoria. Por que vocês considerariam me expulsar?

Não faz sentido.

Victoria limpa a garganta. Como se ela não tivesse uma declaração pré-escrita para essa pergunta. — *Eu não me sinto confortável falando com você sozinha sobre isso. Vamos marcar uma reunião amanhã e assim o Conselho falará com você através de uma chamada telefônica*.

— Não — digo, sem hesitar. — Vou até aí.

Farrow se endireita surpreso. Mas quando nossos olhares se encontram, ele assente com confiança. Ele está comigo, me apoiando. Se o Conselho continuar insistindo que eu fui embora, então eu preciso estar lá. Em pessoa.

Para corrigir isso.

— *Isso é desnecessário* — Afirma ela.

— Não — Retruco. — O que é desnecessário é o Conselho votar a minha

saída pelas minhas costas. Todos vocês vão aparecer, sentar ao redor da mesa e me olhar nos olhos quando me disserem que estão tirando essa empresa de mim. — Em um suspiro, termino: — Estarei lá amanhã. Você saberá quando eu chegar.

Eu desligo.

E eu saio furioso. Procurando apenas uma pessoa. Eu escancaro o cortina de seu beliche. — Charlie.

Ele semicerra os olhos para a luz e, em seguida, olha para a minha carranca. — O quê?

Eu abro minha boca, prestes a dizer *há quanto tempo você sabe que o Conselho votaria contra mim?* Mas eu congelo, minhas cordas vocais congeladas e imóveis. Meu cérebro está me dizendo *não, não vá por aí. Você está errado, Maximoff.*

Ele é meu primo. Ele é da família. Ele não iria me machucar. Então, eu me lembro dos meus pais e do boato – o quanto isso doeu. Mas também me lembro do que meu pai disse.

“Para proteger uns aos outros, às vezes reagimos pelo medo e amor.”

Para Charlie não me contar, seria apenas por crueldade.

Então, ele não poderia saber sobre o Conselho ou a votação. Eu acredito nisso.

Eu sei disso.

Porque apesar de todo o sangue ruim, eu confio em Charlie com HMC Filantropia e com dinheiro. É por isso que ele está no Conselho. Se um apocalipse acontecer, Charlie Keating Cobalt é a última rede de segurança.

A única pessoa que acabaria com qualquer dissensão.

E ele está ausente do escritório, comigo, há quatro meses. Um idiota ambicioso poderia ter tirado vantagem disso.

— *Moffy.* — Charlie se apoia no cotovelo. — O que está acontecendo?

Meus músculos descongelam. — O Conselho acabou de votar pela minha saída.

Seu rosto cai antes de seus olhos verde-amarelados perfurarem a parede. Choque, depois raiva – a reação dele não é muito diferente da minha. — Quem é o novo CEO?

— Ernest Mangold. — Eu explico cada maldita coisa que Victoria me disse em menos de alguns minutos. — Isso é tudo que eu sei.

— Filhos da puta. — Charlie sai da cama de cueca boxer, seu cabelo castanho-dourado bagunçado. Ele me segue até a primeira sala. Jane e Farrow ficam para trás, deixando-nos lidar com essa bagunça.

Encontro um laptop e o abro perto da cafeteira. Ainda em pé.

Charlie paira perto. — Ernest deve ter manipulado o tabuleiro – e aqueles idiotas *fodidos* caíram nessa. — Ele geme em suas mãos, então empurra seu cabelo para trás. — As pessoas são tão estúpidas.

— Ele poderia tê-los chantageado. — Eu ainda estou super-colado a esta teoria. Pego voos saindo do aeroporto de Denver. O ônibus da turnê terá que fazer um pequeno desvio, mas meus primos ainda chegarão ao FanCon a tempo.

Charlie me observa procurar voos. — Eu deveria ter saído da turnê semanas atrás...

— Não. — Arrisco um breve olhar para ele. — Estou feliz que você tenha ficado. Você me surpreendeu. — Eu seriamente pensei que ele não duraria toda a turnê. Achei que ele desistiria de todos e simplesmente iria embora. Ele provou

que eu estava errado. — Eu não deveria sempre pensar o pior de você, Charlie. Eu sinto muito. — Ele se encolhe com o súbito pedido de desculpas.

Solto uma risada dolorida. — E agora eu sou o primeiro a desistir. — Sarcástico, acrescento: — Cinquenta pontos para Lufa-lufa.

Charlie desliza o computador em sua direção. Minhas mãos escorregam do teclado, e ele usa o *trackpad* e abre uma nova janela.

Ele entra em um *site* onde reservamos jatos particulares. — Não pegue um voo comercial. Isso vai ser mais rápido. — Charlie aponta o laptop para mim. Ele sabe que prefiro voos comerciais, embora os paparazzi sejam como gafanhotos no aeroporto. Mas os jatos particulares custam caro e são ruins em combustível e meio ambiente.

Charlie espera por uma discussão.

Mas ele está certo. É mais rápido e vai me ajudar a chegar mais perto de Filadélfia. Nenhuma especulação ou atenção da mídia. Então, preencho a caixa de voo e hesito na linha: *quantos passageiros?*

Meus olhos voam para ele. — Você vem comigo?

Ele desvia o olhar pensativo.

Até a ideia de enfrentar o Conselho sem Charlie parece sufocante. Ele será a única pessoa em quem confiarei lá. Ele é a rede de segurança.

Lembro-me de Harvard. Como eu me sentia exatamente o mesmo naquela época. Ele deveria ser o rosto familiar no campus, minha única tábua de salvação. Talvez eu devesse ter dito isso a ele. Talvez ele não tenha ideia do que eu senti. Ou talvez ele ainda tivesse me deixado, não importa o quê.

Mas não posso simplesmente deixá-lo se afastar desta vez.

— Charlie. — Eu seguro seu olhar. — Eu preciso que você esteja lá

comigo. Eu não posso... — Balanço minha cabeça enquanto as palavras se alojam em minha garganta, com medo de dizer a porra da coisa errada. Eu lambo meus lábios. — Eu não posso fazer isso sozinho.

Ele não quebra o contato visual. — OK.

— OK?

Charlie acena com a cabeça, seguro. — Conte comigo.

*

O jato particular sai da pista, e Farrow e Oscar se isolam na frente do avião. Dando a mim e a Charlie espaço. Ou talvez nos obrigando a falar. Algo que raramente fazemos.

Ao contrário do ônibus-dormitório para doze pessoas, não há onde se esconder. Não podemos recuar para um beliche e ignorar um ao outro. Meu assento de couro bege até fica de frente para o dele.

Estamos do mesmo lado figurativo, lutando pelo mesmo propósito. Mas nosso passado ainda se interpõe entre nós como uma cratera que nunca soubemos como preencher.

Charlie bate no apoio de braço e olha pela janela do avião. Dobro meu livro de bolso da *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles, mal conseguindo ler com o silêncio tenso.

E assim que seus olhos se desviam para mim, eu arrisco e começo a falar.

— Você se lembra do primeiro ano? Quando tivemos que fazer aquele vídeo juntos de *A Ilíada*? — Eu pergunto, tentando ser casual.

Charlie acena com a cabeça uma vez.

— Você interpretou Apolo — digo. — Eu era Aquiles, e na verdade foi muito bom. — Eu sorrio com a memória e então faço uma careta. — Isso foi até nossos pais terem que envolver os advogados.

Eles temiam que os alunos ou professores compartilhassem o vídeo publicamente e então a mídia teria um material contra nós. Compreensível desde que eu estava fingindo matar meus colegas como Aquiles. Eles pensaram que esse tipo de imprensa negativa me machucaria.

Charlie não diz nada.

Então eu continuo: — Você se lembra de como Faye Jones tinha uma queda por você? Ela continuou insistindo que você interpretasse Paris...

— Você não precisa fazer isso — Charlie diz, e bagunça seu cabelo já bagunçado.

Minhas palmas suam no meu livro de bolso. — Fazer o quê?

— Reviver o Ensino Médio. Os bons velhos tempos. — Charlie segura meu olhar. —Sei que houve um tempo em que éramos amigos.

— Sim? — Eu coloco meu livro de bolso no assento. — Lembro-me de sermos próximos até aquela festa de verão no iate. Você se lembra de Harvard? — Eu chego na pergunta. Aquela que eu nunca cheguei perto de fazer. Minha língua parece grossa na minha boca. — Você nunca realmente me disse por que não quis ir. — Eu me paro por um segundo.

Estou com medo.

E não sei o que me preocupa. A resposta real ou a consequência de saber. Meu coração praticamente bate contra minha caixa torácica.

Eu encontro as malditas palavras. — O que mudou?

— Eu — diz ele sem pausa ou pensamento extra.

Minhas sobrancelhas se unem e o choque me envolve. Eu sempre pensei que ele iria me culpar. — O que você quer dizer?

Charlie estremece e se senta um pouco mais. Não se curvando como de costume.

— Você realmente quer falar sobre isso? Estamos indo lidar com um filho da puta manipulador, que pode ser um narcisista ou um sociopata, e se as coisas não terminarem bem entre nós, iremos para lá com hematomas e narizes sangrando.

Prefiro correr o risco de causar mais danos a nunca tentar consertar o que quebramos. A parte mais difícil foi abrir esta porta.

Não vou fechar agora.

— Não pretendo socar você — digo a ele —, então isso não vai acontecer.

O canto de sua boca sobe. —Também nunca planejei bater em você, mas, ainda assim, aconteceu. Você tem uma cara socável.

— Obrigado — digo secamente.

Seu sorriso se eleva mais, mas depois se transforma em uma amargura. — Eu não estava mentindo naquele dia no cais. Quando eu disse que não suportava estar perto de você, eu quis dizer aquilo.

Uma faca afunda lentamente em meu estômago, mas eu escuto. Eu espero. Eu não ataco. — Sim? — Eu lambo meus lábios, tentando formar as palavras certas. — Então você desistiu de Harvard porque não queria ficar perto de mim. É isso?

Ele solta um suspiro exasperado. — Você faz parecer tão simples. Mas não é assim para mim.

— Então me explique — Imploro.

Ele se inclina para a frente na cadeira e depois para trás, e acho que está prestes a me dispensar. Mas então ele começa a falar. Olhos em mim. Não desviando.

— Eu *odeio* o que sinto quando estou perto de você às vezes. Eu odeio quem eu me tornei. — Charlie esfrega a boca e se senta de novo. — Nós dois estamos vivendo sob a sombra de nossos pais, mas imagine, por um segundo, como é viver sob a sua.

Fico com frio. Não deve ser fácil para ele. Eu entendo isso e quero ajudar a melhorar. Mas não sei como. Eu inalo uma respiração dolorida. — Como é?

Charlie se mexe em seu assento.

O tema é desconfortável.

O ar está denso e estamos passando uma bomba para frente e para trás. Mas, pela primeira vez, sinto que temos as ferramentas para desativá-la.

Ele me olha bem nos olhos. — Quatro de Julho, cinco anos atrás. Minha irmãzinha queimou o braço com um *chuveirinho,* um fogo de artifício. Ela não foi até os meus pais. Nem sequer procurou por Jane. A primeira pessoa a quem ela recorreu foi você.

Eu quero interromper, para dizer a ele que provavelmente eu estava perto dela, mas ele está rapidamente jorrando para o próximo.

— Halloween, dois anos atrás. Eliot se apaixonou pela garota naquela velha livraria da esquina. Mas ele não me contou. Meu irmãozinho decidiu pedir-lhe conselhos sobre como abordá-la, embora você e eu tenhamos a mesma experiência com garotas.

— Charlie...

— Sete anos atrás. — Continua. — Winona cai no riacho atrás da casa do

lago e começa a afundar na lama de areia movediça. Estou a meio caminho dela. Já com água até os tornozelos, mas você saiu de Deus sabe onde com sua armadura branca brilhante e corda de três metros.

Seus olhos estão vermelhos e ele diz: — Foram todos esses pequenos momentos que fizeram você. Você significa *tudo* para meus irmãos. Para as meninas Meadows, para suas irmãs e irmão, e isso faz de você uma sombra da qual não consigo escapar. Porque eu não posso *ser nada* para eles quando você é tudo. Então, quem sou eu?

Charlie aponta para o peito dele. — Quem sou eu? E que diabos eu me torno se for para Harvard com você? Perdido e confuso? Eu já estava com ódio de mim mesmo e amargo, mas ficaria mais ressentido, *mais* amargo… um cara que acorda e se odeia por não ser mais parecido com Maximoff Hale.

O que...

— Você não está com auto aversão — Argumento.

Pelo menos, é o que eu tenho visto.

Ele inclina a cabeça. — Eu nem sempre ataco você porque te odeio. Eu ataco porque odeio como me sinto quando estou perto de você. Eu odeio querer me tornar *você*.

Eu nunca soube disso.

Eu nunca vi ou entendi isso. Eu penso em tudo o tempo todo, mas nunca imaginei que alguém como Charlie, um Cobalt, pudesse ser menos confiante, menos colossalmente autoconfiante.

Charlie balança a cabeça. — Não sou um líder nato. Eu não quero ser um, mas às vezes parece que esse é o meu único caminho para ser *alguém* ou *algo* para as pessoas que amo. Então talvez eles precisassem de mim como precisam

de você.

Meus olhos ardem e meu estômago dá um nó. — Charlie...

— Não — Ele me interrompe novamente. — Eu não quero me transformar em outra pessoa. Eu quero ser *eu*, quem quer que seja essa pessoa, ela não é como você ou qualquer outra pessoa, e estou lutando para encontrá-la. Você torna isso impossível às vezes.

Uma pedra se aloja em minha garganta, um pedido de desculpas na ponta da minha língua.

Charlie vira o telefone na mão. — E eu nem estou culpando você. Eu precisava lidar com esses sentimentos, mas não podia ser seu ajudante ou viver à sua sombra.

A percepção gradualmente afunda. — Harvard…

Ele respira fundo. — Naquela noite no iate, decidi naquele momento que, para escapar de sua sombra sugadora de almas, eu teria que escapar de você. Nada de Harvard. Sem atender suas ligações ou mensagens. Você é você, e eu... tento redescobrir quem eu sou. — Sua voz falha.

Ele quase sempre me deixa ver sua emoção. Você acha que ele é impenetrável, mas ele não é como seu pai. Ele não guarda nada.

Pensei que desistir de Harvard fosse premeditado, mas ele disse que decidiu naquele momento.

Eu engulo, meu coração batendo rápido. Eu quero estender a mão, mas como estender a mão quando você é a causa da dor de alguém? — Eu posso sair do caminho para você — digo. — Vou tentar…

— *Não*. É por isso que eu não te contei naquela época. Você não pode consertar isso, Moffy. Porque não quero que meus irmãos percam você e não

quero ser você. Não há nada que você possa fazer, e olhe para o seu rosto. Eu sei que dói…

Meu peito se contrai como se eu estivesse preso sob a água salgada e não conseguisse encontrar a superfície. Meus olhos tentam melhorar, e eu inclino minha cabeça para trás contra a cadeira. Sufocando minha emoção, rosto estoico. — Sabe? — Pergunto já que sempre faltou a ele uma certa empatia pelas outras pessoas.

— Posso ver que dói em você — Ele me diz. — Sabe, eu costumava acreditar que éramos apenas opostos. Que por toda a compaixão que você teve, me faltava. Apesar de toda a responsabilidade que *Maximoff Hale adquiriu,* fiquei sem nenhuma. E aos olhos de todos, você era o herói e eu me tornei o vilão. — Uma lágrima rola lentamente por sua bochecha, pingando de sua mandíbula.

Quase esmaga meu peito. — Você não é o vilão de ninguém — digo a ele fortemente. — Na verdade, você é o anti-herói. E as pessoas geralmente amam mais esses.

Charlie esfrega outra lágrima caída. — Não preciso que ninguém me ame. Eu posso lidar com o ódio.

Eu assinto, apenas ouvindo.

— Mas quando todos bajulam você e agem como se você fosse indestrutível, é irritante — diz Charlie. — Não consigo segurar a língua e minha reação instintiva é atacar sua jugular.

— Eu não sou nem um pouco melhor — Admito.

Charlie dá de ombros e o silêncio paira, mas não tão fortemente quanto poderia.

Eu quero ficar. Eu quero fazer algo mais por ele, mas ele fica olhando para mim, tipo, *é isso*. Este é o fim sem solução que eu pedi para conhecer.

Eu abaixo minha cabeça, pensando. E pensando. — Então você está dizendo que eu sempre vou fazer você se sentir um merda? — Me mata saber que o machuquei por tantos anos. E que vou continuar sendo um impacto negativo na vida dele.

— Não consigo prever o futuro — diz Charlie. — Eu não tenho mais um metro e noventa de altura cheio de ressentimento. Eu não tenho dezesseis anos. Mas ainda é difícil estar perto de você. Onde todos te elogiam. Onde estou preso em um lugar sombrio e não sou perdido nem encontrado. Fazer minhas próprias coisas me faz sentir…

— Livre — Eu concluo.

Ele concorda. — Como se minha identidade fosse minha. Não uma extensão de você ou do meu pai.

Entendo as algemas do passado de nossos pais, mas não fazia ideia de que estava algemando Charlie. — Eu sinto muito, porra.

— Eu sabia que você se importaria, mas também sabia que isso não mudaria nada.

— Certo — Murmuro. Eu só deveria... lidar. Não tenho certeza se a dor vai desaparecer tão facilmente, mas a verdade é melhor do que o desconhecido. Posso finalmente ver o tipo de terreno em que estou. Caso você esteja se perguntando, o chão está cheio de pedras.

Eu só queria que eles fossem do tipo que pudéssemos raspar ou mover juntos.

— Penso muito em alguma coisa — digo a ele. — Como nossos pais são

melhores amigos. Nossas mães são irmãs. De alguma forma cósmica, acho que você e eu estávamos destinados a ser rivais ou amigos. — Eu lambo meus lábios secos. — Acho que *amigos* não estão na porra das cartas para nós, hein? — E eu tenho que aceitar isso.

— Non, il te suffit de m'attendre — Charlie diz em um francês perfeito. Alegre. *Não, você só precisa esperar por mim.*

— De quelle manière? — Eu respiro. *De que maneira?*

— Para ser forte o suficiente para estar perto de você e não odiar tudo sobre você e eu.

Eu sou péssimo em esperar. Fazer nada. Ele sabe disso. Você sabe disso. Mas por Charlie, eu tentaria. Se ele precisar que eu seja paciente, farei isso um milhão de vezes.

Eu assinto fortemente. — OK.

Parece que respiramos ao mesmo tempo, e tento relaxar e ajustar o ar-condicionado.

Charlie estende a mão e rouba meu livro de filosofia. Ele joga as pernas de lado no assento e folheia as páginas. Quando nossos olhares se encontram brevemente, ele diz: — Merci pour le matériel de lecture. *Obrigado pelo material de leitura.*

Capítulo 41

Farrow Keene

DEPOIS QUE MAXIMOFF saiu da reunião de duas horas com o Conselho, ele me disse: —Vou explicar no Lucky's Diner.

O que eu presumo: não pode ser uma má notícia. Ou então ele teria explodido uma veia no carro. Ele tem se agarrado a algum fragmento de esperança.

E estou me apegando a algo totalmente diferente.

Passei a maior parte da manhã de olho em mãos e bolsos. Fazendo uma conta mental de cada pessoa que cruzamos ou encontramos.

Merda, eu vejo a foto da lápide claramente a cada segundo que passa.

Morto: 4 de abril.

Hoje.

— Esse é o auge da hiper vigilância de Farrow Keene? — Maximoff pergunta na minha frente, nós dois sentados em uma cabine nos fundos.

Ele me entrega um cardápio de plástico e abaixa a voz. — Você nem deu uma conferida em mim hoje.

Meus lábios querem se erguer, e eu coloco meu fone de ouvido no alto volume do rádio.

— Lobinho, quem disse que eu já dei uma conferida em você?

— Tenho certeza de que não imaginei você olhando para a porra da minha bunda ontem.

Assobio. — Tenho certeza de que você fantasiou sobre a minha bunda antes até de vê-la.

Maximoff pisca lentamente. — E agora meu cérebro entrou em curto-circuito, obrigado. — Seu sarcasmo é grosso, quase puxando minha boca para cima. — E obrigado pela divagação da *bunda*.

— De nada. — Pego o cardápio, mas ainda nem dou uma olhada nas palavras.

Acabei de examinar a movimentada lanchonete da Filadélfia: cinquenta paparazzi e vinte e poucos adolescentes espiam pela janela de vidro, ⅗ dos clientes em cabines e banquetas esticam o pescoço para assistir a celebridade e seu guarda-costas, cerca de ⅓ desses tiram fotos e gravam vídeos.

Inofensivo.

— Pedido! — Um cozinheiro chama e as garçonetes circulam pelas mesas, as bandejas levantadas. Cheiros de bacon e xarope de bordo permeiam. Uma atmosfera que eu normalmente amo.

Mas hoje não é um dia típico. O *stalker* mora na Filadélfia.

Probabilidade de estarmos próximos = muito alta para eu estar confortável.

Concentro-me novamente em Maximoff. Ele faz uma anotação em um guardanapo, mas protege as palavras com a mão. Eu olho para ele um pouco mais. Seu cabelo castanho-escuro está despenteado pelo vento, suas maçãs do rosto, marcadas, ombros para trás e sua camiseta cinza Soldado Invernal abraça os cumes de seus músculos.

— Queria que eu estivesse na reunião com você? — Eu provoco e aponto para a escolha da camisa dele.

Maximoff franze a testa e olha para a camisa. — Jesus Cristo. — Ele olha

para o teto, então seus olhos verdes caem sobre os meus. — Não foi intencional.

— Eu acho que você quer dizer *subconsciente*. — Eu despejo os pacotes de açúcar e reordene-os no recipiente.

Muito silenciosamente, ele contempla: — Inconscientemente, estou apaixonado por você? — Ele faz uma pausa. — Parece correto.

— E conscientemente — Acrescento.

— Não. Apenas subconsciente. — Sua voz é firme.

Reviro os olhos e meu pequeno sorriso se desfaz. Porque nossa garçonete se aproxima. Maximoff ainda nem fez o pedido, mas a morena pequenininha carrega uma caneca de chá quente.

— Fico feliz em ver você de volta à cidade — diz Ava, geralmente aquela que nos atende quando estamos no Lucky's. Ela coloca o chá quente num porta-copo de papel.

— Obrigado — diz Maximoff com sinceridade. — Fico feliz por estar de volta. — Peço um café e ainda estamos decidindo a comida quando ela sai.

Maximoff se concentra em meus dedos tatuados que mexem nos pacotes de açúcar.

Eu não deveria estar sorrindo, não agora. Mas estar em sua companhia, me faz querer sorrir de orelha a orelha.

Droga.

Isso me atinge de novo e de novo. Como eu poderia passar horas e horas sem fazer absolutamente nada com Maximoff Hale. Só isso.

Charlie e Oscar voltaram para Nova York depois da reunião e, pela primeira vez em muito tempo, não havia nenhum ônibus de turnê cheio, nenhum cara extra da ESO demorando, nenhum de seus primos estava aqui.

Somos apenas nós. E os paparazzi, os fãs. Mas eles sempre foram a decoração de seu mundo. Agora, meu mundo.

— Você está? — Pergunto-lhe. — Feliz por estar de volta?

Maximoff examina o restaurante retrô. A chuva de abril começa a pingar do lado de fora, e paparazzi e fãs pegam guarda-chuvas. Ruídos em todos os lugares.

Conversas, pratos batendo, a porta se fecha. Um velho com uma forte cadência da Filadélfia reclama da tempestade. E Maximoff sorri enquanto duas garotas em bancos de bar acenam animadamente.

Ele acena de volta e então se concentra em mim, mas eu já vejo a reverência e o carinho tomando conta de suas lindas feições. — Sim — diz ele. — Estou. Este é o meu lar.

Nossa atenção se desvia, Ava colocando meu café na minha frente. — Preparados para pedir?

Maximoff e eu trocamos um olhar de confirmação.

Então ele empilha nossos cardápios e os entrega para Ava, junto com o bilhete de papel no guardanapo. *Eu vi isso, lobinho*. — Vou pegar o burrito do café da manhã, sem jalapeño.

— Ovo, bacon, sanduíche de bagel com cheddar— digo — e um pouco de batata *latke*.

Ava sai de novo e eu abro um creme. Estou prestes a perguntar sobre o bilhete no guardanapo, mas de repente ele dá a notícia.

— Tenho que cancelar a turnê. — Ele faz uma pausa. — O Conselho está fechando mais cedo.

Eu processo isso rapidamente. — Eles não vão reintegrar você como CEO

então — digo com a cabeça inclinada. Ele está mais calmo do que o normal. Eu não entendo por quê.

Maximoff toma um gole de chá quente. — Não houve argumentação com o Conselho. Charlie e eu chegamos quentes, mas suas mentes estavam feitas. Ninguém estava fingindo se importar.

— Você não parece tão chateado com isso — Menciono, levando a caneca de café até a minha boca.

Maximoff se inclina para trás. — Oh, eu estou terrivelmente chateado. Mas não vou gastar minha energia com eles. Eu tenho que seguir em frente e, além disso... pode não ter acabado.

Eu tomo meu café. — O que isso significa?

Ele estala a junta e sorri brevemente para um menino que chama seu nome. Olhos verde-floresta se voltam para mim, ele diz: — Eles foram vagos, mas disseram que poderia haver uma maneira de eu ser reintegrado como CEO. Eles não disseram o que ainda.

Eu bato meus dedos contra minha caneca, meus anéis tilintam. Veja, eu não gosto que eles convenientemente deixem de fora o que diabos ele tem que fazer. Poderia ser qualquer coisa, e eles poderiam dizer a ele para fazer qualquer coisa.

— Eles estão em uma posição de poder — Eu o lembro. Ele quase não tem influência.

Maximoff assente. — Eu sei, mas é toda a esperança que tenho. Eles disseram que vão me contar mais no segundo trimestre.

Pelo menos ele ainda não está completamente excluído. — Isso é bom — digo a ele.

Ele mergulha seu saquinho de chá algumas vezes. — Fico pensando em como vou acordar amanhã e não ter nenhum telefonema para fazer. Nenhum e-mail para enviar. Sem funcionários, sem empresa, e penso no que mais posso fazer. Posso ser voluntário no centro de reabilitação. Posso ajudar outras instituições de caridade, mas essa coisa... — Ele gesticula, mas sei que está se referindo à HMC Filantropia. — Eu construí esta coisa e isso significou algo para mim. E agora se foi por não sei quanto tempo. Um dia? Dois meses? Cinco anos? — Uma pulsação. — Para todo o sempre?

Eu me seguro de esticar meu braço sobre a mesa e agarrar sua mão. *Estamos em público.* Meu aperto aumenta na caneca. — Tudo bem se sentir perdido quando você perdeu alguma coisa.

Maximoff passa a mão pelo cabelo. — Você já se sentiu assim?

Eu me lembro do meu passado. — Quando minha vida muda fora do meu controle, geralmente sinto uma sensação de nostalgia, mas também gosto de mudanças, então... — Eu levanto minhas sobrancelhas para ele.

Ele tem dificuldade em conter um sorriso. — Parece um superpoder.

Trago meu café à boca. — Isso você não tem.

Maximoff rosna, mas ele pisca repetidamente para olhar. E eu vou ser honesto. Ele não está olhando. Ele nem está carrancudo. Ele está sorrindo e eu estou preso, incapaz de me desvencilhar – *faça a porra do seu trabalho, Farrow.*

Eu abruptamente quebro o contato visual e examino o restaurante novamente. Assim que olho para a janela, algumas garotas gritam: — Oh, meu Deus, é Farrow!

— Quinn está com ele?! — Outra grita.

— Eu vou *morrer* se Quinn estiver lá!

— Talvez ele tenha o número de Quinn?!

Claro que eu tenho.

Continuo examinando a lanchonete, as pessoas, mas falo com Maximoff.

— Eu não teria apostado dez dólares em Quinn ser o guarda-costas mais famoso. — Mas aconteceu. As garotas estão obcecadas por ele.

— Onde você acha que está classificado? — Pergunta Maximoff.

Eu encontro seu olhar sério. — Eu sou o menos famoso — digo honestamente. —Porque eu estou comprometido, lembra? — Ele declarou meu status de relacionamento em um painel do FanCon, que chegou à internet e ao mundo. Em resultado, o *Tumblr* e o *Twitter* perderam o interesse em mim. Não que eu me importe.

Eu ainda sou o melhor guarda-costas de toda a equipe.

Maximoff esfrega o ombro tenso. — Ser o guarda-costas *menos famoso* é como chegar em primeiro lugar. Então você venceu.

Eu o encaro com mais atenção. — OK... mas eu não me importaria de ser o mais famoso fora da Ômega.

Maximoff fica quieto, pensando e olhando para o nada. Meu pulso começa a acelerar. Eu não posso lê-lo. Nós não falamos sobre ir a público com nosso relacionamento. Algo que aumentaria meu nível de fama. Mas é uma opção real e viável agora. Especialmente porque Ômega levou a turnê sem um grande erro.

Provamos que somos muito experientes para deixar a notoriedade arruinar nossas carreiras. E preciso saber onde está a cabeça de Maximoff. — Maximoff...

— Vai ser pior do que isso. Por dez bilhões de vezes, e isso vai te incomodar — Ele refuta, endireitando-se. — Todos os gritos em seu ouvido, os

artigos sobre merdas que você nem esperaria e as intermináveis perguntas pessoais.

Ele está convencido de que ninguém em sã consciência ficaria bem com a invasão, mas eu estive perto dele e de sua família o suficiente para entender o que diabos eu estaria sacrificando e me inscrevendo.

Eu descanso meu braço sobre a mesa, meus dedos perto de seu cotovelo. Não posso tocá-lo em público. Não posso confortá-lo. Não posso amá-lo alto ou com orgulho.

— Essa merda não vai me incomodar — digo —, e se incomodar, a compensação vale a pena.

Maximoff sabe que a compensação é *ele*. — Eu não valho a pena.

— Sim, você vale. — Meus olhos queimam. Eu acordo todas as manhãs e estou mais apaixonado por ele do que no dia anterior.

E eu penso, *posso fazer isso por mais um ano, dois anos, três?* A resposta não é apenas sim. Posso nos imaginar juntos por mais tempo, mais fortes, e nunca vi tão longe. No entanto, agora estou em uma posição que nunca estive antes.

Estou sentado do outro lado. Querendo saber qual é a resposta dele para a mesma pergunta. Ele pode nos ver mais um ano, dois anos, três? Mais longo, mais forte? Sou um cara que quase não tem medo, mas há uma mudança que tenho medo de enfrentar.

Estou apavorado de perdê-lo.

Eu apenas me sento aqui e espero, meu pulso martelando em meus ouvidos. Lembro que este é o primeiro relacionamento dele e, na verdade, tenho medo de assustá-lo.

Quero assumir, mas não posso pressioná-lo. Ele só precisa saber o que eu penso.

Vou fazendo isso agora.

O resto é com ele.

Maximoff balança seu chá quente, pensando. — Eu não posso fazer isso com você, Farrow.

— Eu estou pedindo que você faça — digo.

Ele instintivamente balança a cabeça. — Eu não posso... uma vez que cruzarmos essa linha, não há como voltar. Sua vida está fodida para sempre...

— Ou melhor. — Meus dedos quase roçam seu cotovelo.

Ele coloca a mão na nuca. — Ou não.

Minha frequência cardíaca está no máximo de todos os tempos.

Maximoff parece resoluto. — Eu não posso fazer isso com você conscientemente. — Ele continuará voltando a este ponto. Não importa o que, e eu entendo. Ele foi franco comigo desde o início – sobre nunca querer um relacionamento público, não querer sujeitar sua cara-metade à mídia – e ele é teimoso demais para mudar de ideia.

É minha culpa por me apaixonar tanto por ele.

— OK. — Meu estômago afunda. — Está bem.

Maximoff amassa um guardanapo e me olha com mais intensidade do que eu estou olhando para ele. — Pela sua expressão, sinto que estraguei tudo em algum lugar.

Minhas sobrancelhas se erguem. — Qual é a minha expressão?

— Você está chateado.

— Eu não estou chateado — digo com indiferença. Eu passo minha língua

sobre o interior do meu piercing labial e apenas aceno com a cabeça lentamente. OK, posso estar *nervoso*. Mas eu não estou chateado.

O que eu digo: *Maximoff, você sabe como você estava nervoso sobre esse ser o seu primeiro relacionamento? Sim, bem, agora quem está nervoso sou eu. Um brinde.*

Eu não digo isso.

Nem digo que estou decepcionado. Ele se sentiria culpado, e eu não quero culpá-lo para ir a público. Tem que ser escolha dele.

Em vez disso, chego a isso: — Prometo que ficarei feliz com a forma como as coisas estão agora. Tudo o que eu quero é você, lobinho, e neste cenário, eu tenho você.

É a verdade.

Antes que ele pudesse responder, as garçonetes começaram a cantar bem alto: — *Parabéns para você! Nessa data querida!* — E todo o restaurante se junta.

Estico o pescoço por cima do ombro. Com cinco garçonetes a reboque, Ava carrega meu sanduíche de *bagel*, velas acesas enfiadas no pão.

Meu peito incha porque eu sei... Maximoff fez isso. Com a nota do guardanapo.

Eu amo café da manhã mais do que bolo. E esse gesto se choca contra meu corpo. Duro. Merda, estou muito, *muito* apaixonado.

Eu me viro para ele.

Maximoff termina de cantar a música com a lanchonete, e seus olhos simplesmente se derretem nos meus. Como ninguém mais consegue ver o carinho, eu não sei.

Parece incrivelmente claro para mim.

Estou engasgado por um segundo. Depois de tudo o que passamos em turnê, voltar para a Filadélfia e ter meu namorado fazendo isso não tem preço.

Ava coloca o *bagel* com a vela de aniversário na minha frente.

Maximoff se inclina para a frente. Quase como se ele pudesse ir para um beijo. Eu sorrio, embora ele pare. E meu sorriso se estende quando ele me diz: — Faça um desejo.

No momento, desejo apenas duas coisas: um relacionamento público e encontrar o *stalker*.

Entre os dois, é uma escolha fácil. Não há uma competição real. Sem hesitação. Eu apago as velas.

Esperando pegar esse filho da puta. De uma vez por todas.

*

— Dez, nove, oito... — Maximoff conta até a meia-noite em seu relógio. De volta ao seu quarto no sótão, eu pairo sobre sua corpo no colchão. Suor acumulado em nossa pele, nosso cabelo úmido. Estamos reduzidos a calças e cuecas boxer. Minhas mãos estão plantadas em ambos os lados de seus ombros largos.

Porra, nunca estive tão pronto para o fim do meu aniversário e então eu fico tenso. Um ruído agudo atinge a janela. Sento-me em cima de Maximoff. — Farrow. — Ele se apoia nos cotovelos.

Meu instinto diz: *é um galho de árvore, Farrow. Acalme-se, porra.* Eu estou calmo enquanto desço dele e da cama para verificar sua única vidraça.

Eu tenho que saber com certeza.

Maximoff olha para o relógio. — Agora é 5 de abril. Acabou, cara.

— Não está acabado até que o *stalker* seja pego — digo e abro a cortina.

Um galho raspa o vidro com outra rajada de vento. Meus ombros relaxam. Os paparazzi estão à vista da velha casa geminada, parados no meio-fio da rua abaixo. Fecho a cortina antes que eles me vejam.

A exaustão tenta me atrair de volta para a cama. Mas eu descanso na beira do parapeito da janela. Eu cruzo meus braços casualmente, mas porra, eu gostaria que fosse o *stalker*. Então eu poderia ter perseguido e abordado aquele idiota.

Antes mesmo de olhar para Maximoff, meu telefone toca no meu bolso.

Identificador de chamadas: *Acelighter* (Tech)

Equipe de tecnologia.

Coloco o telefone no ouvido. — Farrow — Respondo e ouço-os me atualizarem sobre o *stalker*. Eu franzo a testa. — Tem certeza?

Maximoff se levanta, aproximando-se. Eu murmuro, *equipe de tecnologia* para ele.

Ele assente com a cabeça, agradeço à equipe e desligo.

— Seu amigo ex-nadador, Jason Motlic — Explico. — Aparentemente, ele deixou Filadélfia. Ele está agora em San Diego. — Se o *stalker* mora na Filadélfia, não faz sentido por que eles partiriam assim que Maximoff acabasse de voltar.

Maximoff digere esta notícia. — Ele provavelmente não é o *stalker*.

— Provavelmente não — Concordo. Riscar Jason significa que só me restam dois principais suspeitos. Vincent Webber, o idiota de uma noite que

falou merda sobre Maximoff nas redes sociais.

E meu pai.

Capítulo 42

Farrow Keene

— SAIAM DA PORRA da Filadélfia! — Essa confusão se origina na extremidade sul do bar enfumaçado de bilhar e dardos, lotado demais para distinguir rostos. Mas pelo olhar boquiaberto e pelos dedos médios apontados em nossa direção, vejo claramente quem está sendo interpelado.

E não é Maximoff ou Jane ou qualquer um dos famosos.

Oscar recolhe as bolas de bilhar e examina o bar lotado e caras chateadas. — Donnelly vai pirar quando chegar aqui.

Ele definitivamente não é do tipo que apreciaria alguém exigindo que ele desocupasse sua própria cidade. Todos nós chamamos Filadélfia de lar, e as zombarias começaram quando Oscar e eu entramos no *The Independent*. Nosso local preferido sempre que estamos de folga, e não na academia Studio 9.

Tornar-se “um pouco” famoso não significa que todo mundo ama você.

Passei muitas horas com Lily Calloway e Maximoff, e vi como o ódio injustificado se espalha pela notoriedade.

Pego um taco de bilhar e encontro os olhos de um imbecil barbudo e tatuado. Ele mostra o dedo médio com as duas mãos e se inclina para a frente em seu banquinho. Sua tentativa de me chamar para um confronto.

Eu quase rio e giro o taco. Eu não sou tão facilmente enredado.

Aproximando-me da mesa de bilhar, digo a Oscar com a cabeça inclinada: — É como se eles não percebessem que somos todos lutadores treinados.

Oscar sorri. — Idiotas. — Ele tenta alinhar as bolas de bilhar perfeitamente, e seu cabelo cacheado cai sobre uma bandana enrolada amarrada na testa.

Meu telefone vibra no bolso da minha calça. Eu puxo, com um pedaço de chiclete. Nova mensagem.

— Quando meu irmãozinho chegar aqui, Redford, diga a ele que você só jogou sinuca uma ou duas vezes. — Oscar pega um taco na parede.

Eu mastigo meu chiclete, sem tirar os olhos do meu telefone. — Você quer que eu implique com seu irmão — digo, parcialmente interessado. Eu li uma mensagem recente e apoio um pouco do meu peso no meu taco. Minha bota está apoiada na travessa de um banquinho.

Maximoff: *Eu diria que isso é o paraíso mas está faltando algo…*

Ele incluiu uma selfie que poderia fazer parte de uma campanha da *Calvin Klein.* Lindo pra caralho. Meio submerso na piscina de sua família, seu cabelo molhado está penteado para trás e gotas de água escorrem por suas têmporas.

Minha boca sobe.

Luna aparece no fundo como um papagaio de pirata, sua língua tocando seu nariz.

Nossos clientes estão passando a noite no bairro fechado, visitando pais e irmãos.

Maximoff me convidou para acompanhá-lo, mas como a turnê terminou oficialmente ontem cedo, Ômega queria sair.

E eu preciso estar com a segurança.

Começo a enviar uma mensagem de texto para ele: eu diria que está faltando uma vírgula. Antes de clicar em enviar, Akara arranca meu telefone da minha mão. Ele exala fumaça de seu rosto, o bar nublado.

— Quando você chegou aqui? — Pergunto, notando uma garrafa de cerveja em suas mãos.

Não tenho certeza de como ele conseguiu passar pelos desordeiros no bar sem causar uma briga.

Donnelly caminha em direção a Oscar, com a cerveja também na mão. Pela fumaça do cigarro, percebo o piercing no septo dele, uma coisa nova, e ele fez buracos em sua camisa Studio 9.

— Cinco minutos atrás — Akara me responde, sua camisa suada colada em seu peito.

Eu estouro meu chiclete. — Você cheira como um treino de cinco horas.

Akara esfrega meu telefone em suas manchas de suor, fazendo questão. — Todos nós concordamos em não perseguir o *stalker* esta noite. Você sabe que Maximoff está seguro com a família.

— Eu percebo isso. — Eu não preciso da garantia. Estou confiante de que quem quer que seja o merda que está por trás das fotos doentias não chegará perto de Maximoff na casa de seus pais. A casa é repleta de alarmes de segurança e câmeras.

Estendo a mão para o telefone.

Akara o esfrega no peito novamente. — Você realmente quer essa coisa de volta?

— Suor do homem realmente não me incomoda. — Eu aceno para ele. — Me dê. — Ele enfia meu celular no bolso de trás.

Reviro os olhos. — Akara…

— Você pode recuperá-lo mais tarde esta noite. — Ele aperta meu ombro. — Sem cliente, sem namorado. Apenas relaxe.

Eu mastigo meu chiclete lentamente. — Eu sou a definição de relaxado.

Akara bebe sua cerveja. — Você tem sido a definição de hiper vigilante. Avisarei quando você voltar para o Farrow-relaxado-em-meio-a-furacões-Keene.

Eu não estou pensando nisso. Principalmente porque um filho da puta musculoso grita, — Vão comer merda, farsantes!!

Donnelly se inclina na mesa de bilhar. — Odiadores vão odiar.

—Saiam da Filadélfia! — Uma zombaria coletiva chega até nós.

Donnelly de repente se endireita e estende os braços. — Eu sou da Filadélfia! Você sai daqui, cara!

Oscar puxa Donnelly pela camisa antes que ele invada o bar, e então ele rouba a cerveja de Donnelly.

— Ei — Akara diz —, deixa para lá. Não precisamos de outra manchete. *Equipe de Segurança Ômega entra em uma briga de bar* reflete mal para nossos empregadores.

Donnelly olha furioso para o cara barbudo e tatuado que está me encarando. — E quanto à *Equipe de Segurança Ômega Ganha uma Briga de Bar*, chefe?

— Não — diz Akara.

Os intrometidos gritam mais algumas besteiras, e nós fazemos um bom trabalho ignorando. Mas uma bartender sai do balcão e se aproxima de nós.

Ela amarra o cabelo em um coque. — Oi, pessoal. Olha, posso anotar seus pedidos de bebidas e servi-los, mas vocês não devem se aproximar do bar. Não é

seguro, e o gerente acha que é o melhor negócio para todos, certo?

O imbecil barbudo parece muito satisfeito consigo mesmo. Ele pensa que estamos prestes a ser expulsos, sem tratamento especial.

A diversão puxa meus lábios para cima. Estou gostando disso. — Parece bom — diz Akara. — Vocês querem alguma coisa?

— Estou comprando uma rodada de doses de *whiskey* para todos — diz Donnelly, gesticulando para todos nós.

— Entendi — diz a bartender e sai.

Eu passo giz no meu taco. — Quem você tatuou? — Pergunto a ele, já que é assim que ele ganha dinheiro extra, e é a única vez que ele paga bebidas para todos.

— Luna. — Donnelly pega um cigarro do maço. — Pensei em consultar o pai dela primeiro, já que ele ficou louco comigo sobre as outras, mas depois pensei, nah. Ele nunca vai ver essa.

Minhas sobrancelhas se erguem. — Cara, se você tatuou a bunda dela e o pai descobrir, ele vai…

— Não surta. Era uma estrela cadente abaixo do osso ilíaco. — Ele coloca a mão em concha sobre uma chama e acende o cigarro. — E ela tem dezoito anos. Se não for eu a tatuar, então outro tatuador o fará, sabe?

— Eu sei.

Mas ainda é a filha de Loren Hale e a irmã mais nova de Maximoff.

Essa ainda é a família Hale, e caralho, normalmente não me meto constantemente na merda de outras pessoas, mas entendo essa família melhor do que ele. E eu me importo com Luna.

Akara aponta sua garrafa de cerveja para Donnelly. — Se ela pedisse para

você empurrá-la de um penhasco, o que você faria?

— Eu diria: *vamos pegar alguns paraquedas primeiro, querida*. — Ele sorri. — Aí, eu segurava a mão dela e pulávamos… — Ele pula para a frente e passa o braço em volta de Oscar.

— Você está jogando? — Oscar pergunta a ele sobre sinuca.

— Mais tarde.

Akara balança a cabeça, levantando os lábios. Ele faz desaprovação amigável muito bem.

Meu sorriso se alarga para Donnelly. — Olha quem nunca será colocado na equipe de Luna Hale.

Ele sopra anéis de cigarro para mim.

— Ei, pessoal. — Quinn se aproxima, sua camisa lisa rasgada na bainha, arranhões no pescoço.

Quase todo mundo fica rígido, mas ainda estou apoiado no taco. — O que diabos aconteceu? — Oscar se aproxima instantaneamente.

Quinn empurra seu irmão para longe. — Você sabe como são as multidões. — As da rua, do lado de fora do *The Independent.*

— *Nah*, elas não são tão ruins — diz Donnelly.

Akara franze a testa e avalia Quinn de longe, que tenta convencer a todos com ‘estou bem, estou bem’, mas é claro que a fama tem sido mais difícil para ele do que para nós.

— Eu só preciso de uma bebida — Murmura Quinn.

A bartender volta com uma bandeja de shots de *whiskey* e o bar vaia a ela, mais do que a nós.

— Desculpe — Peço desculpas a ela, e ela encolhe os ombros

timidamente.

Donnelly coloca um maço de dinheiro em sua bandeja em gorjeta.

— Obrigada. Vou deixar isso aqui. — Ela coloca a bandeja na mesa e enfia o dinheiro no bolso de trás.

Pego uma bebida. — Tome uma dose, Oliveira. — Entrego o copo a Quinn.

Ele vira a dose de *whiskey*, e então Thatcher, o último da Ômega e meu novo colega de quarto, se junta a nós. Não posso dizer que temos sido amigáveis. Nós conversamos uma vez desde que a turnê acabou.

Ele perguntou se eu vi Ophelia, a gata branca de Jane, que desapareceu por uma hora em nossa casa.

Eu disse *não*.

Ele não disse nada em resposta. E esse foi o fim dessa merda.

— Quem está jogando? — Thatcher pergunta, as mangas de sua camisa de flanela roladas nos cotovelos.

Oscar aponta seu taco para mim. — Redford deve topar.

Eu estouro meu chiclete. — Não, estou fora. — Passo meu taco para Thatcher. — Vá em frente. — Não estou dando a ele um ramo de oliveira. Este sou eu apenas não querendo jogar sinuca.

Thatcher sente isso e não agradece.

Eu bebo uma dose, *whiskey* queimando no fundo da minha garganta. E eu me aproximo de Oscar. Prestes a fazer uma aposta no jogo de bilhar.

Mas o idiota barbudo com pele cheia de marcas e uma tatuagem de bíceps de águia se destaca de seu banquinho. Ele deve ter trinta e poucos anos, não muito mais velho do que nós, e mais quatro homens o flanqueiam. Todos

parecem pesar cento e trinta e seis quilos.

Donnelly costuma dizer que ele tem quase oitenta e o resto de nós é magro e musculoso como lutadores e boxeadores do UFC. Não lutadores de entretenimento peso-pesado. Merda, o único que chega perto é Thatcher. Mas mesmo entrando em uma luta abaixo do peso, poderíamos bater facilmente em todos eles.

Não estamos intimidados. Para ser honesto, sua bravata realmente tem o efeito oposto.

— Voltem para LA, seus idiotas, e saiam da nossa cidade!

Isso está ficando irritante.

Nós seis os enfrentamos, e o grito de "saiam da nossa cidade" irrita mais Donnelly. Eu gostaria de socar um. Coletivamente, passamos mais tempo na Filadélfia do que a maioria das pessoas naquela porra de bar.

Para nós, é casa.

Para Donnelly, Thatcher e Quinn, é tudo o que eles já conheceram.

Não houve faculdade. Nenhum outro lugar.

Tem sido Filadélfia. Sempre Filadélfia.

Algumas pessoas se conectam a uma cidade específica como se fosse uma pessoa, uma parte tangível delas que não podem remover, e eu vi isso nos olhos de Donnelly.

— Diga que eu sou de Los Angeles mais uma vez! — Donnelly ameaça. Já que nossa fama se originou em LA, é nisso que alguns idiotas desinformados acreditam.

Thatcher começa a gritar com o filho da puta corpulento no final. Ele está tão irritado, e estar de folga o está fazendo jogar o livro de regras pela janela.

Oscar sussurra para mim: — Os caras do sul da Filadélfia vão nos fazer ser expulsos.

— Não me diga — Sussurro. — É melhor você adicionar seu irmão mais novo nisso.

Quinn amaldiçoa alto, avançando na cara de um idiota, mas Akara pega sua camisa e o puxa para trás.

Somos todos treinados para acalmar situações, mas é mais fácil fazer nosso trabalho quando os insultos não são dirigidos a nós.

Oscar balança a cabeça e se inclina sobre a mesa com seu taco, alinhando-se enquanto o conflito está se formando. — Os odiadores da ESO sabem o mínimo. Somos guarda-costas famosos. Somos gostosos. É sobre isso. Todo o resto eles inventam para alimentar o seu ódio.

— Verdade. — Eu me inclino na mesa de bilhar, meio sentado.

Ele bate e as bolas se espalham pelo feltro verde. De repente, ele se endireita para cima, mais alerta quando o filho da puta barbudo mais falador se aproxima de mim.

Eu não me mexo.

Esse cara acena para mim, sobre a minha altura. — Você acha que é um merda de gostoso?

Eu mastigo meu chiclete. — Eu sei que sou um merda de gostoso. — Eu posso sentir o olhar áspero de Oscar perfurando esse cara atrás de mim, o resto da Ômega a minutos de uma luta real também.

O imbecil barbudo dá um passo em minha direção.

Minha mandíbula endurece. — Não encosta — Aviso.

— Farrow, Oscar! — Akara chama. Ele colocou nossos dois caras do sul

da Filadélfia, mais Quinn, em uma mesa e os outros desordeiros ficaram para trás no bar. Impressionante. E uma razão pela qual não sou o líder da Ômega.

Antes que o imbecil possa me colocar em uma briga, eu recuo e pego o longo caminho até a cabine com Oscar. Nós escorregamos no assento de couro rachado e Akara fica de pé no final.

— Não vou sentir falta disso na turnê — Donnelly diz para Quinn.

Eu os pego no meio da conversa, e ele pega uma tigela com nozes.

— O quê? — Pergunto o assunto.

Ele empurra a tigela para o lado. — Lavanderia.

Eu mastigo meu chiclete em um sorriso. — Você não pode sentir falta de algo que nunca fez.

Donnelly ri.

— Isso foi o pior — diz Oscar. — Se eu nunca mais tiver que ver outra lavanderia ou conta de lavanderia de hotel, morrerei um homem feliz.

A bartender se espreme e nos deixa seis garrafas de cerveja.

— Por conta da casa por não começar nada com aqueles caras ali — diz ela. — O gerente agradece.

Quando ela sai, pego uma garrafa e, ao meu redor, noto o cara barbudo tentando capturar meu olhar na mesa de bilhar. Quanto mais cerveja ele bebe, menos provável é que ele deixe essa merda passar.

— OK, escutem. — Akara rouba a atenção de todos, ainda de pé. — Tenho três anúncios a fazer.

Aposto que sei qual é um dos três.

— Primeiro — Ele diz —, se vocês ainda não ouviram, Luna está se mudando para a casa de Maximoff e Jane. O que significa que Quinn está de

volta ao posto de segurança com vocês dois. — Ele gesticula para Thatcher e para mim.

Sabia.

Eu levanto minha cerveja para Quinn. — Bem-vindo de volta.

Ele tilinta minha garrafa, mais os outros caras começam a aplaudir. Todos nós bebemos.

Akara coloca sua garrafa na mesa. — Decidimos que, como Luna está com o irmão, faz mais sentido que o guarda-costas dela permaneça na Ômega.

Achei que Quinn não seria transferido para Épsilon. Eles não estão equipados para treiná-lo, e Akara estava tentando manter Quinn na ESO mesmo quando Luna saiu da turnê.

— Segundo… — Akara se vira para Thatcher, que está quieto na mesa, bebendo sua cerveja. — Thatcher assinou um contrato permanente para ser o guarda-costas de Jane Cobalt esta manhã.

Merda.

Todos pensávamos que ele acabaria voltando para a equipe de segurança de Épsilon e Xander Hale. É por isso que ele permaneceu como líder e parte da Tri-Force durante a turnê.

— Por causa disso — Akara diz —, ele não pode mais ser um líder. A liderança tem que vir da Épsilon, e Banks está tomando seu lugar. — O irmão de Thatcher é agora a terceira voz da Tri-Force.

Thatcher desistiu de seu poder e de seu salário mais alto para ficar na Ômega e no destacamento de Jane.

Mas esse fato não é o que me faz sorrir com meu gole de cerveja. Agora, ganhamos a mesma quantia, no mesmo nível na hierarquia dos guarda-costas.

Agora somos iguais.

Caralho, isso é bom.

Thatcher solta um suspiro pesado para mim. Ele odeia que eu ame isso.

— Terceira e última coisa — Akara começa.

— Ei, menino bonito! — Um intrometido bêbado grita com Donnelly. — Por que não tira essa coisa do nariz e enfia no cu?!

Esse insulto não incita nenhum de nós.

Akara pega sua cerveja. — A Tri-Force concordou que todos podemos manter nossos empregos e ser famosos, mas isso tem um custo.

— O quê? — Quase todos nós dizemos.

Akara suspira. — Não podemos lidar com grandes eventos de segurança. Às vezes até menores. Não sem Alfa e Épsilon ou guarda-costas temporários. Eles têm que se juntar a nós em shows, galas e eventos de caridade. Talvez locais ainda menores. Precisamos de corpos extras, pessoal. Não podemos mais fazer essas coisas sozinhos. É do jeito que é.

Ficamos quietos.

Eu cerro e esfrego minha mandíbula. Não quero chamar reforços para um trabalho que fomos contratados para fazer, mas não vou colocar meu orgulho acima da segurança de Maximoff.

Depois de um minuto, todos assentimos. Concordando.

Estamos no mesmo oceano inquieto, um barco de seis pessoas e, felizmente, estamos preparados para lidar com o clima mais difícil.

Até o imbecil barbudo que vem até mim com um taco. Agora. — Se vocês não vão sair do nosso bar, nós vamos obrigar vocês.

Akara olha fixamente. — Sério, cara?

Ele avança em uma fúria bêbada. Não há nenhum raciocínio com isso.

Eu me levanto, Ômega se levanta e nós saímos da cabine ao mesmo tempo que seus amigos nos cercam.

— Saiam da…

Thatcher dá um soco em um cara robusto e o bar começa a brigar.

Punhos voam, cadeiras fazem barulho. Quinn acerta o nariz de um cara com os nós dos dedos, e Donnelly acerta um homem de 130 quilos que quebra uma garrafa.

O imbecil barbudo balança o bastão na minha cabeça. Eu me abaixo. Então eu bato minha bota em sua rótula, um golpe certeiro. Ele pragueja de dor e cambaleia, caindo.

Ao meu lado, Akara chuta outro intrometido musculoso no peito. Ele bate em uma mesa.

Oscar está conversando com a bartender loira.

— Fora! — O gerente grita conosco. — FORA! — Seis ou sete funcionários rastejam para fora da toca e começam a nos conduzir pela saída traseira.

Quinn levanta a mão. — Estou bem, mano.

— Estamos indo, estamos indo — Akara diz a eles, e desce um lance de escadas, chegamos à estrada juntos.

Deixando os intrometidos para trás, brincamos e vagamos pela rua de Filadélfia como se nada estivesse fora do comum. Rindo da cerveja grátis.

Mas nosso curto período no *The Independent* não é uma noite normal.

Esse final abrupto geralmente é destinado às pessoas que protegemos. Não para nós.

Lentamente, cada um de nós fica quieto, com as mãos nos bolsos e caminhando.

Nossa fama afunda coletivamente, ajustando-se como se tivéssemos recebido um novo uniforme para vestir.

Capítulo 43

Maximoff Hale

GATOS CORREM DEBAIXO do sofá vitoriano rosa, da cadeira de balanço e sobem a escada estreita de minha antiga casa geminada. Estou de volta em casa.

Senti falta das pequenas coisas: as históricas paredes de tijolos, todas as fotos da minha família sobre a lareira e como sempre cheira a café e chá quente. Eu poderia ter ficado mais tempo na estrada. Mas não estou correndo para encontrar um caminho de volta.

Um ano atrás, o cancelamento antecipado da turnê teria me devastado. Eu sei que machuquei pessoas. Eu vi o *Twitter*. Os fãs me chamavam de idiota, um ser humano sem coração, uma celebridade arrogante fingindo ser humilde. Que eu só queria o elogio. E eu realmente não me importo com você.

Basta.

Cansei de tentar provar qualquer coisa para qualquer um. Até você. Eu sou quem eu sou, porra, e a verdade sempre será que eu gostaria de ter feito mais. Mas finalmente estou satisfeito com o fato de ter dado tudo o que pude.

Mesmo que você não consiga ver ou se recuse a acreditar.

Agora, eu preciso estar em casa. Com todas as pessoas que me amam incondicionalmente.

Minha família e seguranças entram e saem da casa, carregando caixas de papelão, potes de plástico e roupas em cabides. Alfa bloqueou os paparazzi na

rua. Portanto, era um dia de mudança muito fácil.

Querido mundo, não ferre comigo. Atenciosamente, um humano azarado.

Jesus.

Cristo.

Desço as escadas correndo. — Luna, cuidado!

Querido mundo, você é péssimo. Atenciosamente.

Meu skate sai de debaixo do sofá. Luna segura *quatro* luminárias de lava e pisa no skate. Tropeçando para a frente.

Eu corro e o skate bate na mesa de centro.

Luna começa a cair, prestes a bater de cara no chão, e eu seguro seu braço antes que ela caia. E eu a seguro de pé. Ela solta a luminária e a pega pelo fio. Isso foi muito perto. Eu pego suas luminárias.

— Começo ruim, o de sempre — Luna respira e se agacha para acariciar Lady Macbeth. — Eu avisei que seria uma colega de quarto de merda, certo?

Eu desembaraço as lâmpadas. — E eu te lembrei que costumávamos ser companheiros de quarto por treze anos.

Farrow não está aqui para dar voz ao tecnicismo, mas *tecnicamente*, nunca dividimos um quarto antes. Não é como se estivéssemos dividindo um quarto agora também.

Ela está se mudando para o quarto de hóspedes, seu pequeno espaço.

Luna se levanta enquanto o gato preto foge. — Isso é diferente. Nós éramos crianças naquela época.

Eu sorrio. — Sim, e agora você se formou no Ensino Médio com um diploma e tudo... — Eu paro com o sorriso dela que ela não consegue conter. Luna terminou seu último exame de educação domiciliar ontem.

Luna balança os ombros. — É muito legal, hein?

— Realmente legal pra caralho. — Alguns primos passam por nós com caixas, e vamos para perto da lareira. Ficando fora do caminho.

Eu encaro minha irmãzinha e as memórias vêm à tona de nós sendo apenas crianças.

Eu devia ter uns cinco ou seis anos e sempre pedia à minha mãe para empurrar o carrinho de Luna. Querendo ajudar. Prendi-a na cadeirinha e segurava sua mão enquanto atravessávamos a rua. Brincávamos de luta com sabres de luz de plástico em Superheroes & Scones e trocávamos quadrinhos.

Agora, ela tem dezoito anos.

Não seguro mais a mão dela para o outro lado da rua. Mas ela poderia ter ido a qualquer lugar depois de se formar. E estou muito ciente de que, do mundo inteiro, ela escolheu estar aqui comigo.

Eu nem hesitei em dizer *sim*. — Não se preocupe com nada disso. — Aponto para as almofadas com babados, o skate, o cabideiro com as várias capas de chuva coloridas de Jane. — Esta casa agora é sua também. Eu quero que você se sinta em sua casa.

Ela olha para as fotos de família sobre a lareira. — Eu meio que já me sinto.

Eu sorrio e, enquanto a segurança entra, saio para o quarto de hóspedes e deixo as luminárias de lava dela. Kinney e Xander estão desempacotando seus livros de ficção científica e empilhando-os em uma prateleira.

Viagem número cinco, desço a escada novamente. Desta vez, Farrow entra pela porta adjacente à casa da segurança.

Casualmente, ele chuta a porta, um pote aberto de manteiga de amendoim

debaixo do braço, e descasca uma banana.

Concentro-me em seus dedos que se movem com precisão, com segurança. Que não devia ser tão sexy. Meu sangue esquenta e seus lábios se curvam – ele nem está olhando para mim ou mesmo em minha direção. Como diabos ele pode me ver é sobre-humano. E estranho. Mas sexy.

Quase gemo para mim mesmo quando chego ao final da escada. Eu poderia desviar e pegar outra caixa do SUV, mas meus pés já estão se movendo. Em direção a ele.

Grande surpresa.

Eu puxo um papel dobrado do meu bolso de trás.

— O que é isso? — Farrow pergunta, apontando para o papel. Friamente, ele se agacha até meus tornozelos.

Eu o observo, minha curiosidade aumentando. — Uma lista. — É mais do que uma lista, mas ele é uma distração ambulante e falante que meu cérebro inconscientemente... e conscientemente ama.

— Uma lista — Farrow repete e levanta a perna da minha calça jeans, revelando minha canela nua e um canivete embainhado.

Eu cruzo meus braços, nossos olhos grudados enquanto ele desembainha meu canivete. *Caralho*.

Farrow sorri e se levanta, um centímetro mais alto. — Ele ainda está tentando me transformar em um seguidor. — Antes que eu possa responder, ele diz: — Deixe-me adivinhar o que sua lista não diz. *Número um: estou apaixonado por Farrow Keene. Número dois: ele está sempre certo.*

— Como você sabia? — Eu pergunto sarcasticamente.

Farrow mergulha minha faca na manteiga de amendoim e depois corta a

banana. Ele come o pedaço diretamente da lâmina e lambe a manteiga de amendoim da ponta.

Porra.

Eu flexiono, meus músculos em chamas.

Seu sorriso se estende. — Eu tenho um PhD em *Estudos de Maximoff Hale*.

Eu me recomponho e dou uma olhada nele. — Como você ganhou esse grau? Me seguindo?

— Vencendo você em tudo.

Minhas sobrancelhas se juntam em agitação.

Ele percebe, e os cantos de seus lábios se levantam mais.

Preciso entregar o papel a ele, mas não quero que isso acabe ainda. — Não existe tal coisa. Então você realmente se formou em Introdução à Mentira.

Ele assobia. — Ele não pode nem me colocar em um nível mais alto do que o básico. — Ele olha para o papel e coloca o pote de manteiga de amendoim de lado. — Me dê.

Entrego-lhe o papel.

Ele mal passa os olhos e suas sobrancelhas se erguem. — Isso é chamado de *itinerário de casamento*.

— Isso é a porra do que eu disse — Combato, e esfrego minha boca. Cristo, sinto meu sorriso. — Todos os detalhes estão aí. — A vantagem de a turnê terminar cedo é que posso comparecer à renovação dos votos dos meus pais.

Ele está fixado em alguma parte do itinerário.

— O quê? — Eu olho para o papel de cabeça para baixo, e as palavras

Maximoff Hale, sem namorado, nenhum acompanhante se destaca. — Minha assistente digitou isso.

Farrow guarda o papel no bolso de trás, ainda à vontade. — Não é grande coisa, Maximoff. — Ele come outro pedaço de banana da lâmina. — Eu vou ao casamento como seu guarda-costas. É o que eu sou.

Eu franzo a testa, pensando. Ele é mais que um guarda-costas para mim, mas ele sabe. Então, por que algo parece estranho?

Meus olhos baixam, e só agora noto *Thatcher* escrito em caneta na casca de banana. Estou menos surpreso que Farrow esteja comendo a comida de Thatcher do que com isso: —Quem escreve nas frutas?

— Monitores — diz Farrow enquanto corta a banana. Ele joga o casca na minha mesa de café de ferro. — E eu tenho que viver com um.

— É uma pena que você não tenha um namorado com quem dormir. — Aproximo-me dele, nossas pernas batendo.

Farrow come a última fatia de banana e sua outra mão segura meu pescoço.

Sou o primeiro a agarrá-lo pela camisa, depois, passo o braço em volta dele. Ele nos gira em uma manobra rápida. Minhas costas batem na porta fechada. Deus. Respiro chamas em meus pulmões.

Farrow embainha a faca em seu cinto de couro preto. — Você não é meu namorado então? — Ele olha meus lábios de uma forma que diz, *eu não vou te beijar. Eu não vou te foder. A menos que você me diga que eu sou seu e você é meu.*

Ele eletrocuta cada maldita parte de mim. Seu peso me prende à porta, e meu pau implora por mais fricção quente.

— Você deve ter perdido seu namorado — digo, minha voz baixa.

Cabelo branco descolorido pende de seus cílios. Nossas bocas se aproximando, ele sussurra: — Você falhou em Introdução à Mentira, lobinho. Porque ele está bem na minha frene.

Me beija, cara. Mal posso esperar. Eu agarro a parte de trás de sua cabeça e o beijo profundamente. Famintos, nossas bocas colidem. Eu o giro, de costas para a porta. Quando penso que estou na liderança, sua mão desliza pelas minhas costas e ele agarra minha bunda.

Caralho. Eu gemo contra seus lábios, e ele sorri contra os meus.

Alguém limpa a garganta. Atrás de nós.

Excelente.

Eu me afasto, mas banco o mais ‘de boa’ que posso e fico em pé.

Esta é a minha casa. Eu moro aqui. Nós nos beijamos. Ele agarrou minha bunda. Na escala DPA, este é um nível menor.

Farrow apoia os ombros na madeira. Com muito mais naturalidade do que eu. Mas isso é normal.

Quem nos viu?

Meu pai.

Ele está parado na porta, uma leve chuva caindo na rua atrás dele. Uma caixa rotulada *Luna de Thebula* está em seus braços, bíceps em destaque e feições sérias. Suas sobrancelhas estão franzidas como se ele estivesse processando algo lentamente. Talvez Farrow e eu sejamos realmente um casal. Ou talvez ele esteja apenas surpreso em me ver com alguém.

Ele parece bem, no entanto. Saudável, não abatido ou impaciente.

Ele abre a boca para falar, mas as vozes aumentam atrás dele. Todos nós

ouvimos, mas de onde estou, não consigo ver ninguém.

— Se eu entrar lá, vai ser real — diz minha mãe. —Talvez devêssemos todos tomar café da manhã primeiro. Alguém com fome? Eu poderia comer um *waffle*. Daisy?

— Panquecas de chocolate — diz minha tia.

— Ela não está se mudando para a porra de Nova York ou para o outro lado do país — Tio Ryke retruca. — Não há nada para se agonizar.

— Fácil para você dizer — Minha mãe responde. — Sulli quer morar em casa por mais um ano. Minha filha está indo embora. Oh, meu Deus, prometi a mim mesma que não iria chorar tão rápido. Eu já estou chorando. Rose…

— Queixo para cima, ombros para trás — Tia Rose estala friamente. — O que nossos gremlins não sabem é que eles são nossos para sempre. Não importa para qual localização geográfica eles fujam, gostem ou não.

Meu pai joga a cabeça para trás e grita para minha tia: — Tire suas garras dos meus filhos, Cruella.

— Vá se ferrar, Loren.

— Que gracinha — Meu pai retruca.

Farrow quase ri, e eu sorrio. Deus, eu amo minha família.

— Eles vão todos embora — Tio Connor fala. — Geralmente é o que as crianças fazem quando ficam mais velhas.

— E agora ela está realmente chorando. Bom trabalho, Richard — diz tia Rose.

— Não, não — Minha mãe protesta. — São lágrimas de felicidade. Luna cresceu. É uma coisa boa.

Meu pai olha para mim, depois para Farrow, e fico mais desconfortável.

Eu não posso dizer o que meu pai está pensando. De forma alguma.

Quando chega ao ponto de constrangimento máximo, meu pai se vira para a porta novamente. — Se vocês continuarem demorando, nunca vamos terminar de fazer a mudança.

Um a um, minha mãe, duas tias e dois tios entram na casa. Capas de chuva e alguns guarda-chuvas são fechados.

Esta é a primeira vez que estamos realmente juntos desde o Acampamento Calloway. Na mesma sala, pelo menos. Mas nós conversamos. Todos nós. Não vou fingir que essas conversas nunca aconteceram só porque não aconteceram completamente.

De qualquer forma, beijar Farrow no evento Camp-Away parece uma eternidade atrás. Eu me sinto diferente desde então. Mais forte de uma maneira diferente. Talvez seja isso que acontece quando você encontra areia movediça e descobre como sair dela.

Eu quebro o silêncio antes deles. — Podemos não tornar isso estranho? — Eu pergunto. — Todos vocês conhecem Farrow. Ele é meu namorado. Isso não vai mudar.

— Na verdade, eu não o conheço como seu namorado — Connor diz enquanto pendura seu guarda-chuva caro no cabideiro. Seus olhos oniscientes encontram os de Farrow. — Mas eu adoraria mudar isso.

— Concordo. — Ryke assente e então se vira para meu pai. — Estou sentindo a porra de um convite aqui?

E meu pai está sorrindo. Genuíno e feliz. Ele levanta o último pedaço de peso do meu peito. — Acho que sim, irmão mais velho. — Ele olha para o meu namorado. — Que tal você começar a vir para nossos almoços com Moffy?

Meus olhos se arregalam. Sério. Isso é o que eles querem? Para grelhar Farrow sobre tacos e salsa? — Você pode dizer não — digo a Farrow. — Eles são muito para lidar, porra.

— Eu posso lidar com qualquer coisa, lobinho — Farrow diz facilmente, e com um sorria, ele diz ao meu pai: — Combinado.

Meu pai assente e ajusta seu aperto na caixa.

— E — acrescenta Connor a Farrow —, se decidirmos que não gostamos da sua companhia, seu convite será revogado.

— Isso não vai acontecer — digo com firmeza.

Farrow abaixa a cabeça, seu sorriso fora deste mundo de merda agora, e ele tenta minimizar um pouco.

Um gato malhado se esfrega nos tornozelos do meu pai. Ele me diz: — Se Farrow é uma companhia de merda, vamos votar.

Eu balanço minha cabeça. — Depois da minha semana, votação é algo *permanentemente* proibido.

Meu pai estremece. — Você sabe que eu poderia…

— Não — Eu o interrompo. — Já falamos sobre isso. — Nenhum deles vai brigar em meu nome como se eu fosse uma criança. — É o meu trabalho. Eu cuidarei disso.

Meu pai semicerra os olhos para mim. — É como se você fosse um homem de oitenta anos em um corpo de vinte e dois anos. — Ele olha para minha mãe, que morde a unha do polegar, nervosa com a partida de Luna. — Amor, você tem certeza de que deu à luz a ele?

— Eu me lembro de cada segundo disso, Lo. — Ela faz uma pausa. — OK, nem *todos* os segundo. Mas a maior parte.

Minha boca se curva para cima. *Isso* aqui. Nós. Parece que estamos de volta em algum tipo de rumo. Claro, haverá momentos de drama e algumas brigas, mas minha família não vai a lugar nenhum. Qualquer mundo onde eles estão desaparecidos é muito solitário para conceber.

— Mãe…— A voz de Jane atrai nossa atenção para a escada. Ela desce com uma saia de tule lilás, suéter com estampa de oncinha e seu cabelo castanho frisado em volta do rosto.

Jane acabou nunca falando com a mãe. Não naquele dia no Kansas. Não na noite em que ela voltou para casa. Este é o primeiro gesto real.

Estamos todos quietos, mas Rose rapidamente abre sua bolsa *Chanel*, com as unhas pintadas de preto fosco. Os tabloides chamam minha tia de "rainha de gelo", mas seu coração é gigante. Eu vi isso quando criança, quando Ben, que na época tinha cinco anos, pegou uma erupção cutânea de uma hera venenosa e ela disse ao filho que suportaria sua dor por ele, se pudesse. Ela sussurrou em francês, preparou um banho quente para ele e ficou sentada com ele a noite toda.

E eu definitivamente vejo o coração dela agora. Enquanto ela tira um par de saltos. Eles se parecem mais com sandálias de camurça rosa com um salto grosso e brilhante.

Minha tia usa principalmente vestidos pretos simples e saltos clássicos. Estes são excêntricos. São a cara de Jane.

Ao vê-los, Jane para no meio da escada. — O que é isso?

Rose segura delicadamente as sandálias de salto. — Eles são para você, mas não estou tentando comprar o seu amor — Ela retruca. — Eu os vi e eles gritaram *Jane Eleanor Cobalt,* minha linda e brilhante filha primogênita… Se você não os quiser, eu os devolvo à loja ou posso jogá-los no fogo. Vê-los

queimar… — Ela tenta erguer o queixo, lutando contra as lágrimas. Ela rapidamente seca os cantos dos olhos. — O que você quiser.

Jane sorri com um olhar molhado. — Eu adorei. — Ela chega ao pé da escada.

— Mesmo? — Rose pergunta. — Porque se você não gosta da fivela ou das lantejoulas, posso mandar alterá-las.

— Não — Jane diz, segurando os saltos com a mãe por uma batida extra. — Eles são perfeitos.

Eu sorrio com praticamente todo mundo.

Meu pai se intromete: — Ótimo, ela está carregando essas coisas há *quatro* meses.

— Lo! — Minha mãe sussurra e bate em seu ombro. — Isso era segredo.

— *Oops* — Meu pai diz secamente, mas ele sorri para Jane, que parece estar emocionada.

— Você fez isso mesmo? — Jane quase começa a chorar.

Rose esfrega a bochecha da filha. — Eu achei que um dia você iria querer falar comigo de novo. Mas eu não sabia quando.

Jane envolve seus braços em torno de sua mãe. Tia Rose é conhecida por odiar abraços, mas ela retribui dez vezes. Não consigo ouvi-las sussurrando uma para a outra, mas tenho certeza de que estão trocando os *senti sua falta*, *me perdoa* e *eu te amo*.

Olho para minha família. Minha mãe e meu pai em um abraço amoroso: os braços dele em volta da cintura dela, o corpo dela agarrado ao dele. E Ryke pega Daisy e joga sua esposa por cima do ombro, brincando. Então ela fica pendurada de cabeça para baixo, seu sorriso tão brilhante quanto o sol.

Todo mundo está bem.

Naquele momento. Mas isso me enche até a porra da borda.

Quando Rose e Jane se separam, seus olhos azuis pousam em seu pai.

Silenciosamente, Connor vai e abraça sua filha.

Jane cede instantaneamente.

— Mon coeur — Ele sussurra. *Meu coração.* —Te enviei um ensaio por e-mail esta manhã.

Ela se afasta um pouco. — Eu não pedi outro…

— É um prelúdio para o primeiro — diz ele suavemente. — Três mil palavras sobre por que você é uma filha extraordinária. A melhor que poderíamos ter.

Ela coloca as palmas das mãos nas bochechas, emocionada. Chorosa. *Feliz.* E ela apenas balança a cabeça em agradecimento. Jane olha para mim.

Eu sorrio mais. *Você fez a parte mais difícil, Janie.* E tudo está melhor do que era.

Ela sorri em uma gargalhada chorosa, enxugando o rosto.

Minha mãe se separa do meu pai e vem em minha direção... não, não para mim. Ela enfrenta Farrow. Esses dois também não conversaram. Nem uma vez.

Farrow se levanta da porta. — Lily…

— Não, espere — Minha mãe diz e enxuga as palmas das mãos suadas em sua camisa folgada dos Vingadores Unidos. — Então eu tenho algo para você também... e só para ficar claro, eu não posso retirar nada do que eu disse ou fiz no acampamento. Porque Maximoff é meu filho e quero ser o tipo de mãe forte o suficiente para defendê-lo e protegê-lo. — Ela acena com a cabeça resolutamente. — Eu não me acovardei e tenho orgulho disso.

Você sempre foi esse tipo de mãe, quero dizer, mas respiro fundo, sem ter a menor ideia de onde isso vai dar. Mas meu pai me lança olhares afiados para *deixá-los falar.*

Então eu fico quieto.

Farrow acena com a cabeça com a mesma confiança. — Estou feliz que você tenha feito isso.

Minha mãe funga e pega um pequeno pacote embrulhado à mão que colocou na mesa de centro. — Então, esta é uma... coisa de boas-vindas de volta à Filadélfia....

— Não é uma *coisa* — Rose retruca.

— Sim — Daisy concorda, ainda de cabeça para baixo —, você disse que não chamaria assim.

— É um *presente* — Minha mãe diz em um forte aceno de cabeça.

Minha pulsação acelera. Isso é normal? A mãe presentear o namorado do filho. Acho que estou pensando demais. Não, eu *sei* que estou pensando demais.

Farrow sorri, me olhando um pouco, e então começa a rasgar a fita.

O pacote é embrulhado em jornal. Esforço mínimo – sou grato por isso. *Mantendo isso casual, mãe.*

— Você não precisava me dar nada — Farrow diz a ela. — Isso foi suficiente. — Ele quer dizer estar conversando seus termos e aceitando.

— Eu queria — Minha mãe diz e ela recua no peito do meu pai.

Ele a segura e se inclina para descansar o queixo em seu ombro ossudo.

Farrow desembrulha lentamente o pacote quadrado. Olhando para mim, ele pergunta: — Você não sabia disso?

Eu balanço minha cabeça. — Não tinha ideia.

Ele arranca o último pedaço de papel e seu sorriso se estende de orelha a orelha, e eu estou gemendo.

— *Mãe*.

— O quê? — Ela hesita. — Você provavelmente não tem nenhuma foto de vocês dois juntos em público. Eu só pensei que seria legal…

— Adorei — diz Farrow.

— Você gostou? — Minha boca se abre, meu pulso ainda batendo em meus ouvidos.

Farrow gira a fotografia com moldura de madeira para mim. A foto foi tirada de um *site* de notícias sobre celebridades, com uma pequena marca d'água no canto. Na foto, estou de braços cruzados perto da placa do amor no LOVE Park.

Farrow está perto como meu guarda-costas, com o fone de ouvido pendurado. Mas nossos olhos estão um no outro. Estou rindo como se ele tivesse dito algo engraçado. Seu sorriso é de James Franco. Se não fosse o fone de ouvido e o rádio no cinto, ele poderia parecer um amigo.

Talvez até um namorado.

Mas eu me concentro no cenário. Filadélfia. Eu lembro desse dia. Eu estava fazendo uma sessão de fotos para *The Hollywood Reporter.* Foi antes da turnê. Tínhamos acabado de começar a namorar.

Minhas sobrancelhas franzem. — Mãe, isso foi antes de você saber que éramos um casal.

— Sim. — Ela limpa a garganta. — Eu tive que vasculhar algumas revistas para achar essa.

— Ela estava perseguindo você — diz meu pai.

— Lo! — Minha mãe dá um tapa no braço dele.

Ele sorri com carinho. — Tudo bem, amor. — Ele olha para mim. — Ela não estava perseguindo você.

Farrow apenas se concentra em minha mãe quando diz: — Obrigado.

Minha mãe praticamente sorri. Seus olhos disparam dele, para mim, de volta para ele. Como se ela estivesse sentindo plenamente nosso relacionamento como realidade. Seu sorriso meio que parece tonto. Como se ela pudesse torcer por nós. Acenar bandeiras para nós. Criar banners e mover montanhas por nós.

Isso significa uma maldita tonelada.

Meu pai está quase lá. Talvez. Progresso.

Farrow parece um pouco desanimado enquanto embrulha a fotografia de volta, seus lábios desenhados em uma linha fina. De repente, percebo que foi o que meu pai disse.

Perseguindo.

Ele está pensando no *stalker*.

Meus pais não têm ideia de que alguém está me perseguindo. Não pretendo contar a eles ou preocupá-los. O *stalker* ainda não foi encontrado, mas agora que voltamos à Filadélfia, a possibilidade é iminente.

Capítulo 44

Maximoff Hale

EU QUERO SEU pau dentro de mim. Enviei à minha paixão de infância essa mensagem esta noite. Nesta realidade, não é um sonho ou algum universo alternativo ou uma maldita piada.

É isso aí. Eu disse a ele para me foder.

Eu tenho estado principalmente em cima dele, mas esta noite, eu estou mentalmente em um loop carnal. Onde eu não consigo parar de imaginar seu pau metendo na minha bunda pela primeira vez.

Meus músculos imploram e imploram para que eu esteja embaixo de Farrow Keene, e depois de toda a preparação para estar embaixo, sei que estou pronto. Preparado.

Farrow: *Meu quarto. Vou te foder com força*.

Maldito.

Meu pau se força contra meu jeans. Meu corpo e meu cérebro estão desesperados por ele, mas demoro cerca de dez minutos antes de sair.

Entro na casa do segurança pela porta adjacente. Sorte de não ver Thatcher ou Quinn. Subo a escada estreita até o quarto do sótão, aquele que espelha o meu.

Quando a escada termina e eu encaro a porta dele, percebo que nunca dormi no quarto dele. Nunca fodi na cama dele.

Nem uma vez.

Eu penso naquele primeiro combinando com o outro primeiro, e posso entrar em combustão. Minhas poças de sangue, corpo desejando fricção áspera e forte pressão.

Me fode. Com os músculos tensos, abro a porta e entro. Seu quartinho está bem vazio: cômoda, mesinha de canto, cama e uma pequena estante vazia.

Farrow se inclina tão casualmente na parede de tijolos, apenas observando um vídeo em seu telefone, mas assim que entro, ele olha para cima.

Eu o absorvo. Seu comportamento indiferente e confiante, as tatuagens que rastejam até seu pescoço. Seu brinco. Os piercings no nariz e no lábio, os músculos delineados em um decote em V preto. E seu cabelo platinado, algumas mechas roçando sobrancelhas grossas e castanhas que sobem lentamente. *Sabendo* que estou excitado além do reconhecimento humano.

Seu olhar varre meu corpo em uma olhada ainda mais quente.

Eu lambo meus lábios, querendo-o neles. Em mim.

Me fode.

A tensão torce o ar. Seus olhos encontram os meus e ele estala. Nós nos aproximamos, uma maldita urgência fervente pulsando dentro de mim. Eu puxo minha camisa verde sobre minha cabeça. Ele arranca seu decote em V preto.

E de alguma forma, alguma porra de maneira, meu olhar se desvia. Para sua cama de tamanho normal, os lençóis pretos visíveis sob um edredom preto puxado para baixo.

O calor aumenta no sótão, mesmo em abril, e sempre que ele está aqui, provavelmente não dorme com mais do que um lençol.

Essa é a cama dele.

Meu cérebro se concentra nesse fato óbvio. *Este é o quarto dele*. Eu posso

imaginar, muito bem, Farrow dirigindo sua ereção em mim naquela cama.

Porra. Pisco algumas vezes. Eu estive olhando longe. Eu faço uma careta e me concentro em um graduado de Yale de um metro e noventa que descansa um cotovelo na cômoda. Me assistindo.

Sua boca se curva para cima. — Bem-vindo de volta, cadete espacial.

Eu faço uma careta e desabotoo meu jeans. — Eu mal saí de órbita.

Seu sorriso se alarga. — Deixe-me perguntar algo. Quantas vezes você já fantasiou comigo transando com você na minha cama?

Cristo. Eu sou tão óbvio? — Zero — digo categoricamente.

Ele assobia. — Você é um péssimo mentiroso.

— Talvez uma vez — Eu corrijo e me aproximo.

Farrow desafivela o cinto. — Talvez uma vez? — Ele repete como se eu ainda estivesse mentindo. Estou apenas subestimando aqui.

— Mais de uma vez — Corrijo, minhas pernas musculosas batendo nas dele. Eu agarro a cômoda ao lado de seu bíceps, e ele abre o zíper da minha calça jeans, nossos olhos não se separando.

Nós dois saímos de nossas calças, e meu olhar cai para sua cueca boxer preta, seu pau longo contra o tecido como o meu – *me fode*.

Eu quase instintivamente arqueio meus quadris para a frente para empurrar. Meu aperto na cômoda aumenta, minha respiração já irregular. Eu o coloco acima do tecido, e ele fica mais duro sob a minha mão.

Farrow se encolhe em excitação, bíceps flexionado. E então ele agarra a parte de trás da minha cabeça, a força masculina que eu desejo.

Ele suga a pele sensível do meu pescoço, mordendo...

Caralhocaralhocaralho.

Meus músculos se contraem. — Caralho — rosno.

Ele se afasta e nossos olhos se encontram quando ele diz: — Diga-me o que eu fiz para você mais de uma vez.

Eu aqueço. — Você quer detalhes? — *Sobre minha fantasia.*

Farrow me olha com um sorriso maroto. — Sim. Dê-me os detalhes, lobinho. — Ele se ajoelha, rolando meu cós elástico para baixo com ele. Estou nu, meu pau duro como pedra implorando por força, mas mais do que isso, eu quero ver o dele.

— Tire suas roupas e talvez eu diga — digo.

Ele revira os olhos. — *Talvez* você diga.

— Direi — digo com firmeza. Eu passo a mão pelo meu cabelo grosso, morrendo de vontade de pressão. — Ou eu poderia tirar uma soneca, encontrar o sentido da vida sozinho...

Farrow se levanta, apenas para tirar a cueca boxer. Porra. Sua ereção parece maior do que eu me lembro. Estou olhando. Duro.

Seu sorriso conhecedor retorna. — Isso vai estar dentro de você.

Minha respiração fica mais rasa e nos beijamos duas vezes antes de ele sair da minha boca e se ajoelhar novamente. Eu agarro a cômoda enquanto ele me agarra, a pressão no meu eixo queimando meus nervos. Um ruído áspero arranha minha garganta.

Farrow quase faz uma pausa.

Conte a ele minha fantasia. — Você me empurra na sua cama. Não com raiva. Apenas no momento... — Minha cabeça tenta inclinar para trás, sua boca em volta de mim. Movendo-se para frente e para trás, para frente e para trás. — Caralho — Gemo, meus dedos embranquecem na cômoda, o suor se acumula na

minha pele.

Minha cintura salta para a frente.

Sua mão substitui sua boca antes que eu o sufoque. — E?

— Acabou — Minto.

Ele está prestes a se levantar, mas eu agarro seu ombro. Mantendo-o de joelhos. —Então nós lutamos pelo topo, e quando você me vence, você me fode como costuma foder todos os caras. — Qualquer outro detalhe explode em meu cérebro.

Farrow se levanta, um centímetro mais alto, com diversão em seus olhos.

— Cara, você não sabe o que eu faço quando geralmente estou por cima.

Eu encaro sua boca, minhas respostas sarcásticas morrendo. — O que você faz normalmente?

Sua mão tatuada agarra meu queixo, e sua boca roça minha orelha, sussurrando: —Você vai ver.

Eu libero meu aperto na cômoda e seguro sua nuca. Ele me leva para trás antes que eu solte meus pés. Hoje à noite, não luto para ser o único a guiá-lo.

Eu apenas roubo um beijo profundo e minhas pernas batem no colchão. Com a palma da mão no meu abdômen, ele me empurra com força. Minha coluna encontra seus lençóis pretos. Respiração fugindo de mim.

Farrow sobe no topo, e somos todos membros e músculos, suor e batimentos cardíacos acelerados. Lutamos pela liderança, sua força em cima de mim.

Estou queimando a milhões de graus. Nossas bocas colidem, um beijo fodido que empurra meu corpo contra o dele. *Mais próximo*. Nós nos emaranhamos, depois desembaraçamos, e Farrow me imobiliza. Estou deitado

no meu peito, meus joelhos cavando em seus lençóis macios.

Sua pélvis está alinhada com a minha bunda.

Esta posição envia sinais aos meus nervos para se preparar para a última intensidade. Em um último esforço, tento virar Farrow e enganchar seu tornozelo.

Sim, isso não funciona.

Eu apenas admito.

Minha testa quase toca o colchão. Respirando profundamente. — Caralho — murmuro.

Farrow se levanta da cama e eu me concentro em seus movimentos enquanto ele caminha de bunda nua até a mesa. Sua constituição tatuada é esculpida com músculo, e seus dedos gentilmente abrem a gaveta. Puxando preservativos, lubrificante, e ele joga algumas toalhas na cama.

Quando ele olha para mim, ele sorri. — Você adora isso. — Sua voz é cem por cento cascalho amarrado em seda.

Sim.

Eu amo como ele se move. Como ele fala, como ele age. Quem é ele. Só ele. Eu amo tudo dele.

— Talvez — digo com confiança.

Ele me verifica como eu acabei de fazer com ele. Como estou de joelhos, meus antebraços, estou esperando por ele. A cama ondula quando ele sobe de volta. Ficando atrás de mim.

Eu relaxo meus músculos. É mais fácil para mim desde que chegamos a este ponto. Especialmente após a véspera de Ano Novo no hotel. Meu corpo confia nele. Eu confio nele e não estou nem um pouco com medo. Deus, eu só o

quero.

Esticando o pescoço por cima do ombro, observo-o abrir uma camisinha e embainhar sua ereção. Ele coloca os joelhos em cada lado da minha cintura, sua confiança como um martelo no meu pulso.

Ele agarra minha bunda com aquela mão tatuada e então me provoca com dois dedos, o lubrificante quente. *Deus*. Meu peito aperta, a respiração torcida em meus pulmões.

Farrow estuda a reação do meu corpo. Isso foi *bom pra caralho*. Nada mal.

Ele vê, e lentamente... lentamente começa a empurrar para dentro de mim.

Minha cabeça balança para a frente, as sensações dominando meus nervos. Incapaz de assistir, eu mordo, nariz queimando com o acúmulo – oh, *merda*. Eu rosno em um gemido enquanto ele vai mais fundo, *mais fundo.*

— Caralho — Ele murmura, deixando escapar uma respiração superficial. — Eu não pensei que você seria tão apertado. — Ele mexe um pouco o joelho, empurrando ainda mais em mim. *Caralho.*

Farrow balança para frente, estocando em um ritmo perfeito. Não consigo me concentrar nas palavras. Meu vocabulário diminui para *caralho* e *Jesus Cristo.*

Enquanto estou embaixo dele e ele em cima de mim, ele coloca as palmas das mãos espalmadas no colchão. Apenas uns centímetros acima das minhas mãos que apertam seus lençóis pretos. Seus braços tatuados se estendem como pilares ao lado do meu bíceps. Ele praticamente me protege com seu corpo enquanto ele entra e sai.

Meu guarda-costas de vinte e oito anos está me fodendo.

Seu ritmo é mais áspero, mais rápido – eu sufoco um gemido, ele está

atingindo um ponto sensível que tenta me sacudir membro a membro. Meus músculos flexionam, meus olhos doem para revirar.

Jesus.

Porra.

Eu respiro fundo, me impedindo de gozar. Cristo, eu nem estou tocando meu pau. Ele desacelera um pouco, me dando algum tempo.

Olhando para trás, vejo sua mandíbula cerrada, respirando ar quente pelo nariz. Sua excitação enrijece seu corpo, e mechas úmidas de cabelo descolorido caem em seu olhar carnal enquanto ele bate na minha bunda.

Sexo cru. Essa imagem supera todas as fantasias de transar na cama que eu já tinha construído.

Eu sei como ele prefere superar também.

Áspero e profundo. Apenas como eu. Não é uma porra de surpresa. À medida que seu ritmo acelera, não consigo olhar para ele. Eu olho fixamente, meus lábios separados. Tento calar a boca – não consigo. Eu não posso, *porra*.

Prendo toda a respiração, meus músculos do pescoço tensos. Eu posso senti-lo em mim. Eu aperto o lençol, então eu instintivamente agarro seu braço ao meu lado. Segurando.

— *Puta merda* — Gemo asperamente.

Eu nunca fiz isso com alguém. Nunca os deixei ir tão longe. Estou me entregando a uma pessoa de uma forma que nunca pensei ser possível. Calor e segurança nos unem, e eu não escolheria ninguém, só ele.

— *Maximoff* — Ele resmunga meu nome, o prazer quente como outro impulso dentro de mim.

Meu corpo balança com sua força, e meu cérebro entra em curto-circuito

para sílabas simples.

Agora.

Quero.

Mais.

Quero.

Mais.

Dele.

Caralho.

Ele abaixa seu peso em mim para uma entrada mais profunda. Mais atrito. Seu peito se funde com a porra das minhas costas, e eu caio mais plano, seu braço curvando em volta da minha clavícula, sua mandíbula roçando minha bochecha. Estamos tão perto. Isso se conectou, e eu estou cavalgando numa borda enervante.

Eu perfuro um olhar para a parede onde uma cabeceira estaria, meu pulso batendo forte. — Ah, porra. — Escapa um barulho que nunca fiz. Eu estremeço, um pico ondulando em minhas veias.

Água brota no canto dos meus olhos – não estou brincando. Farrow me leva a um nível que nunca alcancei, e não consigo respirar, não consigo falar. Estou em um novo universo que me catapulta. Meus olhos reviram, meus dedos cavando em seu braço. Deus. Eu gozo, uma respiração afiada saindo da minha boca. Eu descanso minha testa na cama, minha energia drenando rapidamente.

— Caralho — Farrow amaldiçoa, ordenhando seu próprio clímax. Eu acho que ele atingiu seu pico ao mesmo tempo. Se eu deveria esperar que ele gozasse primeiro, não há como eu poderia ter feito isso.

Esfrego os olhos úmidos no lençol e viro a cabeça. Nossos olhos nos lábios

um do outro. Nossas bocas se encontram em um beijo lento e sensual que imita nossa descida.

Quando nos separamos, ele sai e sussurra com um olhar sorrindo.

— Melhor do que a sua fantasia?

Eu lambo meus lábios doloridos. — Infinitamente melhor.

*

— Saturn Bridges tem boa sobremesa e café — Farrow me diz, abotoando a calça preta, o elástico da cueca *Calvin Klein* sobressaindo.

Acabamos de tomar banho e agora estamos de volta em seu quarto no sótão.

Seco meu cabelo molhado com uma toalha e percorro meu telefone, já vestido com outro jeans e uma camisa preta do Batman. — Nunca comi lá.

— Mas você já esteve lá? — Ele afivela o cinto.

— Para suas noites de perguntas e respostas. — Abro o *site*. Estamos tentando escolher um lugar para a sobremesa tarde da noite. Um semi-encontro.

Entendo que não somos um casal publicamente, mas ainda podemos comer fora juntos, já que ele é meu guarda-costas. O DPA está completamente fora de questão e sem foder com os olhos. Obviamente.

As restrições não me incomodam, mas às vezes imagino como seria um encontro completo. Duas vezes mais paparazzi, sem dúvida.

— Caralho — Farrow murmura e abre algumas gavetas. Revirando bolsos de algumas calças.

— O que você perdeu? — Pergunto.

— Minha carteira. — A compreensão lava seu rosto. — Deixei no seu

quarto.

— Posso pagar por você, cara — Ofereço, mas já sei sua resposta.

— Não. Vamos dividir a conta. — Ele prende o rádio na cintura, sem se preocupar em vestir a camisa.

Entendo. Ocasionalmente, nós dois gostamos de pagar pelo outro. Isso é bom. Saber que estamos namorando. Estamos juntos. Mas eu o impedi de comprar meu café da manhã e jantar antes.

Da mesma forma, Farrow não gosta de depender financeiramente de ninguém além de si mesmo.

— Então, Saturn Bridges? — Eu pergunto. — Posso fazer uma reserva.

Farrow sorri, com a mão na maçaneta, e demora, nossos olhos se encontram. *Não vá embora, porra*. — Sim — diz ele com voz rouca.

Ele vai ficar.

Eu quase me aproximo.

Ele esfrega a boca, o peito subindo. — Eu volto já.

Capítulo 45

Farrow Keene

— CUIDADO, SEU PEQUENO bastardo — Eu pego Walrus antes que o gatinho malhado entre na casa do segurança e eu fecho a porta com um chute. Ele mia e bate com a patinha na minha bochecha.

Os cantos da minha boca se erguem, mas não por causa desse gato.

Continuo me lembrando de Maximoff e eu juntos momentos atrás. Inferno, não consigo parar de repetir cada parte minúscula: os ruídos de lobo que ele fez, seus olhos semicerrados, a mais pura vulnerabilidade, os sentimentos avassaladores. Porra, estou me chutando por deixar merda em seu quarto. Porque eu só quero estar com ele.

Vamos fazer isso rápido.

Eu largo Walrus e ele pula em direção à cozinha. Enquanto sigo para a velha escada, vejo Jane no sofá vitoriano. Aconchegada em um cobertor rosa felpudo, ela assiste *10 Coisas que eu Odeio em Você* sozinha.

Isso não seria incomum, mas ela convidou Nate esta noite para uma noite de filme e sexo. Eu vi o cara mais cedo de passagem. Ele parece um Scott Eastwood jovem e magro. Alto, cabelo castanho estilo formal, mandíbula larga. Um *blazer* preto e uma camisa de botão cinza abraçavam seu corpo. — Onde está Nate? — Eu arrumo meu fone de ouvido, o fio frio no meu ombro nu e costas, descendo para o rádio na minha cintura.

Jane coloca o cabelo atrás da orelha. — Ele está usando o banheiro.

Eu aceno com a cabeça, não querendo demorar muito. Subo as escadas que rangem.

Jane tem um pouco mais de liberdade com amigos com benefícios do que ela faria com um caso de uma noite só.

Veja, Nate foi revistado várias vezes e esteve nesta casa ainda mais. Seria um exagero extremo continuar colocando um guarda-costas como "acompanhante" dele.

E Thatcher está de volta à casa do segurança, a salvo de ouvir sua cliente transando.

Não que eu realmente me importe com o que Thatcher ouve ou não ouve. Nem todos fomos feitos para ser "melhores amigos" e isso está tudo mais do que bem para mim. Eu não quero mil melhores amigos, e porra, eu não quero nem um melhor amigo. Quero meu namorado incansável e obstinado e algumas pessoas confiáveis com quem posso sair de vez em quando.

Isso é tudo que preciso.

No meio da escada estreita, chego ao patamar do segundo andar. E eu paro. Meu instinto diz, *olhe*. Eu viro minha cabeça, a porta do banheiro à vista.

Nenhuma luz flui por baixo.

O instinto substitui o alarme e me movo silenciosamente, mas com urgência. Abro a porta destrancada e acendo as luzes. Ninguém está nessa porra de banheiro.

Existem apenas duas outras portas. A da esquerda vai para o quarto de Jane. A da direita vai para o quarto de Luna. Eu desligo os motivos, os *e se* e toda a merda, isso me faria tropeçar ou vacilar. Eu me concentro em uma tarefa.

Encontre Nate.

Abro a porta da esquerda. Acendo as luzes.

Uma varredura rápida do quarto.

Vazio.

Fecho a porta, viro para a direita. Quarto de Luna. Minha mandíbula endurece enquanto pego a maçaneta de latão.

Não esteja aí, seu filho da puta.

A maçaneta emperra. Está trancada.

Eu escuto por meio segundo, nenhum ruído audível. Eu bato uma vez, duas vezes, e então os pés batem. Eu abaixo meu punho.

Não esteja aí.

A porta se abre e Luna espia, com um coração desenhado em sua bochecha. O marcador verde mancha suas mãos. — Oi, Farrow.

— Alguém com você? — Pergunto.

Luna olha para trás. — Não... deveria haver?

Eu tenho de verificar. — Posso ver?

— Sim…

Empurro mais a porta. Estrelas e planetas que brilham no escuro estão colados no teto, luminárias de lava lançando cores e formas estranhas em suas paredes pretas de quadro-negro. Contas roxas penduradas em sua cama de dossel como cortinas, mas posso ver através delas.

E ninguém mais está aqui.

OK.

Se ele não está no segundo andar, sei onde Nate está agora.

E não é bom. Meu nariz queima e os olhos ardem.

— Isso é sobre o quê? — Luna pergunta. — Você está tentando encontrar

Moffy? Achei que ele estava com você.

— Ele estava. Fique no seu quarto por mim. Tranque a porta de novo. — Eu espero que ela se mova. Ela hesita, e minhas sobrancelhas arqueiam. — Luna. — Eu verifico a escadaria. Nenhum movimento.

Meu corpo me diz para não exagerar. Não pegue a arma. Não entre em pânico. Respire e encare essa merda de frente.

— Devo ligar para o meu irmão? — Luna pergunta.

— Não — digo. — Vou mandar uma mensagem para ele. — Eu já pego meu telefone e digito uma mensagem de texto rápido. Luna acena com a cabeça e fecha a porta. Ouço o clique da fechadura.

Eu: *Fique no meu quarto. Tranque a porta.*

Envio a mensagem para Maximoff. Colocando meu telefone no bolso, continuo subindo as escadas até o terceiro andar.

Processo de dedução: há apenas um outro lugar para o qual a escada leva.

O quarto no sótão de Maximoff.

Não entre em pânico.

Eu inalo, não me fixando nas razões pelas quais Nate gostaria de estar no quarto de Maximoff. Se eu me concentrar nisso, vou perdê-lo.

Meu telefone vibra, mas não me preocupo em verificar sua resposta. Não posso ter uma conversa de texto de cinco minutos ou um telefonema com Maximoff. Não agora.

Subo o lance de escadas, silenciosamente. Cuidado para não fazer a madeira velha ranger.

Cada passo é uma lâmina de barbear na minha garganta. Porque eu sei

exatamente para onde estou indo.

Um pesadelo.

Um tipo de ódio que vejo há meses em foto doentia após foto doentia.

Último passo, e cheguei ao topo. Eu encaro uma porta e ouço um breve momento.

Ouvindo... eu balanço minha cabeça. Mal consigo distinguir o barulho.

Mas alguém está lá dentro. Eu não estou pintando uma imagem vívida do que está acontecendo do lado de dentro.

O que eu sei: preciso acabar com isso esta noite.

Girando a maçaneta, abro a porta com um chute.

E meu olhar aquecido perfura um rosto familiar.

Esse filho da puta…

Eu cerro os dentes.

Nate fica de olhos arregalados e estranhamente imóvel ao lado da cama. Pelo menos cinco centímetros mais alto que eu, poderia ser mais, sua cabeça quase toca as vigas e as lâmpadas penduradas.

Eu me concentro em suas mãos.

Ele segura uma garrafa térmica de aço inoxidável e, na outra, segura o cabo de uma faca de caça. O colchão e o edredom laranja já estão rasgados em pedaços.

Meus músculos se contraem; meu maxilar lateja de tanto ranger, e eu gentilmente fecho a porta atrás de mim.

À medida que seu choque desaparece ao ser encontrado, ele estreita seus olhos azul-acinzentados para mim. — Você deveria entender — Nate diz sério.

Eu inclino minha cabeça. — Eu deveria entender — Repito, ácido

pingando no fundo da minha garganta. — O que exatamente deveria entender, Nate? — *Seu filho da puta.*

— Você viu Maximoff. Você o viu por toda parte com Jane.

— Eles são amigos...

— Não — Nate me interrompe, balançando a cabeça uma vez. — Maximoff me odiou porque está com ciúmes porque eu estava dormindo com Jane. Você sabia disso? Você sabia que ele a quer para si mesmo?

Deixei escapar uma risada curta de descrença fria. Estou sem piscar. Encarar alguém que criou uma narrativa distorcida a partir de suposições e invenções, algo mais perigoso do que a verdade inocente. — Você realmente acredita nessa besteira — Concluo.

Seu olhar fica mais quente. — As pessoas podem ignorar os tabloides como se não significassem nada, mas há verdade nisso. — Nate aponta a lâmina para mim. — Você sabia.

Minha mandíbula treme. —Sei que você tem postado fotos da morte de Maximoff nas redes sociais. — Tenho 99% de certeza de que é ele e só estou esperando a confirmação.

Ele levanta o queixo e hesita por um segundo. Como se ele não tivesse certeza de como responder. Mas então seu nariz se inflama e ele diz: — É o que ele merece.

— *Vai se foder* — Zombo, e um fogo desenfreado acende dentro de mim. Eu aponto a arma, meu passo longo e implacável.

Nate brande a faca para mim menos como uma ferramenta e mais como um arma. A três metros de distância, seus olhos me avisam para ficar *para trás*.

Eu não recuo.

Maximoff Hale merece paz. E amor. Eu sempre, *sempre* lutarei para dar a ele as coisas que as pessoas arrancam, e isso não vai mudar agora, daqui a um ano, cinco anos.

Nate avança para mim, lâmina estendida, mas eu escorrego para a esquerda e pego seu pulso. Eu dou uma cotovelada em sua têmpora, e dou um soco em sua mandíbula, o impacto bate em meus dedos e seus dentes batem juntos.

Ele pisca, desorientado, e eu torço seu pulso. Seus dedos soltam a faca, e ela bate nas tábuas do assoalho. Mas eu fortaleço meu aperto e puxo seu pulso mais para trás.

Eu sinto seu osso estalar.

Estremecendo, Nate cospe: — Me solta! — Ele se debate para me empurrar para trás, e eu agarro sua camisa de botão.

Enquanto ele se agarra e avança contra mim, a garrafa térmica vira sobre nós.

Algo vermelho está na lata de aço, mas não me concentro nessa merda. Eu o golpeio na mandíbula e evito seus golpes e manchas espessas e quentes de líquido carmesim em nossos braços, meu peito, nossos rostos, seu cabelo.

Sangue.

É sangue.

Eu o jogo no chão, suas costas caem com um baque alto. Ele planejava despejar *sangue* na cama de Maximoff. Provavelmente de um animal, porco ou ovelha, mas não penso muito.

Eu prendo Nate para baixo, meu joelho cavando em suas costelas. As tábuas do assoalho estão tão escorregadias de sangue que suas pernas deslizam

sob mim – minhas pernas deslizam. Nós dois em busca de melhor aderência.

Caralho.

Sento-me parcialmente e jogo meus dedos em sua bochecha manchada de vermelho. Sua cabeça vira para a esquerda, mas ele cospe. E eu encaro mais ódio doentio do que dor.

Um pensamento repentino me corta.

Maximoff deveria estar neste quarto esta noite. Nate não sabia que Maximoff estaria na casa da segurança comigo.

Meus olhos queimam quando agarro seu olhar irado e pergunto friamente: — Você estava planejando machucá-lo esta noite?

Nate respira com dificuldade pelo nariz, sem piscar. Não afirmando. Não nega. Pode ser que ele nem saiba o que teria feito.

Ele apenas me deixa para visualizar aquele cenário horrível. Caralho. Não consigo soltar as palavras ou cuspi-las. Elas calcificam dentro de mim, e minhas ações vêm em rápida sucessão.

Eu agarro sua camisa, levantando-o com um aperto de ferro, e então o jogo com força. Sua cabeça bate na madeira. Os olhos vibram. Mais uma vez.

Para cima e para baixo, seus olhos vibram novamente.

Eu o acertei com um gancho de direita. Sua cabeça pende... inconsciente.

Seu corpo relaxa embaixo de mim.

Eu me sento.

Respirando, respirando, meu peito subindo e descendo. Encontro o fio do microfone e do fone de ouvido pendurados e cobertos de sangue animal. Eu clico no microfone e, instintivamente, digo: — Farrow para Thatcher, venha ao quarto do Maximoff.

Nem um segundo depois, ele responde: — *Entendido*.

Com outra respiração pesada, solto o microfone.

Eu não aguento.

Eu não posso me afastar dele.

Vejo a faca a um braço de distância. *Pegue a faca. Acabe com isso*. Eu alcanço e fecho o punho.

A porta se abre.

Maximoff entra como uma força silenciosa da natureza, avançando e seus olhos verde-floresta dão sentido a essa cena sangrenta.

Estou encharcado de líquido vermelho.

Nate está inconsciente embaixo de mim.

O que me surpreende, mais do que tudo, Maximoff ignora Nate.

Não olha para ele por muito tempo ou deixa seu temperamento explosivo vencer. Ele não está avançando para estrangular um corpo inconsciente.

Seus olhos travam nos meus olhos.

Ele percebe o sangue, provavelmente espalhado na minha testa, bochechas, endurecido no meu cabelo.

— Não é meu — digo baixinho. — Animal. — Provavelmente.

Ele ainda está avançando.

Ele ainda está comprometido e inabalável.

Ainda estou imóvel, segurando a faca. Incapaz de soltar.

Nós dois sabemos o que Nate sendo o *stalker* realmente significa. Jane e Maximoff confiam em tão poucas pessoas, e Nate teve acesso à casa deles. Às suas famílias. A todas as suas coisas pessoais. Ele abusou de um poder, invadiu o espaço seguro deles, que está violado em tantos níveis de merda.

E, no entanto, Maximoff está apenas olhando para mim, seus olhos empáticos ficam vermelhos.

Não deixando a raiva comê-lo, não deixando isso apodrecer, mas eu estava carregando esse demônio. Essa coisa filha da puta drenante e sugadora.

Ele vê.

Merda, ele conhece. E ainda está agarrado a mim.

Maximoff vem a mim. Seus bíceps e antebraços deslizam ao redor do meu peito e abdômen. Ele me ajuda a levantar.

Seus dedos patinam ao longo dos meus, a faca ainda firme em minhas mãos.

— Farrow.

Eu largo a faca. Eu pisco. E eu respiro. Mas eu não toco nele. Minhas mãos estão manchadas de vermelho.

Sangue em mim.

Com o peito nas minhas costas, ele me puxa para longe de Nate. Nós nos aproximamos da parede de tijolos, e seu coração bate contra o meu corpo. E com muita veemência, ele diz: — Acabou, Farrow.

Quatro meses de insônia, de uma agonia desconhecida e obstinada que se arrastou profundamente sob minha pele. Acabou.

Tudo isso.

Alívio apenas bate em mim com suas palavras, e eu fecho meus olhos. Alguma coisa molhada e quente rola pelo meu queixo. Eu expiro e, assim que me viro para enfrentar Maximoff, a porta se abre.

Thatcher se esgueira para dentro, com as feições severas, e espero que ele me reconheça como parte de uma cena de crime.

Mas ele apenas fala em seu microfone. — Thatcher para Tri-Force, precisamos de vocês na casa de Jane e Maximoff.

Eu limpo minhas mãos em minhas calças. Isso não está ajudando. Desde que Maximoff passou os braços em volta de mim, sangue mancha seu peito nu e suas mãos também.

Eu não vou demorar aqui. Rapidamente, digo a Thatcher que voltarei, mas vamos tomar banho antes que a segurança chegue. Antes que eu precise refazer os eventos para todos.

Maximoff e eu saímos, o mais silenciosamente possível, mas apressados, e estamos no pequeno banheiro. Ligo o chuveiro. Chove água quente nos azulejos. Eu não vou olhar naquele espelho.

Mantemos nossas roupas e entramos no box de vidro do chuveiro. A água jorra, e eu passo meus dedos pelo meu cabelo. Ele tenta ajudar a esfregar o sangue dos fios.

A água rosa escorre pelo ralo aos nossos pés descalços. Sua pele bronzeada do sol, a minha clara, mas a parte de cima dos meus pés está pintada com duas rodas náuticas.

Ele me passa um frasco de xampu.

Uma esfoliação depois e tenho certeza de que não está saindo. Os fios brancos permanecerão tingidos de vermelho. Maximoff também sabe, seu verde-floresta em mim.

— Vou pintá-los — digo a ele.

— Eu posso pegar a tinta. — Ele se vira para sair.

Eu pego seu ombro largo. — Ainda não.

Maximoff me encara novamente, e não consigo parar de olhar para ele, a

água molhando nós dois. Seu peito sobe em uma respiração inebriante.

Minha mão sobe para a parte de trás de sua cabeça, e ele agarra meu pescoço.

Nossas testas quase se encontram.

Não posso perder esse cara, e ele está vivo. *Ele está vivo*. Não ferido, não machucado, ele está respirando bem na minha frente.

Maximoff lambe os lábios. — Eu não ouvi a porra da sua mensagem de texto.

— Não brinca — Murmuro, e ele solta uma risada curta, mas seus olhos se derretem sobre mim. Estamos chegando mais perto, *mais perto.* E mais sério, eu sussurro poderosamente — *Estou feliz.*

Ele me segura mais forte; meu aperto é mais forte, e nós puxamos um para o outro abruptamente, peito batendo contra peito. Como se estivéssemos tentando nos conectar tão profundo física quanto emocionalmente, a intensidade me sacudindo, e eu seguro seu rosto. Seus dedos arranham meus ombros. Nós giramos, lutando por mais, e minhas costas batem na parede de azulejos.

Não nos beijamos, mas ele já me devorou. — Maximoff — Respiro contra sua boca.

Seus olhos gritam *eu te amo pra caralho*. — Não solte — Ele ordena.

— Não vou. — *Não vou.*

— Nem eu — Ele me assegura.

— Bom.

E eu percebo e sinto algo. Eu teria me autodestruído sem dele. Ele tem sido o príncipe na armadura de cavaleiro.

Protegendo-me.

Capítulo 46

Farrow Keene

— TALVEZ EU DEVESSE ir para o convento — Jane diz suavemente enquanto está deitada no sofá vitoriano. Ela descansa a cabeça no colo de Maximoff e enfia uma colher em meio litro de sorvete de chocolate. — Dessa forma, não farei mais escolhas terrivelmente ruins.

— Sim — digo —, não faça isso. — Enquanto me sento em frente a eles na mesa de centro, equilibro um espelho sobre os joelhos. Uma mecha de cabelo tingido de preto azeviche cai sobre meus cílios enquanto ajeito meu piercing no lábio. O punho de Nate deve ter pegado minha boca. Meu lábio inferior está um pouco inchado.

Faz apenas três horas desde que deixei Nate inconsciente.

Jane ainda está processando os eventos desta noite. Maximoff passa a mão pelo cabelo ondulado dela e compartilha um olhar cauteloso comigo, tipo, *a ficha ainda não caiu*.

Eu sei.

— *Eu posso* fazer isso — Jane diz como se estivesse se preparando para me debater. —Sou uma mulher independente e obstinada.

— Você não é católica — digo, terminando de afrouxar meu piercing. Eu me estico para frente e roubo sua colher. Pegando o sorvete, dou uma mordida.

Jane estreita um olhar para mim, procurando uma refutação. Ela não consegue encontrar uma por uma vez. Vou ser dolorosamente honesto aqui: não

gosto disso.

Estendo a colher para ela pegar de volta.

Ela não pega.

Jane.

Maximoff dá a ela um olhar duro. — Apenas deixe Farrow e eu examinarmos a porra do próximo cara. Vamos interrogá-lo duas vezes mais do que os seguranças.

Minha boca quase sobe. — Eu sou segurança, lobinho.

Ele me mostra o dedo do meio, mas abaixa a mão quando Jane diz: — Não — Seu gato malhado surge em seu estômago e ela acaricia Carpenter. — Estou falando sério, Moffy. Estou dando um tempo de todos os homens com qualquer tipo de benefício sexual associado.

Suas sobrancelhas se juntam em preocupação. — Jane…

— Ele acreditou naquele *boato*. — Ela se senta para melhor encontrar seus olhos.

Carpenter salta do sofá. — Eu mandei mensagens de texto para Nate durante a turnê, e ele só sabia sobre os locais de nossas paradas do FanCon, antes de serem divulgados, porque eu disse a ele. Eu confiei nele. Eu nem pensei que ele poderia ter…

— *Ninguém* pensou — Enfatiza Maximoff.

— Não é sua culpa — digo a Jane.

Se alguma coisa, isso é sobre segurança. Eu e toda equipe. Mas no final do dia, pegamos o cara. Digamos, se pegássemos Nate meses antes, Jane ainda estaria chateada. Ainda haveria a mesma quebra de confiança.

O mesmo final.

Mas Thatcher não vê assim. Sua raiva nem é dirigida a mim. Jane Cobalt é sua cliente. Sua responsabilidade.

Em sua mente, ele deveria ter visto Nate como uma ameaça. Thatcher nem conseguiu falar quando perguntei a ele sobre as acusações contra Nate. Ele está se culpando por essa merda.

Banks vai passar a noite em nossa casa. Espero que seu irmão gêmeo possa ajudá-lo a perceber que não poderia ter feito mais.

— Eu deveria saber — diz Jane, colocando a lata no tapete. — Eu deveria ter percebido isso…

— *Não* — Maximoff força.

— Não era você com o pau dele em você — Ela combate. — Eu literalmente deixei um psicopata entrar no meu corpo. — Ela tenta se manter espirituosa e despreocupada, mas a severidade dessa linha é percebida rapidamente.

Suas mãos voam para o rosto e um soluço surge. O corpo dela cai para frente.

Maximoff segura sua melhor amiga contra o peito e fala em francês, seu tom áspero e um tanto amoroso. Ele não é tão gentil, mas beija o topo de sua cabeça. Eu ouço as palavras *ma moitié.*

Ela esfrega o rosto com a manga do pijama com estampa de café.

Não tenho certeza do que dizer nessa situação. — Sinto muito, Jane — Sussurro. Ela funga e enxuga mais lágrimas, soluçando. Cinco gatos começam a atacar o sorvete, uma boa distração. — Eu vou ficar bem — Ela murmura e se inclina. — Venham cá, meus amores.

Jane embala Toodles e pega a lata antes de se levantar. Com um olhar

cheio de lágrimas, ela diz: — Vou pegar tigelas para todos vocês. Venham.

Observamos Jane sair para a cozinha, com cinco gatos a reboque, e então nossos olhos se encontram novamente.

Eu digo a ele: — Isso poderia ter sido pior.

— Isso foi ruim — diz ele com um aceno de cabeça. — Um verdadeiro apocalipse do caralho. — Jane estar chateada em qualquer capacidade sempre o afeta.

— Parece que sobrevivemos ao 'apocalipse' então — digo, usando aspas no ar. — Já que estamos todos respirando.

Maximoff estala o dedo, ficando mais sério, e tem problemas para se inclinar para trás. Seus ombros nivelados e postura ereta.

— Que acusações criminais você acha que vão pegar? — Para Nate, ele quer dizer.

Eu me aproximo da mesa de centro, meus joelhos tocando os joelhos dele. — Qualquer coisa que aconteceu no sótão, é minha palavra contra a dele.

— Então, nenhuma — Ele percebe, olhando para fora por um instante.

— Sim. — Eu varro suas maçãs do rosto afiadas. Eu me pergunto se ele queria acusar Nate por levantar uma faca na minha cara. Eu estudo suas feições, e tenho certeza que sim.

Droga. É fofo que ele se preocupa comigo, mas eu me importo mais com ele.

— Existe uma lei de perseguição e assédio na Pensilvânia, — digo a Maximoff. — É uma contravenção de primeiro grau.

Maximoff contempla isso. — O que é isso, um ano de prisão no máximo?

— Ou menos ainda. Ele pode ser multado em mil. — Coloco o espelho de

lado. — Mas, de qualquer forma, ele receberá uma ordem de restrição.

A segurança agora pode deter legalmente esse filho da puta se ele se aproximar de Maximoff. Mesmo que Nate não fique atrás das grades por muito tempo, ainda assim, poderemos proteger Maximoff de uma maneira maior.

Esta é uma vitória, seja como for.

Maximoff deve sentir isso porque seus ombros abaixam. Coloco a mão em seu joelho e ele se inclina um pouco para a frente. Ele lambe os lábios, algo mordendo-o, e ele apenas deixa escapar: — O que isso significa sobre seu pai?

Eu estava errado sobre ele, mas não posso mudar um ponto. — Ele ainda é o mesmo idiota pretensioso que abandonou você — digo a ele. — Nada mudou.

Maximoff pensa por um segundo e depois balança a cabeça. — Ele não estava me assediando. Então, alguma coisa mudou.

Suas palavras me catapultam de volta a uma memória, aquela com seu pai em uma cafeteria. Onde ele observava seus filhos e falava honestamente.

— A paternidade nunca fica mais fácil. Não quando você os ama e precisa ser duro com eles, mas tem medo de quebrá-los. E você acha que está fazendo tudo certo como pai porque sabe o que está errado, mas, ainda assim, é inevitável. Nós falharemos. Sempre.

Naquela época, Lo não tinha motivos para compartilhar isso comigo. Ele ainda não havia cometido nenhum erro com os filhos, pelo que eu sabia. Mas meu pai tinha cometido um comigo.

E Lo sabia que eu estava brigando com ele. Eu me pergunto se todo esse tempo ele estava falando comigo sobre meu pai. Lembrando-me que ele me ama. Ele nunca foi abusivo ou malicioso. Ele está apenas fazendo o que acha certo, mesmo que seja errado.

Eu não deveria transformá-lo em vilão ou pensar que ele está disposto a me ferrar.

Inferno, eu acreditava que ele era capaz de assassinar Maximoff.

Balanço a cabeça várias vezes e quase rio.

— O quê? — Pergunta Maximoff.

— Palavras de sabedoria de um homem imprudente — digo a ele. — Seu pai.

Maximoff sorri. — Ele é muito sábio por conta de todo o inferno que passou.

Eu sorrio só de ver o dele. — Você também não é tão ruim, Desertor de Harvard.

Ele me dá uma olhada. — Cristo, chame a porra da Guarda Costeira. Farrow Keene apenas elogiou minha inteligência.

Prendo a respiração. — Bem, agora estou questionando tudo porque não há razão para chamar a Guarda Costeira, lobinho. Estamos em terra.

Maximoff finge confusão. — Tem certeza de que ainda não te afoguei?

Eu rio, e nossos olhos dançam um sobre o outro enquanto eu sussurro: — Confie em mim, estou muito vivo com você.

Capítulo 47

Maximoff Hale

O LADO POSITIVO de perder meu emprego e cancelar a turnê mais cedo aparece em forma de buquês de flores lavanda, *smokings*, cem amigos mais próximos, família e um gazebo no jardim hoje.

As flores da primavera desabrocham e eu me sento na primeira fila ao lado de meus irmãos.

Sob o gazebo, minha mãe parece efervescente em um vestido lilás, sorrindo para meu pai, que usa um *smoking* preto sobre vermelho. Ambos irradiam felicidade pura e feliz.

Eu estava no casamento deles. Apenas uma criança, e ao contrário de Farrow, minhas memórias desbotaram e embaçaram com o tempo. Mas isso, aqui mesmo, eu eternizo.

Minha mãe e meu pai renovam seus votos na frente de todos nós, e com certeza, imprensa e cinegrafistas também estão aqui. Mas o mundo parece parado.

Eu juro por tudo nesta porra de universo, você pode realmente *sentir* o amor deles. Está no ar e no silêncio entre suas palavras.

A primeira coisa que penso é... *eu os amo.*

A segunda coisa me deixa assustado.

Eu quero isso.

Dói em mim. Querer poder me levantar e declarar meu amor na frente de

milhões de pessoas.

Orgulhosamente.

Eu viro minha cabeça e localizo a fila dos segurança. Todos bem-vestidos com ternos justos e caros. Sem gravatas. Acho Farrow rapidinho.

De pé entre Akara e Oscar, ele tem as mãos em concha à sua frente, seu cabelo preto preso para trás. Sua tatuagem no pescoço e espadas em sua garganta visíveis de sua camisa. Seu fone de ouvido se encaixa, o fio vai até o microfone em seu colarinho.

E em uma fração de segundo, ele me pega olhando. Eu tenho dificuldade em desviar o olhar. Eu olho para meus pais, então de volta para ele, para meus pais, então ele.

Seus lábios se estendem gradualmente em um sorriso. Tão lento que parece um épico de um filme.

Estou perdido.

Completamente apaixonado por ele.

Depois que a curta cerimônia termina, o jardim se transforma em uma festa cintilante. Lâmpadas são penduradas em postes de carvalho e mesas circulares de madeira ajardinam a grama mais verde. Um bar de tacos e cinco tipos diferentes de bolo se alinham na mesa de comida transbordante, mas eu não estou perto dos tacos ou mesmo sentado.

Estou na pista de dança improvisada, de frente para um estande de DJ, e todos os meus primos e irmãos me cercam.

A imprensa não foi convidada, mas alguns drones voaram pelo céu noturno estrelado.

Saltamos para a *house music*, o baixo bombando, e Jane agarra a mão de

sua irmãzinha. O cabelo ruivo de Audrey voa enquanto elas saltam juntas. E vejo meu irmãozinho Xander parado no fosso. Eu pulo para ele, e ele se encolhe, tipo, *que merda.* Eu não sou nenhuma porra dissuadido. Eu agarro seus ombros e os balanço no ritmo.

Todas as minhas irmãs e meu irmão sabem dançar muito bem. Jesus, eu já o vi dançar *break* em nossa sala de estar mil vezes antes.

Seu sorriso quer espreitar. Levanto seus braços e bato palmas, depois solto e bato palmas.

Eu bagunço seu cabelo castanho e grito para que ele pudesse ouvir: — Parece ótimo, Summers!

Xander ri e acena com a cabeça para a música.

Eliot Cobalt passa por mim com uma máscara preta de disfarce e mostra a língua. Eu sorrio e, não muito tempo depois, a música muda para uma lista de reprodução do Fleetwood Mac.

— Meadows! — Todo mundo uiva desde que minha família escuta mais *house music*.

Sulli e eu fazemos a dança do *sprinkler*. Jane se aproxima e se junta ao movimento fácil, e então Sulli grita: — Trenzinho! — Todos nós mudamos de movimento e nossos irmãos, um a um, começam a dançar conosco um atrás do outro.

Agora o ‘cortador de grama’, depois o ‘homem correndo’.

Luna é a melhor. De longe.

Quando a música muda para uma balada mais lenta, todos cantam junto.

Beckett gira uma Sulli não muito rítmica, e Charlie joga um braço sobre o ombro de Jane, balançando no ritmo.

Penso em como quatro meses na estrada uniram minha família. Como nós cinco podemos dançar em um círculo fechado e não nos sentir separados por anos-luz.

Não sei o que meu futuro reserva com o estado do HMC Filantropia, mas Charlie, Jane, Beckett e Sulli disseram que fariam qualquer coisa para ajudar a salvar a instituição de caridade.

Achei que deveria protestar e dizer a eles que *tenho sob controle*. Talvez eu diga em algum momento, mas naquele momento, eu apenas balancei a cabeça. Desta vez, a ajuda deles não parece tanto com um fracasso da minha parte. Eu não penso demais ou leio o significado mais profundo. Sou grato por eles me amarem. Eu os amo, e é tão simples quanto isso.

Penso em Lao Tzu, um filósofo chinês que disse: *Ser profundamente amado por alguém lhe dá força, enquanto amar profundamente alguém lhe dá coragem*.

Minha cabeça se vira e penso na *pessoa* que amo profundamente.

Momentos voam pela minha mente em Technicolor, cada segundo que passei com Farrow. Vívido. E avassalador.

Meu peito incha, e eu olho para Janie. Xander continua com a batida, com mais entusiasmo.

Ela sorri brilhante, sabendo em quem estou pensando. — Vá atrás dele, velho amigo.

Então saio da pista de dança em busca de um colossal sabe-tudo. Meus sapatos afundam na grama e aceno rapidamente para meus avós que chamam o meu nome.

Desfaço minha gravata borboleta, passando por mesas de madeira e

cadeiras de vime.

Facilmente, eu o vejo. Farrow conversa com Oscar na entrada do jardim. Onde sebes altas formam uma abertura e bancos de cedro e tampos de mesa de barril espalham a área.

Assim que me aproximo, a conversa continua, mas a atenção se concentra em mim.

Os olhos de Farrow descem pelo meu corpo em uma olhada quente.

Meu cérebro dispara como um aluno da quarta série. O que quer que eu planejasse dizer, apenas foge. Excelente.

Antes que eu encontre qualquer palavra, Oscar mostra um broche circular para mim. Preto com letras maiúsculas de arco-íris que soletram: *Brigada do Arco-íris*.

— Sua irmã nos recrutou para seu pequeno clube. — Oscar prende seu broche no botão de baixo.

— Oficialmente — Farrow acrescenta com o erguer de suas sobrancelhas. — E ela me chamou de troll — diz Oscar.

Meus lábios quase se levantam. Kinney já deu a Tom e a mim um broche esta manhã.

— Ela faz isso — digo e observo seu olhar se desviar para o taco e o bolo.

— A segurança extra está aqui — Farrow o lembra.

— Então eu vou para uma pausa para o bolo. — Oscar põe a mão no ombro de Farrow. — Até logo, Redford. — Então para mim. — Hale.

Farrow equilibra sua bota na travessa de um banquinho, seus piercings brilhando na luz quente. Eu descanso meu antebraço na mesa de barril.

Tentando ser casual, indiferente.

Ele percebe e seu sorriso continua se expandindo. — Cara, se você tem algo a dizer...

— Ouvi dizer que você retomou o teste de classificação da Casa de Hogwarts.

Jesus Cristo. Eu não poderia ter feito uma introdução mais estranha do que realmente quero dizer. Acabo cruzando os braços.

Farrow inclina a cabeça, olhando-me de cima a baixo. — Luna queria que eu fizesse. Ela não achava que eu era Grifinória.

Aparentemente, ele conseguiu Corvinal desta vez. Minha mãe enlouqueceu, e ela está encomendando para ele alguns cachecóis da Corvinal para adicionar à parafernália da Grifinória que ela comprou para ele anos atrás.

Eu concordo. — Legal. — Eu abro um botão no meu colarinho, minha gravata borboleta já desfeita. Farrow olha para mim como se eu tivesse voado para Marte e construído uma colônia de um só.

— Legal? — Ele repete, então ele me verifica novamente, o que queima meu corpo. —Você fica bem em um *smoking*, lobinho.

— Melhor do que você — digo, mesmo que ele esteja vestindo apenas uma camisa preta de botão, enfiada em calça preta que se encaixa perfeitamente nele.

Farrow revira os olhos em uma risada curta. — Você ama sua fanfic.

Eu balanço minha cabeça e a seriedade bate forte em meu peito. — Eu gosto da minha realidade.

Seu peito sobe e ele se aproxima. Mas um drone zumbe acima.

Fazendo com que ele pare e cheque por cima do ombro. — Eu acho que você quer dizer — Ele diz, seu olhar voltando para mim — que você *ama* sua

realidade.

— Quase — digo a ele fortemente, e as palavras saem de mim. — Você sabe o que eu estava pensando enquanto meus pais recitavam seus votos hoje?

Farrow muda seu peso como se estivesse se preparando para o impacto. — O quê?

— Eu estava pensando que quero um amor como o deles, o tipo de amor direto e alegre que te derruba – e o que diabos está me impedindo? — Eu paro. — E percebi que a resposta *sou eu*.

Farrow respira fundo. — O que você está dizendo?

— Eu tenho sido teimoso pra caralho, mas prefiro ser teimoso com você do que *sem você*. — Estou mais seguro do que nunca. — Não vai ser mais do meu jeito. Você me deu coragem para isso.

Seus olhos me perfuram. Dentro de mim. Escavando partes da minha alma que pertencem a ele.

Ele queria mais, e eu disse não por uma obrigação moral de proteger sua privacidade.

Finalmente estou pronto para deixar ir. Não quero nos arrastar para baixo quando uma felicidade maior está ao nosso alcance. Tudo que eu preciso fazer é mover em direção a ele.

Então eu digo: — Sei que sua vida mudará drasticamente se formos assumir nosso relacionamento. Eu sei que a mídia vai te perseguir. Sei que seu trabalho será mais difícil. Sei que há uma chance de estragar tudo, mas estou disposto a correr esse risco gigante com você e somente com você.

Farrow esfrega a boca, e seu sorriso maior ilumina meu núcleo.

— Droga.

Meu pulso está acelerado. — Então, isso é um sim? — Preciso ter certeza de que ele não mudou de ideia.

Ele não desvia o olhar de mim. — Sempre foi um sim. — Nós nos aproximamos, sem me afastar, e eu pego meu telefone.

Ele percebe, entendendo o que estamos prestes a fazer.

E Farrow segura meu rosto com uma das mãos. Eu agarro a parte de trás dele no pescoço. Com nossas bocas separadas por um suspiro, ele sussurra: — Pronto, lobinho?

Inequivocamente, de todo o coração, sim. Eu me comprometo mil e um por cento, e nossas bocas se encontram, o beijo sufocante percorrendo minhas veias e me queimando. Eu agarro seu cabelo e me lembro de tirar uma foto.

Ele morde meu lábio, *caralho*. Deus, leva toda a minha energia para me inclinar para trás, para me separar por um segundo. Meu pulso bate forte, a respiração presa e querendo mais. Mais profundo e mais longo. Farrow segura minha cintura e nós dois focamos nossos olhos no meu telefone.

Na foto, sua mão tatuada segura meu maxilar pontudo e minha mão segura seu cabelo preto. Peito contra peito, nossos olhos permanecem fechados e nossos lábios são pressionados juntos em um abraço digno de cinema.

É carinhoso demais para ser chamado de *falso*.

Eu já sei o que digitar na caixa do *Instagram*. Quando termino, direciono o telefone para Farrow. Certificando-me de que ele está bem com isso antes de fazer o *upload*.

Seu sorriso se estende e, com mais um olhar para mim, ele pressiona o ‘enviar’.

Instantaneamente, nossa foto aparece no *feed*. Apenas três palavras abaixo

da imagem. Três palavras que anunciam que somos um casal. Três palavras que jamais esquecerei. Três palavras que vão mudar tudo.

Apaixonados como nós.

Sua mão volta para minha mandíbula, a minha para seu pescoço, e nos beijamos de novo. E de novo. Meus músculos ficam tensos, queimando por mais, e seu sorriso surge em meus lábios.

Minhas costas afundam no cano, e eu o seguro com um aperto forte que puxa seu corpo firme contra meu peito duro. Nossa respiração quente e superficial.

O jardim explode em zumbidos. Notificações. Mensagens e chamadas.

As pessoas percebem o que aconteceu, mas não estou olhando. Eu não estou olhando para eles.

Estamos em nosso próprio mundo.

Nosso próprio universo.

Ninguém pode tirá-lo de nós.

Ninguém pode quebrá-lo.

Este momento nos pertence.

UMA BOA NOTÍCIA...

A boa notícia é que a *Editora Bezz* está mais do que disposta a trazer as três séries que compõem a história das famílias. As duas gerações. Primeiro, as Calloway (dentro das séries *Addicted* e *Irmãs Calloway*), depois, os filhos destes (na série *Like us*).

... E SUA PARTICIPAÇÃO!

Para isso, contamos com a sua colaboração em fazer dessas séries um sucesso, assim como elas são lá fora, especialmente nas indicações literárias do *Tik Tok*. Adquirindo os livros oficiais e-books e/ou impressos (e não cópias piratas), deixando suas impressões/resenhas nos principais *sites* de venda, assim como em estantes virtuais (*Goodreads* e/ou *Skoob*), e em suas mídias sociais. Isso garantirá com que as séries não sejam descontinuadas, e possamos ter todos esses livros nas nossas estantes.

Adquiram. Indiquem. Comentem.

A lista de livros será atualizada abaixo a cada novo lançamento.

Série Addicted

Viciado em Você

Ricochete

Viciado por Enquanto (em breve)

Série Irmãs Calloway

Série Like us

Danificados

Apaixonados

Alfas (em breve)

AGRADECIMENTOS

Sempre dizemos que nossos livros têm certos “tons” que mudam dependendo da época de nossas vidas quando o livro foi escrito. *Viciado em você* é um romance cru e angustiante porque tínhamos 21 anos quando o escrevemos, prestes a nos formar na faculdade. Prestes a partir para o desconhecido.

Enquanto escrevíamos, acreditávamos verdadeiramente que lutávamos por um amor, uma carreira. Nossas emoções sangraram nas palavras.

Amour Amour é esperançoso. Nós a escrevemos quando sentimos que realizamos um sonho. Ao escrever a longo prazo, o tempo integral parecia bem ao nosso alcance.

Então, quando nos sentamos para escrever *Apaixonados*, sabíamos que tipo de livro escreveríamos. Algo que nos arrebatasse. Isso foi sincero, divertido, emocionante e cheio de todas as coisas que amamos.

Este ano foi extremamente difícil para nós, e este livro foi nossa válvula de escape.

Nossa felicidade. Cada vez que colocamos os dedos nos teclados, era como viver e respirar em um mundo que nos amava e nós o amávamos de volta. Este livro e a história de amor de Maximoff & Farrow são muito especiais para nós de muitas maneiras. E há pessoas a quem precisamos agradecer por tornar este livro possível. Porque não estaria aqui sem eles.

Nossa mãe, não há palavras que façam jus a nossa gratidão.

Sabemos que isso veio para você em um momento incrivelmente difícil,

mas você ainda nos emprestou suas habilidades de edição. Nosso amor por você é ilimitado. Não temos certeza de como tivemos sorte em ter Rose Calloway como nossa mãe, mas tivemos. Obrigada.

Nossa adorável tia, sua energia é como uma bola de luz. Nós te amamos. Obrigada por ler os últimos capítulos para nós!

Marie, você é a deusa francesa que definitivamente não merecemos, mas temos muita sorte em conhecê-la. Obrigada por todas as suas traduções. Estamos tão felizes que Jane, Maximoff, Charlie e Beckett parecem realmente saber francês, e isso é realmente tudo graças a você.

The Fizzle Force, obrigada por ser um grupo de leitores amorosos que torce conosco. O grupo do *Facebook* é um dos nossos lugares mais queridos, e sem ele, este trabalho seria muito mais solitário. Agradecimentos especiais às administradoras – Lanie, Jenn, Jae e Siiri – por tudo o que vocês fazem. Somos gratas por todo o apoio que vocês nos deram. Sem vocês quatro, estaríamos com os nervos em frangalhos.

Por fim, obrigada, leitor(a), por pegar este livro e continuar com a história de amor de Maximoff & Farrow. Escrever o romance deles foi pura alegria para nós, algo de que precisávamos desesperadamente. A cereja extra no bolo: o romance deles ainda não acabou. Outro livro significa mais brincadeiras, mais diversão, mais família e amor. Nós realmente esperamos que você continue nessa jornada conosco.

Com todo o amor,

xoxo Krista & Becca

SOBRE AS AUTORAS

Krista e Becca Ritchie são autoras *bestsellers* do *New York Times* e *USA Today*, e gêmeas idênticas – uma, nerd de ciências, a outra, geek de quadrinhos –, mas com a paixão compartilhada pela escrita. Elas combinaram seus poderes mentais quando crianças e nunca pararam de contar histórias. Elas amam super-heróis, personagens falhos e amor de almas gêmeas. As séries conectadas das três famílias – Hale, Cobalt e Meadows – são o carro-chefe que lhes trouxeram fama, e que chegam ao Brasil através da *Editora Bezz.*

CONECTE-SE COM ELAS

WWW.KBRITCHIE.COM

WWW.FACEBOOK.COM/KBRITCHIE

WWW.INSTAGRAM.COM/KBMRITCHIE

WWW.PINTEREST.COM/KBMRITCHIE

Notas

[←1]

Babaca com Benefícios

[←2]

(N.T) DILF = Dad I’d Like to Fuck, algo como “um pai que eu gostaria de foder”, em português.

[←3]

Classificação etária de filmes proibidos para menores de 17 anos, por conterem sexo e violência.

[←4]

P.A.U.L = sigla para *Perfect Awesome Unique Legend* (lenda única incrível perfeita). Gíria para um cara inesquecível e viciante.

[←5]

Em inglês, Teste de Desenvolvimento Educacional Geral.

[←6]

New Year Eve, noite da virada de Ano Novo.

[←7]

Speakeasy, em sua definição estrita, é um lugar onde as bebidas alcoólicas são vendidas ilegalmente, principalmente durante a era da proibição.

[←8]

Dramatização de jogo RPG, no qual os participantes se vestem e interpretam seus personagens-jogadores.